

INCOGNITA
DE
CIRURGIA,
COMPOSTA

DE MONSIEUR ANTONIO DA CRUZ,
Cirurgião d'Alley, & do seu Hospital Real
de todos os Santos:

Actualmente pela primeira vez impressa pelo D. Francisco
João Pez, & pelo Licenciado Antonio Gonçalves,
Cirurgião d'Alley, & do seu Hospital Real de
todos os Santos:

OPERAÇÃO

A VIRGEM N. S.

DAVIDA.



LISBOA,

Em Officina de MIGUEL DESLANDRE,
Impressor de Sua Magestade.

Com licença do Superior Governador. Anno de 1781.

A 22 de Junho de 1781. Antonio Lopez Pez, Director de Livros.

S.A.

33402

RECOPILACAM
DE
CIRURGIA,
COMPOSTA

Pelo LICENCIADO ANTONIO DA CRUZ,
Cirurgiaõ d'ElRey , & do seu Hospital Real
de todos os Santos :

Acrefcentada nesta oitava Impreſſaõ pelo D. Francisco
Soares Feyo, & pelo Licenciado Antonio Gonçalves,
Cirurgiaõ d'ElRey , & do seu Hospital Real de
todos os Santos:

OFFERECIDA
A VIRGEM N. S.
DAVIDA.



LISBOA,
Na Officina de MIGUEL DESLANDES,
Impreſſor de Sua Mageſtade.

Com todas as licenças neceſſarias. Anno de 1688.
A cuſta de Antonio Leyte Pereira, Mercador de Livros.

RECOPILACION 23270

DE

SA
33402

CIRURGIA

COMPOSTA

PL. MENONDO AVILA DA CRUZ

Com. de Hygiene do Hospital Real

de todos os Estados

Actualmente, para a parte de Hygiene do Hospital Real

de todos os Estados, e de Hygiene do Hospital Real

de todos os Estados, e de Hygiene do Hospital Real

de todos os Estados

OPERARIO

A VIRGEM N. S.

DA VIDA



LIBRO

N. OBRAS DE N. S. DA VIDA

de todos os Estados, e de Hygiene do Hospital Real

de todos os Estados, e de Hygiene do Hospital Real

de todos os Estados, e de Hygiene do Hospital Real



A VIRGEM N. S.

DAVIDA.



Oberana Emperatriz do mundo, & Rainha dos Anjos, com justissimo titulo vos aclama a Igreja: Salus infirmorum Saude dos enfermos, pois ou se tome este apellido no sentido misterioso, & saude da alma & espiritual, por vós deu Deos ao seu Povo a sciencia da verdadeira saude, que he a salvaçõ: Ad dandam scientiam salutis plebi ejus, in remissionem peccatorum eorum: como movido do Espirito Divino entou o S. Zacharias, sendo vós o instrumento de que se valeo a Omnipotencia Divina, para q̄ todo o genero humano visse sua saude encarnada em vossas purissimas entranhas Et videbit omnis caro salutare Dei. E se pela saude corporal: quãto se vos deve, Senhora, este nome, remeto á experiencia, que cada dia nos mostra grandezas do poder de vossa invocaçam, obrando milagrosamente, fora de toda a confiança da medicina humana, a saude d'is humens in medio terræ, como de vosso Bento Filho vaticinou o Profeta. Isto suposto, sem razã fora que a outrem senã a vós, Divina Mãe de Deos, dedicára obra, que trata de cura de enfermidades, pois sois o verdadeiro Remedio dellas. Assim peço aceiteis debaixo de vossa protecçam este Livro, que impresso tantas vezes, sae de novo acrecentado, fiando mais em vosso patrocínio, que no nome de seu Author. Nam será a menor de vossas milagrosas maravilhas livrar a obra de detractores, que por mais certos, he muito mais vossa protecçam, & auxilio, das quaes fortalecido, não temerei alguma força humana.

L I C E N C A S

P Ode-se tornar a imprimir o Livro de que nesta petição se faz menção, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa 7. de Novembro de 1684.

*Manoel Pimentel de Sousa. Manoel de Moura Manoel.
Jeronymo Soares. João da Costa Pimenta.
Bento de Beja de Noronha.*

P Ode-se tornar a imprimir este Livro, & depois tornará para se conferir, & dar licença para correr, & sem ella nam correrá. Lisboa 5. de Mayo de 1685. *Serrão.*

P Ode-se imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, & taixar, & sem isso não correrá. Lisboa 8. de Mayo de 1685.

Lamprea. Marchão. Azevedo.

V Isto estar conforme com seu Original, póde correr. Lisboa 7. de Dezembro de 1688.

Soares. Pimenta. Noronha. Fr. Vicente. Foyos. Azevedo.

P Ode correr. Lisboa 11. de Dezembro de 1688. *Serrão.*

T Ayxaó este Livro em trezentos reis. Lisboa 11. de Dezembro de 1688.

Lamprea. Marchão. Azevedo.



CAPITULO UNIVERSAL

NO QUAL SE DECLARAM ALGUMAS
cozas necessarias aos que aprendem a
Cirurgia.

Que coza he Cirurgia?



IRURGIA, he parte da Therapeu-
tica per cortamento, queimamento, &
concertamento de ossos, & por outras
obras de mãos, fazendo os homês.

Que quer dizer Therapeutica?

Quer dizer medicina: & porque a me-
dicina tem tres partes .s. regimento,
purga, & obra de mãos, & esta terceira, q̃ he obra de mãos,
he Cirurgia, por isso se chama parte da Therapeutica (como
diz Guido) Mas isto he declarar a Cirurgia estreitamente
em quanto he obra de mãos, mas fallando largamente, em
quanto usa dos outros dous instrumentos, que he regimen-
to, & purga, entãõ se declara desta maneira.

Cirurgia he sciencia, que ensina o modo, & qualidade de
obra, principalmente soldando, cortando, & fazendo outras
obras de mãos, fazendo os homens como for possivel.

Em quantas maneiras se considera a Cirurgia?

* *Qual he habito adquirido por demonstração.* Em duas .f. hũa que ensina, a qual se compara ao nome de sciencia,* & esta pôde saber alguem, ainda que não aja obrado, aprendendo a pelos livros; outra he a que usa, a qual se compara ao nome de arte:* & esta ninguem a pôde saber, se não vir obrar, & a obra; & assim he necessario no

* *Que he habito adquirido por experiencia.* Cirurgiaõ experiencia, & razão, & sem estas duas cousas não pôde ser bom Cirurgiaõ.

Qual he a propria significação deste nome Cirurgia?

He obra de mãos, & assim se compoem de duas palavras Gregas .f. chyros, que quer dizer, mão, & gyros, que quer dizer, obra; & tudo junto soa obra de mãos.

Qual he o sujeito da Cirurgia?

He o corpo humano, saõ para poder enfermar, & enfermo para poder sarar pela Cirurgia.

Qual he o fim da Cirurgia?

He tirar a enfermidade, & conservar a saúde como for possivel pela Cirurgia.

Quantas são as obras da Cirurgia?

São tres .f. apartar o que está junto, ajuntar o apartado, extirpar o superfluo: o junto se aparta, sangrando, çarjando, abrindo postemas: o apartado se ajunta soldando as feridas, sarando as chagas, restaurando os ossos quebrados: o superfluo se tira, cortando, & extirpando as landoas, & a carne superflua, & tirando os ossos, & as cousas estranhas.

Quaes são os instrumentos com que obra o Cirurgiaõ?

São de duas maneiras .f. comuns, & proprios: & os comuns, ou são medicinaes, ou são de ferro: & os medicinaes são unguentos, emplastos, pôs, xaropes, sangria, regimento: & os de ferro, são tesoura, navalha, lanceta, tença, pinças, agulha, cauterio, & outras assim: & os proprios são como o trepano na cabeça, badal na garganta, speculum matricis na madre, &c.

Quaes são as mezinhas de que o Cirurgiaõ usa
mais ordinariamente?

- Unguento dialter. Para abrandar as durezas,
& estender os nervos enco-
lhidos, & endurecidos por
causa fria.
- Unguento de mucilagens. Para resolver, & abrandar.
- Unguento bazalicaõ. Para madurar, & dirigir, &
desfazer durezas das po-
stemas.
- Unguento amarelo. Para encarnar.
- Unguento de tutia.
- Unguento branco cozido.
- Unguento de menino preto.
- Unguento de menino vermelho. ✠ Todos para encourar.
- Unguento apostolorum. Para mundificar, & princi-
palmente chagas velhas.
- Unguento Egypciaco. Para alimpar, & comer a car-
ne podre, & conservar jũta-
mente a sãa, que não se dane,
& tambẽ come a carne sobeja
nas chagas, posto em pano
- Unguento branco cru, que
chamão de litargirio, que
he fezes de ouro. Para resfriar, & para a sar-
na, & bustellas.
- Unguento populão. Para resfriar, & para curar
as queimaduras do fogo, &
de polvora, que estiverem no
couro sòmete, & para fazer
dormir, posto na testa.
- Unguento rosado. Para resfriar.
- Unguento gumilemi. Para ajudar a fazer materia
nas feridas secas, & resfria-
das,

- das, & para ajudar a despedir os ossos.
- Unguêto de bolo armenico.** Para defensivo em toda a parte donde corre algum humor, o qual se faz assim. R. Vinagre rosado hũa onça, oleo rosado, & de marmelos, de cada hum duas onças, consumase o vinagre no azeite, & depois lhe botarão de cera branca hũa onça, & no cabo estando quasi frio, lhe botarão de pòs de bolo armenico hũa onça, & fará unguento molle.
- Mel rosado.** Para mundificar
- Xarope rosado.** Para mundificar mais temperadamente que o mel, & tomado pela boca, resfria, & engrossa o sangue.
- Xarope acetoso.** Usamos nas papas preservativas: o qual se faz de agua, vinagre, & açucar.
- Oximel.** Usamos nas papas, & he mais quente, que o xarope acetoso, & fazse de agua, & vinagre, & mel.
- Xarope violado.** Para temperar as inflamações, & chagas da garganta, & para os escarros do peito, & tosse.
- Xarope de avenca** Para ajudar a botar os escarros do peito nas friidas penetrantes, & para a tosse.

Arrobe de amoras,

Para resfriar as inflamações da garganta.

Emplasto de diapalma.

Para encourar.

Emplasto à geminis.

Para encourar mais brando, que o diapalma, & tambem resolve apostemas pequenos de humores frios.

Diaquilão menor, diaquilão cômum, diaquilão de razis, diaquilão de mucilagês, diaquilão branco, que tudo he hum.

Para encourar, & desfazer durezas.

Diaquilão maior.

Para desfazer, & resolver as durezas.

Diaquilão de gomas, que chamão armoniacado.

Para desfazer, & resolver as durezas com mais força, & quentura.

Emplasto meliloto.

Para resolver.

Emplasto filij Zacharias.

Para abrãdar as durezas especialmente nas juntas.

Emplasto de centaurea.

Para confortar nas feridas de cabeça. & para ajudar a encarnar, & despedir os ossos.

Emplasto de rãs.

Para resolver dores, & inchaçõens de boubas das juntas, & partes nervosas, & para resolver as alpercas, & para sarar qualquer chaga de boubas mundificadas.

Emplasto confortativo de Vigo contra fracturas que chamão ceroto de João de Vigo.

Para confortar, & fortificar os ossos quebrados.

Emplasto oxicrocio.

Para fortificar os nervos cortados, & os fazer aptos para o movimento & para resolver as durezas.

Emplasto de spaladrapo.
Emplasto contra rotura de pelle de carneiro.

*Para encourar chagas velhas.
Para soldar, & apertar as quebraduras das virilhas; & para os aneurismas.*

Pòs de bolo armenico.

Para defensivo, & para estacar sangue.

Pòs restrictivos.

Para estacar sangue, & para misturar com a tromentina nos emplastos, que botamos nos ossos quebrados.

Pòs de murtinhos, & pòs de rosas.

Para apartar, & repercutir nas contusoens.

Pòs de pedra umi queimada.

Para comer a carne sobeja nas fridas, & para encourar.

Pòs de João de Vigo.

Para alimpar as chagas cujas & principalmête de borbas.

Pòs de incenso, de myrra, & de azevre, de sarcocola, & de sangue de drago.

Todos estes servem para ajudar a encarnar & tambem para estancar sangue misturado com bolo armenico.

Pòs de pedra hematicis preparada.

Para encourar a chaga da tunica do olho.

Trociscos de Rasis sê opio.

Para as inflamaçoens dos olhos, desfeitos em agua de tanchagem.

Trociscos de Minio.

*Para arrancar as landeas, & abrir os buracos das fistulas, os quaes se fazem assim R.
Miolo de formento de trigo duas onças, pòs de solimam,
meia*

meia onça, pós de minio duas
onças, amassado tudo com
hũa pequena de agua rosada,
& farãm troçiscos como pi-
nhoens, os quaes secarãm
ao Sol, ou em hum testo no
forno.

Repercute, & resolve.

Desseca & conforta, & he
particular remedio nas feri-
das penetrantes da cabeça
para mitigar dor, & defen-
der, & confortar, & prohi-
bir apostema.

Solda as contusões, & fra-
cturas cõ algũa repoução.

Resolve, & mitiga a dor.

São resolutivos.

Resolve, & aqueenta.

Resolve, & conforta nas pay-
xoens de nervos.

Resolve, & aqueenta, & ga-
sta ventosidades.

He muito quente, & val con-
tra as payxoens frias, &
humidas dos nervos, & pa-
ra a parlesia.

Resolve com pouca queentura,
& conforta, especialmente o
estomago.

Resolve, & gasta as ventosi-
dades.

Oleo rosado.

Oleo rosado ofancino, que
he azeite rosado de azei-
tonas verdes.

Oleo de murtinhos.

Oleo de amendoas doces.
Oleo de macela, & de cebo-
la seffem.

Oleo de baga de louro.

Oleo de minhocas.

Oleo de endros.

Oleo de euforbio.

Oleo de losna.

Oleo de arruda.

Oleo de raposo.

Para todas as paysoens frias de nervos & juntas.

Oleo de violas.

Resfria, & mitiga a dor de causa quente.

Oleo de dormideiras, & de golfam.

Para resfriar.

Oleo de aparicio.

Para curar qualquer ferida de parte nervosa, & de ventre, & peito, & de cabeça; porque he confortativo, & digestivo, & mundificativo, & serve para as mechas: & tambem he grande mesinha nas feridas contusas, & despedaçadas de espingarda, & c rnada de touro, & doutra cousa, porque preserva de podridam.

Agua luminosa.

Desseca, & encoura: a qual se faz de muitas cousas (como se dirá das chagas.)

Agua de leam franco.

Dissica & mundifica as chagas, & principalmente das chagas vergonhosas.

Vinho estitico.

Paracōfortar, & dessicar nas chagas aonde ha muita materia de inchação de flema, o qual se faz cozido com rosas, balaustias, murta, losna, cascas de romans, maçans de acipreste, & c.

De quantas cousas se tomão as intençoens curativas?

De tres .i. das cousas contra natureza, & das cousas naturaes, & das não naturaes, & també das que a ellas se ajúntão.

Quaes sam as cousas contra natureza?

Sam enfermidade, & causa de enfermidade & accidête de enfermidade; & chamãose cótra natureza, porque corrompem nossa natureza, & de todo a encontrão.

Quantas, & quaes sam as cousas naturaes?

Sam sete. Elementos, compleiçoês, membros, humores, virtudes, espiritos, operaçoês: & chamãose naturaes, porque são partes da composição, & constituição de nosso corpo; & as que se ajuntam a estas, sam a idade, o costume, & a differença de ser homem, ou mulher, o officio, a cor do corpo.

Quantas, & quaes sam as cousas nam naturaes?

São seis .i. o ar, o comer, o beber, o movimento, & quietação, o sono, & a vigilia, o enchimento, & vafamento, os accidentes dalma, como sam a ira, & tristeza, & alegria; & as q se ajuntão a estas sam, o tempo, a região, o uso da luxuria, os banhos: & chamãose não naturaes, porque indifferente-mente se ham na conservação do nosso corpo, porque se bem usamos dellas, sam causa de saude, & se usamos mal, sam causa de doença.

Como se toma a intençam curativa?

Tomase primeiramente das cousas contra natureza, conhecendo a enfermidade, & sua causa, & seu accidente: assim depois das cousas naturaes, & depois das não naturaes, considerando cada cousa por si, para averiguar o modo, que se hade ter na cura da enfermidade.

Que cousa he intençam curativa?

He hum modo que o Medico comprehende no entendimento de como ha de curar hũa doença, a qual intenção se fórma da demonstração, & disposição da significaçam curativa: são nomes, que quasi querem dizer hũa mesma cousa.

Quar-

*Quando curamos hũa doença complicada com muitas inten-
çoens, & contrarias, como he huma chaga concava, eija dif-
crassiada, com fluxo de sangue, com dor, & com a-
postema, que se ha de fazer?*

Primeiro, como diz Guido, acudiremos àquillo de que o enfermo tiver maior perigo, & depois ao que tiver razão de causa: ou curaremos aquillo, sem o qual curado, não se pôde curar o demais; & às vezes he tal o accidente, que aperta cõ perigo, que nos obriga, que lhe acudamos, deixando de todo a parte doëte sem curar nas demais complicaçoens que tiver, como he no fluxo de sangue grande, & na puntura do nervo: assim q̃ nesta tal chaga primeiro se ha de acudir ao fluxo de sangue, & à dor, & ao apostema, & à difcrassia, & depois alimpar a chaga, & encher de carne a cõcavidade, & devem se de usar mesinhas, que em parte possam acudir a hũa cousa, & outra, com o primeiro intento na quillo de q̃ o doente corre perigo, não esquecêdo o demais.

*Quantas cousas ha de considerar o Cirurgiãõ nas
obras que fizer?*

Ha de considerar quatro cousas, como diz Guido. A primeira, que obra he a que hade fazer no corpo humano; quero dizer, se he apartar o que está junto, se ajuntar o apartado, se arrancar o superfluo.

A segunda, porque razão se faz tal obra; se he para curar a enfermidade, ou ao menos para aliviála.

A terceira, se he necessaria a tal obra, & se he possível fazerse: & se he necessaria, quer dizer, se perigarà o enfermo, não se fazendo, porque entam serà necessaria, ou se poderà curar, sem se fazer, porque entam não serà necessaria; & se he possível, quer dizer, se tem o doente forças para poder sofrer a tal obra, que lhe quizerem fazer; porq̃ se está fraco, nam serà possível fazerse.

A quarta, hade considerar o direito modo de fazer a tal obra:

obra:

obra: quero dizer a ordem, que se ha de ter na obra, & o q̃ se ha de aparelhar, assim nos instrumentos, como no doête: & de tudo isto, traz Guido exemplo em hum hydropico no capitulo singular.

Quantas cousas concorrem & fazem a cura de qualquer enfermidade?

Tres, f. a natureza como principal agente, mediãte o calor, & espirito natural, & a mesinha, como instrumento de fóra, & o Medico, como ministro: do qual está claro, que na cura das enfermidades, a natureza he a que principalmente obra, & assim não está na mão do Medico farar todos os doentes: & a razão he; porque se na cura das doenças, a virtude que governa nosso corpo faltar, & não converter devidamente as mesinhas da potencia, & virtude que tem em obra para aproveitar, & socorrer a doença; & se o mantimento que vay ao corpo, não for convertido, & feito semelhante à sustancia do corpo, & por razam destas cousas o enfermo nam farar, (as quaes sam necessarias de necessidade para farar) não se deve esta culpa pôr ao Medico, senão à falta da natureza, porque basta fazer o que a arte manda como diz Guido.

Que cousa he natureza?

A natureza, he hũa virtude, que rege o corpo do animal, de quem he natureza, mediante o calor, & espirito natural; & he aquella virtude, que governa, & conserva o mesmo corpo de quem he natureza em todas suas obras.

Que cousa he cura paleativa?

He aquella, cõ a qual não se cura a enfermidade de raiz, nem propriamente como convem, mas com o remedio que se lhe faz se vay preservando o mal, que não venha a peor estado daquelle em que está, & isto se chama cura paleativa, & preservativa, a qual às vezes vem a ser curativa.

Em que casos convem cura paliativa?

Em tres casos como diz Guido. s. quando a enfermidade he de todo incuravel, como he o lazaro: ou quando a doença he curavel, mas o doente não quer soffrer o remedio, que lhe convem, como he na cura do cancro com ferro, & fogo: ou quando a doença he tal, que de a curar pôde succeder outro mal maior, como he sarar de todo chagas velhas, ou almorreimas antigas, que he grande perigo de poder fazer outra maior doença, & matar.

O que he necessario para ser bom Cirurgiãõ?

Tres cousas. A primeira, que saiba os principios, & regras da Cirurgia, assim na teorica, como na pratica. A segunda, que seja experimentado, obrando, & vendo obrar. A terceira, que seja engenhoso, & de bom entendimento, & de bom juizo, como diz Guido.

Declaram de como se escrevem por breves os pesos, & medidas da botica.

¶ A libra se escreve assi.	lib.	↳ tem doze onças.
A onça se escreve alli.	7.	↳ tem oito dramas.
	3.	
A drama se escreve assi.	3.	↳ tem tres escrupulos.
O escrupulo se escreve alli.		↳ tem vinte quatro grams.
	C.	
O grão se escreve alli.	g.	
A mão chea das ervas se escreve alli.	m.	<i>Que he quanto se toma com humã mão.</i>
O punho das semêtes se escreve alli.	p.	<i>Que he quanto se pôde tomar com tres dedos.</i>
A meia libra, ou meia onça, ou meia oitava, ou meio escrupulo, se escreve assi.	ss.	
De cada hum se escreve assi.	ãã.	

TRATADO PRIMEYRO

DA

ANATOMIA

DE TODOS OS MEMBROS SIMPLES,
E COMPOSTOS.

CAPITVLO I.

Para que aproveita a Anatomia?



ARA quatro cousas aproveita a sciencia da Anatomia. A primeira, & principal para demonstração da potencia de Deos. A segunda para conhecimêto das particulas enfermas. A terceira, para pronostico, & até conhecimento das doenças do corpo que hão de

vir. A quarta, para a cura das enfermidades, & assim diz Galeno, que he necessario conhecer as particulas do corpo humano, & as paxoês dellas porque convem mudar a cura, segundo a diversidade dellas, & differença de suas compleiçoens & sitio, & officio, que tem o corpo humano. E Guido diz que o Cirurgiaõ que não sabe Anatomia, erra muitas vezes no córtar do nervo, & ligamento, & vea, mas sabendo a natureza de cada particula, & a postura, & figura que tem no corpo, não errará, & saberá se está cortado o nervo, ou outra qualquer particula; pelo que afirma por autoridade de Galeno, que he necessario, & proveitoso ao Cirurgiaõ saber Anatomia, porque todo o official está obrigado a saber o sugeito em que obra, doutra maneira obrando errará, & o Cirurgiaõ he official da saude do corpo humano, logo está obrigado a saber a natu-

Guido.
Lib. 1. de locis c. 1. § 17. de usurpar. c. 1. § 2

reza,

14^o *Tratado primeiro*
reza, & composição delle, & pelo conseguinte Anatomia.

Que cousa he Anatomia?

He húa direita divisaõ, & determinaçãõ dps membros de qualquer corpo, & principalmente do corpo humano, porque deste tratamos.

Que cousa he corpo humano?

He hum composto de muitos; & diversos membros, & particulas, ornado de razaõ.

Que cousa he membro, ou particula?

He hum certo corpo, o qual de todo não he apartado, nem junto ao outro, & todos os membros do corpo humano tem húa gèral colligancia entre si, & por isso quando ha dor em algum todos se compadecem.

Que cousa he sustancia do membro?

Sustancia do membro, he a disposiçaõ delle, quanto à dureza, moleza, espessura, & raridade.

Para que se fizeraõ os membros no corpo?

Por tres cousas .i. huns por razão do viver, como são os membros principais, outros para bem viver como são os sentidos da natureza, assim internos, como externos, & outros por razão da gèraçaõ, como são os testiculos, verga, & madre.

Quantas mãnciras ha de membros?

Ha duas .i. simples, & compostos, fallando de simples, & compostos como fallaõ os Medicos.

Quaes são os membros compostos?

São os que se compoem dos simples, & chamãose organicos, & instrumentaes, porque são instrumentos da alma, como he a mão, olho, figado, coração, cerebro, &c. E destes huns são principaes, como he o coração, figado, cerebro, & testiculos, & outros, são não principaes, os quaes são todos os demais, como he o pè, mão, olho, &c.

Quaes

Quaes são os membros simples?

São osso, nervo, cartilagem, vea, arteria, panicolos, ligamentos, cordas, carne, & couro, & tambem se contaõ por membros simples, a gordura, as unhas, & cabellos ainda que não seão membros senão superfluidades.

Chamãose membros simples, porque qualquer parte do membro tem o mesmo nome de todo, assim como o osso qualquer parte do osso he osso, & o nervo, qualquer parte do nervo he nervo &c. E tambem se chamaõ simples, porque delles se compoem, & fazem os compostos, & de cada hum diremos em particular. Começando pelo couro,

O couro he cobertura do corpo, tecido de fios, de nervos, veas, & arterias, & foi criado para defensão dos membros, & para espalhar o sentido por todo o corpo: & he tambem o couro universal emuntorio das superfluidades de todo o corpo, & alguns dizem, que o couro he quente, & seco (como diz Guido) mas a mais cõmun opiniam, he ser temperado em todas as quatro calidades, & a razãõ disto he, porque como o couro he cobertura de todos os membros, para os defender das cousas de fóra, que não façam danno nas partes de dentro, por tanto foi necessario (como diz Valverde) ser temperado em quente, frio, humido, & seco, para melhor conhecer, & ter sentimento dos estremos destas calidades; & por isso diz Avicenna, que o couro he como juiz, que julga entre duas cousas contrarias, pelo que deve ser igual nos estremos; & he o couro no homem mais temperado, & mais sutil, que em todo o outro animal, & por isso tem o homem o sentido de tocar mais perfeito, que nenhum animal.

Ha duas maneiras de couro, hũ que cobre os membros de fóra, & este propriamente se chama couro, & o outro q̃ cobre os membros de dentro, & este se chama panicolo, como he o pericraneo, que cobre o craneo, & os panicolos, que

Do couro.

Das
maneiras
de couro.

que cobrem o cerebro, & os que cobrem os ossos de todo o corpo, que se chama periosteum, &c.

Cuticula. Tambem ha sobre este couro de fóra, hum couro muito delgado, que chamamos cuticula, ou epidermia, o qual não se conta por membro sobre si, porque está apegado ao proprio couro, & esta cuticula he a que se empola na erisipola, & no herpes.

A gordura (como diz Guido) he huma cousa como oleo coalhado, que está no corpo para aqueclar, & humedecer os membros, da qual ha duas maneiras, hũa de fora, que está junto ao couro, & esta se chama gordura, & outra de dentro nos rins, a que chamaõ cevo.

Decarne. A carne he membro simples, criado pela natureza, para encher todas as partes vazias do corpo; a qual perdida se pôde tornar a regenerar; & ha tres maneiras de carne (como diz Guido) .s. carne simples, & pura, a qual he pouca, & sómente se acha na cabeça da verga, & nas gingivas; & outra he carne grandulosa, ou nodosa, como he a dos testiculos, & das tetas, & dos emuntorios; outra he carne musculosa, & esta he muita, & achase por todo o corpo.

Das musculos. Os musculos (diz Galeno) que são instrumetos do movimento voluntario: & Guido diz, que o musculo he orgão do movimento livre. E he o musculo composto de nervos, ligamentos, & dos fios delles emburilhados cõ a carne, que enche, & com o paniculo que cobre; & musculo, & lacerto, he o mesmo, & chama-se musculo a fórma de rato, & lacerto a forma de lagarto, porq̃ são estes animaes de ambas as partes assim delgados, & longos para o rabo, & no meyo grossos, & desta fórma são os musculos.

Como procedem os musculos no movimento. O procedimento dos musculos no movimento he desta maneira, que depois que o musculo he composto em qualquer parte do corpo, delle saem cordas, & ligamentos redondos, pegados com a jutura aonde elle chega, & chegádo a ella

a ella, se alargaõ estas cordas, & ataõ a juntura ao redor, juntamente com o paniculo que cobre o osso, & assim movem a dita juntura, & quando saem desta juntura se fazem outra vez redondas como corda, & com a carne que se ajunta fazem outro musculo, & chegando perto da outra junta que se segue, se faz outra vez corda redonda, & chegada à juntura a ata, & a lia ao redor, & a move, & desta maneira procede até à derradeira juntura, & segundo isto sempre o musculo està antes da juntura que elle move, & assim o affirma Guido.

E quando diz que o musculo he orgão do movimento, quer dizer, que he instrumento do movimento, porque orgão se chama instrumento da alma; & quando diz movimento liquido, & escolhido, quer dizer, movimento livre, & voluntario, porque o homem o pôde fazer, & reter conforme ao que tiver na vontade; & claro, quer dizer manifesto, para differença dos movimentos naturaes das virtudes de qualquer membro, & de outros movimentos, que se fazem nas partes de dentro do corpo, porque no nosso corpo ha tres movimentos. f. voluntario, natural, & composto: o voluntario he o dos musculos, que o fazemos quando he nossa vontade, como he andar: o natural he o do coração, & o movimento da atracção, & expulsão dos membros: & o composto he o que se compoem do natural, & voluntario, como he o movimento do respirar.

Orgão
que quer
dizer.

Tres mo-
vimentos.

A vemos de notar, que em cada membro ha quatro virtudes. f. atractiva, que atrae para a parte o sangue para a manter, & retentiva, que o retem até que se coza, & coctiva, que o coze, & expulsiva, que bota fóra as superfluidades, & demasias, que lhe não servem; & porq̃ nestas virtudes ha movimentos, como he atraer, & expeller, & não sam voluntarios, nem manifestos, como sam os dos musculos, mas sam naturaes, por isso se diz, que o musculo he in-

Quatro
virtudes
em cada
membro.

trumento do movimento voluntario, & manifesto.

Diferença dos musculos. Avemos de notar, que os musculos são diferentes em seis cousas, porque huns são grandes, outros pequenos, & huns são de figura triangular, como os do peito, outros redondos, como os da bexiga, & huns estão em parte alta, outros em parte baixa, huns profundos, & outros superficiaes, huns tem mais carne, outros menos, huns nascem em hum lugar, outros em outro.

Numero dos musculos. O numero dos musculos de todo o corpo difficultosamente se pôde contar pela differença de fios de nervos, que nelles ha, & pelos movimentos que fazem; porém diz Guido, que são quinhentos & trinta & hum: & Razis diz, que são quatrocentos & trinta, & nove. Averrois diz, que são quatrocentos, & nove. Avicena diz, que são quinhentos, & doze. Valverde diz, que são quatrocentos, & nove, mas o saber isto não importa ao Cirurgiaõ, mais que por curiosidade, & por esta mesma porei aqui o numero dos musculos em particular, conforme a opiniaõ, & distribuição de Valverde, author grave na Anatomia, o qual escreve isto mais especificado, & diz, que os que movem a testa, são dous, & cada palpebra do olho são tres, & cada olho cinco, o naris quatro, os beiços quatro, as queixadas, ou faces quatro, as queixadas de baixo oito, o osso hyoyde oito, a lingua dez, a garganta dezoito, dez proprios, & oito comuns, a cabeça quatorze, o espinhaço dezaseis, as palhetas das espaldas oito, a barriga oito, o peito noventa & dous, com os oito da barriga, os braços quatorze, os cotovelos dez, as menores canas dos braços oito, que movem as juntas das mãos, os dedos das mãos cincoenta & seis, a verga quatro, o cesso tres, as pernas até os gijolhos vinte, até os pés vinte, os pés dezoito, & os dedos dos pés quarenta & quatro.

Nervo. O nervo he hũ corpo redondo, comprido, & moçoço ao parecer,

parecer, & he membro simples, criado para dar sentido, & movimento às partes do corpo, & he frio, & seco. E todos os nervos nascem do cerebro, & do tutano do espinhaço; & tem a sustancia semelhante à parte donde nascem, & porque o tutano he mais duro que os miolos, por isso os nervos que nascem delles são mais duros, & assim quanto mais abaixo, mais duros são, & não são furados, mas são molles por dentro, para que passem os espiritos motivos, & sensitivos, & os nervos opticos são mais molles.

A espinal medula, he húa coufa que quasi tem a mesma natureza dos miolos, porque delles nasce, & vai pelo meyo do espinhaço até a rebadilha, & vai emburilhada com a pia & dura mater como os miolos, & tem mais outra tunica nervosa, & vai botando os nervos como botoens de arvore, por cada buraco dos ossos do espinhaço, hum nervo de cada banda, & no cabo bota hum só nervo no fim do tutano, assim que do tutano do espinhaço nascem trinta pares & hū nervo no cabo, & dos miolos nascem sete pares, & dos nervos huns servem ao sentido, outros ao movimento, porèm os que servem ao movimento, não são privados de sentido.

Tutano do espinhaço.

Huns servem ao sentido.

Ligamentos.

Os ligamentos são da natureza dos nervos, mas nascem dos ossos, dos quaes ha duas maneiras, porque hūs atão os ossos por dentro, & outros lião por fôra toda a juntura.

A corda, ou tenanto, que he o mesmo, são tambem da natureza dos nervos, de mais dura sustancia, porque ficaõ em meio de ligamentos, & nervos, & nasce as cordas dos musculculos, & o sentido, & movimento com que movem os membros, & recebe dos nervos que vê emburilhados nos musculculos, & quando as cordas saem dos musculculos, são redondas, mas na juntura se alargão; & daqui fica entendida a razão, porque as feridas que estão tres dedos junto da juntura são perigosas, & he, porque as cordas nervosas, alli

Cordas, Tenantos.

Ferida junto da juntura he perigosa.

estão descobertas da carne, & avendo tezaõ algũa, ou pun-
tura, podem causar espasmo, & morte.

Veas.

A vea he hum membro simples, de natureza sua frio, & seco, ainda q̃ por accidente he quente, & humido pelo san-
gue que dentro em si tem, & compoemse a vea de nervos
em pouca quantidade, & de ligamentos em mayor, & tem
hũa sò tunica; & nace do figado para levar sangue, & dar
mantimêto a todas as partes do corpo, & hũa só vea ha, que
nace do ventriculo direito do coração, & leva sangue ef-
cumoso aos bofes, & chama-se vea arterial, porque tem duas
tunicas, & a distribuiçãõ das veas se dirá adiante na Ana-
tomia do ventre fallando da vea cava.

*Vea arte-
ria.*

Arteria.

Arteria, quanto ao sentido he membro simples, nervoso,
& mais duro que a vea, & compoemse de duas tunicas, das
quaes a de dentro he mais forte, & dura, & foi feita a arte-
ria, para levar do coração a todas as partes do corpo sangue
espiritual, & vital, & para recolher o ar, para temperar, &
resfriar a quentura do mesmo sangue espiritual do coração:
& as arterias nace do coração, & repartemse por todo o
corpo com as veas, & em alguns lugares se aparta a vea da
arteria, mas quasi sempre estão ambas juntas, & sempre a
arteria está debaixo da vea, & he semelhante à distribuiçãõ
das veas, & das arterias.

O osso he membro simples, & de natureza frio, & seco,
& são os ossos a parte mais dura de todo o corpo, & são fú-
damento, & sustentamento de todas as particulas do corpo,
ainda que alguns são para guarda, & defençãõ das partes de
dentro, como he o craneo para guarda do cerebro, & as co-
stelas do peito para guarda do coração, & o espinhaço pa-
ra guarda do tutano d'elle.

Ossos.

*Numero
dos ossos
223.*

São os ossos do corpo humano, segũdo a conta do Dou-
tor Valverde, duzêtos, & vinte tres por todos, dos quaes
tem a cabeça sete, & os ouvidos seis, a queixada de cima
doze

doze, a queixada debaixo dous, o osso hyoyde onze, o espinhaço vinte, & quatro, o osso grande cinco, a rebadilha quatro, as costellas vinte, & quatro (doze de cada banda) sete verdadeiras, & cinco mendosas, & o osso do meio do peito tem tres, & segundo outra conta, tem sete; os ossos das espaldas são dous, as azilhas dous, & de ambos os braços seis, em cada colo da mão oito, & em cada palma quatro, em cada dedo tres, nas coxas dous, nas pernas dos giolhos para baixo quatro, em cada giolho hum, em cada pé hum calcanhar, hum navicular, hum artelho, na garganta do pé quatro, em cada pé, & em cada peito do pé cinco, & em cada dedo tres, salvo o polegar, que té dous, & dos vinte, & quatro ossos do espinhaço, sete fazem o pescoço, & doze as espaldas, & cinco os lombos.

A cartilagem he membro simples, & he húa cousa quasi da natureza do osso, porèm mais molle, & foi feita para suprir a falta do osso, como he nas palpebras dos olhos, & nas orelhas, & no nariz, & no meyo do peito, & no cabo das espaldas, & he a cartilagem de natureza fria, & seca.

As unhas são feitas nos cabos dos dedos, para melhor tomar, & fazer preza no que quizerem, & para fermosura do membro.

Os cabellos são feitos para afermosear o corpo, & para purgar as superfluidades.

CAPITULO II.

Da Anatomia da cabeça, & suas partes.

A Cabeça, he hum membro quasi redondo, & cõposto de ossos, paniculos, & miolos, & he de compleição fria, & humida. por razão das partes que a compoem, a qual tem dez partes, cinco que contêm da parte de fóra, & cinco conteudas da parte de dentro : & as de fóra, são os ca-

bellos, o couro, a carne, o pericraneo, o craneo, & as da parte de dentro, são a dura mater, a pia mater, o cerebro, o rete mirabile, o osso bazilar, que he o fundamento da cabeça.

Pericraneo.

O pericraneo he hum paniculo grosso que cobre o craneo, & he nervoso, & nasce da dura mater, & atase com ella com ligamentos, nervos, & veas, que entram, & facm pelas comifuras do craneo.

O craneo tem sete ossos.

O craneo he hum corpo de figura quasi redonda, o qual contém dentro em si a sustancia do cerebro, & he feito de muytos ossos, porque se acontecer algum dano em hum, não passe ao outro, como diz Mundino; & pelas comifuras se ajuntão estes ossos, os quaes são sete. f. hum da parte diãteira, que chamaõ coronal, o qual he da cova dos olhos, até á comifura, que atravessa o craneo pela parte de diante, na moleira. O segundo osso da cabeça he da parte trazeira, & chama-se occipicial, & fecha-se com hũa comifura, que atravessa a cabeça desta fórma, & he duro, & furado em baixo, por onde sae o tutano do espinhaço. O terceiro, & quarto ossos são os do meyo da cabeça, chamados parietais, & apartão-se por huma comifura, que está ao longo da cabeça pelo meyo, que chega do osso occipicial até o coronal, & estão estes ossos no meyo da cabeça, hum de hũa parte, outro de outra, & são quadrados, & ficão como paredes, & chegaõ até os ossos das orelhas. O quinto, & sexto ossos, são os escamosos, ou petrosos, porque são duros, & são como escamas, junto aos ossos parietais, & nestes petrosos estão os buracos das orelhas. O septimo osso, he o bazilar, o qual he como cunha, que affirma, & sustenta todos os sobreditos ossos, & he muito duro, & tem buracos para purgar as superfluidades grossas do cerebro. E tem o craneo tres taboas na grossura (ainda que he tudo hum sò osso) das quaes a de cima, & a debaixo são duras, & a do meyo he molle, espongiosa, o qual foi assim ordenado da natureza espongiosa

Tão craneo tres taboas.

pongioso no meyo, porque da mesma espongiosidade recebe o mesmo osso mantimento, & chamamos a esta taboa espongiosa disploa, & a de baixo vitrea.

A comifura he hũa abertura a modo de dentes de serra, *Comifura.* por meyo da qual se ajunta hum osso com outro, a qual *ra.* comifura não se acha se não na cabeça, & são as comifuras cinco .f. a de diante, que chamaõ coronal, a qual atravessa a cabeça por onde chamaõ moleira. A segunda he a de detrás, que tambem atravessa a cabeça, & chama-se landoide, ou occipicial. A terceira he a que vay pelo meyo da cabeça ao comprido, & chegada á coronal, até á landoide, & chama-se sagital. A quarta, & quinta são as duas comifuras dos ossos petrosos, & chamaõ-se petrosas, ou escamosas; & tambem se acha ás vezes huma comifura pelo meyo do osso coronal, até o nariz: as quaes comifuras servem para que os fumos, & superfluidades do cerebro possam sair para fóra, & para que a virtude das mezinhas passe dentro á sustancia do cerebro, & que pelas comifuras se ate a dura mater com o pericraneo, & para que dando huma pancada em hũa parte, não faça dano no outro osso além da comifura.

A dura mater, & pia mater são dous paniculos cheios de muitas veas, & arterias, os quaes ambos juntamente envolvem a sustancia do cerebro todo em redondo, & a dura mater fica da banda do craneo, porque he mais dura, & a pia *Dura, & pia ma-* fica junto do cerebro muito envolta, & unida com elle, por *ter.* que he muito branda, & delgada, & com as veas que tem muitas, mantem o cerebro, & a dura mater se ata com o pericraneo pelas comifuras.

O cerebro he hũa sustancia molle, alva, & de figura quasi *Cerebro.* redonda, dentro do qual ha tres ventriculos, nos quaes se acabam de perfeicoar os espiritos animaes, que a elles vem, & se fazem do sangue espirital, q̄ está nas arterias do rete

Rete mirabile.

*Lib. 1. de
exp. simp.
& l. 4. de
diff.*

mirabile, que he hũa rede tecida de muitas, & muy delgadas arterias, que saõ ramos de arterias apopletricas, que sobem do coração à cabeça, o qual rete mirabile está no meyo do osso bazilar, de baixo da sustancia do cerebro; & he o cerebro merada da alma racional, & he de compleição frio, & humido, & tem algum sentimento, & tem movimento como o do coração, & assi o diz Galeno; & he differête dos tutanos dos outros ossos, porque não mantem o craneo, mas o craneo se mantem para guarda do cerebro, & os tutanos dos outros ossos mantem os ossos, & saõ os miolos do homem mais em cantidade, que de nenhum outro animal de igual grandeza, o que assi ordenou a natureza, porque tinha o homem necessidade de mais espiritos animaes por razão das obras do entendimento; & he o cerebro partido pelo meyo em duas partes, não todo, mas até o meyo, por baixo da comisura sagital, & a dura, & pia mater o envolvê nesta meya divisaõ, & alêm disto faz outro repartimento debaixo do osso occipicial, vestido tambem com os mesmos panniculos, o qual chamão cerebello, & he da propria sustancia do cerebro, algum tanto mais duro, porque delle nasce a espinal medula, da qual nascem os nervos do movimento, como atrás fica dito. E da propria sustância do cerebro nasce sete pares de nervos, dos quaes o primeiro par he o dos olhos, pelos quaes vão os espiritos da vista, & chamão se nervos opticos. O segundo par vai aos olhos, para os mover, & ás palpebras, & ás fontes (& por esta razão saõ as feridas das fontes muito perigosas.) O terceiro par vai dar sentido aos dentes, gengivas, rosto, tunica dos narizes, & lingua. O quarto par vai ao padar, & à tunica da lingua, para o gosto, & sentido. O quinto par vai aos buracos dos ouvidos, a formar o sentido de ouvir. O sexto par se derrama muito largamente por todos os membros inferiores do ventre, & do peito, & diafragma, & tornaõ para cima,

& se fazem os nervos recurrentes ou reversivos, que vam *Nervos*
 a mover os instrumentos da voz. O septimo par vai à lin- *reversi-*
 gua para a mover, & ao epiglotis, & ao osso hyoyde, *vos.*
 & esta he a mais aprovada ramificação dos sete pares, pelos
 mais modernos, & doutos Authores.

E da mesma sustancia dos miolos da parte dianteira, na-
 cem dous fios brandos, quasi redondos, & vam direitos aos
 buracos, ou colatorios dos narizes, & recebem o fumo, &
 exhalação das cousas cheirosas por elles, & assim se fórma
 o sentido do cheirar (como diz Valverde) porém Mundino *Sêido do*
 diz que na parte dianteira dos miolos, junto do colatorio *cheirar.*
 dos narizes, estaõ duas cõtunculas, que são como bicos de
 tetas saídos para fóra, & são da propria sustância do cerebro,
 nos quaes se funda o sentido do cheirar; & isto mesmo diz
 Guido; & a mim me parece bem a op niam de Valverde,
 pelo que vi em hũa cabeça em que fiz Anatomia, que eraõ
 dous fios grossos, da sustancia do cerebro, que entravão no
 osso do nariz, hum de hũa parte, & outro de outra.

CAPITULO. III.

Da Anatomia do rosto, & suas partes.

CHamase rosto o q̄ està do cabello da cabeça para bai *Nervos*
 xo, & diremos primeiro dos olhos, que são instrum. *opticos.*
 to da vista, & sua propria, & natural cõpleição, he fria, & hu-
 mida & os nervos que daõ ser aos olhos para a vista, se cha-
 mão nervos opticos, & nace da parte diãteira dos miolos, &
 depois q̄ saem se ajuntam antes de chegar aos olhos, & fa-
 zem esta figura; o que a natureza assim ordenou, porq̄ ven-
 do os olhos hũa cousa não pareçaõ duas, o que acontecéra
 se os nervos da vista foraõ apartados: os quaes dous ner-
 vos entre todos os outros nervos são contrarios, porque a
 conca-

III

*Sete tu-
nicas.*

concavidade nos outros, não aparece tão manifestamente como nestes dous. Os anatomistas chamaõ a estes nervos, opticos canos, & saõ os olhos compostos de sete tunicas, & de tres humores. A primeira tunica he alva, & grossa, & cêrca todo o olho em redondo, tirando o que aparece da cornea, em fim he todo o branco do olho: a qual tunica nasce do pericraneo, & chama-se conjuntiva, ou abnata, ou albuginea. A segunda tunica nasce da dura mater; & a parte de dentro para detràs do olho, se chama sclerotica; & pela parte dianteira do olho se chama cornea, que he aquelle redondo que estã no meyo do olho, no meyo do qual estã a menina. A terceira tunica nasce da pia mater, & a parte de detràs chama-se secundina, & a parte de diante que estã junto da cornea chama-se uvea, a qual tem o buraco da pupilla, ou menina do olho. A quarta tunica nasce do nervo optico; & a parte de detràs chama-se retina, & a de diante que estã sobre o cristalino se chama atanea, & estas saõ as sete tunicas dos olhos, as quaes materialmente saõ quatro, mas tomaõ sete nomes, segundo a diversidade das cores que tem, & do officio. Os humores dos olhos saõ tres. O primeiro he o cristalino, que estã situado no meyo do olho, & he cor de cristal, da fôrma de hũa pedra de chuva, no qual principalmente se fôrma a vista, & depois deste para a banda de detràs estã outro humor, chamado vitreo, o qual sustenta, & comprehêde pela parte de detràs o cristalino, os quaes ambos se envolvê na tunica, que nasce do nervo optico, chamada retina; & da parte de diante do humor cristalino, estã o humor albugineo, ou aquoso entre a tunica atanea, & a uvea, o qual humor foi feito para humedecer o olho, & para ser meyo das especies visivas de as receber, & para prohibir, que o humor cristalino não chegue ao ar de fôra, & para que a cornea esteja apartada do cristallino; & tem mais os olhos nervos, que os movem, os quaes

*Tres hu-
mores.*

nacem

nacem do cérebro do segundo par, & tem cinco musculos cada olho, & tem veas, arterias, & carne espongiofa para o lagrimal; & tem as palpebras cartilaginofas, como cabellos no cabo, & musculos, que fecham, & abrem.

O nariz do meyo para bayxo he de cartilagé, & para cima he de osso, & tudo he cuberto de carne; & foi feito o nariz para instrumento do cheirar, & para por elle entrar o ar da respiração para os bofes, & tambem para purgar por elle as superfluidades grossas do cerebro, & para fermofura do rosto. *Nariz*

As orelhas sam feitas de cartilagem, & estaõ postas sobre os ossos petrosos, & foraõ feitas para instrumento do ouvir, & não ha nellas bicho, como o Povo diz, mas a cada ouvido vai hum nervo, que nace do cerebro, que he o quinto par, o qual chegado ao buraco do ouvido, faz hũa pelle tecida de fios do mesmo nervo, aonde dà o tom da voz, & se faz o sentido de ouvir; & detrás da orelha na parte bayxa, he o lugar que chamamos emuntorio do cerebro. *Orelhas*

Os dentes saõ da natureza do osso, & saõ por todos vinte, & oito, ou vinte, & tres, & tem as raizes metidas no osso da queixada, & huns tem hũa, outros duas, outros tres, outros quatro, & o proveito que os dentes fazê he mastigar, & juntamente preparar melhor a comida, para melhor se poder engulir, & fazer o cozimento no estamago; & tambem servem para melhor pronunciar a voz: os quaes dentes toda a vida crecem, porque com o mastigar se gastam: & o sentido, & dor que os dentes tem não he do osso, senão do nervo, que vem ter à raiz delles, & os faz doer. *Dentes*

A lingua he hũa particula carnosa, molle, espongiofa, cõposta de muitos nervos, veas arterias, ligamentos, & a sua raiz está implantada, & ligada com ligamento no osso hyoyde, & foi feita para instrumento do gosto, & para governar *Lingua*

vernar a comida na boca, & para pronunciar a falla.

*Ossó hyoy
de.*



O ossó hyoyde he hum ossó não muyto duro, mas quasi cartilaginoso, no qual se affirma a lingua, & se apega com ligamento, para melhor fazer seus movimentos, & he de figura como esta; & Carpo diz que lhe chama Galeno hyoyde, ou lambe, ou lande, & Avicena lhe chama alfahic.

*Veas leo-
nicas.*

As veas leonicas são duas, as quaes estão debaixo da lingua, & são as que se sangram na esquinancia; & também debaixo da lingua estão as carnes grandulosas, nas quaes ha dous orificios por onde sae a saliva para humedecer a lingua.

Fauces.

Gargãta.

*Amigda-
las.*

As fauces he aquelle espaço por detrás da campainha. A garganta se chama todo o espaço da boca, em que se contém o principio do izofago, & da traca arteria, & do epiglotis, & das amigdalas. As quaes amigdalas são húis carnes grandulosas nas ilhargas da campainha para receber as superfluidades da cabeça, & por isso apostemão muytas vezes, & se faz húia inchação como d'esquinancia, & a esta inchação das amigdalas chama o povo os da boca caídos.

*A cam-
paina.*

A campainha está pendurada no meyo das amigdalas como hum bago de uvas, & por isso se chama em latim *uvula*, & he de sustancia rala, & fofa para receber as superfluidades que caem da cabeça, para que não cayaó no peito, & serve também para ajudar a formar a voz; & esta campainha se estende às vezes com humidade da cabeça,

*Os da bo-
ca caídos.*

& isto he propriamente os da boca caídos. O padar se chama toda a parte superior da boca, que chamamos o ceo da boca, o qual está cuberto com hum paniculo nacido do estamago.

CAPITULO. IV.

Da Anatomia do pesçoço, & suas partes, espaldas,
& braços.

O Pesçoço tem couro, carne, musculos, ligamêtos, nervos, veas, arterias, a traca arteria, o izogafo, o epiglotis, hum pedaço do espinhaço, que são sete espondis; pelas ilhargas dos quacs nascem da nuca sete pares de nervos, q̄ leuão sentido, & movimento aos hombros, & braços, a algúas partes da cabeça, & do mesmo pesçoço; donde consta que todas as enfermidades, & feridas do pesçoço são perigosas por razão das veas, arterias, & nervos, que nelle ha, & tambem se mostra, q̄ as aberturas se hão de fazer ao longo.

A traca arteria, ou aspera arteria, ou cana do bofe (que tudo he hũa mesma cousa) he caminho por onde o ar vai aos bofes para tēperar, & resfriar o coração, o qual ar entra pelos narizes, & boca, & he composta de muitos ancis de cartilagem, atados com hum paniculo forte; & o seu lugar he debaixo da barba. E pela parte de detrás junto do izofago he mais molle, que por diante.

*A traca
arteria.*

O izofago, ou meri, ou tragadeiro (q̄ tudo he o mesmo) está por detrás da traca arteria, o qual he caminho por onde vai a comida, & bebida ao estamago, & he cōposto de 2. tunicas

Izofago.

O epiglotis, ou larinx (que tudo he o mesmo) he hũ pedaço de cartilagé como hũa colher, que está sobre a boca da traca arteria, abaixo da campainha da banda da lingua, ao qual chama Mundino coopertorium, & Galeno lingua fistula, o qual foi feito para ajudar a formar a voz, & para ser chave da traca arteria ao tempo de engulir, porque se poem sobre a boca da arteria, para que a comida, & bebida passe adiante, & va pelo seu caminho, q̄ he o izofago, & não caya na traca arteria, porque caindo faz tosse, & parece,

Epiglotis.

Deulhe no goto. & parece que afoga a pessoa, como acontece aos que estando comêdo, ou bebendo, querem fallar, ou rir ao tempo do engulir, & a isto chama o povo (deulhe no goto) & a razão d'isto acontecer he, porque ao tempo do formar a vez, ou rir, se levanta a palheta com a força do ar que sae do peito pela traca arteria, & para engulir convem estar a palheta baixa, que são duas obras contrarias em hum mesmo tẽpo, & querendo passar a comida, cae na aspera arteria, por estar destapada, & succede a tosse, que molesta a natureza, porq̃ a aspera arteria he lugar para o ar sómente, & não para cousa que tenha corpo.

Veas organicas. As veas organicas estão no pescoço, & parecem de ambas as bandas, quando tomamos algũa força, & se por algũa ferida se cortão, são muito perigosas, & assim como vão as veas, vão tambem as arterias, as quaes todas sobem do peito ao pescoço, & vão junto ao izofago, hũa de cada banda.

Espadua. O osso da espadua he à maneira de pã, & chega atẽ o hombro, & nelle se encaixa o osso do braço pela banda de detrás, & da parte do peito se encaixa no proprio hombro a azilha, ou furcula, hũa em cada hombro, a qual faz estar o hombro mais firme.

Sobacos. Debaxo dos hombros nos sobacos se chamão emútorios do coração, & estão cheios de carnes grandulosas. As veas, q̃ comumente se sangraõ no braço, são estas, a cefalica, ou da cabeça, a qual saindo do seu tronco, que he na raiz do pescoço, vem por cima do hombro, & deca pela parte do braço, atẽ o cotovelo, & vai atẽ os dedos entre o polegar, & o outro. Outra vea vẽ por baixo do sobaco, & vai decendo pela parte baixa do braço pela banda de dentro, a qual se chama basilica, ou da arca, & manifesta-se no cotovelo, no sangradouro, na parte mais baixa, & passa à mão, & aparece no dedo minimo, & chama-se salvatela, ou do figado na mão direita, & esplenetica, ou do baço na mão esquerda. Destas duas

duas veas da cabeça, & da arca chegando perto do sangra. *Vea do*
dour., fae hum ramo de cada hũa, & ajuntãose logo abaixo *braço.*
do sangradouro no principio da chã do braço, & fazê hũa
vea que chamão de todo o corpo, ou comum, ou mediana. *Vea de*

Debaixo da vea da arca vai a arteria, & ramificafe pelo *todo*
braço, & manifestafe no colo da mão aõde se toma o pulso. *corpo.*
Arter.

Os musculos que movê o braço pelo hombro, nace[m] do
pescoço, & alêm disto nace[m] do mesmo pescoço quatro ner-
vos para cada braço, & destes nervos com a carne, & pani-
culos se fazem quatro musculos principaes, & grãdes, que
estão no bucho do braço, os quaes movem o outro meyo
braço do cotovelo por diante, & dalli se fazem outros qua-
tro, que movem a mão, & os que movem os dedos,

No bucho do braço até o cotovelo, não ha mais, que hũ
osso, o qual tem tutano, & he redõdo de ambas as bãdas, & *Bucho do*
do cotovelo até a mão ha dous ossos chamados fociles, & *braço.*
ambos saõ grossios, & estão apartados no meyo, & ajuntãose
nos cabos, & assim saõ mais delgados no meyo, q̃ nos cabos.

No colo da mão ha oito ossos muito pequenos, nos
quaes se encaixão as duas canas do braço, & da outra parte *Colo da*
encaixão os ossos da palma da mão. *mão.*

CAPITULO. V.

Da Anatomia do peito, & suas partes

O Peito he arca dos membros espirituaes, & as partes d'ê *Peito.*
fóra sam couro, carne musculosa, as tetas, os ossos, &
as de dentro sam, coração, bofes, paniculos, ligamentos,
veas, arterias.

As tetas sam compostas de carne grandulosa, espongio- *Tetas.*
sa, & de veas, arterias, & nervos.

Os ossos do peito no meyo, sam muito cartilaginofos,
nos quaes se encaixão as costelas, as quaes saõ por todas 24. *Costelas*
doze de cada banda; sete verdadeiras, & cinco mendosas.

O co.

O cora-
ção.

O coração he a principal parte das de dentro do peito, o qual he principio da vida, & assim como Rey, está no meyo do peito, & da parte baixa pende hum pouco para a banda esquerda, & tem hūas azas, ou orelhas, pelas quaes entra o ar para o resfriar, & está vestido em pelle nervosa, & forte, que chamão pericardeo, o qual pericardeo está cheio de agua para refrescar, & humidecer o coração q̄ se não seque com sua grande quentura: & he o coração de sustancia dura, & tem dentro dous ventriculos, nos quaes se coze o sangue grosso, que vem do figado, & se faz delgado, & espiritual, o qual sangue sae do ventriculo esquerdo do coração por hūa arteria grande, que vai ao longo do espinhaço da banda de dentro por baixo da vea cava, & se distribue pelas arterias por todo o corpo, assim como as veas, & está o coração atado com os bofes por meyo de hūa pelle q̄ chamaõ mediastino, & he o coração de compleição quente, & seco em quanto he parte vivente.

Pericar-
deo.

Bofes.

Os bofes são sustancia molle, espongiosa, & alva, & são de compleição quente, & humida, & o seu officio he recolher o ar pela traca arteria (que entra pelos narizes, & boca) para com elles resfriar o coração, ao qual estão de continuo abanando, porque lhe fica no meyo, & os bofes detrás para a banda do espinhaço, & do bofe ao ventriculo esquerdo do coração vai hūa vea, que chamaõ arteria venal, pela qual vai o ar, & vapor ao ventriculo.

Arteria
venal.

Media-
stino.

Tambem ha no peito tres paniculos, hum he o que chamaõ mediastino, o qual divide o peito pelo meio de alto, & baixo em parte esquerda, & direita, & para a parte de detrás para os bofes he hum só paniculo, & para a parte de diante se faz em dous, abrindose de modo, q̄ fica hū vaõ no meyo do peito dentro no mesmo mediastino, & ficam os fins das bordas dos paniculos apegados à cartilagem do meyo do peito, & neste vaõ pòde haver ferida que entre dentro, &

naõ

não penetre a onde está o coração. O outro paniculo, he o que cobre as costelas pela banda de dentro, o qual se chama pleura, & neste se faz a inflamação, q̄ chamão pleuris. O outro paniculo he o diaframa, o qual divide os membros *Pleura.* espirituaes dos nutritivos, & naturaes, atravessando o peito, & he nos cabos mais carnosos, & no meyo mais nervoso, & pela banda de cima está apegado, & continuado cõ a pleura, & da banda de baixo o está com o peritoneo da barriga, & sobre este paniculo cae o sangue nas feridas penetrantes do peito: o qual paniculo se apegua na segunda costela medosa nasilhargas & espinhaço, & por diante faz hũa volta por cima da ponta da cartilagem, que o povo chama espinhela, & o officio deste paniculo, he fazer a respiração, & ajudar a expulsão das fezes do ventre, & chama-se diafragma, ou septo transverso, ou parede. *Septo transverso.*

CAPITULO. VI.

Da Anatomia do ventre, & suas partes

PElo ventre se entende aqui a região dos membros nutritivos, & que estão do diafragma para baixo, & as partes de fóra são couro, & gordura, & carne musculosa, *Mirac.* ao qual tudo junto chamaõ mirac, & a pelle que está debaixo nervosa como purgaminho, chamão sifac, ou peritoneo, *Sifac.* a qual pelle tem o peso das tripas, & está pegada á mesma carne musculosa, & esta pelle he a que se quebra nos potrosos, & as tripas caem sobre a carne, & a estendem. *Peritoneo*

As partes de dentro da barriga, são o figado, a bexiga do fel, o baço, rins, estomago, tripas, zibro, veas miseraicas, vea cava.

O zirbo, ou redanho, ou omento (que tudo he hũa mesma cousa) he hum paniculo, que envolve, & cobre o estomago. *Zirbo.*

magô, & tripas, & he composto de duas tunicas delgadas, q̃ tem muitas veas, arterias, & muita gordura, & nasce do peritoneo da banda do espinhaço, & foi ordenado para aquêtar o estamago, & tripas.

Tripas.

As tripas são hús vasos feitos de duas tunicas para ajudar a perfeiçoar a primeira digestão da comida, & para dar ao figado a sustância della por meyo das veas miseriacas, & para purgar as fezes por camara, & do fundo do estamago até o cesso tudo he húa tripa, mas vai fazendo muitos rodeos, pelo que lhe foraõ dados diversos nomes, assim pela diversa sustancia dellas, como pelo differente officio que té. & primeiramente se dividem em delgadas, & grossas, & as delgadas começão logo do fundo do estamago, & estão do embigo para cima, & as grossas do embigo para baixo, & nas delgadas está a comida já cozida no estamago, que em parte se ha de cõverter em sangue, & nas grossas estão as fezes; & as delgadas se dividê em tres. A primeira se chama duodena, porque não he mais comprida, que de doze dedos. A segûda chamão jejuna, porque está quasi sempre vazia, por reter menos que as outras. A terceira chamão ileon, porque he mais delgada, & mais comprida, que todas as outras tripas juntas; & as tripas grossas se repartem tambem em tres. A primeira se chama cega, porque he como hum cotovelo, que não tem mais que hum buraco. A segûda se chama colon, a qual he grande, comprida, & grossa, & té muitas collas, ou ceos redondos, & tem muita gordura, & nesta começão as fezes a tomar sua fôrma, & nesta se faz o rugido das tripas, antes de comer. A terceira se chama recto, porque he direita, lza, & redonda, & chega atè o cesso aonde estão os musculos que governaõ as fezes; & tem todas as tripas de comprimento, nove, ou dez varas, porq̃ eu as medi no hospital de Guadalupe em dous homens, & hũ tinha treze varas, & meya, & outro quatorze, de vara de quatro palmos, &

no Hospital de Lisboa as medi em hum homem, & achei nove varas, & meya, de vara de cinco palmos.

O mifenterio, he hũa cuberta de duas tunicas, que cobrem hũas veas que chamão miseraicas, que estão apegadas às tripas em redondo pela parte baixa, que ficaõ à feição de hum abano da India, que todos os ramos vão ter a hum tronco; & nace[m] estas veas de huma vea que chamão vea porta, a qual nace da parte concava do figado, com as quaes veas o figado toma a parte mais sutil da comida, depois de cozida no estamago, da qual se faz a massa sanguinaria no mesmo figado para mantimento de todo o corpo; assim que as veas miseraicas chupaõ do fundo do estamago, & de todas as tripas o mais sutil da comida, & o metem na vea porta, & ella o mete no figado.

Mifenterio.

Veas miseraicas.
Vea porta.

O estamago he hũa panela em que se coze o que comemos, & bebemos, & este he o seu officio, o que faz com a quentura da propria carnosidade de seu fundo, & com as quenturas adquiridas das partes visinhas, & he feito de duas tunicas, a carnosa da parte de fóra, & a nervosa da parte de dentro; & está o estamago posto no meyo do peito por baixo do diaframa, entre os cabos das costelas mendozas, & no fim da cartilagem do peito, & tem fios de nervos ao lógo para atrair, & outros para reter, & outros para botar fóra, & a sua figura he redonda, & longa para a parte baixa por que não se faisse logo o que estiver dentro nelle, & pende o fundo do estamago para a parte direita, & he ao modo de hũa abobora curvada.

Estamago.

O figado he instrumento da segunda digestão em que se faz o sangue, & está posto na parte direita debaixo das costelas mendozas, & abaixo da teta direita, & he a modo de lua, & curvado para a parte das costelas, & cócavo para a parte do estamago, & té cinco pècas a modo de hũa mão, & comprehede debaixo de hũa penca o fundo do estamago, & a su-

Figado.

cinza do figado, & he vermelha, & carnosa como q̄ fosse sangue coalhado, & he de compleição quente, & humida.

Veacava.

A vea cava nace da parte gibosa do figado, a qual tira o sangue de todo o figado, & ramificádose por todo o corpo, leva sãgue a todas as veas, & partes do corpo para se máteré, & a distribuição he desta maneira em saindo do figado vai assentado no espinhaço pela banda de dentro, & subindo para cima bota ramos ao diafragma, & peito, & chegando ao coração bota hum ramo ao ventriculo direito, & vai diãte; antes de chegar á furcula, bota a cada braço hum ramo, que vai por dentro do sobaco, & pela banda de dentro, & parte baixa do braço, que são as veas da arca, & indo à vea cava, mais acima bota ao longo da furcula dous ramos, hũ a cada braço, que vão pela banda de cima dos braços, que são as veas da cabeça, & vai procedendo a vea cava com dous ramos hum de cada banda do pescoço, que chamaõ veas organicas, que estão ao longo do izofago, as quaes vão à cabeça, & se ramificão por toda ella em outros muitos ramos pequenos, & assim como a vea cava saindo do figado, vai para cima, assim tambem vai para baixo sobre o mesmo espinhaço, & passando por entre os rins, bota a cada hum hũa vea, que chamaõ emulgente, pelas quaes chupaõ os rins a ourina, & vai adiante, & chegando ao osso iacro, se reparte em dous ramos grossos, que passando por baixo das virilhas, vai a cada perna hum por baixo do osso da coxa, o qual se reparte em muitos ramos, até o pé, & aparecem dous ramos no artelho, hum da banda de fôra, que chamaõ safena, onde se faz a sangria para a dor da ciatica, & rins, & outro de dentro, onde se sangra para todas as demais doenças, a qual chamãõ virginal, ou vea da madre.

Veas emulgentes.

Da arteria grande.

E desta maneira quasi que se ramificão as veas, se ramificão tambem as arterias da arteria grande, que sae do ventriculo esquerdo do coração, & vai ao longo do espinhaço por

por baixo da vea cava.

A bexiga do fel he composta de hũa tunica grossa, & dura, & he como hũa bolsa posta na concavidade do figado, *Bexiga do fel.* junto da penca do meyo, & foi ordenada para receber a colera, superfluidade de sangue, que se faz no figado, & tem dous buracos, hum mais acima, para receber, & outro mais abaixo, para botar, & vai do fel hum pequeno ramo ao fundo do estamago, & às tripas, & leva huma pequena de colera, para aqueentar, & fazer melhor a digestão.

O baço està na parte esquerda no fim das costelas *O baço.* mendas acima do osso da anca, & he hum recebedouro da melancolia, superfluidade do sangue, que se faz no figado, & he de sustancia esponjosa, & mais negro que o figado, & he longo, & delle fae hũa vea, que leva melancolia à boca do estamago, para incitar o apetite de comer.

Os rins são particulas feitas no corpo para alimpar o sangue da acosidade, & são dous, hum da parte direita, outro da esquerda, mais abaixo que o direito, porque não puxassem ambos igualmente, & hũ impedisse ao outro, & são de sustancia carnosa, & dura, & são a modo de hũ ovo apertado, & tem dentro em si concavidade, na qual recebem a ourina, que he a agoa, ou foro do sangue, & isto pelas veas, que chamão emulgentes, que a estão tirando da vea cava, & por outra parte botaão a ourina para a bexiga por hũas veas, que chamão ureteras, & estão postos os rins sobre os lombos, *Ureteras.* & são dous, & não hum sò, porque como a ourina he mais cantidade, que nenhũ outro excremento do corpo, foi necessario serem dous vasos por onde se expurgasse.

Pelas ancas se entendé aqui a parte mais baixa da barriga, até as coxas, aonde se contém a bexiga, os vasos espermaticos, a madre, os testiculos, a verga, as virilhas, & achaõse nas ancas dous modos de ossos, porque na parte de detrás está o osso sacro, ou grande, & os ossos do cabo, que são

Rebadilha.
Osso da ponte.

de cartilagem, que chamão a rebadilha, & das ilhargas estão dous ossos grandes, hũ de cada ilharga, & vem ambos a fechar diãte da natura, & chamaõ se os pectinis, & as mulheres lhe chamaõ osso da ponte, & nestes dous ossos se encaixaõ os ossos das coxas,

Bexiga.

A bexiga he hum sacco, & recebedouro da ourina, que vê dos rins, & he composta de dous paniculos, & o de dentro he mais forte, & he redonda, & está posta debaixo do lugar vergonhoso no meyo, & tem dous caminhos longos, que lhe vem dos rins, os quaes se chamão poros ureteras, & entrão nella pela ilharga, trazendo a ourina dos rins, & tem a bexiga hum pesçoço carnososo com musculos, que fechaõ, & abrem ao fair da ourina.

Vasos espermaticos.

Os vasos espermaticos, saõ huas veas, que nadem da vea cava junto dos rins, assim nos homens como nas mulheres, & levaõ sangue aos testiculos para se fazer a sperma.

Testiculos.

Os testiculos saõ de sustancia carnosa, & grandulosa, & alva, & chamaõ se membros principaes por razão da geração, & não da vida, porque sem elles pôde viver o homem, & nos homens estão da banda de fóra, & nas mulheres de dentro, & a bolsa dos testiculos, se chama escroton em latim, & oscheon em Grego.

Escroton.
Oscheon.

A verga.

A verga he composta de couro, musculos, tendoës, nervos, veas, arterias, ligamentos, & a pelle que cobre a cabeça se chama prepucio, & aquelle fio como costura, que está pelo meyo dos testiculos até o cesso, se chama perineo, debaixo da qual costura vai o cano da ourina, & este espaço todo dos testiculos até o cesso, se chama interfemineo, & o cano, & pesçoço da verga, chega até junto do cesso, & alli dà hũa volta para entrar na bexiga.

Interfemineo.

A madre.

A madre he composta de duas tunicas, & he redonda, & o seu lugar he entre a bexiga, & o intestino recto, & té coligancia com todos os membros do corpo principais, & com

as tetas principalmente, & o colo da madre vem da boca da madre, até fóra ao vaso vergonhoso, & o colo da bexiga nas mulheres, vem ao longo do colo da madre, pela banda de cima, até o vaso vergonhoso. *Colo da bexiga.*

As virilhas são emuntorios do figado, & são de carne grandulosa, aparelhada para receber as superfluidades do corpo, & membros naturaes. *Virilhas.*

As pernas compoemse de couro, & carne, veas, arterias, nervos, musculos, tendoes, ligamentos, ossos, do que tudo já temos dito em géral, & os nervos, que movem as pernas, nascem do espinhaço junto aos rins, & do osso sacro, & de alli vão por dentro do osso da coxa, & chegam à perna, & com a carne que se ajunta se fazem musculos, & movem a perna pela ordem, que dissemos no capitulo dos musculos, & os ligamentos grandes se manifestaõ claramente debaixo das curvas, & gíolhos, & no calcanhar, & artelho, & a sola do pé todo he ligamento, & da virilha até o gíolho, a que chamão coxa, está hum só osso, o qual tem tutano, & he redondo de ambas as partes, & a ponta de cima, tem só redondo, que encaixa no osso da anca, & aponta de baixo tem dous redondos, que se encaixão em duas concavidades dos dous ossos, que estão no gíolho para baixo, & no gíolho está hũ osso redondo, & largo, que se chama patela, ou rotula do gíolho: & a perna do gíolho para baixo, se chama tibia, & tem dous ossos, que se chamaõ fociles, & o mayor está da parte de dentro, & o menor da parte de fóra, & dos mais ossos, que estão no pé, já temos dito no capitulo dos ossos, & das veas do pé dissemos no capitulo da vea cava. *Das pernas. Gíolho.*

TRATADO SEGVNDO DE APOSTEMAS.

CAPITULO. I.



Postema he enfermidade cõposta de tres generos de enfermidades, junto em hũa grandeza.

E isto he declarar o apostema pelas causas essenciaes delle, porque quando se diz que o apostema he tumor fóra da natureza, no qual està junta alguma materia, que enche, & estende, não se declara o apostema por sua essencia, se não por accidente, porque tumor não he de essencia do apostema (entendendo tumor manifesto) como se vé no erisipela, & optalmia, que não tem tumor manifesto, & são apostemas.

Porque se chama o apostema enfermidade?

*Que causa he enfermida-
de.*

Porque a enfermidade he hũa disposição contra natureza, pela qual as obras do nosso corpo são manifestamente impedidas, & isto faz o apostema, & por esta razão se chama enfermidade.

Que quer dizer enfermidade composta?

Quando dizemos, que o apostema he enfermidade composta de tres generos, &c. quer dizer, que de tres generos de enfermidade se faz apostema, huma só enfermidade, segundo huma forma, & huma essencia, a qual he distinta de todos os outros tres generos, no qual ha huma intenção curativa, que he evacuar a materia, a qual tirada, se tiraõ os tres generos de enfermidades, & fica alguma mà compleição, que não he já parte do apostema.

Quaes

Quaes são estes tres generos de enfermidades?

São mã compleição, soluçãõ de cõtinnidade, & mã composiçãõ:

Porque se chamãõ genero de enfermidades?

Porque debaixo delles se contem muitas especies, assi como debaixo da soluçãõ se entêde, ferida, fractura, chaga, & debaixo da mã compleição se contêm as quatro calidades de quente, frio, humido, & seco destemperadas, & debaixo da mã composiçãõ, se contêm a mã figura, mã superficie, & mã cantidade.

Que cousa he soluçãõ de continuidade, ou mã uniaõ?

He hum apartamento de partes, que estaõ juntas, o qual estã dentro no apostema de humor, que alli estã junto, que aparta as partes hũa da outra.

Que cousa he mã compleição?

He hũa destemperança da parte doente em algũa das quatro calidades de estar mais quente, ou fria, ou humida, ou seca do que convem.

Que cousa he mã composiçãõ.

He a ruim figura da parte de estar fõra de sua natural fõrma, & composiçãõ, & proporçãõ.

Qual pecca primeiro no apostema?

Primeiro pecca a mã compleição, & logo a mã uniaõ, & depois a mã composiçãõ, como diz Guido.

E avemos de notar aqui algũas duvidas, que ficarãõ em doutrina para os que aprendem, & para lhe espertar os entendimentos: & a primeira he, que parece que primeiro pecca a mã composiçãõ no apostema, & não a mã compleição, como diz Guido; porque ainda que em hum membro corra humor algum para fazer apostema, & destempere a parte, & aja mã calidade, todavia, em quanto não faz tumor, não julgamos estar apostema no membro: logo parece, que primeiro pecca a mã cõposiçãõ.

posição. A qual duvida se pôde respôder, q̃ de tres maneiras podemos considerar o apofstema. A primeira, quanto ao seu ser, & à sua geraçã, assim primeiro pecca a má compleição. A segunda, quanto ao sentido da vista, & assim primeiro pecca a má composição. A terceira, quanto ao dano, que faz nas obras do corpo, & assim algúas vezes a má compleição impede mais as obras do membro, em que está, como acontece nos apofstemas quentes, que tem quentura, dor, & outros accidentes com os quaes impedem as obras do membro, & outras vezes impede a má composição, como acontece nos apofstemas frios, os quaes impedem as obras do membro, por razão do tumor, & não da quentura, nem da dor.

Duvida. Outra duvida se move, que parece que não he necessario aver soluçã de continuidade no apofstema, porque no fleimã, que hoje começou, não ha soluçã de continuidade, porque soluçã de continuo he separaçã, & apartamento de partes, o qual faz no apofstema a materia feita, & no que hoje começou não ha materia feita, nem separaçã de partes, mas ha sômente húa destemperança, & hum enchimento na carne do humor, porque corre á parte, & todavia he apofstema, logo parece q̃ não he necessario para ser apofstema que haja soluçã de continuidade. A isto se pôde responder, que quando fallamos de soluçã de continuo no apofstema, entendemos soluçã largamente por soluçã, & *Cõtinuo.* distincção do continuo (que quer dizer inteiro) & do contiguo (que quer dizer o que está junto, & apegado, como estão os musculos hum com outro,) & assim no apofstema, que começou hoje, bastava aver distincção de partes, que aqui chamamos soluçã de continuidade.

Duvida. Tambem por outra duvida se mostra, que pôde aver apofstema sem má compleição, porque o apofstema feito de dous humores, hum frio, & outro quente em partes iguaes, fica

fica temperado, & aonde ha temperança, não pôde aver mã compleição, que he destemperança em as quatro calidades demais quête, ou frio, ou humido, ou seco, & neste apostema está o humor temperado, por estar em partes iguaes, & he apostema, logo bem se segue, que pôde aver apostema sem mã compleição. A isto se pôde responder, que quando se diz que a mã compleição he destemperança em húa das quatro calidades, se entende que esta destemperança ha de ser na parte em que está o tumor, & ainda que o humor esteja temperado por estar misturado em partes iguaes, todavia a parte está destemperada, pois tem em si cousa contra seu temperamento, & fóra de sua natureza; além disto ainda que o apostema do humor igualmente misturado, se possa dizer temperado, não chamamos humor temperado, senão aquelle que está regulado pela natureza, para poder manter o corpo, & este, que está na parte, ainda que esteja misturado igualmente, todavia está já fóra da regra, & ordem da natureza, & não presta para manter o corpo, pela qual razão o argumento não conclue nada.

*Humor
tempera-
do.*

Se pôde aver apostema em todas as partes do nosso corpo?

Algũs Authores dizem, que não, & dão por razão, que os membros molles, como o cerebro, & os duros, como o osso, não podem padecer inchação, nem extenção, & pelo conseguinte não averã mã composição, & assim não pôde aver apostema. Outros dizem, que pode aver apostema em todas as partes de nosso corpo; & desta opiniaõ he Avicenna, q̃ diz, que quaesquer membros podem padecer extensaõ natural por razão do mantimento, de que se mantem, por virtude do qual crecem os membros, como se vê nos meninos, & mancebos, que vão crescendo, & engrossando todos os membros do corpo; donde se segue que tambem poderão receber estes membros extensaõ contra natureza

do

do humor que corre, ou das superfluidades do mantimento proprio das partes, & pelo conseqüente averà apostemas nellas. E para concordar estes Authores, digo, que todos dizem bem, porque os que dizem, que não se pôde fazer apostema no osso, nem cerebro, entendem apostema grande, & os q̄ dizem que sim, entendem apostema pequeno,

E todavia se affirma que em todas as partes de nosso corpo se pôde fazer apostema, porque eu vi hum homem no hospital de Guadalupe, que morreo subitaméte, & lhe ajudei a abrir a cabeça, & tinha dentro em hum ventriculo na mesma sustancia do cerebro hum apostema duro como scirro, tamanho como húa noz; & desta opiniaõ he Mundino, tratando da Anatomia do cerebro, & contando as enfermidades que pôde padecer, entre as mais que aponta diz, que pôde ter apostema a propria sustancia do cerebro, & que he mortal; & que os ossos possaõ apostemar, além do que diz Avicéna, o affirma Jacobo Rufo, no livro que escreve de tumores flematicos, aonde diz, que os apostemas tomãõ diferentes nomes, conforme as partes onde estaõ, & assim diz, que o que está no osso, se chamará apostema ossei, & o mesmo diz Mundino, pelas quaes palavas mostra claro, que o osso pôde apostemar, & chamar-se a excrescencia do osso.

Se apostema he enfermidade simples, ou composta?

Responderemos com Guido, que se pôde chamar o apostema enfermidade simples, & composta, segundo diversas considerações; porque se consideramos o apostema segundo sua fôrma essencial, & natural, he enfermidade simples, porque he huma sô enfermidade em numero, & em fôrma distinta de qualquer outra; & se consideramos quanto a seu acto curativo, he enfermidade simples, porque he húa sô intensaõ curativa; & se consideramos quanto à materia de que se faz, se dirá simples, quando se fizer de hum sô humor,

mor, & composta quando se fizer de dous humores, & se consideramos quãto aos accidentes, chamar-se-ha enfermidade simples, quando os não tiver, & composta quando estiver complicado com elles, & se consideramos quanto ao ajuntamento das enfermidades, que concorrem em sua geração, se dirá composta, & em quanto he hum sò genero de enfermidade, se dirá simples.

Como se pôde o apostema chamar causa, effeito, genero, especie, accidente, & differença?

A isto se responde, que o apostema se chamará causa, quando he causa de outra enfermidade, como quando o apostema he causa de febre, que lhe succede.

E chama-se effeito, quando he effeito de outra enfermidade que procedeo, como são os apostemas, que se seguem depois da febre, & os que vem por via de crizis.

Chama-se genero, quando contém debaixo de si muitas especies de apostemas, como he o apostema colerico, sanguinho, flematico, melancolico, &c.

Chama-se especie, quando se contém debaixo deste genero enfermidade, que he comum a todas as mais.

Chama-se accidente, quando se segue a outra enfermidade, como he o apostema, que se segue à chaga.

Chama-se differença, quando faz ser differente hũa enfermidade de outra, como he a chaga com apostema, que differe da outra sem apostema.

Chama-se tambem o apostema enfermidade material, por que faz extensaõ no mēbro, por razãõ da materia q̄ encheo o apostema, & conforme a algũs Authores, chamamos apostema, quando o tumor está no principio, mas quando começa a fazer materia, ou está feita, chamamos abcesso, ou critiva.

E porê, diz Guido, q̄ basta ao Cirurgiaõ saber q̄ tumor, apostema, inflamação, grossidaõ, eminencia, elevação, excrecen-

crecencia, são nomes sinonimos, que significação quasi hũa mesma cousa.

De quantas cousas tomão os apostemas as differenças?

De cinco cousas, como diz Guido. s. da sustância da materia, dos accidentes, dos membros, das causas efficientes.

E da sustancia, porque huns são pequenos, & outros grandes, (& nota que se toma aqui a sustancia largamente, & não propriamente, porque como o apostema he cousa accidental, não pôde ser sustancia, propriamente fallando, mas por sustancia entendemos aqui a effencia, & ser do apostema.)

E da materia se toma a differença, porque huns se fazem de materia quente, outros de fria.

Dos accidentes se toma a differença, segundo os que podem acontecer de dor, ou inflamação, &c.

Dos membros, porque hum está no olho, que chamão optalmia, outro na gargata, q̄ chamão esquinácia. outro na cabeça, que chamão talparia, outro na virilha, que chamão bubão, outro na bolsa dos testiculos, que chamão hernia.

Das causas efficientes se toma a differença, porque huns se fazem por dirivação, outros por congestão, outros por via de crises, outros por causas antecedentes outros por causas primitivas, & segundo estas differenças se toma a intenção curativa.

Quantas, & quaes são as causas dos apostemas.

São duas. s. gerais, & particulares.

As gerais são reuma, & congestão.

As particulares são primitivas, antecedentes, & conjuntas.

Que cousa he reuma?

Reuma, he hũa dirivação, hum fluxo, hum corrimento, hũa destilação de humor de algũa parte para outra, o qual acontece nos humores quentes. A qual reuma se faz por seis causas. s. Pela fortaleza do membro que manda, & fraqueza

queza do que recebe, & pela quantidade do humor, & largueza dos vasos que o trazem, & estreiteza dos que botaõ, & pela situação do membro, que recebe, estar situado em lugar mais baixo.

Que cousa he congestão?

He hum ajuntamento, & multiplicação de algú humor, ou superfluidade em algúa parte, sem lhe ser mandado de outra, o qual acontece aos humores frios. E isto se faz quádo algúa parte não pôde cozer o mantimento, que lhe vem, com cozimento perfeito, pela qual razão ficão sempre superfluidades, & pouco a pouco se lhe acrecentam, até que o membro se enche, & distende, & faz apostema.

Quaes são as causas primitivas?

Por causas primitivas, entendemos todas as cousas que estão de fôra de nosso corpo, que nos pôde alterar, como são as cousas não naturaes, usando mal dellas, como he a pancada, & a caída, &c.

Quaes são as causas antecedentes.

Por causa antecedente se entendem todos os humores, que estão dentro no corpo, os quaes actualmente não fazem apostema, mas estão aparelhados para o poder fazer, como são os humores, que estão no figado, & veas, os quaes se forem mandados a algum emuntorio farão apostema, & naquelle tépo, que estão no figado, & veas, se chamaõ causa antecedente: & Guido diz que as causas antecedentes, são os humores naturaes, & não naturaes.

Quaes são os humores naturaes, & não naturaes?

Os humores naturaes são os que estão com o sangue, ou com cousa que tem nome de sangue para manter os membros, & isto são humores naturaes propriamente com natureza

Cap. 1. de
apostem.
Não naturaes.

tureza de nutrição, & de sustancia, & não de ajuda, & assim o sangue, a colera, a flema, a melancolia, ainda que cada hũ se nomee por este nome particular, todavia se chamão sangue em gèral como diz Guido, & isto assim junto se chama massa sanguinaria, & se chama materia de nutrição.

Os humores não naturaes são aquelles que estão apartados de sangue, & por sua malicia não são aparelhados para manter, mas mandaõse aos lugares deputados por razaõ do proveito, & ajuda que fazem, ou botados para fõra do corpo fazem apostemas, & bostelas, & sarna, & descõrimentos, suores, & febres, apodrecendo no corpo.

De modo que a colera no fel, & a melancolia do baço, são humores não naturaes, por não prestarem para manter os membros, mas podemse dizer naturaes, por razaõ da ajuda, que fazem no corpo, como disse na Anatomia.

Duvida.

A qui se pòde mover hũa duvida, q̃ de humores naturaes não se pòde fazer apostema, porque para ser apostema ha de aver vicio, & dano no temperamento, & os humores naturaes, por isso se dizem naturaes, porque tem hum certo temperamento na sustancia, cantidade, & calidade, & compleição, & como sejaõ assim, naõ podẽ fazer destemperança estando nesta igual proporção: logo bem se segue, que os humores naturaes não pòdem fazer apostema, pois por razãõ de seu temperamento, não pòdem fazer vicio. A esta duvida se pòde responder, que quando dizemos, q̃ os apostemas se fazem de humores naturaes, se entende, que ao tempo que os humores estão debaixo da fõrma de causa antecedente, não ha nelles vicio, mas depois que estão amontoados, & deixados do regimento da natureza, & debaixo da fõrma de causa conjunta, entãõ estã o vicio na destemperança, & assim a propria significação deste nome causa antecedente, quer dizer, que foi antes, & quando dizemos que o apostema se faz de humor natural, como causa anteceden-

tecedente, quer dizer que era natural quando era causa antecedente, & quando estava em igual proporção, & temperamento para poder manter os membros; pelo que se ha de entender, que se em algum membro do corpo temperado, a natureza mandar sangue temperado, como aquelle sangue se ajunta naquelle membro, logo se faz a má cópleição, & se sufoca o calor natural do membro, & se faz não natural.

*Que quer
dizer. n-
sa antecede-
nte.*

E daqui fica entendido o que diz Guido, que do sangue natural se faz o fleimão verdadeiro, & da colera natural o erisipela, & da flemma o edema, & melancolia o scirro, porq̃ nenhum humor está tanto em sua natural disposição, que possa fazer apostema como causa antecedente, & assim quando o apostema está em potencia para se poder fazer aquelle humor, se dirá natural: assim como se em hum corpo téperado derem hũa pancada, & por razaõ da dor a natureza mandar sangue téperado, este sangue natural faz apostema, como causa antecedeente movida da primitiva. ou quando o Sol aqueitando o corpo move a colera, & faz erisipola.

E quando Guido diz, que de humores não naturaes, & naturaes se fazem apostemas, quer dizer, que os humores de q̃ se fazem os apostemas, são causas efficientes dos apostemas, & não materiaes; & quando dizemos, que a colera he materia do erisipela, & a flemma do edema, & a melancolia do scirro, & o sangue do fleimão, quer dizer, q̃ aqui a colera he hũa certa causa humorosa, da qual como causa eficiente se faz o apostema, porque o apostema he causa accidental, & não he sustancia, & conforme aos Filosofos, não póde ter causa material.

E do sobredito podemos dizer, que ha quatro humores naturaes, & que delles se fazem como de causas antecedeentes quatro maneiras de apostemas, como são fleimão, erisipela, edema, & scirro.

Que causa he causa conjunta?

Por causa conjunta, entendemos aquillo que está junto na parte, & o que faz actualmente o apóstema, entre a causa, & a enfermidade, não ha meyo nenhum, de modo q̄ o mesmo humor, estando dentro nos vasos para poder correr, he causa antecedente, & estando já corrido, & junto na parte, he causa conjunta.

Que causa he apóstema critico?

Chamase apóstema critico aquelle, pelo qual se determina algũa enfermidade; como muitas vezes as febres se determinão por hum apóstema feito em qualquer parte do corpo, & principalmente nos emuntorios.

*Crizis,
que he.*

A vemos de notar, que crizis, quer dizer determinação, ou subita mudáça de qualquer enfermidade para saude, ou para morte: a qual crizis he de duas maneiras, perfeita, & imperfeita, & a perfeita he aquella, pela qual a natureza bota fóra de nosso corpo o humor, que pecca, & isto, ou por vomito, ou por suor, ou por fluxo de sangue de narizes, ou de outra parte, ou por almorreimas, ou por camaras, ou por outra evacuação desta maneira. E a crizis imperfeita he aquella, pela qual o humor que pecca, não se bota fóra do corpo, mas botase das partes nobres ás menos nobres, & das de dentro para as de fóra, & assim o apóstema critico he crizis imperfeita, porque não acaba de todo por alli a doença, mas mudase, & fica o homem ainda doente, posto que de outra enfermidade, & não da primeira.

Que causa he sinal, & quantas maneiras ha de sinaes?

Sinal he hũa causa, a qual representada ao sentido do Medico, ou do Cirurgião, lhe deixa no entendimento hũa certa noticia, & conhecimêto da disposição do corpo, & assi nos apóstemas, os sinaes delles nos mostrão quaes são, os quaes

se co-

se conhecê, & vem pelo sentido da vista presente, porque aonde ouuer inchação fóra da natureza feita de algum humor, mostra ser apostema, & nos capitulos particulares dos apostemas simples se poráó os sinaes particulares de cada hũ, para q̃ assim venhamos a conhecer os cópostos; ainda q̃ diz Avicēna, que poucas vezes se acháo apostemas simples, mas pelos sinaes dos simples se entenderáó os compostos.

Estes sinaes são de tres maneiras .f. final pronostico, & final rememorativo, & final demonstrativo. *Tres maneiras de sinaes.*

O final pronostico he hũa divinhação, ou manifestação do que está por vir, & do que está escondido, & he final que mostra as cousas antes que se jáo.

O final rememorativo he o que traz à memoria, & mostra, & ensina as cousas passadas.

O final demonstrativo, he o que mostra as cousas presentes, & assim quádo Guido falla nos sinaes dos apostemas, entende sinaes rememorativos, & demonstrativos, & quando falla em juizo, entende pronosticos, q̃ he final pronostico.

Que quer dizer os apostemas nos periodos, & paroxismos, & crizis seguem a analogia de suas materias?

Este texto, & palavras são de Guido, & para declaração dellas avemos de notar, que periodo quer dizer hum revolvimento de alguma cousa medida com algum espaço de tempo, & assim o periodo do apostema he todo o tempo de sua cura. *Periodos, que he.*

Paroxismo, quer dizer a hora da afflicção, & repetição da enfermidade depois q̃ ella declinou, & teve pouso naquelle disposição q̃ teve primeiro, como he terça, & quarta, q̃ affligem, & repete a certa hora depois que repousou. *Paroxif. mo.*

Crizis, quer dizer determinação da enfermidade. *Crizis.*

Analogia quer dizer natureza da enfermidade. Pois lo. *Analogia*

Quando Guido diz, q̃ os apostemas nos periodos, & nos paroxismos, & nos crizis, seguem a analogia das materias

de que se fazem, quer dizer, que o apóstema no tempo de sua cura, & no atormentar, & na determinação, fará aquillo que tiver por natureza o humor, de que se faz o tal apóstema, porque de hũa maneira se ha de determinar, curar, & mover o apóstema sanguinho, & de outra o colerico, & de outra o flematico, & de outra o melancolico.

Quantos tempos tem os apóstemas, & quaes são, & que quer dizer tempo?

Té quatro .s. principio, augmento, estado, declinação. O principio, he quádo o humor começa de correr: augmento he quando o apóstema vai crescendo: estado he quando está que não crece mais: declinação he quando se diminue por resolução, ou transmutação, ou está maduro, & algũas vezes são tão ligeiros estes quatro tempos no apóstema, que passão sem se sentir, como he em huma apoplexia, & na esquinancia, & esta distincão de tempos, he pelo tumor, a qual tambem se pôde fazer pelos accidentes, & assim o principio será quando os accidentes começam: augmento, quando crecem: estado, quando não crecem: declinação, quando se diminuem.

Tempo, que he.

Avemos de notar, que por tempo entendemos hũa varia, & distinta disposição que se acha nas doenças, & segundo tal diversidade, pede diverso modo de cura, & assim quando dizemos que o apóstema tem quatro tempos, quer dizer que em todo o tempo que o apóstema dura ha quatro mudanças nesta enfermidade, cada hũa das quaes pede diverso modo de cura.

De quantas maneiras se determinão os apóstemas?

Diz Guido, que os apóstemas, que se fazem em nosso corpo, se não tornão para dentro, se determinão por hum de quatro modos. .s. por resolução, por maturação, por induração, por corrupção.

E a melhor determinação de todas he por resolução, por que mostra força da natureza; & apos esta a maturação, & depois a induração, & a peor de todas, he por corrupção, porque mostra total extincção do calor natural.

Quaes são os sinais destas quatro determinações?

O final de resolverse o apostema (como diz Guido) he a brandura do tumor, & irse desfazendo, & não ter pulsação.

O final de se madurar he a dor, & pulsação com crescimento de quentura.

O final de indurecer, he fazerse o tumor da natureza de pedra.

O final de se corromper, he a negridão do tumor com fedor podre.

O final de repercutir, he a subita diminuição do tumor pela applicação das mezinhas frias, & se cõ esta diminuição crescer a febre, & algum outro accidente, he perigoso. E tambem acontece transmudar-se o apostema de hum lugar para outro, o qual às vezes he para bem, & às vezes para mal.

Se todos os apostemas podem determinar-se por todos estes quatro modos?

A isto se responde, que não, porque huns apostemas se determinão por hum, & não por outros, & outro se pôde determinar por todos; porque o apostema ventoso, & aquoso não se podem determinar por induração, nem por materia, mas poderseão determinar por resolução, & transmutação, porque não tem humor, que se possa converter em materia, por ser vento, & agoa, nem se pôde coalhar para se indurecer, & hum fleimaõ podese determinar por todos os quatro modos, & assim dos demais.

De que se toma a intenção curativa nos apóstemas?

Na cura dos apóstemas há hũa só intenção curativa, que he evacuação, porque he enfermidade de enchimento, mas porèm a particular indiçãõ curativa, se toma de duas couzas em todos os apóstemas .f. da essencia do apóstema, & da natureza do membro em que está; & pela essencia entendemos aqui a quantidade, & calidade, & materia, que está dentro, porque de huma maneira se cura o apóstema grande, & de outra o pequeno, isto he a quantidade, & de outra maneira se cura o humor quente, & de outra o frio, & isto he a calidade, & a natureza do membro mostra, que de huma maneira se cura o apóstema nas partes nervosas, & de outra nas carnosas, & de outra no emuntorio, & de outra no olho, & de outra na garganta, &c.

Porq̃ na cura dos apóstemas se manda acudir, & tirar a causa antecedente, pois que tirada ella, não se cura o apóstema?

A isto se responde, que he verdade, que a causa, que formalmente faz o apóstema, he causa conjunta, & a intenção da cura do apóstema, he tirar o tumor que alli está junco, o qual se tira tirando a causa conjunta, & tirada se tira o apóstema: porèm he necessario para curar regularmente, evacuar a materia antecedente, para que não se acrecente a conjunta, & assim esta evacuação se chama propriamête prohibitiva, porque prohibimos que não se acrecente o apóstema, & que a materia antecedente não se faça conjunta, & maligna, & a evacuação da materia conjunta, se dirá propriamente evacuação curativa, pois que o apóstema depẽ de immediatamente da causa conjunta, porque tirada ella se tira o apóstema.

E assim a própria cura do apóstema em quanto apóstema, he evacuação, & arrancamento da materia conjunta, & isto

isto se faz propriamente abrindoo. E pôsto que por repercução, & resolução se faça tambem evacuação de materia conjunta (ou tirando o humor delgado, que está junto à parte, botando para dentro com repercutivos, ou refilvendo, & gastando o delgado, & grosso por huma insensível resolução com os resolutivos) todavia quasi sempre destas duas obras, fica dureza algũa na parte do remanecente do mais grosso humor, & fica o aparato morbofo na parte, & corpo para tornar a recair facilmente, & na abertura se evacua o delgado, & o grosso, & as superfluidades, & pelo conseguinte o aparato morbofo, & por tanto fica sendo mais propria cura do apostema, em quanto ao apostema que se faz por abertura.

Que cousa he repercução, & quaes são os repercutivos?

Repercutir, he tornar para dentro o humor q̄ corre à parte doête, pelos mesmos caminhos por onde vem, o que se faz com mezinhas frias, & secas, & estiticas, como diz Joannes de Vigo; porque o repercutivo com a frialdade, detê o humor, que não venha, & com adstringencia não sòmente aperta as veas, & vasos para que não recebaõ, mas conforta de materia, que inda o que está corrido, o faz tornar às veas que estão mais perto, não sendo humor grosso.

*Não anti-
dotario
cap. 1.*

Das quaes repercussivos ha duas mapeiras, como diz Guido, huns proprios, & outros largos, & os proprios são oxicrato, crva moura, tanchagem, enfaião, beldroegas, al-fasse, abobora, violas, folião, azedas, abrunhos, nesparas, a-graç, balauftias, sumagite, romãs azedas com casca, bolo armenico, & outros assim.

*Repercu-
tivos pro-
prios.*

E os repercussivos largos são clara de ovo, oleo rosado, malvas, rosas, murta, & outros assim, os quaes alterando pro hibem que o membro não receba superfluidades.

*Oxicra-
to, he vi-
nagre de-
stempere-
rado.*

*Repercu-
tivos lar-
gos.*

E pôsto que as mezinhas repercutivas propriamête ajã de ser frias, & secas, todavia podem tambem ser humidas,

assim que podem ser frias, & humidas, ou frias, & secas, como se vê nos repercussivos, q̄usamos nos erisipelas, que são frios, & humidos, & os do fleimão, são frios, & secos: verda te seja, que os secos, repercutem mais que os humidos, porque mediante a sequeidade corroboraõ, & fortificaõ o membro, & o calor natural da parte.

Tambem ha repercussivos improprios com algũa quentura, como he a losna, o esquinanto, a canela, o crayo, nõz noscada, folhas, & maçãs de acipreste, & outros assim, os quaes servem nos humores frios.

Gal. de
11m. cap.
17.

E daqui fica entendido, que os repercussivos nas materias quentes hão de ser frios, & secos, & frios, & humidos, & nas materias frias hão de ser misturados, frios, & secos, & quentes, & secos, & estiticos.

Se convem usar repercussivos em todos os apostemas?

A isto se responde, que no principio de todos os apostemas usaremos de repercussivos, tirando os dez casos, que diz Guido.

O 1. He quando o apostema está no emuntorio.

E a razãõ he, porque he lugar destinado para receber & para lhe mandar a natureza superfluidades, & excrementos dos membros nobres, pelo que tornando para dentro estes excrementos, faraõ muito danno.

O 2. Quando o apostema he de materia venenosa.

E a razãõ he, porque esta materia como cousa peçonhêta convem tirala fóra do corpo, porque estando dentro, pôde matar, & por isso naõ convê repercutila, senaõ tirala, & chama-la para fóra com mezinhas atraentes, & com ventosas.

O 3. Quando o apostema he de materia grossa.

E a razãõ he, porq̄ esta materia por sua grossidaõ naõ se pôde repercutir, & quãdo della se repercutir algũa pequena parte delgado, o q̄ ficar, ficando mais grosso do q̄ era, poderã fazer outro mal peor, esfriandose a parte demasiadamente;

& se

& se perderà o calor natural, & se mórtificarà o membro:
& mais diz Avicéna, que aonde não corrè humor quente,
& delgado, que o medicamento repelente serà danoso.

O 4. *Quando o apostema he de materia muito infiltrada, & arreigada na parte.*

E a razão he, porque estando já a materia senhoreada da parte, & muito apegada nella, não se pòde repercutir, pelo que convem resolução, como diz Galeno. *L. de tum. cap. 17.*

O 5. *Quando o apostema he por via de crisis.*

E a razão he, porq̃ como he por determinação de enfermidade, & no apostema a natureza descarrega, o q̃ lhe faz dano por aquella via, & o Medico he imitador da natureza, sómos obrigados seguir seu intêto pois he bõ, & o faz por salvar o corpo, & assi avemos de ajudar a tirar para fóra o humor, & não botalo para dêtro cõ repercutivos para matar o doête.

O 6. *Quando o apostema he por causa primitiva.*

E a razão he porq̃ se lo tumor de algũa pãcada, resfriado se muito, se poderà facilmete mórtificar, & cõ a frialdade se é fraquece mais a parte, pelo q̃ não convê repercutivos fortes.

O 7. *Quando o apostema está em corpo cheo.*

E razão he, porq̃ o corpo q̃ está cheo não pòde mais receber, & por tanto não podemos repercutir, o q̃ elle não pòde ter, & bota de si fóra, & quádo o humor correr tâto em câtidade, q̃ se possa arreçar, q̃ corrédo à parte muito, se afogue o calor da parte, & perca o membro, & que para isto pareça que serà bom repercutir, em tal caso (sangrando o doente duas ou tres vezes para diminuir o enchimento) se pòde usar então de repellentes descarregando o corpo,

O 8. *quando o apostema está em corpo fraco.*

E a razão he, porque tornando o humor para dentro, como o corpo está fraco, não pòde a natureza regulalo, nem governalo, & assim pòde fazer mal là dentro.

O 9. *Quando o apostema está junto do membro principal.*

E a

1. Era razão he, porq̃ botando o humor de fóra para dentro em algum membro principal, pôde danar, & causar perigo, & o humor no corpo se ha de mandar das partes nobres, para as que o não são, para faude, & conservação do corpo, & não pelo contrario.

2. O 10. Quando o apostema he muito doloroso.

3. E a razão he, porq̃ toda a intenção ha de ser mitigar a dor cõ mezinhas que abrande, & resolvão, pelo q̃ não conveni repercussivos no apostema doloroso, porque desecando fã-
rão mais dor, mas pôdem por defensivos na parte alta.

4. Nem proprios, nem largos. E isto que dizemos destes dez casos, se entêde de reper-
cussivos proprios, porque largos bem se pôde usar, mas em
tres casos, não usaremos nem proprios, nem largos. s. quando

5. Frias em isto. E quando he de materia ve-
nenosa, & quando he por yia de crisis, como diz Guido.

E nota, q̃ as mezinhas repercussivas, haõ de ser frias em
acto, & potencia no principio das grandes inflamaçoens.
E nõs humõres frios haõ de se aplicar actualmête mornas,
& haõ de se mudar muitas vezes as mezinhas repercussivas.

Que ordem se ha de ter em usar dos repercussivos?

Diz Guido, que tirados os dez casos, se usará no princi-
pio de puros repercussivos, & no augmento de duas partes
de repercussivos, & hũa de resolutivos, & no estado partes
iguaes, & na declinação puros resolutivos, se apostema se vai
resolvêdo, & se declinar é supuração, usaremos maturativos.

Que cousa he resolução, & quaes são as mezinhas resolutivas?

Resolver, he tirar pelos pòros do couro o humor, q̃ está
na parte, por hum vapor, & resfluação insensivel, como diz
Galeno. E Joannes de Vigo diz que a mezinha resolutiva,
he aquella, que com sua ventura tem virtude de adelgaçar
a materia grossa, & de apartar, & abrir os pòros, & evacua-
la pouco, & pouco, atè que todo o humor se tire, & evacue
pelos pòros do membro, & por tanto convem que tenhaõ

quen-

quentura temperada, & partes sutis, & de sutil substancia.

E as proprias mezinhas resolutivas, são quentes, & secas no terceiro grau, & estas usamos aonde convem fazer grã de resolução, & sempre com estes resolutivos fortes, he bõ ajuntar mezinhas, que abrandem, para que não se resolva o sutil, & fique o grosso, & se indureça.

Tambem ha outras mezinhas resolutivas brandas, q̃ são quentes, & humidas temperadamente, segundo a necessidade do membro, & estas abrãdaõ a dor, & relaxãõ o couro, & abrem os póros, & resolvem o humor, mas isto em humores superficiaes, & não profundos, & em lugar brandõ, & materias quentes, & delgadas, como he o óleo de amendoas doces, comimento de malvas, & d'alforfas, alfavaca.

As mezinhas resolutivas (ou evaporativas, ou diaforeticas, ou rarefactivas, que tudo quer dizer o mesmo) sempre se haõ de aplicar quentes, & haõ se de mudar poucas vezes, porque estando de vagar sobre a parte, fazem melhor obra.

E as cousas resolutivas, & mezinhas de que communmente usamos são as seguintes,

Das ervaõ a mabela, coroa de Rei, alfavaca, ortelãa, endro, losna, ayppo, buregaõs, rosmaninho, mentrãstos, valeriana, horragens, ortigas, artemija, marroios, engos, raveda, & outros assim.

Das sementes resolutivas, são de funcho, d'alforfas, de coentro, erva doce, cominhos, & semente de malvas, & de malvaisco, & de salsa, & outras assim.

As raizes resolutivas com molificação, a do nabo, de lingua de vaca, do lirio, da norfã, do gigante, & do malvaisco, & outros assim.

As farinhas resolutivas, de cevada, de favas, d'esvelhaca, de trigo, de tramoços, farelos de trigo, miolo de paõ de rala.

Enxundias resolutivas com molificação, a da galinha, de capaõ, de pato, de adem, & isto se entendẽ enxúdias velhas, que

que as frescas maduraõ.

Tutanos. Os tutanos resolutivos com molificação, do carneiro, do bode capado, da vaca.

Gomas. As gomas resolutivas, o laudano, a trementina, a cera isopo humido, & as gomas mais fortes, são armoniaco golbano seradino, opoponeco, mirra, incenso, colofonia, bdelio.

Oleos. Os oleos resolutivos, o de amêdoas doces, de macela, de cebola cessen, de linhaça, de endro, de minhocas, de losna, despique, de lírio, de louro, de arruda, de trementina.

E outros muitos resolutivos ha, porèm estes são os mais usados, & destes simples se podem fazer muitos compostos, conforme a calidade da doença, & juizo do Medico.

Emplasto E tambem ha emplastos resolutivos, como he emplasto melik to, & o de rãs, & o da cinabrio, & o oxicrocio, diaquilão, & outros assim.

Mas avemos de notar, que para alcançar esta resolução, importa muito o bom regimento do enfermio, porq̃ grãdes tumores se resolvem pouco, & pouco, ainda que devagar, & isto nos que tem bom regimento, como diz Galeno.

S. de morb. Do chumbo, dizem os Authores, que delle escrevem, que resolve os humores reconcentrando o calor natural, & fortificando, porèm isto faz por accidente, a que os Philosophos chamão por antiparistazim.

Do chũbo. Que cõsa he maturaçãõ & quaes são as mezinhas maturasivas?

Maturaçãõ, he hũa devida preparaçãõ da materia, para que se possa botar fóra da parte onde está, & assim que o madurar he cozer, & aparelhar o humor que está no apstema grosso, & delgado, para que a natureza por si, ou o Cirurgiãõ por arte, com mais facilidade o deite fóra.

E avemos de notar, que o fazer esta maturaçãõ, & preparaçãõ, compete sómente ao calor natural, como diz Galeno, ajudãdo cõ tudo do calor estrãhho, porque vemos que

que mais depressa se madura no verão, que no inverno. Ea mezinha maturativa ha de ser quente, & humida temperadamente; & ha de ter juntamente hũa viscosidade, cõ a qual tapando os pôros do couro se corrobora dentro o calor natural, & os espiritos, que não se exalem, para que se faça melhor a supuração, & se cozaõ os humores extravenados: aqual viscosidade he necessaria, porque o calor natural se ajunte, & se acrecente, & se faça mais forte, & assim coza, & madure melhor a materia, & tambem porque cõ a virtude dos dous calores, natural, & estranho, se poderia fazer resolução do sutil, & ficaria o grosso, & pela viscosidade se prohibe isto, assim que a mezinha quente, & humida sem viscosidade, não madura, & tambem como diz Hippocrates, as coufas, que se haõ de cozer, convem que estejaõ tapadas, & as que se haõ de resolver, que estejaõ abertas.

As quaes mezinhas maturativas são malvas, raizes de malvaisco, linhaça gallega, alforfas, farinha de trigo, miolo de pão alvo, figos passados, cebola açada, formento, gema de ovo, açafraõ, folhas de couve, raiz de labaca, manteiga de porco, enxundias frescas, & o pez, & a rezina tambem dizem alguns que maduraõ, & destas simples se fazem as compostas, & as papas feitas de farinha de trigo, & agoa, & azeite, & açafraõ, tambem maduraõ.

E ás vezes acontece, as mezinhas maturativas resolverem, & as resolutivas madurarem, cõforme a disposição em que achão o humor, & o intento da natureza.

E a differença que ha entre os maturativos & molificativos, ou emolientes, he que os emolientes são quentes no primeiro grau, & humidos, sem viscosidade, como são enxundias, & tutanos, & os maturativos são menos quentes, & têm viscosidade, como he malvas, malvaisco, linhaça, &c.

Se he melhor madurar se o apostema, ou resolver se?

A isto se responde, que a resolução he mais louvada em

Maturativos resolvem.

Emolientes, Maturativos em que differem.

Gal. 5. simp. 6.

9.

dã em gèral, porque mostra a força da natureza, & do calor natural, & desfaz o tumor por suor, & se acaba o mal, que alli està, & no que vem a furo não se acaba o mal, mas começa outro de novo fazendo chaga, & todavia às vezes a cura por supuração abrindo o apoltema, he melhor, como he no apoltema crítico, & no da materia venenosa, & no bubaõ nas virilhas feito por contagio galico, porque nestes sempre he bom pertender maturação, para que aja mais larga evacuação, & descarga da materia ruim, delgada, & grossa.

Como se conhece que se faz materia no apoltema & que está já feita?

Conhecese que se faz materia pelo grande peso que se sente no tumor, & o doente tem febres & frios, de modo, q̄ quando ha dor, pulsção, quenturas, rigores, febres, & a dureza se faz mais levantada, he sinal que se faz, & ajunta a materia; & quando todos estes accidentes abrandão, & a parte se váy fazendo branca, & o tumor brando, & se sente debaixo dos dedos hũa innundação, como que està dentro encerrada alguma cousa liquida, & solta, entãõ significa, que està a materia feita: isto ensina melhor a experiencia, porque o mais certo sinal de conhecer a materia, he o tacto dos dedos, o qual se ha de tomar com duas mãos, apertando hũa, & levantando outra com as pontas dos dedos, & se o que està debaixo empuxa a mão como onda, he sinal, que ha materia feita.

Porque quando se faz a materia ha febres, rigores, dores, & outros accidentes?

A razão de aver febres, he porque pelo cozimento, que se faz nos humores, se aquêta o corpo, & a parte doête demasiadamente, & se levãtaõ fumos ao coração, & causãõ febre.

E a razão de aver rigores, he porque este humor, que se coze, causa ácrimonia, & molestia, & mordicação nas membranas,

branas, & paniculos, & fios de nervos, que na parte doente ha, que são particulas sensitivas, & molestadas, cõ isto causão rigores para botar fóra de si o que lhe faz danno, & por todas estas razoens se causão tambem dores ao fazer da materia. E a razão porque se sente peso na parte onde está o apostema, & no apostema, he porque se ajunta, & acumula mais o tumor quando se faz o cozimento, & dantes estava mais espalhado, & depois da materia feita, ficão estes accidentes mais brandos como diz Hippocrates.

Se estando a materia feita se ha de abrir logo o apostema, ou se he licito dilatar a abertura por algum tempo?

Conhecendose pelo tacto, & mais sinais, que está a materia feita, se ha de abrir logo, & não se ha de dilatar, & esta he a verdadeira pratica usada por todos, porq̃ de se deter a materia, pôde aver muitos danos, q̃ além de se acrecentar o apostema, ha de apodrecer as partes vizinhas da carne, nervos, mébranas, & ossos que alli estiverẽ, & os fumos da materia causão accidentes, & o couro se adelgaça, & depois de aberto não se pô le tornar a conglutinar por estar delgado no vão do apostema, & estar a virtude, & a sustância do couro gastada, & assim se perde, & além disto a parte cõ a materia detida enfraquece muito, & fica recebendo as superfluidades dos membros vizinhos, que pela fraqueza da parte doente lhe não daõ, & assim tãbem o sangue q̃ a natureza manda á parte doente para se manter, se converte em materia, o qual sangue manda mais do ordinario por razão da molestia que a materia está fazendo, & tudo isto acrecenta o apostema; por todas as quaes razões, & outras mais, que nisto ha, digo, que tanto, que a materia estiver feita, se deve abrir logo o apostema, & não se deve de retardar, salvo se ouver algum notavel inconveniente, ou se o apostema for pequeno, & superficial, porque neste tal, ainda
que

que aja matéria feita, não corre perigo em retirar a abertura.

Se he licito abrir o apostema em verde antes de estar feita a materia?

Curando regularmente, não se ha de abrir o apostema em verde, mas sendo em coufa forçada, será licito fazerse, como acontece estando o apostema em algũa juntura ou em algum membro principal, ou junto delle, ou nos paniculos q̄ cobrê os ossos, ou em partes de nervos, ou no peito, ou ventre, & perineo (que he na via da ourina entre os testiculos, & o cesso) ou sendo o apostema critico; porque a materia, detida nestas partes fará dâno, & corrupção, & nestes tais casos se deve de abrir antes de estar maduro, & assim o manda Avicêna; mas avemos de entender, q̄ se ha de abrir com algũa materia: & tambem se pòde abrir antes de perfeita maturação quando a materia he venenosa, como he no antrax, o qual sarjamos antes que madure, estando com accidentes roins, ou tambem quando o apostema he grande, & as forças do doente fracas, & não dà esperanças de poder cozer bem a materia, em tal caso poderá a materia apagar o calor natural do membro, & corromper o tumor, & mortificar-se o membro. E assim como os Medicos muitas vezes forçados usão de evacuação de purga antes de cozer os humores, avendo necessidade: assim tambem será licito ao Cirurgiaõ abrir o apostema antes da materia estar bem cozida, sendo necessario.

*Perineo,
que he.*

3. 4. f. 1.
e. 29.

Quantas cousas se hão de guardar no abrir o apostema?

Avemos de guardar sete cousas, como diz Guido. A 1. que se faça abertura no lugar da materia. A 2. que se faça no lugar mais baixo. A 3. que se faça ao longo dos musculos, & não atravessado. A 4. q̄ se guardem os nervos, veas, arterias, quanto for possivel. A 5. que não se tire a materia toda

toda junta, porque se pôde temer que enfraqueça a virtude da parte, por se resolverem os espiritos na evacuação da materia, & isto nos apóstemas grandes. A 6. que se trate o lugar com a menos dor que for possível. A 7. que depois de aberto se cure como qualquer chaga.

Com que se ha de abrir o apóstema?

Tres modos ha de abrir os apóstemas, ou com a lâceta, ou com cauterio de fogo, ou com caustico; & da lanceta usaremos nos apóstemas superficiaes, & bem maduros, ou de materia quente, ou estando sobre nervos; & do cauterio usaremos quando o apóstema he de materia fria, ou quando ha algũa corrupçãõ, & podridãõ, ou se teme que aja; ou quando tememos algũ fluxo de sangue, ou quando queremos, que o buraco dure aberto por algum tempo, para q̃ se purgue a materia, ou quando a materia he grossa, ou venenosa; & das mezinhas causticas usamos poucas vezes para abrir apóstemas, porque causãõ dor, & não são seguras, né fazem tão boa abertura, mas usarsehão nas pessoas que não querem soffrer o ferro, & podemos usar destas, *R.* Cal virgem, & decoada forte misturado, & feito como unguento, ou *R.* Cal virgê, & sabão molle, partes iguaes, misturado que fique como unguento, ou *R.* Vidro pisado, & misturado com sabão; & usando de qualquer destes, se porá em hũa argola de pano, como didal pequeno, & no lugar mais conveniente, & com hum pano de manteiga crua de redor do caustico, & estando por espaço de três horas bastará, & ainda que não fure logo, fará hũa escara mortificada de maneira, que abrindo com a lanceta sairá a materia sem doer a lancetada, & se curará có ovo, & para o caustico não lhe doer, misturarão hum pequeno de pô de chũbo preparado.

Porque razão a abertura que se faz pela natureza, dizem
 - sin ab õr que he melhor, que a que se faz por arte?
 Este texto he de Guido, o qual se pôde entêder desta ma-
 nêira: que quando a natureza se determina depressa em al-
 gum humor quente, & madura o apostema, & o abre, he
 melhor aquella abertura, que a que se faz por arte, porqu e
 a natureza a faz com seus instrumentos, que são espiritos,
 & calor natural sem dor, & o Cirurgiaõ causarà dor, & farà
 algum dâno. Ou se entende isto quando o Cirurgiaõ abris-
 se o apostema convenientemente, & com buraco bastante
 para purgar a materia, conforme a grandeza do apostema,
 & por isso serà generativa de virus, & sordes, & fistula (co-
 mo diz o texto) porque pôr pequeno buraco não se pôde
 evacuar grande apostema, nem se pôde aplicar as mezinhas
 comodamente, para que se mundifiquem todas as partes
 de dentro, & a concavidade onde a materia estava. Ou se
 entende isto quando o Cirurgiaõ abre o apostema verde,
 porque esta tal abertura às vezes he causa de aver virus, &
 sordes, & fistulã, porque a materia està indigesta, & deso-
 bediente à natureza, & a não pôde governar como convem,
 & o calor estranho se introduz, & predomina sobre a mate-
 ria, & assim faz maos accidentes; & isto parece que entê-
 de Laurencio Iouberto, declarando estas palávras em Gui-
 do, & diz que se entende isto, principalmente se o aposte-
 ma não estiver bem maduro, porque para se madurar, con-
 vem estar fechado, & por isso na abertura feita sem tempo
 se corrompe o que fica, & se faz virus, & sordes, porque o
 calor, & espiritos mais se decepãõ, & exalãõ, & eu digo pelo
 que tenho visto por experiencia, que abrindo o apostema
 por arte regularmente, & com materia feita, he melhor aber-
 tura, que pela natureza, porque poucas vezes a natureza
 abre no lugar conveniente, nem faz buraco bastante para se
 purgar a materia, & alimpar a caverna.

Se em todos os apostemas há dor?

A isto se responde, que não, porque ainda que em todos os apostemas se achem sempre duas causas de dor, que he má compleição, & soluçãõ de continuidade, todavia estas são causas de dor, quando subitamente se introduzem no membro, porque dor he sentimento da cousa contraria subitamente imprimida, & como nos apostemas de humor frio se fação pouco a pouco a má compleição, & soluçãõ de continuidade, por tanto, poucas vezes, ou nunca tem dor, & assim diz Guido, que as cousas contrarias que fazem dor, são as transmutaçõens da natureza de quentura, & frialdade por impressãõ violenta, & são as cousas que cortão, & quebraõ, & corroem.

Porque a dor he causa de atração?

A isto se pôde responder, que avendo dor em qualquer parte, a natureza, que governa nosso corpo, manda ao lugar doente sangue, & espiritos em cantidade para socorrer ao membro atormentado com a dor, & este sangue não pôde ser governado das virtudes, & forças daquelle membro, & como alli se detem, corrópe-se, & faz apostema, & assim a natureza cuidando de ajudar, faz dano, & deste modo fica a dor sendo causa de atração; & tambem porque a dor aquenta a parte, & a quentura he causa de atração, & pelo consequente fica a dor sendo causa de atração; & tambem porque a dor enfraquece o membro, ou particula aonde está, & assim a tal particula recebe os excrementos dos outros membros & partes vizinhas, dos quaes excrementos facilmente se faz apostema, & assim fica a dor sendo causa de atração.

Porque a chaga do pé he causa de apostema na virilha?

Cousa he ordinaria, que as chagas dos cabos, & partes extremas do corpo, causão apostemas nos emuntorios,

como he a chaga do pé que causa apostema na virilha, & do dedo da mão, causa apostema no sobaco, porque no tempo, que o humor corre no lugar da chaga, passando pelos emuntorios, & partes grandulosas, se detem nellas por serem aparelhadas para receber, & porque tem a virtude expulsiva, fraca, & detido o humor, alli faz apostema, & assim fica a chaga do cabo do membro, sendo causa do apostema no emuntorio, & além da experiencia, que disto temos, no lo ensina Galeno.

CAPITULO II.

Do Fleimão.

O Fleimão, he hum apostema de sangue com inchação; quentura, vermelhidaõ, & dor.

Quantas maneiras ha de fleimão?

Ha duas, verdadeiro, & não verdadeiro, & o verdadeiro se faz de sangue, que pecca em quantidade, & o não verdadeiro de sangue, que pecca em calidade, & malicia.

Que cousa he sangue?

Sangue he humor quente, & humido, o qual he de duas maneiras, natural, & não natural: o natural he quente, & humido, temperado na sustância, vermelho na cor, & sem fedor, & de bom sabor, & o não natural he o côtrario deste.

E o sangue não natural se faz de duas maneiras, ou feruido em si mesmo, & fazendo se mais futil, ou mais grosso do que convem, ou queimandose em sua sustancia, & convertendose o delgado em colera citrina, & o grosso em melancolia sem se apartar do sangue, como diz Guido; & tambem ha outra maneira de sangue não natural, & he quando se ajunta ao sangue outro humor, como he colera, ou flema, ou melancolia.

Quantos

Quantos apostemas se fazem de sangue?

Fazem se principalmente quatro. f. do sangue natural se faz o verdadeiro fleimão, & do sangue não natural por mistura de outro humor se fazem tres, segundo os tres humores, que se podem ajuntar como sangue; porque ajuntando se colera, faz fleimão, & erisipelatozo, & ajuntado se flema, faz fleimão, & de matozo, & ajuntando se melancolia, faz fleimão scirrroso, & do sangue não natural por adustão se fazem todas as bustelas, & gostras do carbunculo, até estiomeno, como diz Guido. As quaes chamamos pustulas, mas por nome geral chamamos fleimão não verdadeiro.

De quantas maneiras se diz o apostema quente?

De duas. f. quando o apostema he humor quente, como de sangue, ou colera, & estes são propriamente quentes; ou se diz quente, quando ao apostema de materia fria se ajunta algum calor extraneo, & chama se quente accidentalmente, & por putrefação; & tambem se pôde dizer o apostema temperado, quando se faz de dous humores em iguaes partes, frio, & quente.

Quantas, & quaes são as causas do fleimão, & os sinais?

As causas são tres. f. primitiva, antecedente, & conjunta: de modo que o fleimão se faz todas as vezes que o sangue corre a algũa parte, ou por ser muito, ou sendo botado de outra parte, ou porque a mesma parte o chama, affligida cõ alguma dor, ou quentura.

Os sinais do fleimão são, inchação aleyantada, quentura, vermelhidão de sangue, dor pulsativa, resistencia ao tacto, & outros sinais, que significão enchimento de sangue, como diz Guido.

Quantos tempos tem o fleimão, & por quantas maneiras se

Tem quatro tempos como os demais apofemas, principio, augmento, estado, declinação.

E determina-se por quatro maneiras, ou por resolução, ou por maturação, ou por putrefação, ou por induração, & disto puzemos os sinais no capitulo geral dos apofemas.

Nacura do fleimão se convem sangria?

Diz Avicena, que se ha de começar a cura do fleimão, sangrando, respeitando a grandeza do apofema, & o enchimento do sangue que ouver no corpo; de modo que para se fazer evacuação da sangria, se ha de advertir, que a enfermidade o peça, & a virtude das forças o sofra, porq̃ não avêdo estas duas cousas, necessidade, & forças, não se pôde fazer sangria, & então bastará fazer esfregaçoens, & ataduras das partes contrarias, & ventosas, quando não ouver forças.

E se a inflamação estiver na cabeça, & pescoço, sangraremos do braço da mesma banda da vea de todo o corpo as vezes que forem necessarias, & faremos dirivação, & evacuação juntamente, & sangrando da vea da cabeça, fará mais evacuação, que dirivação.

E se a inflamação estiver no braço, sangraremos do outro braço da vea de todo o corpo, & faremos revulção, & dirivação, & para fazer pura revulção, sangraremos do pé, & para fazer pura evacuação, sangraremos da mão do mesmo braço, & desta sangria da mão convem em corpos já evacuados, & descarregados, & nas inflamaçoens antigas em que já não corre humor à parte.

E se a inflamação estiver do pescoço para baixo, sangraremos no braço da mesma banda da vea da arca, & será dirivação, & evacuação juntamente.

E se o apofema estiver na virilha feito por contagio, a

*Apofema
na virilha.*

que

que o povo chama mula, se fará a sangria do pé, & não do braço, porêem se a dor da virilha for grande, ou correr muito humor à parte, que temamos poderse sufocar, & mortificar-se, em tal caso, para descarregar este enchimento do corpo, & evitar este impeto de humor, se pôde sangrar do braço da mesma banda da vea da arca.

Quantos modos ha de evacuação?

Ha tres .s. revulção, dirivação, evacuação.

Que cousa he revulção?

Revulção, ou diverção, he tirar, & distrahir por partes remotas, & contrarias o humor, que corre, ou ha de correr, o qual se faz da parte alta à baixa, & da direita à esquerda, & da posterior à interior, & pelo contrario, como diz Galeno, 3. met. 6. mas na revulção das materias venenosas, se guardará esta regra de modo, que não passe o humor venenoso pelo coração, & assim se fará de cima para baixo, & de hū para outro.

E a revulção evacuatoria, he toda a descarga de humor, não sendo de parte doente, nem da vizinha: assim como sangrando do pé, se faz revulção evacuatoria do mal que está na cabeça, & peito, & esfazendo fregaçoens, & ataduras, & ventosas secas nas pernas, se faz pura revulção da cabeça & no peito.

Que cousa he dirivação?

Dirivação, he tirar o humor, que está junto da parte doente, pelo lugar mais vizinho della: assim como estando o mal no pàdar, a sua dirivação he pelos narizes, & assim pelo contrario, como diz Galeno, que estando o mal no nariz, a dirivação he pelo pàdar 5. met. rap. 3.

Que cousa he evacuação?

Evacuação, he tirar da mesma parte doente o humor que está nella, & isto se faz, ou por repercução do humor, sendo

delgado, & pouco, ou por resolução, ou por supuração, & descarga da matéria, ou por sarjaduras na mesma parte.

Se purgaremos no fleimão?

Responde-se, que no puro fleimão, não convem purgar, porq̃ como he enfermidade de sangue em quantidade, a propria evacuação, & cura, he por sangria; porém arrimando-nos ao que diz Avicenna, que poucas vezes se faz fleimão puro, digo, que aparecendo podridão no sangue, se pôde purgar, morméte avendo medicinas benignas, & brandas de que podemos usar seguramente, & pôde tomar xarope rosado, & de almeirão, & de borragens, como agoa de almeirão, & de lingua de vaca, & pôde purgar cõ canafistula; & tamarindos, & xarope de nove infusões violado, ou de nove infusões rosado, ou de Alexandria, & esta purga he refrigerativa, & minorativa; mas se for necessario purgar mais de raiz, & com mais força, ou se o fleimão estiver misturado com outro humor, se purgará conforme ao humor que peccar, & para isto se tome sempre conselho de Medico.

Que ordem se ha de ter no regimento?

No comer, & beber, & tratar, tudo seraõ abusas, que tenham a calidade contraria ao humor q̃ pecca, que he quente, & humido, & as comidas sejaõ leves, & que fação sangue temperado, como são alface, almeirão, abobora, borragens, amexas passadas, maçãs, & peras assadas, caldo de milho de pão, tizana, frangão, galinha, cabrito, & de póis carneiro, & tenha o doente o estamago, & ventre lubrico, que faça cada dia camara, & esteja quieto ao menos o membro doente.

Como se tira a causa antecedente, & conjunta?

Tirase cõ bom regimento, & sangria, & purga; porq̃ como he humor que está no corpo para poder correr a parte doen-

doente, a sua propria cura he evacualo, & não no acrecentar com mau regimento.

E a causa conjunta se tira com remedios postos na parte do cete, os quaes são, ou repercussivos, ou resolutivos, ou maturativos, & feita a materia, tirada abrindo o apostema.

Se avemos de usar de repercussivos em todos os fleimões?

Tirados os dez casos que dissemos no cap. geral, se haõ de pör repercussivos no principio do fleimão, quando o humor começa de correr, & antes que esteja senhoreado da parte, & pela ordem que dissemos no mesmo capitulo.

E dos repercussivos simples, já dissemos no mesmo capitulo, & dos compostos diremos alguns. *℞* Vinagre destemperado com muito mais agoa que vinagre, em forma que se possa beber, & os Gregos lhe chamaõ oxicrato, & os Latinos posca aquosa: ou *℞* As folhas de ensaião cozidas, & pisadas com farinha de cevada: ou *℞* Hú ovo batido com agoa rosada, & oleo rosado, & postos panos: ou *℞* Agoa de ranchagem, & rosada, clara de ovo, & cumo de ranchagem, tudo misturado, & postos panos, & assim desta maheira se podem fazer outros muitos cõpostos; mas como ao Cirurgiaõ poucas vezes vem o apostema no principio, por tanto usamos de poucos repercussivos, mas podem se usar por defensivos aonde for necessario, porque o repercussivo, & defensivo, tudo he o mesmo, sómente differem no lugar em que se poem, porque o defensivo se poem mais arriha do lugar doente, & o repercussivo no proprio lugar doente.

Repercussivo, & defensivo em que differem.

Se usaremos oleos no fleimão por repercussivos?

Se no apostema não houver grande inflamação pôde se usar de oleo rosado, violado, de murtinhos ofácino, de marmellos, de golfaõ, de dormideiras, os quaes todos são repercussivos brandos, porque ainda que as ervas de que se compõe sejaõ repercussivos proprios, o azeite as faz temperar.

Se

Se no fleimão ou ver grande dor, que se fará?

Suposta a evacuação universal da sangria, usaremos mezinhas molificativas có algũa frialdade, & diz Galeno, que as coufas maturativas abrandão a dor, porque té o calor semelhante ao corpo humano; & pelo conseguinte os resolutivos brandos, & domesticos; & as que neste caso se podem usar são como estas: *R.* Farinha de cevada, & leite, feito papas, & depois cozidas, & tiradas do fogo, lhe botarão duas gemas de ovos, & hũa onça de mucilagens de zaragatoa, & se porão em hum panó, & se remudará cada tres horas, porque secandose causará dor: ou *R.* Clara, & gema de ovo batido com leite de teta: ou *R.* Mucilagens de zaragatoa, postos panos, & molhados muitas vezes, ou *R.* Canafistula desfeita em leite, & postos panos, ou desfeita em agua de malvas: ou *R.* Emplasto feito de malvas, & violas cozidas, & pisadas com manteiga crua, & gema de ovo, & farinha de cevada; & quando estes remedios não aproveitem, podemos usar çumo de maçãs, & de alface, & sempre he bom na parte alta defensivo.

Que usaremos no augmento, estado, & declinação do fleimão?

No augmento, não sendo dos casos prohibidos, usaremos duas partes de repercussivos, & hũa de resolutivos, como estes: *R.* Rosas, violas, & macela, tudo cozido em agua, & postos panos molhados: ou *R.* Malvas, rosas, macela, tudo cozido em agoa, & pisado com farinha de cevada, & hũa gema de ovo, & oleo rosado, & de macela, & feito papas.

No estado haõ de ser partes iguaes de repercussivos, & resolutivos, como estes: *R.* Rosas, malvas, macela, coroa de Rey: tudo cozido em agoa, & postos panos: ou *R.* Malvas cozidas, & pizadas có paõ de rala, azeite rosado, & de macela, ou *R.* Miolo de paõ de rala botado de molho em cozimêto de malvaisco, coroa de Rey, & macela, & depois esprimido, & pisado có gema de ovo, & oleo de macela, & rosado.

E na declinação, se se for resolvêdo, usaremos de resolutivos, começado dos mais brâdos: *℞.* Farinha de macela, de coroa de Rey, de linhaça, de alforfas, em agoa de malvas farão papas: ou *℞.* Oleo de macela, de amendoas doces, de cebola cessem, todos juntos, ou cada hum per si: ou *℞.* Cabeças de macela, semente de endro, raiz de lirio, tudo cozido em agoa, & pisado com hum pequeno de mel: ou *℞.* Emplasto meliloto, & diaquilaõ de mucilagens, partes iguaes, misturado, ou misturado o meliloto com emplasto filij Zacharias, ou misturado o meliloto com o diaquilaõ mayor, ou diaquilaõ armonicado, & he mais forte.

E se virmos, que com estas mezinhas applicadas o tumor não se desfaz, mas antes a dor, & a dureza, & a pulsação perseveraõ, he sinal que se quer supurar o apostema, então convem mezinhas que possaõ cozer a materia, pelo q̄ usaremos em plastos maturativos, como estes: *℞.* Farinha de trigo, & arrobe de vinho, ao fogo farão papas: ou *℞.* Agoa, & azeite, farinha de trigo, & açafraõ farão papas: ou *℞.* Folhas de malvas, raizes de malvaisco, tudo cozido, & pisado com mâteiga crua, ou unto de porco, & gema de ovo, ou Malvas, raizes de malvaisco, figos passados, tudo cozido em agoa, & coado, & neste cozimento farão papas com farinha de trigo, & gema de ovo: ou pifarão os figos, & raizes cõ unto de porco, & farão emplasto: ou *℞.* Raizes de malvaisco, alforfas, figos, malvas, tudo cozido, & pisado com unto de porco, & formento de trigo; & se o apostema estiver duro, & não madurar, se fará hum banho de cozimento de malvaisco, & formento de trigo; & se o apostema estiver duro, & depois de banhado o tumor com este cozimento quente, se porã o emplasto maturativo quente, & como for maduro se furará, & curará como està dito no capitulo geral, & este mesmo banho se pôde usar nos apostemas duros, que não querem resolverse.

CAPITULO. III.

Do Carbunculo, & Antrax.

Carbunculo, & Antrax, são quasi hũa mesma cousa, & diferê segundo mais, ou menos, como diz Guido; porq̃ antrax não he outra cousa senão carbunculo malignado.

E he o carbunculo hũa pustula flematica, maligna, q̃ empóla, & queima o lugar aonde está, negra, & cinzeta, cõ vermelhidaõ escura, & com dor, & ardor, & bexigas; das quaes rotas fica huma escara, ou codia como faz o cauterio; & o antrax tem tudo isto acrescentado, em fim he carbunculo arruinado.

E ha duas maneiras de carbunculo, hum q̃te começa cõ fruncho, outro que começa logo com empola; & a razão de se fazer empola he, porque com o sangue grosso vem tambem algum delgado, como foro, que faz as empolas.

Causas.

E o carbunculo se faz de sangue grosso meyo fervido, & podre, do qual não está ainda apartado o sutil, & grosso; & o antrax se faz de sangue mais fervente, & mais podre, & com algum veneno.

Sinaes.

E os sinaes do carbunculo, são vermelhidaõ escura, dureza, dor, quentura, & fogo por dentro, & cõ michão por fóra, & he do tamanho de hum chicharo, & he muito aprefado no crecer, com bexigas ao redor, as quaes rotas, fazem escara como de fogo; & os sinaes do antrax são estes mesmos, acrescentados com grande carregamento da parte, & com algũas veas azuis ao redor, & com agastamentos, & febre, vomitos, & fastio, em fim he enfermidade aguda, & perigosa, venenosa, mortal, & principalmente se está junto de membro principal.

Se convem no carbunculo sangria, ou purga?

Todos os Authores mandão sangrar no carbunculo copiosa;

piofamente , & sempre ha de ser da parte mais perto, como se estiver no hombro, sangraremos no braço, & estando na barriga, sangraremos no pé, ou braço, & sempre da mesma banda: & senão puder sangrar-se o doente, ou por estar fraco, *Ventofas.* ou por ser velho, ou por outra alguma razão, em tal caso botaráo ventofas farjadas no pescoço para evacuar da cabeça, & nas espaldas para evacuar de todo o peito, & nas nalgas para evacuar de todo o ventre, & sempre da mesma parte aonde estiver o mal.

E feitas as evacuaçoens das sangrias, pelas quaes se tira *Purga.* a quantidade do humor, entãõ convem purgar, para cõcertar & purificar a malicia do humor, & os xaropes que convem são de limoens, de azedo de cidra, de romãs, de almeiraõ, azeitoso, violado, de borragens, & agoas de azedas, de lingoa de vaca, de almeiraõ, & tomados de qualquer destes xaropes, tres dias se pòde purgar com canafistula, & com ruibarbo infundido em agoa de almeiraõ, & com tamarindos, & xarope de nove infusoens das nossas rosas, & de Alexandria, & neste caso não convẽ mezinhas escamoneadas, & o bom he chamar conselho de Filico.

Que mezinhas se haõ de aplicar no carbunculo?

As mezinhas que se hao de aplicar na parte, haõ de reprimir, & resolver, confortando a parte com algũa sequeidade, para que gastem o humor, & defendaõ, que não venha mais, como faz o emplasto de arnogloza, & de romãas, & a gema de ovo misturada com sal pisado, & feito como unguento, & o emplasto de romãas se faz assi *℞.* Duas romãas doce, & azeda, cozida com casca, & vinagre, & pisadas, & o emplasto de arnogloza, que he tanchagem se faz assim. *℞.* Folhas de tanchagem, miolo de pão de rala, farinha de lentilhas, cozida a tanchagem, & o pão, & depois pisado com a farinha, & pode-se cozer em agua, ou oximel, & pode-se

*Emplasto
de romãs,
& arnag.*

de se misturar gema de ovo, & manteiga crua, & estes emplastos se podem usar sobre a mesma escara, & nos arredores; ou nos arredores somente, & na escara outra mezinha mais forte, como he a gema de ovo com sal; ou unguento egyptiaco, ou erva santa.

E se algué duvidar, ou differ, que os emplastos de romas, ou de tanchagem são frios, & secos, & que são repercussivos, & que o carbunculo he apostema de materia venenosa, & que lhe não convem repercussivos; respondemos cõ Galeno, que diz, que no carbunculo avemos de usar mezinhas, as quaes repercutindo o humor moderadamente, temhaõ virtude de digerir, & cozer a materia, como he o emplasto de arnogloza, & por isso o usamos; & o mesmo he do emplasto de romans louvado de todos os Authores, & pela experiencia cõsta o muito proveito que fazem neste caso, & além disto he tamanha a virtude bazar, que tem o emplasto de romans, que repercutindo algum pequeno de humor, faz proveito pela virtude q̄ leva dentro ao corpo cõtra o humor venenoso, & por isso se usa seguramente d'elle: & mais como parte da malignidade do humor está na adustão, tempeãdo a com o emplasto, perde a força da malicia o carbunculo, & tambem pelo cozimento, que se faz ao fogo, & virtude que se imprime do fogo no emplasto, fica perdendo algũa cousa de sua força, & por isso fica repercutindo moderadamente, que he o que Galeno diz.

E com tudo isto digo, que nos carbunculos de peste se devem usar estes emplastos nos arredores da pustula, & não sobre ella, & ficará em fórma de defensivo, & sobre a pustula se porá a gema de ovo com sal no principio, & depois se usará manteiga crua sómente, ou o emplasto maturativo, que he pratica que nesta peste se usou nos carbunculos, & sucedia bem; porque como he humor muito quente, & adusto, resfriando, & humedecendo com esta brandura

remetia,

remetia a malicia , & fazia cahir a escara.

E assim he pratica usada em todos os carbunculos depois de quebrada a furia, aplicar mezinhas que madurem, & rō. paõ, & façã cahir a escara, como he emplasto de malvas, & raiz de malvaisco cozido, & pisado com manteiga crua, & gema de ovo, farinha de trigo, & açafraõ , ou escabriola pi-fada com manteiga crua , & gema de ovo, & farinha de tri-go; & sempre na parte alta he bê aver defensivo, que tolha, que não corra mais humor à parte doente, como he pão de agoa rosada, ou de tanchagem, ou vinagre destempera-do, ou unguento de bolo armenico, & depois de tirada a escara se curará a chaga como as demais chagas, conforme ao estado em que estiver.

*Quebra-
da a furia
do carbun-
culo.*

Se usaremos de sarjaduras, & de cauterio nos carbunculos?

Cornelio Selio diz, que logo se queime o carbunculo cõ cauterio de fogo, & que depois se cure, como atras fica dito, com os emplastos, mas este modo de curar he molesto, & não se permite, salvo em hum carbunculo muito venenoso. Outros Authores , como Guido, Joannes de Vigo, & Paulo, & os mais, mandaõ que se sarje o carbunculo venenoso. com sarjaduras altas na escara , & nos arredores mais pe- quenos, & se lave com agua, & vinagre, & sal, & nas sarjadu- ras se ponha unguento egyptiaco, ou a gema de ovo cõ sal, ou os pòs de Joannes de Vigo, ou pòs de caparrosa crua, & em cima as papas preservativas feitas de farinha de favas, cevada, lentilhas, esvelhaca, & de tramoços em decoada, & oximel, ou xarope acetoso, & tambem se pode pôr na co- sira erva santa, & as papas em cima, & este modo de curar, he melhor, que o do cauterio, porèm as sarjaduras não se devem fazer logo, senão quando ouver inchação grande na parte, & muita malicia, porque entãõ importa descarregar pelas sarjaduras, & não avendo isto, se curará com os em-
plastos

plafto de rōmans, & depois cō os maturativos para tirar a escara, como atrās fica dito.

Pombos.

*Sangue-
xugas.*

Tambem costumaõ alguns aplicar no carbunculo frangaõs, ou pombos abertos vivos, & fazem proveito, porque atraem para si o veneno; & o mesmo faz pondolhe o cefso de hum galo vivo, & tambem se pōdē aplicar fanguexugas.

Se a cura do antrax he diferente do carbunculo?

A cura do carbunculo, & do antrax, he quasi hũa nos remedios topicos da parte, mais brandos no principio, quando se diz carbunculo, & mais fortes, & apertados, quando se diz antrax, & assim pode mos dizer que começa em carbunculo, & passa a antrax, & logo a gangrena, quando a parte se vay mortificandc, como neste caso quasi sempre acontece, & entãõ se curará como gangrena.

*Unicornio, pedra
bazar.*

E nos mais remedios universais se ha de acudir no antrax com mais diligencia ao coração, & a todos os mēbros principaes, para os ajudar a defender do veneno, q̃ o antrax tē mais que o carbunculo, para o qual he bom dar pela boca coufa contra peçonha, como he unicornio, pedra bazar, tres grãos cada dia em agua de azedas, & talhadas de diamargaritaõ frio, & confeiçaõ de jacintos, ou cõfeiçaõ de alquermes meya oitava em duas vezes, ou botada em cãtidade de agoa de azedas, ou de lingoa de vaca para beber de continuo, ou botar na agoa de azedas meya onça de polpade tamarindcs, & beber desta agoa, & no coração se porãõ panos molhados e hũa epitima feita de agua de almeiraõ, & de azedas, & rosada, & de flor, & pòs de sandalos, & diamargaritaõ, tudo misturado, & a casa serã tēperada cõ coufas frias,

Epitima.

*Regimen-
to.*

& comerã no principio tisanas, lētilhas, alface, almeiraõ, & depois galinha, & carneiro; & todas as coufas azedas sãõ boas, ccm. o he limaõ, laranja, romãa, agrãço, & casca da cidra

cidra he grande contra peçonha, ou çumo della botado em qualquer comida, & assim botado hũ pequeno de çumo de fta casca em qualquer purga, a faz cordeal, & no sabor mais facil de tomar, & tambem he boa neste doente a conserva de abobora, do talo de alface, da raiz de escorcioneira, & de lingoa de vaca, & açucar rosado, & confeitos de rosas.

*Cidra he
contra pe
çonha.*

CAPITULO. IV.

Da Gangrena, & Estiomeno.

GAngrena, he principio de mortificação de algũa parte, a qual nã está inda de todo morta, nem privada de todo o sentido, mas vai morrendo, porque se de todo estivera morta, se chamarà estiomeno, ou esfacelo, que he total destruição, & mortificação do membro.

E são tres as causas da gangrena, conforme a doutrina de Guido, hũa quando o membro não pôde receber os espiritos vitais, que o coração lhe manda pelas arterias, & isto por razão de algũa frialdade grande, que desconcerta a cõpleição do membro, como acõtece nos que caminhaõ por grandes neves, & frios, que se lhe resfriaõ os pès, & mãos, & narizes, & se perdem, & isto chamamos gangrena por causa fria; & diz Galeno, que a frialdade, não sómente empobrece o membro do seu proprio calor natural, mas que o consume de todo. E isto mesmo acontece quando nas grandes inflamaçoens se usaõ repercussivos desordenadamente, & fortes, que resfriaõ a parte de maneira, que não sómente tolhem, que não venhaõ os espiritos à parte doente, mas os que alli estão, os não deixãõ evaporar, & assim de necessidade se ha de mortificar a parte resfriandose.

Estiome.

1. caus.

A segunda causa, & modo de gangrena, he quando os espiritos vitais, & calor natural do membro se afogaõ, como acontece nas grandes inflamaçoens, & inchaçoens, as quaes com a grande quentura, & carga do sangue, tapãõ as veas,

2. caus.

& arterias, & os póros do couro de modo, que os espiritos carecendo de respiração, se afogaõ; & mortificase a parte, porque toda a cousa que carece de ventilação, facilmente se apodrece, como diz Galeno. E esta mesma mortificação, faz excessiva, & demasiada quentura, & venenosidade das pustulas malignas, & das mordeduras de animais venenosos ou feridas feitas com instrumento que leua peçonha, que com a grande quentura peçonhenta apaga os espiritos, & assim se mortifica a parte.

A terceira maneira, & causa da gangrena, he quando por razão de algũa atadura, se prohibe passar os espiritos a dar vida ao membro, como acontece nas fracturas simples, nas quaes atando as talas com que se encaixa com ataduras apertadas, tolhe que não passem os espiritos, & assim se perde tudo o que está atado para baixo, & o mesmo acontece na perna despedaçada, ou por espingarda, ou por caída, porque sendo cortada a mayor parte da carne, se cortaõ as arterias, & veas, & não ha por onde passem os espiritos, & assim tudo o que fica da ferida para baixo se perde.

De modo, que a primeira causa, he quando os espiritos vem à parte, & ella os não recebe, por estar muito fria, & desconcertada a compleição, & armonia do membro. A segunda he, quando os espiritos vem à parte, & a parte os recebe, mas afogaõse com a carga do sangue, & grande quentura da parte. A terceira he, quando os espiritos não chegaõ à parte, porque lho tolhem no caminho, & não tem por onde passar.

Quaes são os sinais da gangrena, & estiomeno?

São da gangrena, perderse a cor da parte inflamada, & ficar azulada, ou de cor de biringela, & vai faltando a dor, & pulsação, & sentimento, & não diminue a inchação, & a isto chamão gangrena, & passando adiante, se faz o membro negro, molle, & fedorêto, como cousa morta, & isto chamão estio-

estiomeno, & esfacelos, & ascachilos, ainda que Ioannes de Vigo diz, que ascachilos, he quando se perde o sentido, que avia na gágrena, & corrupção da carne, & que o estiomeno, he total corrupção, & podridaõ do membro. E na gangrena de causa fria, fica o membro da mesma cor, que dantes tinha, & quasi parece, que está mais branca, & tocando com hum alfinete, não tem sentimento, & o doente sente o membro pefado, & resfriado, como cousa que não he sua.

*Esfacelo,
Scabil.*

Como se cura a gangrena de causa fria, & de atadura?

Curase a de causa fria, aqueitando a parte cõ mezinhas quentes, & attractivas, como são oleo de minhocas, de cebola cêssem, & de louro, & de maçã, & de raposo, & de euforbio, & panos quentes, & animais vivos, como são pãos, galinhas, cachorros, cordeiros, & outras cousas, que aqueitaõ a parte resfriada; & tambem convem esfregaçoens fortes com as mãos, & panos de linho novos, & quentes, ventosas secas na parte resfriada, tudo para aqueitar, & chamar sangue, & espiritos à parte.

E se isto, & outros remedios não prestarem, he remedio, por salvar o corpo, acodir cõ brevidade a cortar toda a parte do membro, que estiver resfriada, & sem sentido, & isto pela parte saã, & queimalo com fogo, ou trementina, & curalo como as demais chagas desta calidade, procurádo sempre a quentura da parte, ainda que este remedio he miseravel, porque neste caso poucas vezes presta.

E nota, que na gangrena de causa fria, não convem sarja-duras, porque quanto, mais se sarja mais se perde, & mais se resfria a parte.

*Sarja
não convem.*

E esta mesma ordem de cura quasi, se fará na gangrena causada por atadura, tirando primeito a atadura, & procurando chamar espiritos à parte.

Na gangrena por atadura.

E nos casos em que as veas, & arterias são cortadas, &

despedaçadas, não ha esperança de remedio, porque não ha por onde o sangue natural, & vital, se possa communicar á parte cortada.

Como se cura a gangrena, feita por causa de grande inchação, & inflamação?

Esta se cura por evacuação, porque se faz por enchimento, & assim começaremos sangrando, como convem fazer nos grandes fleimões, & inflamações, as vezes que forem necessárias, & o mal der lugar, & ouver forças no doente, & o mesmo faremos na purga, & avendo lugar para se poder purgar, se pôde fazer com diacatolicoão, & polpa de canafistula feita em bocados com açúcar, ou desfeita em cozimento de flores, o que se dará assim depressa sem xaropes para minorar a causa antecedente, & depois dando a doença lugar, se purgará, como convem, dandolhe xaropes, como dissemos no antrax, & assim se fará no regimento da comida, & das mais cousas, tendo sempre a tenção em fortificar, & sustentar as forças do doente.

Porém, he este mal tão furioso, que muitas vezes não dá lugar, mais que para acudir aos remedios derradeiros, juntamente com os primeiros, & assim cõvem descarregar logo a causa conjunta, sarjando a parte mortificada, & os arredores della, para que o sangue que alli està junto, que afoga o membro, se descarregue, & o membro doente se ventile, & saõ as sarjaduras neste mal muito grande remedio, as quaes haõ de ser na mortificação, até o fundo della, & chegar ao vivo, & nos arredores menos, quanto sómente baste para descarregar algũ sangue da inchação, & lavarão as sarjaduras com agoa salgada quente, ou com agoa, vinagre, & sal, para q̃ cõ aquétura o sangue grosso alli detido, & coalhado se derreta, & fairs para fora, & cõ a virtude do sal se preserve a parte saã de pedrida, & nas sarjaduras se porá mezinhas, q̃ atalhẽ

Sarjar.

Agoa sal-
gada.

he a podridão, & a defenda, conservando a carne saã que não apodreça cõ o unguento egypciaco, ou erva santa pifada, & em cima papas preservativas, feitas cõ xarope acetoso, & parando cõ estes remedios a mortificação, se continuará até cair a escara, & caída, se curará a chaga como as demais chagas no estado em que estiver. E se a mortificação não parar, & o mal for por diante, & o membro se começar a fazer molle, & podre, o melhor, & mais seguro remedio he a partar o podre do saõ, & botalo fóra, & cauterizar a parte com fogo, & conservar a escara com pões de caparrosa queimada, & pranchetas de fios secos, & panos, ou estopadas de ovo, & em cima pano de papas preservativas, & na parte alta defensivo, & caindo a escara, se curará a chaga segundo o estado em que ficar. E se com tudo o mal for avante, & o membro apodrecer de todo, ao qual chamamos estiomeno, ou esfacelo, que he total mortificação, & podridão do membro, em tal caso não ha outro remedio, se não cortar o membro para salvar o corpo.

Esfacelo,

Como se ha de cortar hum membro podre ?

O primeiro, que se ha de considerar no cortar do membro, he se tem o doente forças para poder sofrer o trabalho, & se cortando o membro, poderá sarar o doente, & ha se de dizer o perigo, que corre no fazer da obra, porq̃ pôde morrer fazendoa, ou depois de feita, & tambem pôde sarar, mas que não tem outro remedio de cura, senão este.

E avendo de se cortar, se ha de atar hũa atadura, ou fita na parte saã, & antes de atar, ha de puxar com força o couro para cima, & entaõ atar a fita na carne sã, bem apertada, & o proximo desta atadura he, para que o doente sinta menos a dor do cortar, & para que não aja grande fluxo de sangue ao cortar da carne, & veas & tambem para que depois de feita a obra, desatãdo esta atadura, fique o couro caindo sobre

*Modo de
cortar.*

bre a carne, & sobre o osso coita lo, & fica o sangue mais seguro, & o membro mais fermoso depois de encourado.

Ferrar.

De modo, que atada a atadura na parte saã tres dedos, ou mais arriba do podre, logo com hũa navalha cortaràs a carne em redondo até o osso entre o saõ, & o podre, demancira, que vá todo o podre fôra, & fique cortando pelo saõ, & logo com hũa ferra muito delgada, & sutil ferraràs o osso, & queimaràs toda a carne, & osso, & o que bastar para confortar a parte, & para estancar o sangue, & todas estas tres obras se haõ de fazer com muita diligencia, porque não se vá muito sangue, & perigo o doente.

Queimar

E cauterizada a parte de boa pratica, cobrir toda a chaga cauterizada com pôs de caparrosa queimada, ou pôs reſtitivos, ou cõ pôs de mirra, & incenso, & azevre, todos tres misturados, os quaes pôs servem de fazer a escara mais firme, para que se sustente, até que as cabeças das veas, & arterias soldem & emcima dos pôs, pranchetas de fios secos, & depois estopadas, ou panos de ovo, & panos de vinagre destepado & atadura cõveniẽte, & sempre na parte alta defensivo, & convem sustentar a escara, não se tire depreſsa, botãdolhẽ os pôs sobreditos, & os de incenso, mirra, azevre, saõ muito bons, porque alẽm de estancarem o sangue, tambem preservão de corrupçãõ, & como cair a escara, que será por sua vôtade, & não por força, se curarà a chaga no estado em que ficar, & sendo caso que em algũa parte da chaga fique algũa podridaõ, lhe porãõ egyptiaco, & não obedecẽdo, se tornarà a queimar, & se ficar a chaga çuja, se alimparà cõ digestivo, & se ficar limpa, se curara com fios secos, & pano de unguẽto de tutia, ou branco, & pôs de encourar, feitos desta maneira: *re.* Coral vermelho, pedra ùmi queimada, meya onça de cada hũ, bolo armenico tres oitavas, mirabolanos citrinos, & balaustias, de cada hum duas oitavas, de tutia hũa oitava, & tudo junto faça pô sutil.

Pôs de encourar.

O mem-

O mēbro seja posto em sitio, que esteja com pouca dor, porẽm alto, pãr estar mais seguro do sangue, & o doente coma registadamente, que não crie muito sangue, & de modo que as forças se sustentem para sofrer o trabalho, & comerá acucar rosado com pões de bolo armenico, ou sem elles, & comerá lentilhas, tifanas, caldos d'amido, frangãos, & galinha assada, & pões de carneiro, arroz, biscouto, & bebã agoa ferrada, de modo, que toda a tenção seja resfriar, & engiollar, & apertar o sangue, para q̃ não corra à parte doente.

CAPITULO V.

Do Panaricio.

PAnaricio he hum apostema, que nasce nos dedos junto das unhas, & chama-se em Grego *Panonichia*.

Faz-se o panaricio de sangue quente, & colerico, & he de natureza muito ardente, & venenoso, & tanto, que com sua venenosidade, & quentura corrompe o nervo, & ás vezes o offo.

Faz o panaricio febre, & dor grande, & muito aguda, & cruel, & fobe a dor da mão atẽ o sobãco, & do pẽ atẽ a virilha, & faz delirios, & desmayos, & ás vezes morte.

E pela maior parte o panaricio se madura, & he doença peor do que parece.

Como se cura o Panaricio.

Curase com muita dieta, como os apostemas de sangue, & de colera, & com sangrias, & purga, & sendo de sangue, mais sangria, & sendo de colera, mais purga que sangria, & sangrarão no outro braço, & usarão os xaropes, & purga, que dissemos no erisipela, & no herpes, & no apostema, usaremos remedios estiticos no principio, como comẽçar de doer, para prohibir que não creça o apostema, para o qual he louvado meter o dedo em vinagre forte quente, quanto poder sofrer, por espaço de meyo quarto de hora, & fará q̃

não creça o panaricio: & Aecio manda pôr pães molhados em agoa fria, & muitas vezes, & para o mesmo se pôde pôr clara de ovo batida com oleo rosado, ou hum miolo de pão pisado com çumo de tanchagem, ou çumo de tanchagem, & de erva moura, bolo armenico, tudo misturado, ou os emplastos de érnagloza, & de romãs, que se usão nos carbunculos, ou hûas papas feitas de farinha de lentilhas, cevada, & favas, hûa onça de cada hum, & pôs de mirabolans citrinos, hûa oitava de agalhas, meia oitava em çumo de romãs, ou de agrão, ou de tanchagem, & hûa gota de oleo rosado, & hûa pequena de agoa, & se o apostema parecer, que se resolve, lhe porão papas feitas de farinha de esvelhaca, & de tramoços, & favas em agoa mel cozidas, & se parecer, quer fazer material, se porão maturativos de malvas, & violas cozidas, & pisadas cõ manteiga crua, gema de ovo, farinha de cevada, & feita a materia, se abrirã, & curarã como hum fleimão aberto, & não convem esperar maturação perfeita, por dar saída à materia, que não se detenha sobre o osso, & se abrindo fãir materia delgada, & fedorenta, he sinal de aver corrupção no osso, & he tão toim gencro de apostema, que se vem a mortificar o dedo, & a mão, & em tal caso se curarã como huma gangrena.

Narcos. E às vezes no principio são tão grandes as dores, que obrigaõ usar mezinhas narcoticas, que são frias no quarto grao, para adormecer o membro, como he opio, & o meimêdro, mas são perigosas, porque resfrião muito, & avendose de usar se pisarã em pouca quantidade cõ enxundia de galinha, ou usaremos as babugens da zaragatoa, ou da semente das malvas, que mitiguem a dor brandamête resfriando.

Cauterio. E Joannes de Vigo diz, que não ha melhor remedio para a dor do panaricio, & para conservar a corrupção do nervo, & do osso do que logo antes de ser maduro abrir com hum cauterio de fogo na cabeça do dedo ao longo.

CAPITULO VI

Da Esquinancia.

Esquinancia he hum apostema na garganta.

E são quatro especies de esquinancia. A primeira, quando está nos musculos de fóra, & se vé claramente a inchação. A segunda, quando está nos musculos de dentro, na garganta, & aparece a inchação para as fauces, & amígdalas, abaixando a língua. A terceira, quando está nos musculos de dentro do izofago. A quarta, quando está nos musculos da traca arteria, ou no epligotis. E Galeno poenta quinta especie, a que chama estruma, que se faz por dilatação do primeiro, ou segundo espondilo do pescoço.

E as causas da esquinancia, são como dos outros apostemas geraes, & particulares, & pela mayor parte, ou sempre se faz por dirivação.

Quaes são os sinaes da esquinancia, & os pronosticos?

Os sinaes da que está nos musculos de fóra, são a inchação da garganta pela bnda de fóra: os sinaes da que está nos musculos de dentro, são a inchação de dentro, a qual às vezes se vé abrindo a boca, & parece a inchação nas ilhargas; & abaixo da cápainha, & també aparece de fóra debaixo do queixo na garganta: os sinaes de estar no izofago, he não poder egolir, & da q está na traca arteria, he não poder respirar.

E além disto o doente té febre, & frio, dor de cabeça, & a garganta chea de escarros, sem poder botalos, & estando deitado se afoga, os olhos estão sahidos para fóra, fala pelos narizes, tem o pulso apressado, grádes agastamétos, & inquietações, & os pés frios, & muitos suores, & todos são sinaes roins, & perigosos; & estes sinaes se vem, & acontecem pela mayor parte, naquella, que está na traca arteria, q tolhe a respiração, porq esta he mais perigosa, & estão tão perto hñas partes das outras, q estão de hña, logo se comunica a todas.

E quan-

E quãdo a esquinancia se faz de sangue sómente, ha grã de inflamação em tudo, & o doente tem dor, & sede, & na de colera tem mayor secura, & quentura, & amargores de boca, & na de flemma tem a bôca sabor de sal, & a lingua brãca, & pegajosa, & pouca sede, & pouca inflamação, & pouca dor, & pouca febre, & na de melancolia tem dureza na inchação, & sabor de vinagre na bota.

E o que se pôde pronosticar na esquinancia, he ser doença muito perigosa, & na que não apparecer inchação por dentro, nem por fóra, & o doente parece, que se afoga, morrerá mais depressa, & a que tiver inchação manifesta, he menos perigosa, & se a inchação estiver de fóra, & abaixar para o peito por fóra, he menos perigosa, & se abaixar pela banda de dentro do peito ao bofe, & fizer febre, morrerá, & se passar o seteno, ficará empiemático, que he ter materia no bofe, & paniculos no peito, & se botar escarros por tosse, pôde sarar,

Empiem.

Como se curará a Esquinancia?

A cura da esquinancia he tam apertada, que escaçamête ha tempo para fazer remedios, por ser doença muito aguda, principalmente a de sangue, pelo que se ha de acudir cõ muita pressa, & diligencia, & logo fazer fregações fortes ás pernas, & logo hũ cristel, & logo sangria, & o mais proveitoso remedio he sangria, & nam ha de ser hũa só vez, mas muitas, & copiosas, & tres, & quatro em hũ dia, segundo a necessidade apertar, & do braço da vea de todo o corpo, & da cabeça, & se for molher, que lhe faltou o mez, ou homem que lhe estancaraõ as almoreimas, he bom fazer a primeira sangria no pé, & as demais nos braços, & depois de sangrado bẽ nos braços, se pôde sangrar debaixo da lingua para eyacuar da mesma parte, & faz grande proveito.

Tambem são bõs os cristéis, & podem se fazer, & botar cõ

cana //

Cristeis.

canafistula, & com electuario de çumo de rosas, & açucar preto, & oleo violado, & se o quizerem mais agudo, o farão de cozimento de centaurea nevada, aristoloquia, & mel, & çumo de asselgas. E tambem são boas ventosas nas espaldas, & pescoco, para que tirem o humor de dentro para fóra, as quaes se haõ de botar depois de feitas as evacuações uniuersais, & serão sarjadas. (A viçena manda botar hũa ventosa seõca detrás no toutiço ao tempo de comer, para q se possa engolir, & que se mude muitas vezes) E tambem são boas as fregações, & ataduras das pernas, & dos braços, & untar o pescoco cõ oleo de amendoas doces, & cobrilo de lã lidro. *Ventosas*

fa: & Paulo Ginetá manda meter os pès em agua quente muitas vezes, & nã materia quente gargaréjar com agua de tanchagem, & de almeirão, & de cevada, & vinagre, & arrobe de amoras, ou xarope acetoso, & por fóra emplasto, & unguentos, como estes: R. Azeite de macela, de cebolã cefsem, de minhocas, & de amendoas doces, mēya onça de cada hũ, cera, o q bastar, faça ungueto, & posto em hũ pano no pescoco: ou R. Hũ ninho inteiro de andorinhas, com palhas, & fudo, raizes de malvaisco duas onças, & cinco figos passados pretos, & cabeças de macela, parictaria, rosas, hũa mão ohearinhas, de cada hũ, coza tudo em agua, & pizefe, & faça emplasto, & ponhase em hum pano no pescoco, & pela boca pòde tomar lãbedor de violas, & pòde misturar cõ o lãbedor os pòs de andorinha, os quaes se fazem assim: degoladas as andorinhas, & logo metidas em hũa panela, de modo q se embébanellas o sangue, & lhe botarão hũas pedras de sal, & tapada a panela, a meterão no fogo até que se seque, & as pifarão. *Emplasto de andorinhas*

& farão pòs: & tambem pòde tomar o doente hũs bafos por hũ funil, metida a ponta dentro na boca, & se farão de cozimento de curegãos, izopo, semente de funcho, segurella, & hum pequeno de vinagre, tudo cozido em agua. *Bafos pela boca*

E se a esquinancia não quizer resolverse, & parecer que *Madruga* quer

quet madurar, ajudaremos com emplastos, & gargarejos
 maturativos, os quaes se farão de cozimento de ameixas pas-
 sadas, raizes de malvaisco, tudo cozido em agoa para gar-
 garejar: ou este R. Raiz de alcaçuz, & de lirio, meya onça de
 cada hum, & hú punhado de farelos, & seis tamaras, & qua-
 tro figos, coza tudo em agoa, & coado lhe juntarão huma
 colher de mel para gargarejar: ou R. Tamaras, passas, figos,
 ameixas, linhaça, alforfas, hum pouco de cada hum, tudo
 cozido em agoa, & coado, lhe botarão hú pequeno de leite
 para gargarejar, & por fóra lhe botarão emplasto matura-
 tivo, feito de malvas, raizes de malvaisco, linhaça, alforfas,
 figos passados, tudo cozido em agoa, & pisado com miolo
 de pão alvo, & unto de porco, & feito emplasto, & se não
 arrebentar, a furarão com húa lanceta, atadas as tachas com
 húa linha, que fique a lanceta comprida, & abaixando a lin-
 goa com hum badal, ou húa colher de prata, meterão a lan-
 ceta por cima do badal, & furarão a inchação, se parecer,
 posto que quasi sempre atrebenta com os gargarejos, & se a-
 postemar pela banda de fóra, o que poucas vezes acontece,
 se furará, & curará, como os demais apostemas, & pela ban-
 da de dentro, depois de furado, não tem mais cura que gar-
 garejos dos arribaditos, para que fação purgar a materia, &
 depois com agoa cozida com cevada, & açúcar rosado pa-
 ra mundificar, & depois com agoa cozida, com rosas, balaus-
 tias, cevada, açúcar cande, para encourar.

Esse resquencia for de humor frio, & não atormentar
 muito o dente, pode se resolver, ou madurar, & usaremos ho-
 principio este gargarejo R. Maças de cipreste, balaustias, &
 húa pequena de almecega, cozido tudo em agoa mel, & coa-
 do lhe botarão arrobe de amoras, & passados dous dias, fa-
 rá este R. passas, figos passados pretos, linhaça, alforfas, tu-
 do cozido em agoa, & coado lhe botarão xarope acetoso, ou
 oximel, com que gargarejará: ou R. Malvas, alforfas, figos
 passados,

passados, cabeça de macela, cozido tudo em agoa, & coad o
 lhe misturarão hũa colher de mel, & se começar de botar
 alguns escarros, tomarà lambedor da véca, & mel rosado ás
 colheres, & depois para encourar algũa chaga se ficar, faraõ
 lavatorio de cevada, rosas, balauustias, & mel rosado, ou xa-
 rope rosado.

E em toda a esquinancia a dieta serà muito delgada, & *Dieta*
 comerà agoa açucarada, tisana, caldo de amido, caldo de lê-
 tilhas, caldo de miolo de pão, caldo de grãos, caldo de fran-
 gão, & de galinha, ovos brandos, & o doente durma pouco,
 & tenha a cabeceira alta, & não esteja de costas, & o ar da
 casa seja temperado, conforme o humor que peccar.

E dizem algûs, que comendo hũa andorinha assada das *Preferua*
 que estão no ninho, q̄ preserva da esquinancia (ao que he *ivo.*
 costumado a tella muitas vezes) por propriedade, que para
 isso tem. E tambem dizem, que a cabeça da vibora trazida
 ao pescoço, he proveitosa para a esquinancia por proprie-
 dade oculta.

CAPITULO VII.

Da Ránula.

RAnula, he hũa apostema debaixo da lingua, & chama- *Sinaes*
 se ranula, porque parece hũa cabeça de rã, & tem a
 cor branca, que tira a vermelho, & ás vezes he tamanha, que
 parece outra lingua. E faz-se de huma humidade grossa, *Causa.*
 & viscosa, como clara de ovo, que desce da cabeça.

E a ranula, que he alyva, vermelha, & branda, he curavel, *Pronost.*
 & a q̄ he negra, fusca, & dura, & de muitos dias, esta tal não
 se toque, porque he cancrosa, & incuravel, & se curara cõ
 cura paleativa, & lavatorios de agoa cozida com malvas,
 raizes de malvaisco, cevada, chumbo, erva moura, açucar, &
 lhe botarão na inchação pòs de chumbo, & de rutia prepa-
 rada, em fim se tratara, como cãcro apostema. E a ramula, q̄
 he

he branda, alva, & vermelha, & de poucos dias, se curará cõ regimento de mantimentos temperados. s. borragens, caldo de graõs, passas, amendoas, frangão, galinha, carneiro assado, & se ouver carga de humores no corpo, se fará sangria do braço da vea de todo o corpo, & tomará xaropes de borragens, & rosado com agoa de lingoa de vaca, & purgará cõ catalicão, & xarope de Alexandria, ou com piloras agregativas, & acochias. E a inchação se lavarà com vinagre cozido com pedra umi, & sal, & lavada, lhe botarão pòs de sal torrado, ou pòs de ouregaõs, de cascas de romãs, & sal misturados, ou pòs de agalhas, & balauftias, & sal armoniacado; & Avicena diz, que os pòs dermodatiles, & dragaganto queimado, & misturados cõ clara de ovo, he remedio experimentado. E Philonio manda lavar a ranula com agoa cozida com ouregaõs, poejos, mentraustos, piretro, raiz da ortiga, & que lhe botem estes pòs: R. Sal armoniacado, salgema, piretro, hermodatiles, raizes de lirio azul, ouregaõs, hũa oitava de cada hũa, & feitos pòs, que botarão na ranula, & conspirà logo fóra: & se isto não bastar, & não se resolve, então se furará com lanceta, & tirada a materia, lavarão com vinho quente, & tornarão a botar qualquer dos pòs, & passados dous dias, lavarão com agoa ardente, ou com vinho cozido com incenso, mirra, & almecega; & se isto não bastar, & tornar a inchar, a furarão outra vez, & farão o mesmo lavatorio; & pòs, & se tornar a inchar, a furarão com hũa cauterio de fogo sutil; & lavarão logo com agoa cozida cõ cevada, & açucar rosado, & depois de tres dias lavarão cõ vinho cozido com incenso, & mirra; & se com tudo isto tornar a inchar, he final que está a cabeça chea de humidades, convem tornar a purgar, & darlhe agoa do pao das antilhas, da falça de regimento, ou suando.

CAPITULO VIII.

Da Optalmia.

Optalmia he hũa inflamação, & apostema na tunica do olho, que chamaõ albuginea, & desta tunica he propria enfermidade.

As causas da optalmia, são como de todos os demais apostemas géraes, & particulares, & quasi sempre se faz por reuma da cabeça, & por causas primitivas, como he fumo, vento, pó, fogo, pancada, & mau regimento, & demasiado uso das cousas quentes, & vaporosas, como he alhos, cebolas, pimenta, mostarda, nozes, favas, vinho, & outras cousas semelhantes.

Os sinais, são como de outros apostemas dos quatro tumores, & alli os sinais de sangue são vermelhidaõ, & quétura no olho, & das fontes, & visto a inchaçaõ, & grossidaõ das veas da tunica albuginea, & muitas lagrimas, & humidade grossa nas pestanas, & pezo na cabeça, & em todo o corpo.

E final de ser de colera, he dor, & quétura forte, & aguda, & vermelhidaõ clara na tunica, & em todo o olho, & muitas lagrimas com acrimonia, & pouca humidade nas pestanas, & picadas, & morditaçaõ dentro no olho, q̃ parece, q̃ té area. E final de ser de flema, he muita inchaçaõ com pouca vermelhidaõ, pouca quétura, pouca dor, & lagrimas, sé acrimonia, & às vezes crece a tunica albuginea sobre a cornea.

Sinal de ser de melancolia, he pouca inchaçaõ, pouca vermelhidaõ, poucas lagrimas, pouca humidade.

E tem a optalmia quatro tempos, como os outros apostemas.

Como se cura a optalmia?

Curase a optalmia com bom regimento de dieta, de tizana, caldo de miolo de paõ, amexas passadas cozidas, maçãs, & peras assadas, chicoria, frangão, galinha: beba agoa
fria

fria, ou cozida com cevada: guardese de coufas, que podem botar fumos à cabeça, & de vinagre, & coufas azedas, & verdes, & no cabo do comer, he bom tomar confeitos de rosas, & de coentro, marmelada, marmelo para reprimir os fumos do estomago, q̄ não vão à cabeça, & o doente esteja em lugar escuro, & tenha diante panos verdes, ou azuis, ou pretos guardese da claridade, do fumo, do vento, do còito, da ira: não esteja sobre o olho, tenha a cabeça alta, & faça por dormir, & não vigiar: esteja quieto, não ponha a mão no olho, & tenha o ventre lubrico, fazendo cada dia camara.

Sangria.

E a sangria na optalmia de sangue, se fará as vezes que for necessario da vea de todo o corpo, & da cabeça; & nas dos outros humores não convê sangrias, mas convê purga, & em todas convem cristeis & esfregações, & atadura nas pernas, & ventosas nas espadoas, & pescoço, & sedenho, & cauterio no toutiço, & na moleira; & isto de sedenho, & cauterio são remedios asperos, & derradeiros, quando todos os demais não aproveitaõ: & na de materia quente, depois de feitas as evacuações universais, he bõ cortar as arterias, ou veas das fontes, & fechada a ferida da lanceta com hum grão de trigo, & tambem he bom sangrar na vea da testa.

*Ventosas.
Sedenho.*

*Veas das
fontes.*

Purga.

E a purga se fará conforme o humor que pecca, como se disse nos capitulos do fleimaõ, do erisipela, do edema, do scirro, pelo que se for de sangue, ou colera, tomará xarope rosado, ou violado, & de endivia com agoa de endivia, & purgará com piloras aureas, ou com canafistula, & tamarindos de conserva de açucar & xarope de nove infusões, das nossas rosas, & se for de flema, ou melancolia, tomará xarope de borragens, & mel rosado com agoa de lingua de vaca, & purgará com piloras tochias, & agregativas, ou com diacatolicaõ, & confeição hamer, & diafenitaõ, & chamará conselho do Medico.

E no olho, no principio, na optalmia de sangue, & colera
porãõ

porão clara de ovo batida cõ agoa rosada, para tirar, & reprimir a acrimonia do humor, & a inflamação: ou porão o colirio branco de Razis sem opio desfeito em agoa de tanchagem, de que botarão hũas gotas dentro no olho, & hum paninho molhado em cima, & as beldroegas pisadas, & postas sobre o olho he bom remedio, ou as mucilagēs de zaragatoa feitas em agoa da fonte, posto hum pano molhado nellas, ou tomarão as mucilagens de zaragatoa, & de alquitira, & pivides de marmelo feitas em agoa rosada, & coadas duas onças, & da agoa q̄ se destila de clara de ovo muito batida meya onça, & de leite de mulher que crie menina, meya onça, misturado tudo, & botado dentro no olho, & posto hum pano molhado em cima, & he bom lavar o rosto com agoa de cisterna, ou com agoa cozida com dormideiras, ou com linhaça & sobre as fontes, & desta porão hum emplasto feito de çumo de tanchagem, de ensaiaõ, de erva moura, dalmeiraõ, misturados com farinha de cevada, & oleo rosado, ou em algum destes çumos coado, & molhado hum pano, & posto sobre o olho, & testa, ou clara de ovo batida cõ agoa rosada, & bolo armenico, & sangue de dragõ, & posto na testa.

E nota, que as mezinhas, que se haõ de por dentro no olho, haõ de carecer de toda a acrimonia, & aspereza, & haõ de ter brandura, & por isso se haõ de pizar, & peneirar muito bem, nem haõ de ser repercussivos fortes, mas moderadamente frias, porque he membro muito sensitivo, & haõ de ser actualmente frias, como diz Galeno 13. de ingenio cap. 3.

E no aumento, botarão dentro no olho leite de mulher que crie menina, ou as mucilagens de pivides de marmelo, & de alforfas tiradas em agoa rosada, & lavar o olho com agoa cozida cõ alforfas, as quaes sejaõ primeiro lavadas tres vezes em agoa fria, & depois cozidas e agoa, e vaõ limpo,

& se a materia he grossa, acrecentarãrã neste cozimento somente de funcho doce.

E no estado, botaráo dentro no olho mucilagens de alforfas tiradas em agoa de coroa de Rey: ou. *℞.* Semente de funcho, & alforfas, duas oitavas de cada hũ, façãõ mucilagẽs em agoa da chuva, & coese por hum pano limpo, & ajũtese lhe leite de molher, & botese no olho, & note que o leite se misture ao tempo que se ha de deitar no olho, porque logo se corrompe, & azeda, & faz dano, & tambem he boa agoa de tutia, porque primeiro faz sair lagrimas, & depois tira a dor: a qual se faz desta maneira: *℞.* Tutia preparada duas oitavas, canfora hum escrupulo, vinho branco hũa onça, agoa rosada hũa onça, misturese em hum vidro, & bote hũas gotas no olho, & se ouver algũa dor, farãrã este emplasto de miolo de pão molhado em agoa rosada, & pisada com leite de peito, ou façãõ emplasto de hum pero camoés assado, & limpo da casca, & caroço, & pisado com agoa rosada, & leite de peito: ou seja cozido o pero em agoa rosada, & pisado cõ leite de peito, & posto entre dous panos de linho velhos, qualquer destes emplastos sobre o olho, para abrandar a dor, & desinflamar, & desinchar, & dentro no olho botaráo este colirio: cozerãrã hũ ovo, que não fique duro, & tirar lhe hãõ a casca depressa, & com hũa faca cortado o ovo, & tirada a gema fóra, botarárã no ovo donde se tirou a gema, hũa oitava de tutia preparada, & posto isto em hum pano, se espremerã muito bem, & aquillo que destilar se botaráo com hũa pena no olho hũas gotas para desinflamar, & resolver toda a vermelhidaõ da tunica, & do olho.

Emplasto de pero.

E na declinaçãõ lavarã o olho com agoa doce morna, & dentro botará este colirio com hũa pena: *℞.* Goma arabiga, alcatira, amido, que he goma de trigo, hũa oitava de cada hum, alvayade oitava, & meya, batido tudo com clara de ovo, & emcima do olho porãõ este emplasto feito de gema

Na declinaçãõ.

gema de ovo, farinha de cevada, agoa rosada, leite de peite, & humagota de oleo rosado, & acafraõ; & se a materia he grossa lave o olho com yinho branco. E diz Filonio, que o vinho ferve na óptalmia de flemma, & a sangria na de sangue, & os brnhos, & lavatorios na de colera, & a purga na de melancolia: & diz mais que este colirio, que se chama colirio de antimonio, val milagrosamente no fim da optalmia, & que em hum só dia mūdifica o olho, aguça a vista, tira o pano, & armacula: *℞.* Antimonio, acafia, alquitira, cinco graõs de cada hum, tutia preparada huma oitava, cobre queimado, & lavado hum escrupulo, alvayade lavado hũa oitava & meya, mirra dous escrupulos, espique hum escrupulo, caparrosa, azichi, hũ escrupulo de cada hum, mistura do tudo com agoa rosada, & clara de ovo.

E na optalmia, que succedeo de algũa pancada, he bom o sangue de pobo, tirado das veas debaixo das azas, & botado dentro no olho.

E se a optalmia for de materia fria, usaráõ este colirio: *℞.* sarcocolã nutrida hũa oitava, espiga cheirosa meya oitava, rósas meya oitava, açafraõ meyo escrupulo, goma de trigo, azebre, goma arabiga, alquitira, hum escrupulo de cada hũ, opio hum graõ, & tudo misturado com agoa da chuva, faça colirio, que botaráõ dentro no olho, & em cima do olho, poráõ hum emplasto.

Feito de folhas de malvãs, & de endros cozidas em vinho, & pisadas, & postas entre dous panos, & lavarão o olho com cozimento de alforfas, & em cima do olho pôde usar deste emplasto feito de hum pero affado debaixo do barrallo, & passado por pincira rala, & misturado com agoa rosada, & gema de ovo, & açafraõ: ou faráõ emplasto feito de miolo de pão molhado em caldo de galinha, sem sal, & pisado, ou será molhado o pão em agoa quente, & pisado com manteiga crua, & açafraõ, para tirar a dor, & inchação do

*Nota.**Sangue de pobo.**Namaste-
ria fria.**ou agada*

Oího, & isto até o estado, & usaraõ deste colirio: R. Hú ovo assado no borra:ho,, que não fique duro, & tirada a casca o pi:farãõ cõ agoa rosada húa onça, agoa de funcho duas onças, agoa de murta húa onça, tutia preparada huma oitava, & tudo misturado por espaço de duas horas, & depois esprimido por hum pano, & botado dentro no olho com húa pena.

E na declinação farãõ isto: R. Semente de furcho doce, coroa de Rey, alforfas, cozido em agoa para lavar o olho, & dentro no olho botarãõ este colirio: R. Agoa rosada, & de funcho, húa onça de cada húa, agoa de eufragia, & vinho brãco, meya onça de cada húa, tutia preparada meya oitava, azevre citrino hum escrupulo, sarcocola nutrida cõ leite húa escrupulo, açucar cãdi de xarope húa oitava, & de tudo feito pó sutil, & misturado cõ as agoas, & faça colirio, & para alimpar a matéria grossa do olho, & para o clarificar, he boa esta agoa: R. Agoa de siridonea, & rosada, & de fũcho doce, de eufragia, vinho branco, húa onça de cada húa, & darã tudo jũto húa fervura, & depois de frio lhe misturarãõ sarcocola nutrida com leite meya oitava, verdete meya oitava, & faça colirio, & alguns dizem, que na opthalmia de humors frio, & grãssõ, lavãdo com agoa mel morna sararã, mas poñho aqui muitos remédios, para que se possa usar daquelle que melhor parece que convem.

Santer.

E se a opthalmia vier por causa de algum catarto, & não quizer obedecer aos remédios feitos, diz Avicena, que se de no alto da moleira sobre a comifura húa cauterio de fogo, o qual ha de ser pequeno, & redondo, cõmo húa ponta de dedo, & estarã pouco espaço, para que não aqueça muito, & o mesmo diz Paulo. E o mesmo no capitulo da preservaçãõ dos olhos, mas eu nunca usei deste remedio.

Chaga no
olho.

Se ficar algũa chaga na tunica do olho, lhe botarãõ os pós de tutia preparada, misturados com pós de açucar cãdi, de

de xarope rosado, ou botaráõ os pòs de lapis hematicis, que neste caso he grande remedio, ou botaráõ este colirio: R. Colirio de Rasis sem opio, tutia preparada, meia oitava de cada hũ, açucar candi de xarope rosado, duas oitavas, agoa de murta, & rosada, onça, & meya de cada hũa, & tudo misturado, & coado, botaráõ dentro no olho com huma penna.

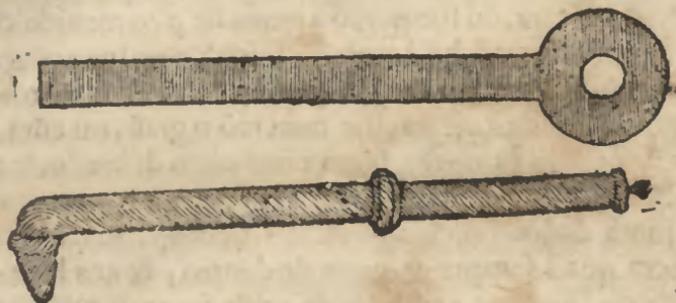
E muitas vezes acontece ficar nos olhos hũa má calidade, & corrimento de humor, que para o divertir, & evacuar por outra parte he necessario furar as orelhas, ou botar sedenho no toutiço, ou fazer fontes nos braços, & as orelhas se furáõ com hũa agulha de rede quente, ou fria, & meter *Sedenho,* *Fontis* lhe hũa casca de trovisco, & assim irá purgádo, & o lugar do sedenho he no toutico abaixo do cabelo da cabeça, & o ferro do sedenho he de comprimento de hum palmo, & de duas pernas como hum compasso, & de figura de huma pá, cõ hum buraco no meyo, do tamanho que baste para passar a agulha enfiada, & no cabo tem metida hũa argola para abrir, & fechar, & assim para abrir, sobimos o fecho para cima, & para fechar, apertamos para baixo, & a agulha será de cóprimento de mais de palmo, & redonda, & a ponta de duas quinas, para que fure melhor, & aberta no fundo, com buraco que baste para enfiar o cordel do sedenho, na fórmula desta figura.



E o fedenho se botará desta maneira: tomarás o couro do toutiço abaixo do cabelo, & esfregarás com os dedos, & levantarás para cima cõ duas mãos, & outra pessoa o porá no couro alevantado entre as mãos, & a pertará o fecho, q̄ fique a carne que se ha de furar segura, & apertada cõ o ferro, como hũa tenáz, & a cantidade de carne assim tomada, será de quasi dous dedos em alto metida no ferro, q̄ depois de furada fique de hum buraco a outro mais de dous dedos, & apertada assim a carne, estará a agulha enfiada cõ huma tira de pano branco, & forte, que não quebre, & aponta da agulha estará quente em braza, & tomada com hum pano molhado furaráõ pelo buraco da pá, & passará à outra bãda pelo outro buraco muito direito, & como passar pegaráõ na ponta da águlha com o pano molhado, & como a tira do pano passar por ambos os buracos á outra parte, tirarão a agulha, & alargaráõ o fecho do ferro & ficará metida pela carne a tira do pano, ou cordel. & o ferro do fedenho se ha de pôr ao longo do pescço, & o buraco ha de ficar atravessado: & curaremos isto com panos de ovo, & pano de vinagre destemperado, ou agoa de tâchagem para mitigar a dor, & ardor, & defender que não corra humor à parte em muita cantidade, & depois que estiver quieto da dór, & da inflamação, lhe poráõ qual quer unguento, ou folha de era, ou de couve, como fazemos nas fontes, & alimparáõ cada dia duas, & tres vezes a chaga, & sedal, & se quiserem meter outro novo, o ataráõ com hũa linha na ponta do outro, & puxaráõ pelo velho, & passará o novo, & deste modo sustentaráõ abertas as chagas o tempo que quiserem, & querendo fechalas, tirarão fóra o sedal, & curaráõ as chagas até que encourem.

E o lugar das fontes, he seis dedos abaixo da junta do hõbro, no alto do braço, perto donde passa a vea da cabeça (guardandose della) & entre os musculos: as quaes se fazê,

ou com ferro quente , ou com caustico, & o ferro he hum macho, & huma femea desta figura , que he como huma palmatoria furada.



E posta a femea no lugar conveniente, meterás pelo buraco a ponta do cauterio quente, que fure levemente o couro, & curarás com ovo, ou manteiga crua, ou hũa conta de cera branca, ou amarela, para sustentar o buraco aberto, & em cima hũa folha de era, ou de couve, para ajudar a purgar, & assim a sustentarão aberta o tempo q̄ quizeré, & querêdo fechala, tirarão o grão, & curarão a chaga até q̄ encoure. E com caustico se fazem as fontes desta maneira : farão o caustico de cal virgem bem pisada, & sabaão molle partes iguaes, & metido em huma forma de pao pequena, ou feita na forma desta figura: he hũa chapa de prata, ou de estanho fino, ou de cobre com o redondo no meyo, aonde se ha de meter o caustico , o qual redondo ha de ser alevantado hum pouco fóra da chapa, de modo que possa imprimir na carne o caustico, & estará a chapa cozida em hũa fita pelos buracos pequenos, & posta no lugar conveniête. apertarão a fita com duas voltas, & sobre hum chumaço de pano de linho, que fique segura, que não se afaste do lugar aonde fica posta, & posto alli o caustico, estará por espaço de cinco

horas, que bastará para queimar a carne, & defata da a fita, & aparecendo a carne negra, ou azul, está queimada, se não estiver, tornarão a por o caustico, & como parecer que está queimada, porão pano de manteiga crua, para ajuda apodrecer a escara, ou lhe porão a gema de ovo mexida cõ oleo rosado, ou porão hũ emplasto feito de malvas cozidas, & pisadãs cõ manteiga crua, & gema de ovo, & oleo rosado, & depois de caída a escara, lhe meterão o graõ, ou cõta, & folha de era, ou de couve, & em cima pano de brado, & atadura, & deste mesmo modo se fazem as fontes nas pernas abaixo da junta do joelho, espaço de seis dedos, & nas mulheres se fazem quasi sempre da parte de dentro, & nos homens da parte de fóra, mas em todos se pôde fazer de ambas as partes, conforme a necessidade da doença, & a cal ha de ser pisada, & feita pô, q̃ não seja molhada, & por isso lhe chamão cal viva, ou cal virgem; & tambem se faz fonte no toutiço em lugar de sedenho, desta maneira: com fogo, ou cõ caustico, como atráz fica dito, em quem não quizer sofrer o sedenho, & esta fonte do toutiço se faz para dor de olhos, & para dores de cabeça muito continuas, & a do braço para o mesmo, & para estilicidio da cabeça, para divertir que não corra ao peito, & nas pernas se faz para todas as dcenças, segundo o parecer, & intenção do Médico.

CAPITULO. IX.

Do Apostema no lagrimal.

Muitas vezes acontece de alguma materia catarral da cabeça, ou de outra algũa occasião, fazerse apostema no lagrimal do olho junto do nariz, o qual quasi sêpre he de sangue mais q̃ de outro humor, & facilmente se supura, & ás vezes corrrompe o osso, ao qual apostema convem acudir com sangrias, & mais evacuaçoens, como dissemos no feimão, & na inchação poremos repercussivos brandos, & que

& que não sejam mezinhas asperas, que fação mal ao olho, & usaremos agoa rosada, ou de tanchagem, & de malvas, ou de papas feitas de farinha de cevada em agoa de malvas, & outras mezinhas resolutivas brandas, que dissemos no fleimaõ: & he louvado para resolver este apostema, a cinza de vidês misturada cõ vinagre, & farinha de cevada, que fique como papas, ou o lixo de pombas misturado cõ pòs de incenso para resolver. E se não quizer resolverse, & for em via de supuração (como quasi sempre acontece) se ajudará com emplasto de malvas cozidas, & pisadas com manteiga crua, & farinha de trigo, & antes que se madure muito, se furará com lanceta, que fique bem aberto, afastado do olho, mas no lugar da materia, & se curará com mecha, & pano de ovo, & pano de agoa rosada, ou de tanchagem em cima, & tirada a inflamação, se porãõ cousas que mundifiquem, & desequem, como saõ os pòs de azevre, & de cascas de incenso, misturados com mel rosado, ou xarope rosado, & em cima pano de unguento branco, & depois emplasto a geminis, ainda q quasi sempre se cura cõ panos de clara, & gema de ovo, ate o cabo; & quando facilmente se não quizer remediar, entãõ se curará como fistula, porque os apostemas deste lugar, muitas vezes ficaõ em fistulas, corrompem o osso facilmente, se estaõ muito sem abrir, & avendo osso corrupto, o remedio he cauterio, & não avêdo osso corrupto, he bem remedio es pòs de Joannes de Vigo; & eu curei algumas chagas destas com es pòs na mecha até o cabo, com que sarãrãõ; & avêdo osso corrupto, & nam querendo o doente soffrer o cauterio de fogo, se poderá usar oleo de vitriolo, que he caustico, & queimar o osso, & he muito penetrativo: ou oleo de enxofre, ou agoa forte de dourar, & tudo em pouca quantidade, & muito sutilmente, posta hũa gota dentro na chaga, & em cima pano de ovo, & pano de agoa rosada, ou de tanchagem, & sustentan-

do

do o buraco, até que despida o osso, & depois mundi-
ficarà a chaga cõ xarope rosado, & encarnar, encourar
com emplasto a geminis.

CAPITULO X.

Do Aneurisma, ou Emborisma.

Aneurisma, he hum tumor brando, feito de fangue ar-
terial, & de espiritos, como diz Paulo, & Avicéna.

E os Gregos lhe chamaõ aneurisma, & os Arabes embo-
risma, ou mater sanguinis.

L. 7. c. 37
44 t. 1. c.
87. E o aneurisma se faz, ou por causa de fóra, ou por causa de
dentro, & quando he por causa de fóra, sempre ha na arte-
ria soluçãõ de continuidade, o que acontece sangrando
picar com a lanceta a arteria, ou em qualquer ferida que
corta a arteria, & cozida solda o couro, & arteria não solda;

L. detm. c.
11. & assim diz Paulo, que todas as vezes que acontecer cor-
tar-se a arteria, & soldar o couro, ficãdo a arteria aberta, não
crecendo carne que a tape, se faz o aneurisma, como diz
Galeno. E també pôde acontecer aneurisma da vea, & arte-
ria juntamente, ou sangrando, & com a lanceta passar a vea,
& picar a arteria, & soldar o couro, & não soldarẽ os vasos,
& assim vai saindo o fangue de ambos, & se faz aneurisma,
ou picando com alguma faca, ou espada.

E quando he por causa de dentro, sempre se dilata o va-
so, ou se abre a mesma arteria, & se rompe com tosse, ou cõ
outra algũa força, & sae o fangue, & espiritos, pouco, & pou-
co, & ajuntaõse debaixo do couro, & se vaõ amontoando,
& se faz apostema de fangue espiritual, que he aneurisma; o
que pela mayor parte acontece na garganta, & nos emun-
torios, como diz Aecio; & isto se vé em algũas mulheres cõ
a força do parir.

L. 15. c.
10. E Dionisio Daça quer que tambem se faça aneurisma
por corrosãõ, & traz de Nicolo, & Avicéna, que algũas ve-

zes se ajũta fangue taõ mao, acre, & mordaz, que corroe a arteria, & fae o fangue, & estende o couro, mas isto se poderã crer nas veas, & não nas arterias, porque o fangue arterial não adquire mã calidade para poder corroer.

Quaes são os sinais do Aneurisma?

Os sinais do aneurisma são duvidosos, & he tumor roim de conhecer, porque parece apostema cheio de materia, & abrindoo se vaza em fangue; & diz Aecio, que o aneurisma que se faz por dilataçãõ tem tumor, ou grande, ou pequeno, & a cõr do couro não se muda, nem tẽ dor, & tem hũa brãdura aprafivel, que parece que se toca hũa esponja muito branda, & quando se comprime com os dedos, parece q se fome para dentro, & tirados, torna muito depressa, & tem hum rugido, & assim o diz Paulo Ginetã, & Avicena.

E o aneurisma, que se faz por algũa ferida, ou picada de lanceta, ou pancada, não tem aquella brandura, que tem o que se faz por dilataçãõ, porque neste hà mais cantidade de fangue, que de spiritos, pela qual razaõ o fangue se cõverte em grumos, & faz o tumor mayor, & mais estendido, & todo aneurisma tem pulsaçãõ, & rugido, pouco, ou muito, & nos tumores pequenos he mayor, porẽm quando o tumor he grande, & o fangue extravazado he muito, perde se a pulsaçãõ, & por isso he mao de conhecer, & convem fazer particular inquiriçãõ do modo que succedeo, & naceo, porque assim viremos em conhecimento do caso; & tambẽ se perde a pulsaçãõ naquelle em que ouve vea rota, juntamente cõ arteria, ou quando a natureza, & as partes vizinhas da doente lhe botaõ fangue das veas para a socorrer, por estar fraca, & este se coalha, & faz perder a pulsaçãõ.

Do pronostico do Aneurisma.

Todos os aneurismas são muito perigosos, & quasi incuraveis,

raveis por ração do fluxo de fangue, & os que eſtaõ na garganta, ſão mais perigoſos, & tambem os dos emuntorios, & os muito grandes, mas os pequenos recebem alguma cura, como diz Avicena; & os que ſe curaõ por obra de mãos, acontece morrer nas mãos do Cirurgiam, naõ eſtancando o fangue, & às vezes os grumos de fangue (da vea rota, ou das partes vizinhas) junto com o da arteria, ſendo muitos, & em tumor grande, apodrecem, & cauſaõ eſtiomeno, & morte, como diz Galeno.

Da cura do Aneurisma ?

A cura por qualquer modo que ſeja, he muito perigoſa, & aſſim diz Razis, que o verdadeiro curar, he ſaber cõſervar o tumor que não venha a apodrecer, & de dous modos ſe cura, ou cõ mezinhas antes que arrebente o fangue, ou cõ obra de mãos depois de arrebentado, & as mezinhas hão de ſer repercuffivos proprios frios, & ſecos, & com grande adſtringencia para confortar, & apertar a parte que não receba, & o que alli eſtá o bote de ſi, que engroſſe o couro, & os emplaſtos hão de ſer feitos com vinho eſtitico, & agoa ferrada, & ſe forẽ pòs, ſe miſturarãõ com clara de ovo, como ſão pòs de bolo armenico, de fangue de dragão, de balaustias, de caſcas de romãs, de maçã, & folhas de cipreſte, pòs de ſumagre, de jeſſo, & de agalhas, & pòs reſtitivos, ou abrunhos piſados, ou tanchagem, ou enſaiaõ, erva moura, ou folhas de golſaõ, ou limos do rio, & outras couſas aſſim, q̃ reſfriem, apertem, & engroſſem o couro do aneurisma; & Accio louva eſte emplaſto: R. Gomos de ramos de Acipreſte, quando eſtiverem mais verdes, cortados muito miudos, & miſturados com o moſto do vinho, q̃ ſe eſpreme no lagar, no ſegundo pé, porque eſte tê mais adſtringencia, & façaſe eſpeſſo, & groſſo como borra de vinho, mas iſto ſe deve entender, q̃ ſe ha de encorporar ao Sol, ou ao fogo brando

Lib. 15. c.

10. c. 16.

Emplaſt.

de cipreſt.

do mexendo até q̄ se gaste a humidade, & se engrosse, posto que Aecio o não declara, & o porão no aneurisma em hum pano, & o mudarão tres dias, & apertarão muito bem com atadura conveniente, & em todos os emplastes & mezinhas do aneurisma, se ha de guardar esta ordem de tres dias, porque quanto menos se bulir, melhor endurece, & alguns em que farão com neve pósta sobre o tumor, muitas vezes, porque repercute, & resfria a furia, & quentura do sangue, & aperta a arteria; & o emplasto contra ruptura de pele de carneiro, he tambem grande remedio neste caso, & eu curei hum de hũa sangria no braço direito, tamanho como hũa noz, o qual tinha grande pulsação, & rugido, & com emplasto contra ruptura, & atadura sem mais outra coisa farou, & puzlie sobre o emplasto, hũa pedacinho de taboa, sobre a qual atava, para com mais força réprimir o tumor, & que não desse lugar para tornar para fora. E eu curei outro com panos molhados em clara de ovo batido com acofia, & compós de bólo, & água de cisterna, & boa atadura molhada na água, & farou.

E se o aneurisma for por dilatação, & na cabeça, diz Paulo, que se faça hũa abertura sobre a arteria saã, cortando o couro pouco, & pouco, & apartando até que se descubra a arteria; & meterão hũa agulha curvada cõ linha e cerada por baixo da arteria; & atarão isto pela parte baixa, & outra pela parte alta, que fique a inchação entre ambos os atilhos; & picarão a inchação de modo, que se tire todo o sangue que alli estiver, & formarão a ferida com lichinos molhados em clara de ovo, & pós de incenso, & azevê, & cabelos de lebre cortados, & irão curando a ferida, & chaga até que se mundifique, & endarnto, & então se desfatarão os dois atilhos, & este modo de cura me parece, q̄ se poderá fazer; mas de alhe eu os pontos dambas as bandas do tumor, sem descarnar a arteria, mas cozela com couro, & carne.

Paulo

Paulo Gineta, & Albucafis poem outro modo de cura levantando o tumor com a mão, & passando pelo pè húa agulha, & com a linha de ambas as bandas, atando o pé do tumor, cortar ao longo, & vaziar o sangue, & grumos, & de-
 L. 6. c. 57 pois cortar o couro, & não o cordel, & curar a chaga com
 L. 2. c. 4. pòs, & clara de ovo, & isto dizem que será na que se faz por
 L. 2. c. 49 Outra causa da picada de sangria, mas este modo me não parece
 modo de cura bem, porque he muito perigoso.

Outro modo de cura. Acio diz, que se busque a arteria acima da inchação, & achando a pelo tacto se ponha hum final de tinta, & sobre a tinta cortar com a lanceta ao lógo do braço pouco, & pouco até descobrir a arteria, & sem a róper a tirar para fóra, & atar por duas partes, & cortar em meio do atado, & curar a chaga, & depois abrirás o tumor, porq̃ está seguro do fluxo de sangue, & tirados os grumos buscarás a arteria, & atarás, & cortarás como arriba fizeste, & curarás a chaga cõ lichinos, & pòs, & cõ o demais necessario até encarnar, mas este modo de cura me parece muito difficiloso, & trabalhoso.

Outro modo de cura. E eu digo, que se busque a arteria pelo tacto acima do tumor, & se ponha hum final de tinta, & q̃ se passe por baixo da arteria húa agulha curvada, ou direita cõ linha encerrada, & dobrada, & se dará hum ponto, apertado o nõ sobre hũ chumacinho de pano como lichino, & apertado de modo, q̃ fique seguro de passar o sangue abaixo, porque não aja fluxo de sangue, & para saber se está a arteria atada, não ha de pulsar do atado para baixo, porque o pòto o tolhe, & se aparecer pulsação tão clara como dâtes, não ficou atada, & então para mais segurança, além do pòto estar bem dado, terá hum homem de boas mãos o braço, apertando com os dedos polegares a arteria no bucho do braço, & assim ficará mais segura de correr sangue, & então podem abrir a inchação, & tirar todos os grumos, & lígue q̃ dentro estiver, q̃ fique tudo limpo muito bem com os dedos, & achando a

arteria que se possa cortar sem cortar a vea, a cortarão, mas porque isto he difficuloso, o bom he, tirados bem os grumos, encher, & formar toda a concavidade, apertando a boca da arteria com lichinos de fios, ou estopas brandas, & pòs de azevre, & cascas de incenso, ou pòs de caparrosa queimada, ou cõ o betume que disse no capitulô do cancro, & emcima estopas de clara de ovo. cõ pòs restitivos, & panos de vinagre, & atadura, & não se ha de bolir nesta cura atè q̃ a materia appareça por fóra dos panos, & dahi por diante sustentando cõ os dedos os lichinos que não cayaõ, pòdem pelas ilhargas da chaga alimpar, & refrescar cada heita com estopadas, ou panos de ovo, & panos de vinagre, & atadura sem molhar, até q̃ a mesma cura dos lichinos se tire por sua vôtade, & entã curar a chaga no estado em q̃ ficar, q̃ sempre fica mundificada, & ençarnada como o sangue estãca, & este he o melhor modo de cura a meu juizo, que todos os que no caso se apontaõ, o qual se deve fazer depois que o aneurisma estiver arreventado.

E eu curei a hum moço com hũ aneurisma no braço direito com pequeno tumor, & botava já sangue pela picada da lanceta, de modo, que de continuo tinha fluxos de sãgue, & com os remedios, & bêtumes postos na picada, nunca quiz estancar, & busquei a arteria acima do sangradouro, & lhe dei hum ponto sobre hũ lichino, & estancou por algũs dias, & alargãdo a linha tornou o sangue, & cõ ou ros dous pòtos mais arriba, foi estancando por intervallos de modo, q̃ veyo a encourar, & farou com prancheta de pòs restitivos na ferida, & panos emcima de clara de ovo batida cõ pòs.

E curei outro mancebo com hum aneurisma de pequeno tumor no braço direito, de que estando saõ, & com hũa força que fez, lhe arreventou o sangue pelo buraco da sangria, & já estava algum tanto dilatado, & feito chaga, & cõ todos os remedios na chaga, que se applicáraõ, não quiz estancar,

car, & lhe dei pontos acima do sangradouro, & estácou por alguns dias, & largando a linha tornou o sangue, pelo que me determinei a descobrir o vaso, & cortalo, & não pude cõ o sangue, ainda q̃ a mandei apertar cõ as mãos, & algũa coufa estancava, mas não me atrevi, por não cortar a vea, & então lhe meti águlha por baixo da mesma chaga, & tomei ambos os vasos arteria, & vea, & puz hũ chumaço de pano pequeno como lichino molhado em clara de ovo, & pôs reſtitivos sobre a chaga, & apertei o póto sobre o chumaço, & estancou o sangue, & curei com pôs reſtitivos, & panos de clara de ovo, & em cima de tudo panos de vinagre deſteperado & dalli a tres dias começou a botar materia, & deſatei a atadura, & fui curádo cõ ovo, & pôs por cima do póto, até q̃ estando o chumaço abalado de todo, lhe cortei a linha, & ficou a chaga encarnada, & cõ os pôs reſtitivos, & fics secos, & panos de unguêto brando o acabou de encourar, & ſarou.

○ *E* vi hum mancebo, que tinha no braço esquerdo, avia quatro meſes, hũ apſtema tamanho como hũa grande cabeça de cabrito, & muito duro, que parecia hũ ſcirro, & tinha hũa ponta levantada com tacto de materia tam claro que não avia que duvidar ſelo, & poſto que era no sangradouro, não ſe entendeo, que era aneurisma, por ſer tumor grande, & duro, & não tinha pulſação alguma, nem rugido, nem o doente dava informação, que della poſſe colligir que era ſangue, & não materia, pelo que de parecer de todos ſe abriu com lanceta, & botou hũa grande eſpadana de ſangue (& estava tão delgado o couro, q̃ ſe então não ſe abria, arreſentára aquella noite, & morrerá o doente,) & furado ſe acodio logo, & ſe curou com mecha, & eſtopadas de clara de ovo, & pôs reſtitivos, & panos de vinagre, & atadura, & o mēbro bê ſituádo com a ferida para cima, a mão mais alta, q̃ o cotovelo, & eſteve aſſim quieto tres dias, & tornou o ſangue, & estava o caſo bê deſeſperado de remedio, por q̃ o

couro que estava delgado se perdeu, & era jáo buraco grãde, ao que parecia, & o tumor muito cheo de grumos, & os pôtos atráz não aproveitárão, porque estava a arteria muito profunda, & não se podia alcançar com agulha, por estar já o braço muito inchado, & o sangue continuava, que sem falta morria o doente, pelo que nos determinámos, & tomãdo hum homem forçoso o braço junto ao sobaco, & pôdo os dedos polegares das mãos sobre o lugar da arteria, apertou de modo, que tiradas as ataduras, estava o sangue estãque, & tirei os grumos de dentro, que era tanta quantidade, que enchêrão meyo alguidar, & limpo com as mãos tudo por dentro, se encheo toda a concavidade de estopas em pelouros com muitos pôs restitivos, & de caparrosa queimada, até que tudo ficou bem formado, & por cima estopadas de clara de ovo, & pôs, & panos de vinagre, & ataduras secas, & tiradas as mãos do que tinha o braço, se poz em sitio conveniente, & daly a tres dias começou a correr a materia branca pelos panos, & se desatou posto o dedo no betume dos lichinos que não se desapegassẽ, & alimpava a materia, & punha pranchetas secas de redor, & por cima panos de ovo, até que aos quinze dias cairão os lichinos jutamente todos por sua vontade, & a chaga ficou limpa, & encarnada, & com pranchetas de fios, & pôs restitivos, & panos de unguento branco acabou de encourar; & por esta mesma ordem curey depois hum menino no braço esquerdo, & huma mulher no braço dircito, & farãrão todos tres.

Tambem curei muitas arterias cortadas, & veas em feridas com este ponto dado à quem da ferida, tomando a arteria por baixo, & apertando sobre o lichino estãcava o sãgue, & curava a ferida, & depois de saã tirava o ponto do chumaço: & em hũa mão cortada toda de hũa espingarda, era tã grãde o fluxo da arteria do pulso, q̃ nẽ có fogo estãcou, cheguej

guei ao doente, deilhe este ponto por baixo da arteria, & apertando sobre o lichino estãcou o sangue, curouse a mão, & sarou.

E esta cura que digo do aneurisma por obra de mãos, não se deve fazer senão sendo muito rogado, & estando o doente desesperado de aver saude por outra via, & ha de ser em casa fria, & clara, & fazendo primeiro o pronóstico do perigo, que corre o doente, & não estando muito fraco.

E o membro doête estará situado muito quieto, & o doête terá grande regimento, & tomará pela boca coufas, que resfrião, & engrossão o sangue & beberá agua fria, & comerá frangaõ, galinha, cabrito, tudo assado, & açucar rosado, caldos de amido, & outras coufas, como dizemos no capitulo do fluxo de sangue.

CAPITULO XI.

Do Erisipela.

E Rispela he hũa inflamação, & apostema, feito de colera, ou de sangue delgado; & chama-se inflamação, porque não tem notavel inchação, porque he enfermidade só do couro, assim como o fleimaõ he da carne.

Quantas maneiras ha de Erisipela.

Ha duas hum puro, & verdadeiro, & outro não verdadeiro, & o verdadeiro he o que se espalha pelo couro sómente sem fazer dano na carne, & o não verdadeiro, he o que traz mistura de outro humor, ou se faz de colera não natural por adustão. E este diz Guido, que se chama formica.

Que cousa he Colera.

He hum humor quente, & seco, de sustancia sutil, & de cor vermelha, q̄ declina a amarelo, & no cheiro, & sabor aguda, & esta chamaõ colera natural, & a não natural he a que

naõ tem estas partes senaõ ao contrario, a qual se faz naõ natural quando se queima em si mesmo, & se faz mais sutil, ou mais grossa do que convem, ou se faz naõ natural, misturandose com ella outro humor.

Quantos apostemas se fazem de colera.

Fazemse quatro, s. de colera natural, q̃ chamamos sangue sutil, se faz o verdadeiro erisipela, & da naõ natural por mistura de outro humor, se fazem tres, como he erisipela edematoso por mistura de flema, siemonoso por mistura de sangue, scirroso por mistura de melancolia, & da colera naõ natural por queimamento se fazem todas as bustelas corrosivas, como herpes, formica, serpigo.

Quaes são as causas do Erisipela.

São primitivas, antecedentes, & conjuntas; & as primitivas são as que pòdem aquetar o m mbro demasiadamête, como he o Sol, o fogo, a pancada com grande dor, esfregações fortes, & comer alguma cousa muito quente; & a causa antecedente he o humor colerico, que està no corpo, & a conjunta he humor, que està na parte.

Quaes são os sinaes do Erisipela.

Os sinaes do verdadeiro erisipela, são vermelhidaõ, que declina para amarelo, como açafraõ, & tocando com o dedo foge o vermelho, & fica branco, & tirando o dedo, torna logo o vermelho, & o tumor não passa do couro, & tem o doente febre ardente, & tem o erisipela sempre consigo hũ fervor, & fogo grande, q̃ parece que se queima o couro, & tem dor que pica, & o mordifica, & tem pouca pulsação.

E diz Hippocrates, q̃ mudar-se o erisipela de fõra para dẽtro he mau, & de dentro para fõra he bom, & quando no erisipela se faz materia, & podridaõ, he mau, porque mostra q̃ ha malicia no humor, & se na ferida cõ osso descuberto

acudir erisipéla, he mau, porquẽ não pôde criar carne estãdo as partes de redor destemperadas, & cõ sua malicia pôde danar o osso, & o verdadeiro erisipela quasi sempre se resolve, & tem quatro tempos como os demais apoltemas.

Como se cura o Erisipéla.

A cura do erisipela conflitte mais em resfriar, que em evacuar, & não sõmente se ha de resfriar com mezinhas postas sobre a parte, mas tambem com a comida, & bebida & com as mais cousas não naturaes, que declinem a frialdade, & humidade, & assim o ar da casa ha de ser frio, & humido, ou por si, ou por arte, agoando a casa, & botando nella rosas, violas, & fazer fõtes de agoa enramadas, que esteja sempre o ar fresco, & isto tudo no principio, & depois menos. E o comer seja abobora, beldroegas, azedas, ginjas, romans, tisanas, ameixas passadas, maçãs assadas, ou peras, alface lavada com agoa fria, & comida com vinagre, frangão, galinha, cabrito.

A sangria se fará as vezes que parecer necessario, cõforme ao enchimento que ouver no corpo, porẽm haõ de ser menos, que no fleimaõ, principalmente no erisipela de pura colera, porque neste convem mais purga, que sangrias, & assim diz Galeno, q̃ nenhũa mezinha mais apropriada para o erisipéla, que evacuara colera com mezinhas apropriadas para isso, para o que podem tomar xaropes que tẽ perẽ, como he de almeirão, de romãs, violado acetoso, & agoa de azedas, de almeirão, & tãbem pôde tomar por xarope laranja lavada com agoa fria, & cuberta de açucar fino, & purgarã com mezinhas brandas, que não levem escamonea, como he canafistula, ruibarbo, tamarindos xarope de nove infusõens de nossas rosas, ou de violas: tambem he bõ, se o erisipéla for forte, & o doente tiver grande sede, darlhe hũa bebida, q̃ chamamos extintorio, como esta: R. Agoa dazedas.

de almeiraõ,de lingoa de vaca,hũa livra de cada hũ, confer-
va de tamarindos,de açucar meya onça,& tudo misturado,
& disto beberá cada vez que quizer, para apagar a quentura,
& a dor da febre ao doente; ou pôde tomar agoa de aze-
das sómente,& se tiver agastamentos pôde tomar pedra va-
zar em agoa de almeiraõ tres graõs em jejum.

Tambem convem tomar algũs cristeis, os quaes se pôde
fazer de cozimento de malvas, violas, cevada, amexas pas-
fadas,alfavaca,todas estas coufas, ou parte dellas cozidas
em agoa, da qual tomarãõ o que bastar,& lhe botarãõ duas
onças de oleo violado, & duas onças de açucar,& tambem
lhe pôdem botar hũa onça de canafistula desfeita no cozi-
mento, & tambem lhe podem botar tres oitavas de diaca-
telicam em lugar de canafistula, & purgarã mais.

Que se porã no erisipela.

As mezinhas que se haõ de por no erisipela haõ de ser re-
percussivos,tirando os dez casos,& podem usar vinagre bẽ
destemperado,ou agoa rosada, & de tanchagem, & de mal-
vas, & agoa fria botada sobre o erisipela devagar;porẽm a-
gora nestes nossos tempos saõ os erisipelas de tam mã cali-
dade,que não usamos repercussivos fortes, mais que agoa
de malvas, de farelos lavados, & no rosto nada.

CAPITULO XII.

Do Herpes, ou Formica.

Herpes, & Formica he hũa mesma coufa, porque os
Gregos chamaõ Herpes, & os Arabes Formica. E he
hũa inflamação colerica com empolas,& pruido, & verme-
lhidaõ quasi amarela,& vai crescendo,ou com fazer chagas,
ou com humas bustelinhas, ou sem ellas.

E ha tres maneiras de herpes, f. herpes para o q̃ he a infla-
mação có emplasto, & herpes exedês, ou corrosivo, ou ambu-

lativo, que hé o que faz chagas das empolas, & herpes miliaris, que he o que faz huns graõs como milho.

De que se faz o Herpes.

Fazse de pura coleras, & primeiramente de colera pura amarela se faz o puro herpes, q̄ sómente cõprehende a cuticula, que está sobre o couro, a qual chamaõ epidermida, & nesta faz as bexigas, porq̄ he colera muito delgada; & da colera que chamaõ vitelina, que he como gemas de ovos, & he mais acre, & mais grossa, se faz o herpes, & exedês, o qual cõprehende o couro, & algũa carne: & Hypocrates lhe chama herpes estiomeno, & Avicēna formica corrosiva, & da colera cõ mistura de algũa acosidade a que chamaõ fleima se faz herpes miliaris, ou formica miliaris, que no Portuguez chamaõ cobrelo.

Como se cura o Herpes.

Curase no regimento da comida como no erisipéla, & se o corpo estiver cheo, sangrarão, & senão ouver sinas de aver carga, não sangrarão, porque no herpes sangraõ menos que no erisipéla, & o remédio de purga todos mandão que se faça logo, & pôde se dar xarope de romãas violado, d'endivia, agoa de lupulos, & d'endivia, & purgar com canafistula, electuario rosado de mesuc, & confeição de psilio, ou diacatolicão, ou diaprunis.

E se for herpes exedens, & corrosivo, tomará xaropes de fumaria, & acetoso, & agoa de lupulos, & fumaria, & purgará com canafistula, & confeição hamec, & xarope de nove infusoens.

E se for herpes miliaris, tomará xarope de duas raizes, & de fumaria, & mel rosado, & agoa de lingoa de vaca, & de fumaria, & purgará com diacatolicão, & diaprunis, & confeição hamec, & agarico trociscado, & xarope de nove infusoens, & tambem se pôde purgar com piloras de agarico, & aggregativas.

E no herpes usaremos mezinhas frias, & humidas no principio antes que se comece de ulcerar, como he alface, tanchagem, ensaião, golfaõ, malvas em çumo, ou em cozimento, & se a parte se ulcerar, & se fizerem chagas das em-polas, entã convem mezinhas que dessequem, como saõ gomos de silvas, folhas de salgueiro, de oliveira, balauftias, capelos de bolotas, cascãs de nozes verdes, fumagre, & isto em çumos, ou misturado com agoas estiladas de tanchagê, & rosada, ou em pòs, ou em cozimento, ou em fôrma de emplasto, como este: *℞.* Gomos de silvas, folhas de tanchagê, cozido em agoa, & pisado com farinha de cevada: ou *℞.* Romans cozidas em vinho tinto, & pisadas com farinha de cevada, & destes emplastos usaremos no principio, mas no aumento se haõ de misturar mezinhas, q̃ resolveã brandamente, & pòde-se ajuntar farinha de tramoços, & nõ estado mezinhas que dessequem, & revolvam, como esta: *℞.* Lã çuja queimada, & feita pò duas oitavas, cascas de pinho lavadas com vinho branco, & queimadas, & feitas pó onça & meya, cebo de bode huma onça, oleo de murtinhos duas onças, & cera o que bastar, faça unguento: ou *℞.* Os pòs do incenso misturados em vinagre, & tambem he boa aquella agoa que choraõ as vides quando se queimaõ, a qual resiste muito à corrupção.

E se o herpes for miliaris, usaremos mezinhas secas, mas não taõ frias como nos demais herpes, & podemos usar bugalhos, balauftias, bolo armenico misturado com agoa rosada, & untando com huma pena: ou *℞.* Lã lidrosa seca em hum testo no forno, & feita pó, & misturada com agoa rosada, que fique tam grosso como tinta, & untaráõ cõ huma pena; & se isto não bastar, tornarão a purgar o doente, & se fizer chaga, se curará como as demais chagas.

CAPITULO XIII.

Do Edema.

E Dema, ou Indima he hum tumor molle, froxo, com pouca quentura.

E o verdadeiro edema se faz de fleima natural.

E da fleima não natural, se fazem os demais apostemas fleimaticos, como he escorfulas, lobinhos, bocio, apostema ventoso, & acofo, &c. E de fleima com mistura de outro humor se fazem edema fleimoso, por mistura de sangue, & edema erisipelatoso, por mistura de colera, & edema scirroso, por mistura de melancolia.

Que causa he Fleima.

He hũ humor frio, & humido, cru, ou mal cozido, o qual se acha em companhia dos outros humores para manter os membros fleimaticos, & este he a fleima natural, mas a fleima não natural, he a que não guarda estes termos, ou por q̃ em sua sustancia se faz mais delgada, que se vem a fazer agoa, ou vento, ou se faz tão grossa como mucilagens, ou como gesso por grande indurecimento, ou se apodrece, & se faz salgada, & corrosiva, & tambem se faz não natural por mistura de outro humor, ou sangue, ou colera, ou melancolia.

Quaes são os sinais do Edema, & como se determina.

Os sinais são não mudar a cor branca do couro, antes se faz mais branca, & não sente o doente quentura nenhuma, & tocando cõ a mão tem frialdade, & não tem dor. & a inchação he molle, & apertando com os dedos, fica cova como em massa, & não tem pulsação.

Determinase pela mayor parte, por resolução, ou por indureção, & poucas vezes, ou nunca por supuração, se não he quando algum tumor quente está misturado cõ a fleima,

& em

& em qualquer determinação he muito vagaroso , & tarda muito em se determinar, & quando vem a supurar-se nunca faz boa materia, por ser humor frio, & cru, & nunca o edema faz febre. E tem o edema quatro tempos como os demais apóstemas.

Como se curará o Edema?

Na cura do edema se ha de usar todas as cousas quêtes, & secas, no ar da casa, & na comida, & bebida, & nas demais cousas não naturaes, & pôde comer galinha, carneiro, perdiz, laparos, & todas as aves do monte, & não das que andão em lagoas, & se ouver muita necessidade, se pôde conceder peixes pequenos, & tudo he melhor assado, que cozido, & sendo cozido, seja cõ graõs, & raizes de salsa, & o pão seja bem cozido, ou biscoutado, & beba agoa cozida com semente de funcho doce, ou com erva doce, ou canela, & pôde beber vinho branco, & seja no comer, & beber muito moderado, & guardese de todas as cousas de leite, gordura, & legumes, & de tudo o que pôde fazer, & gerar fleimas, & o sono entre dia he danoso, & de noite se he muito, não faz proveito, o exercicio he proveitoso, especialmente antes de comer.

E quanto ao sangrar, & purgar diz Guido, que se no corpo ouver enchimento grande de humores, que se podem sangrar, & purga neste caso sempre he necessaria, & tomará xarope de duas raizes, & de çumo de endivia, & mel rosado com agoa de funcho, de borragens, & pôde purgar com diacatolicaõ, & diafenição, electuario, indo agarico trociscado, & xarope de Alexandria com qual quer cousa destas, ou purgará com piloras aggregativas, & de agarico, & tambem he bom estando este mal nas pernas provocar vomitos, & para isso pode beber agoa morna com hûas gotas de azeite, & semente de rabaõ,

Que se porá no edema?

Na inchação usaremos de poucos repercussivos, porque não resfriem muito a parte, & podem usar no principio hũa esponja molhada em agoa & vinagre destêperado, & quente posta no apostema, & atada com boa atadura, começãdo debaixo para cima, ou molharão esta esponja em agca de salitre, ou em decoada: a qual esponja he resolutiva por respeito da agoa salgada em que se criou; & não avendo espõja, pode se tomar hum pedaço de pano de frisa, ou de lã lavado em agoa salgada muitas vezes, & de cada vez seco ao Sol, & tornando a molhar, & secar, para que tome a virtude do sal, & quando não ouver isto, porão pano de linho de brado; & no augmento usarão isto: *℞.* Oleo rosado duas onças, vinagre rosado hũa onça, sal, & enxofre hũa oitava de cada hum, tudo misturado, & posto em esponja, ou pano; & no estado usarão isto: *℞.* Oleo de losna, & de lirio, & de louro, & vinagre rosado partes iguaes, & quente, & posto em espõja, ou pano: ou *℞.* Oleo rosado, & vinagre rosado, de cada hũ duas onças, pedra ùmi crua, sal, cinza, mirra, duas oitavas de cada hum, misturado, & quente, posto em esponja, ou panos: ou *℞.* Çumo de couve, & farinha de tramoços, & de graõs, feitas disto papas para dessecar, & resolver: ou *℞.* Bosta de boy, & de cabras, cozido tudo em vinagre, & depois misturado com mel, & feito papas, & postas em pano; & na declinação se pode usar isto: *℞.* Macela, coroa de Rey, rosmaninho, ouregãos, alecrim, tudo cozido em vinagre, & banhar com isto quente o apostema, ou posto em esponja, ou pano, & mudando muitas vezes: ou *℞.* Farinha de graõs seis onças, esterco de pombas, enxofre, & mel, de cada hum quatro onças, çumo de couve, o que bastar para se fazer emplasto: ou *℞.* Farinha de favas, de lentilhas, duas onças de cada hũ, pòs de murta, macela, de coroa de Rey, de losna, de maçãs de Acipreste, de ouregãos, de erva doce,
humã

húa onça de ca la hum. farão papas em vinho tinto, & ajũtalhe meya onça de sal, & tres onças de oximel, & tambem se pòdê fazer com agoa ferrada.

E avemos de notar, que hum dos remedios louvados na cura do edema, he atadura, a qual ha de ser de largura de quatro dedos, & ha de começar da parte baixa, & as primeiras duas voltas haõ de ser bem apertadas, & as outras menos de cada vez, de modo que naõ fique froxa, & acabará na parte alta; & faz Galeno tanto caso desta atadura, que diz que no edema antigo depois de untar com oleo, & de. *Atadura* ^{14. ma.} pois de pôr a esponja molhada em decoada, farou de todo ^{c. 17.} com atadura. E isto depois de bem purgado o corpo.

E se com tudo o edema naõ quizer resolverse, & parecer que quer fazer materia (o que poucas vezes acontece) em tal caso lhe poraõ maturativos fortes de raizes de malvaifco, linhaça galega, raizes de cebolla cefsem, figos passados, tudo cozido, & pisado com unto de porco, & formento, & faça emplasto; & conhecerse ha o edema querer fazer materia, quando de molle se fizer duro com algũa quentura, & dór, entaõ poraõ maturativo, & estando maduro se furará cõ cauterio de fogo, & curará como os demais apofemas abertos, usando com tudo de cousas que gastem, & consumaõ o humor fleimatico, como he egypciaco, digestivo de trementina, & mundificativo feito de trementina, & mel rosado, & çumo de aipo, & de couve, & encorporado ao *Mundific.* ^{daip.} fogo cõ húa pequena de farinha de cevada, & tudo isto he para a mecha, & em cima panos de papas de farinha de fava, de cevada, de lentilhas, de esvelhaca em cozimento de carqueja, & com oximel, ou poraõ unguento basalicaõ em pano. E se o edema se endurece, se curará como scirro.

CAPITULO XIV.

Do Apostema ventoso.

A Postema ventoso, he hũ tumor no qual estã junta, & amontoada ventosidade grossã, a qual faz inchação com tenção, sem se derramar pella sustancia do membro.

De que se fazem estas ventosidades?

Fazemse dos humores grossos, & viscosos, q̃ ha no corpo, os quaes vagarosamente pouco, & pouco se vão aquentando, & como a quentura os vai derretendo, se não basta para os resolver, convertemse em ventosidades, & assim o diz Galeno.

14 met.

c. 7.

Quaes são os sinais do apostema ventoso.

São inchação grande, & luzidia, & tocando cõ os dedos se sente huã tenção com resistencia ao tacto, & parece que com a mão se vai impuxando a ventosidade para hũa parte, & muitas vezes o tacto engana, porque parece que he materia, & se a inchação he grande, batendo com hũ ferro, parece que soa como vento, & sente o doente as ventosidades por todo o corpo, & fazem grande dor, & tambem o apostema faz às vezes alguma dor.

Como se cura o apostema ventoso?

Na cura quanto ao regimento da comida sera como no edema, & a sangria neste caso não convem, salvo se o apostema for feito por causa primitiva, & ouver grande dor, entã se póde sangrar por razão da dor, por evitar attracção; & para purgar convẽ dar mezinhas, q̃ purgẽ humores grossos, & viscosos, de que se fazem as ventosidades; para o qual usaremos dos xaropes, & purga q̃ se disse no edema. Tambem he bom usar cristeis caminativos, feitos de cousas que gastem as ventosidades, como são erva doce, funcho, cominhos, alccrovia, semente de endros, macela, coroa de Rey,

cozidas em agoa estas coufas, ou partes dellas, do qual cozimento tomarão o que baltar para o cristel & lhe botaráo de azeite, de endros, de arruda, & mel coado hũa onça de cada hum, & de benedita meya onça, & se dormir o doente com este cristel, fará proveito.

E depois de purgado he bõ tomar pelas manhãs talhadas de aromatico rosado, & també he boa a erva doce mastigada, & isto para confortar o estamago, & gastar as ventosidades.

No apostema, se ouyer grâdes dores, se porã oleo rosado, & de macela, & de endros, & enxundia de galinha, tudo juto: ou este emplasto feito de arrobe, de vinho de miolo de pão de rala, tudo cozido, & no cabo lhe misturarão hũ pequeno de oleo de macela, & de endros, & tirada a dor, se porã oleo de macela, & arrobe, vinho estitico, tudo misturado, & panos molhados, ou lã lidrosa, & tambem he bom banhar o apostema com decoada forte & depois de feito o banho, untar cõ oleo de arruda, ou de baga de louro, ou de lilio, ou de casto, ou de espique. E també se pôde fazer banho com vinho branco agoado, & cozido cõ fantaurea, alfavaca, erva doce, alcorovia, cominhos rosmaninho, endros, cabeças de macela, farelos & mel, & de tudo feito banho, & depois de o banhar, se porã no apostema hum saquinho, feito de milho & folhas de artemija, & sabugueiro, cominhos, sal, cabeças de macela, de coroa de Rey, tudo seco, & feito pô, & metido no saquinho, & posto, & atado: ou *℞.* esterco de cabras, feito pô, quatro onças, esterco de pombas feito pô duas onças, pôs de macela, de coroa de Rey, de en lro de cada hũ hũa onça, farinha de lentilhas, & de chicharos, de cada hũ duas onças, faráo papas em decoada, & arrobe de vinho & ajuntalhe no cabo duas onças de oleo de endros, & se quiserem que resolva mais, ajuntalhe pôs de cominhos, & de erva doce, & de alcorovia: ou *℞.* Arrobe de vinho meyo quar-

*Emplasto
de esterc.
de cabras.*

quartilho, pôs de esterc. de cabras seco ao Sol quatro onças, pôs de cabeça de macela duas onças, & rolão de trigo da terra tres onças, & hũa pequena de agoa cozida cõ malvaisco, & losna, & macela & de tudo faraõ papas, as quaes são resolutivas no apostema ventoso, & no acoso, & de outro qualquer humor frio nas juntas.

CAPITULO XV.

Do Apostema acoso.

A Postema acoso he hum tumor brando sem dor, nem resistencia ao tacto, feito de hũa humidade como agoa, a qual he o excremento, & soro da flema.

Causas.

E as causas do apostema acoso, são que algũas vezes se faz por defluxo, & outras, por paulatina cõgestão, & por defluxo se faz, porque acontece muitas vezes dilatarem as veas seus poros, & resudar o sangue, & acosidade, q̃ consigo tem, a qual depois que está fóra das veas apartase, & ajuntase em algum lugar, & faz este apostema: & por cõgestão se faz o apostema acoso, quando algum membro está fóra de sua natural compleição com intemperança fria, por razão da qual se ajuntão estas acosidades pouco, & pouco, & se faz apostema.

Sinaes.

E os sinaes do apostema acoso, são tumor brando, & que não muda a cor, nẽ resiste ao tacto, nem té dor, & a grossidão, & peso, he menor, que no edema, & soa como agoa & posta a candeia da outra banda em casa escura, luz o apostema, que logo parece agoa, & pella mayor parte se faz este apostema nos velhos, porque nelles abũda mais flema, & mais excrementos, & quasi sempre se faz nas juntas, & na bolça dos testiculos, & tãbẽ na cabeça dos meninos quando nasce: & diz Guido, q̃ poucas vezes se acha agoa sem vëto, nẽ vëto sem agoa, porque ambos se fazẽ do mesmo humor, & o apostema da agoa se faz mais devagar, que o do vento.

A cura

A cura quanto ao regimento do comer, & beber, & das mais coufas não naturaes, se fará como no edema, & as cou- *Cura.*
 fas de comer serã mais quentes & secas, & o paõ he bom
 levar erva doce, & bem cozido, ou biscoutado, & o padecer
 fome faz proveito, & o velar, & trabalhar, porque com isto
 se fazem menos excrementos no corpo, & a purga neste ca-
 so he louvada, assim por camara, como por ourina, para o
 qual serve xarope de cinco raizes, & de avenca com agoa
 de funcho; põ de purgar, com diafiniçaõ, & electuario, in- *Purga.*
 do xarope de Alexandria, ou cõ piloras de gera, & de aga-
 rico. E depois de purgado tomarã coufas, que provoquem
 a ourina, & para isto he bom de raizes de salsa, de card *Cozimẽto*
 corredor, de gilbarbeira, de funcho, de espargo, & de todas *das cinco*
 raizes, ou de algũ is dellas, beber agoa cozida, & as raizes *raizes.*
 haõ de ser lavadas, & raspadas antes que se cozam, & po-
 cas em muita agoa, de modo, que não tome muito sabor,
 para que se possa beber.

No apofteima convem mezinhas, que desequẽ, & resol-
 vão, para o qual louva muito Galeno hũa esponja molhada
 em oxiridonio, & sal, que he agoa rosada & vinagr rosado,
 & azeite rosado, & tudo misturado com sal: ou *14. met. c.*
 ponja molhada em agoa cozida cõ carqueja, & cominhos: *4. c. 2. ad*
 ou *gel. Oxir.*
 Os cominhos fritos em oleo de endros, & untar o a-
 postema ou *℞.* Semente de ortigas, mostarda, enxofre, pe-
 dras pomes, aristoloquia, armoniaco, duas oitavas de cada
 hum, azeite velho, & cera o que bastar, faça emplasto: *℞.*
 Põs de estercõ de cabras & de cominhos, & de alcorovia,
 & farinha de favas, & rolaõ de trigo, duas onças de cada
 hum, oximel tres onças em agoa de carqueja, façã papas:
℞. Põs de baga de louro, & de pimeta, duas oitavas cada hũ,
 oleo de louro tres onças, com cera faça unguento. E tambẽ
 he bom beber agoa simples do pao das antilhas, ou da salsa,
 para ajudar a desecar. E se estes remedios não aproveitarẽ,

& o apofteima não quizer desfazerse , diz Guido, q se abra com ferro, & se cure como apofteima aberto, digerindo , & mundificando.

CAPITULO. XVI.

Do Apofteima de agoa na cabeça dos meninos.

Hydrocephalos. **M**uitas vezes acontece fazerse apofteima de agoa na cabeça dos meninos, & chamafe em Grego Hydrocephalos, que quer dizer, tumor de agoa na cabeça.

Causas. E isto se faz quando por algũa pisadura se röpem as veas, das quaes sae fangue , o qual por ser ralo se premuda em hũa sustancia como lavadura de carne, & acontece isto algũas vezes nos meninos, que à nacçça caem, ou a parteira lhe trata mal a cabeça: & també se faz este tumor por causa antecedente, & he quando as veas por si mesmo se fazem mais ralas, & a açosidade que está misturada cõ o fangue se coa pouco, & pouco, & se vai ajuntando em hũ lugar da cabeça, & faz apofteima de agoa: & rambê põdem as crianças trazer do ventre da mãy este apofteima, como eu já vi algũs.

Sinaes. Os sinaes são, hum tumor brando, & sem mudar a cor do couro, & quando he por causas primitivas às vezes muda a cor, & tem mortificação, & dôr; & diz Paulo, que quando a agoa está entre o craneo, & pericraneio, que he outro mais duro, porque está mais profundo, & té mais dôr, & quando está entre o pericraneio, & carne, he mais brando.

Cura. Na cura, quanto ao regimento das cousas naõ naturaes, se fará o que se disse no apofteima acoso. E no tumor se ha de pertender resolução, & podê usar dos remedios do mesmo capitulo, & també dos seguintes: *℞.* Oleo de macela, untaráõ cõ elle a cabeça, & cobriráõ toda a inchação de pôs de enxofre: ou *℞.* Mãteiga crua, oleo de macela, & de endros, hũa onça de cada hum, pôs de losna, & de coroa de Rey, & de macela, meya onça de cada hũ, com cera, faça unguento:

ou

ou *℞.* Caracois pisados vivos com casca, & misturarilhehaõ *Emp. de ouregãos*
 hũs pòs de incenso, q̃ fique como unguento: ou *℞.* Pòs de
 ouregãos tres onças, pòs de sal meya onça, mel comum o q̃
 bastar, fação papas ao fogo, o qual he provado neste caso;
 & quando o tumor não quizer obedecer com estes remedi-
 os, he boa pratica antes de aplicar estes resolutivos, banhar
 o tumor com este cozimento, para que melhor se resolva:
℞. Betonica, ouregaõs, macela, coroa de Rey, poejes, salva,
 erva ussa, rosmaninho, endros, maçãs de Acipreste, rosas, fa-
 rellos, tudo cozido em decoada de cinza de vides, ou em vi-
 nho vermelho; & tambem pòdem fazer papas com pòs de
 algumas coufas, & có farinha de favas, & sempre neste caso
 se ha de pertender resoluçãõ, & quando não quizer resolver-
 se (o que poucas vezes acontece) então não ha outro reme-
 dio senão abrir com hũa lanceta, & curar como os demais
 apostemas abertos, tendo sempre tento, que hea agoa cau-
 sada de fleimas, que he tumor frio, & humido, pelo que cõ-
 vem mezinhas quentes, & secas.

CAPITULO XVII.

Da Hydropesia.

PAreceome coufa conveniente, & necessaria tratar a
 qui da hydropesia, naquella parte em que cabe a obra
 de mãos do Cirurgiaõ, porque na verdade he apostema de
 agoa na barriga.

E avemos de notar, que ha tres especies de hydropesia. s.
 ascitis, timpanitis, anazarca, ou hypozarca.

Anazarca he hũa inchaçãõ universal de todo o corpo, &
 metendo o dedo em alguma parte, faz covas como em mas-
 sa, como dissemos no edema; & a inchaçãõ da barriga
 não he muito grande, mas as pernas, braços, & rosto tudo
 está inchado, & luzido, & muito branco.

Timpan.

Timpanitis he inchação de vento na barriga, & tocandoa parece que soa como tambor, & a barriga às vezes incha, & crece, & outras vezes està menos inchada, & outras vezes parece que se afoga o doente, & logo aquiera, & sente vêtolidades pelo corpo.

Ascitis.

Ascitis he hũa inchação da barriga chea de agoa, & todas as mais partes de pernas, & braços, peito, rosto, tudo se adelgaça, & algũas vezes inchaõ as pernas, ou pés somente, & se bolem com o ventre, chocalha como coufa chea de agoa, & batendo com hum ferro, não soa como de vento, & tem os sinaes do apostema acoso, & faz-se mais devagar que o de vento, & nesta especie de hydropesia entra o Cirurgiaõ por obra de mãos, como apostema, & inchação de agoa, que he o que neste capitulo se trata.

E presuposto os universaes, & particulares remedios na cura desta inchação por mezinhas de xaropes, purgas, apostimas, cristeis, emplastos, unguentos, feito tudo pela ordem do Medico, quando todos não aproveitem, & parecer necessario chegar ao remedio da abertura, o fará o Cirurgiaõ sendo rogado, & suposto o pronostico do perigo, & estado do doente com forças, & não fraco, & sendo mancebo, & q̃ não esteja muito magro, & descorado, porque sendo a doença de muito tempo, tem o figado tam danado, que não fará ainda que lhe tirem a agoa, & os que não tem isto, farão, & não tendo coufa q̃ lhe impida a obra, em tal caso se fará.

E diz Guido, que se a causa da hydropesia foi o baço, que se faça abertura da parte direita, & se foi o figado, que se faça da parte esquerda, porque possa estar o doente deitado da parte de menos dor, & não sobre abertura, & porque não corra agoa cõtra nossa vontade pela abertura: & o Doutor João Pescalio diz que se faça abertura da parte propria, ao contrario do que diz Guido; & a mim me parece, que sempre se deve fazer abertura da parte direita, porque cõ este

instru-

instrumento da agulha canulada, que eu uso, se pôde o doente deitar da parte que quizer, & donde tiver menos dor, por que ainda que se bote sobre a ferida, não fae agoa nenhũa, & pode se abrir de qualquer das bandas, aonde aparecer o couro estar mais delgado, mas os que eu abri atégora, todos foraõ na parte direita.

E para fazer esta obra, estará o doente em huma cadeira de encofsto cõ hum travisseiro debaixo em que fique assentado, & quasi direito; & se for mulher, & não quizer levantar-se, ou não puder, ficará na mesma cama assentada, de modo que fique em fórma boa, & barriga direita & estará alguem detrás do doente sustentando, & sendo necessario apertará as ilhargas da barriga, trazendo, & botando agoa para o lugar da abertura, para que corra melhor, se nam correr bem, & tambem se pôde abrir deitado de ilharga, mas não fae bem a agoa.

E a abertura se fará dous dedos abaixo do embigo, & a fãstado quatro dedos para a parte direita, ou esquerda, no lugar mais delgado q se achar pelo tacto, & assim a fiz eu sempre, & a agulha se meterá retorcendo-a cõ os dedos da mão direita para hũa, & outra banda, inclinando algum tanto a ponta para cima, para que não entre direita no vaõ da barriga, porque tirada a agulha se tape o buraco melhor, & chegando ao vaõ, logo a agoa fae pela agulha, & se tirará a q parecer conforme as forcas do doente, & basta huma canada cada dia, ou cada dous dias, & ao meter da agulha se ha de pôr o *Cirurgiaõ* sempre em hum posto, & lugar, & o doente tambem, para que a agulha vá pelo mesmo buraco, & não buraco novo de cada vez.

E se for necessario, estando tirando agoa, esforçar o doente, taparáõ cõ o dedo a agulha que não corra, & darlhehaõ hũa fatia de paõ torrado molhado em vinho, ou hum figado de galinha, ou outra cousa que o esforce, & tornará a

*Papas para
curar.*

Corre a agoa, & acabada de tirar a que quizerem, tirarãõ a agulha, & lhe porãõ hũ pano de ovo, ou de papas, como estas: *Rx* Farinha de favas, de cevada, de lentilhas, tres onças de cada hũ, em agoa de carqueja, & arrobe de vinho, façãõ papas: ou *Rx*. Farinha de esvelhaca, & de lãtilhas, & de favas, de cabeça de macela, & farelos pisados, 4. onças de cada hũ, em agoa de carqueja, façãõ papas, & ajũtelhe 7. onças de oximel: ou *Rx*. Põs de rosa, de balauſtias, de maçãs de Acipreste, hũa onça de cada hũ, farinha de favas, & de esvelhaca, & de esterco de cabras, tres onças de cada hum, em arrobe de vinho façãõ papas: ou *Rx*. Põs de esterco de cabras secos ao Sol seis onças, pões de cabeças de macela, & de rolaõ de trigo, duas onças de cada hũ, em agoa de cozimento de macela, & carqueja, & outro tanto arrobe de vinho, façãõ papas, & ajuntelhe de oximel tres onças: ou *Rx*. Pões de macela, de coroa de Rey, de endros, de roſmaninho, de murtinhos, de murta, de roſas, de balauſtias, de maçãs de Acipreste, hũa onça de cada hum, farinha de favas tres onças, farelos pisados duas onças, oximel quatro onças, em decoada de cinza de vides, ou em agoa de carqueja, façãõ papas.

*Empl. de
esterco de
cabras.*

E destas papas, ou de qual quer dellas pódem usar em todo o tempo, depois que começarem de tirar agoa atè o cabo, & depois de acabada de tirar de todo, para acabar de enxugar algũa pequena de agoa q̃ ficar na barriga, & para dessecar, & confortar a parte que naõ torne a receber outra; & tãbem podem usar este unguento para untar toda a barriga, & porlhe hum pano enxuto, & apertar cõ hũa atadura: *Rx*. Oleo roſado, de murtinhos, de macela, de endros, de alcaparras, & de espique, de cada hũ huma onça, & de cera branca onça, & meya, & derretido tudo lhe ajuntarãõ de pões de coroa de Rey, de esquinãto, de maçãs de Acipreste, de endros, de roſmaninho, de calamo aromatico, de balauſtias, hũa onça de cada hum, & faça unguento.

E diz

E diz o D. Micael Joaõ Pascallio, quẽ dar muitos caute-
rios de fogo superficiaes na barriga chea de agoa, que não
queimẽ mais que o couro, que se purga a acosidade dos hy-
dropicos por estas queimaduras: & diz mais, que este cristel
tomado de quando em quãdo, he bom remedio neste caso :
℞. Macela, arruda, salva, rosmarinho, farelos, hũa maõ chea
de cada hũ, eleboro, turbit, de cada hum duas oitavas, aga-
rico hũa oitava, cartamo meya onça, & feito cozimento, &
coado, tomarãõ o necessario, & lhe deitarãõ de oleo de arru-
da, & de lirio, de cada hũ duas onças, & de sal duas oitavas,
& tambem louva muito esta aposima: ℞. Cascas de raizes
de aipo, & de funcho, hũa onça de cada hũ, semente de aipo,
& de funcho, ameos, de cada hum meya onça, rosas verme-
lhas, espiga, tres oitavas de cada hũ, coza tudo em tres quar-
tilhos de agoa, que mingue mais da terça parte, & coado
lhe botarãõ quatro onças de açucar, & beba o doente em
jejum quatro, ou cinco onças de cada vez, para fazer pur-
gar a agoa da barriga por ourina: ou tomarã estoutra aposi-
ma, a qual diz Joannes de Vigo, q̃ sãra hydropesia, purgan-
do agoa: ℞. Soldanella [q̃ he couve do mar] hũa onça, çumo
de raiz de lirio, dez oitavas, çumo de folhas de rabam, seis
oitavas, xarope de cinco raizes, doze onças, ferva tudo cõ
dez onças de agoa de funcho, & dez de agoa de almeiraõ,
atẽ ficar em ponto quasi de xarope, & seja coado, do qual
tomará cada manhãa duas onças, ou tomará cada manhãa
meya onça de xarope de cinco raizes sõmente.

E o doente coma, & beba pouco, & guardese de todas as
coufas humidas, & de ervas, & frutas, & leite, & peixe, & le-
gumes, & de carne de porco, & coma galinha, carneiro, aves
do câpo, & coelho, & tudo assado, & pôde comer caldo de
gãos cozidos com hũa folha de salva, & de nevada, & o pão
seja de bom trigo, bem cozido, ou biscoutado, ou de cevada,
amassado cõ erva doce, & beba vinho brãco, ou agoa cozida

com tamargueira, ou com pão das antilhas, & pouca, & trabalho, & vigie, & provoque o ventre a camara, & urinar muitas vezes.

E a agulha para esta obra ha de ser de prata, a mais delgada q̃ puder ser, porque faça pequeno buraco, & moçiça na ponta, & aguda para furar, & o demais ha de ser vão, & no fim do vão junto do moçiço da ponta ha de ter dous buracos, hum de cada parte, pelos quaes saea agoa, & he como hũa algalea, instrumento para urinar, & ha de ser de comprimento de hum palmo, como hum molde de rede, cuja figura he esta.

CAPITULO XVIII.

Das Hernias.

Ainda que pelas causas de que se fazem as hernias, se devera tratar de cada hũa em seu lugar particular, me pareceo bem pòr aqui este capitulo de todas as hernias juntamente, por não fazer tantos capitulos, & tambem por que as q̃ principalmente curamos. são de humor, & de agoa, & de vento, & como aqui tratamos de apostema ventoso, & acoso, fica bem trataç neste lugar das hernias todas.

Que cousa he hernia, & quantas especies ha?

He hũa inchação da bolsa dos testiculos, da qual ha seis especies. f. humoral, acosa, ventosa, carnosa, varicosa, zirbal, intestinal.

Que cousa he hernia humoral, & como se cura?

He hũa apostema na bolsa dos testiculos: as suas causas, & sinaes são como dos outros apostemas, & posto que se pòde fazer de todos os humores, pela maior parte se faz de sangue em cantidade q̃ vem aos testiculos ou por razão de algũa pácada, ou magoamêto, ou por indisposição dos rins.

E curase como os demais apostemas, conforme ao humor

môr de q̄ se fizer , & no que for de sangue, se farão as fangrias do braço da vea da arca, & a derradeira do pè não corredo já humor, & as purgas neste caso não são louvadas, né em inflamação, né nenhũa das partes baixas, como diz Galeno; & os cristeis se podem usar, porque divertem , & evacua, & os vomitos são melhores neste caso que as purgas, & principalmente no principio, & sendo necessario purgar, por aver línaes de carga de humores podres, se poderá fazer em algum caso destes no estado, & na declinação , & o melhor he passar sem purgar, porque vi alguns defastres com purgar nestas inflamaçoens destas partes, porque se mortificárao, pelo que ao menos em quanto o humor corre, não se purgue.

E na parte inchada no principio, estando inflâmada, & cõ grande quentura, poremos repercussivos proprios; & a razão porque nos testiculos se poem mais repercussivos que em outro apostema de outra parte, he, porque este membro tem veas, & arterias em mais quantidade que outro qualquer membro, & se com a inflamação, & calor extraneo, que nelles está, não se puzerem repercussivos, que temperem com força o calor da parte natural, & o extraneo, seria tanta quentura, q̄ facilmente se perderia a parte, pelo que convem usar repercussivos como estes: agoa rosada , vinagre rosado, & çumos de ervas frias: ou *℞.* Molada, & farinha de favas, & de cevada, & oleo rosado, feito papas se porão em pano: ou *℞.* Todo ovo batido com çumo de tanchagem, & postos panos; & no augmento, & estado farão isto: *℞.* Malvas, & meimendro cozido com agoa, & depois pisado com farinha de favas, & de cevada, & oleo de macela, feito emplasto: ou *℞.* Macela, & malvas, cozido em agoa, & coado. & neste cozimento farão papas com farinha de favas, de cevada, de lentilhas, & xarope acetoso: ou *℞.* Folhas de couves, raizes de malvaisco, macela, tudo cozido em caldo de galinha, ou de

13. *met*
c. 6.

Molada.

Resolutive carneiro, & depois coado, & com farinha de favas, de cevada, & de graõs, farão papas para resolver. E muitas vezes feitas as evacuaçoens univcrsaes de sangrias, sômente com os repercussivos se concerta esta inflamação, & o bõ he fazer o possivel, pera que não venha a furo, & para isso são bons os remedios acima ditos, & quando remitida a furia, & quentura do humor, ficar algũa dureza, que se vai resolvendo, se ajudará com resolutivos mais fortes que os acima ditos, ajuntando nas papas pões de macela, & de coroa de Rey, & de alforfas, & de linhaça, & de farelo, & losna.

Maturativos. E se for em via de supuração, ajudaremos com maturativos, & estando maduro se abrirá no lugar da materia, & como hum fleimaõ aberto se curará; & determinandose por induração, & não avendo dor, nem inflamação, usaremos dos remedios do scirro, & mortificandose a parte [o que muitas vezes acontece] se curará como grangrena, sarjando, & pôdolhe Egiciaco, ou erva santa, & papas preservativas; & se não ouver inflamação, & a escara do Egiciaco estiver bem pegada, se tirará com hum pano de unguento basalicaõ, & a chaga que ficar, se curará como as demais chagas no estado em que ficar.

Que cousa he hernia acosa, & ventosa, & como se curam?

He hum apostema de vento, ou de agoa na bolsa dos testiculos; & os sinaes são os que puzemos nos Capítulos dos apostemas acoso, & ventoso: a cura he a mesma quasi destes Capítulos; mas cõ tudo porei aqui algũas cousas particulares, & assim os sinaes proprios da hernia acosa, são que vay inchando devagar, & sente o doente peso na parte, & pondo hũa candea da outra banda em casa escura, parece transparente a inchação, como cousa chea de agoa, & tocado com os dedos, se sentem hũas ondas; & a hernia ventosa tem

tem mais resistenciã ao tacto, & faz-se mais subitamente, & mais depressa que a de agoa; & diz Guido, que poucas vezes se acha agoa sem vento, nem vento sem agoa, mas nomease do que parece que tem maior quantidade, & tem a de vento hum resplandor no couro luzido, & tocandoa soa como vento.

E na cura se usará o regimento que dissemos no edema, na comida, & em tudo o demais, & o que dissemos no Cap. do apóstema acoso, & ventoso.

E no tumor usaremos dos remedios que dissemos nos Capitulos do apóstema ventoso, & acoso, os quaes não torno aqui a repetir. E se a hernia acosa for antiga, & com os remedios que lhe fizerem não quizer desfazerse, então nenhũ remedio tem melhor que abrila como mandaõ os Autores, na parte mais delgada, & parte baixa, sutilmente, com lanceta delgada de sangrar, afastado da costura do meyo da bolsa, & tirada a agoa, curar com clara de ovo, & logo soldará, & depois com algũas papas dessecativas, & cõfortantes. E eu digo que fure com agulha, como atrás fica dito que se devem curar os hydropicos, porque eu curei este caso de hernia acosa com ella furando na parte mais baixa, & mais delgada, retorcendo a direito dentro ao vaõ da agoa, & lhe tirei toda a que dentro estava, & depois curei cõ todo ovo dous dias, & oito dias mais cõ as papas, & remedios ditos atrás no Cap. da hydropesia, & saráõ; & certo q̃ esta nossa invenção de agulha tenho por muito segura neste caso, & pouco molesta. E se a agoa da hernia for muita, que pareça ser mais de huma canada, em tal caso se tirará por duas vezes, mas eu sempre a tirei toda junta, & se no tumor ouver algũa dureza no arredor, q̃ pareça tem algũas fleimas com agoa (como às vezes acontece) então convem furar com lanceta, & curar com mecha, & pano de ovo, como hũ apóstema aberto.

Na ven-
rosa.

E se por todos os sinais claramente parecer que a hernia he ventosa, diz Guido, que a cura da cirurgia não lhe compete, pelo que convem usar de resolução, como dissemos no apostema ventoso.

Que causa he hernia carnosa, & varicosa, & como se curão?

Hernia
nerv. 1, &
vernal.

Hernia carnosa he hũa dureza antiga na bolsa dos testiculos, a qual se faz pela longa detença da materia dos apostemas nestas partes, porque acontece resolverse o sutil, & ficar o grosso, o qual se congela, & vai crescendo, & fazendo hũa sustancia grossa como carne dura, & a isto chamaõ hernia carnosa, & pondolhe a mão, se sente dureza sobre os mesmos testiculos com algũa brandura lá dentro, & sente o doëte grande peso na parte, & dor pesada, & as mezinhas que lhe poem nenhum proveito lhe fazem, & algũs lhe chamaõ hernia nerval, quando a dureza está muito apegada ao testiculo, & ao dindino, & tambem lhe chamaõ verucal, porque tem a carnosidade a modo de verruga.

Curase com o regimento na comida, & na purga, como dissemos nos apostemas fleimaticos, & melancolicos; & no tumor usaremos de algũs mollificantes, & resolventes, como dissemos no capitulo do scirro; & nam aproveitando estes remedios, diz Guido, & Albucacis, q̃ se cure desta maneira: Cortarás de alto a baixo a inchação até os testiculos com lanceta, ou navalha, & verás se está o testiculo corrupto, & não estando, cortarás o melhor que puderes pela banda de dentro toda a carne ao redor do testiculo, que fique limpo della, & posto o grão em seu lugar, cozerás a ferida q̃ fizeste, & curarás como as demais feridas; porém se o testiculo estiver corrupto, ou scirroso, atarás o dindino por onde o grão está atado, & cortarás por baixo da atadura o q̃ estiver podre, & queimarás com trementina, & curarás com ovo, como as demais chagas; & esta obra não farás senão sendo

fendo rogado, & importunado do doente, & avendo grande necessidade, dizendo primeiro o perigo que corre o doente na tal obra: isto he o que diz o livro, & aconselha, ou ensina neste caso; mas eu aconselho, que se fuja desta obra, & modo de cura, porque he muito perigosa, & o bom he usar de cura paleativa, de emplastos, que resolvaõ, & abrandem.

E a outra especie de hernia que chamaõ varicosa, he hũa inchação na bolsa cõ huas veas grossas, & tortas cheas de fangue melancolico, a qual se tem por incuravel pelo perigo do cortar das veas; mas Guido diz que se ate a vea por baixo, & por cima, & o que ficar no meyo se corte de todo, & se coza a ferida, & se cure como ferida fresca, mas isto convem mais nas varizes dás pernas, que nos testiculos.

Que cousa he Hernia zirbal, & intestinal, & como se curãõ?

Esta especie de hernia, he o que em Portuguez se chama quebra dura, ou rotura, a qual se faz, ou na virilha relaxado-se, & estendendose o peritoneo, & fazendo inchação para fóra chea de ventosidade, ou de tripa, ou se rompe este peritoneo, & saem fóra as tripas, & caem na bolsa dos testiculos, & chama-se hernia intestinal, ou cae sómente o zirbo, & chama-se hernia zirbal.

As causas desta quebradura são primitivas, ou antecedentes; & as primitivas são, caída de alto, pancada na barriga, ou tomar algum peso grande, que tudo isto faz quebrar o peritoneo; & as antecedentes são os humores grossos fleimaticos, que vem a este lugar, & relaxam a parte.

Os sinais para conhecer se he quebradura, ou se apostema de humor são estes, que o apostema he tumor fixo, & a quebradura he tumor brando, & pondolhe a mão parece q̃ foge, & botando o doente de costas, & levantado os joelhos, & apertando com a mão quente, se recolhe a inchação, & depois torna a inchar como se levanta, ou faz força com a barriga,

barriga, & o doente sente hum rugido de ventosidade na inchação, & na barriga.

A cura desta hernia se faz com regimento de bõs mantimentos dessecativos, & não humidos, & boas carnes, antes assadas que cozidas, & beberà agra cozida com semente de funcho, ou com coentro. & pôde beber vinho branco; & na quebradura trabalharem os por meter as tripas dentro, & lavarão a parte cõ yinho estitico, & enxuta lhe porão o emplasto contra rotura, de pelle de carneiro, & apertando com hũa funda que comprima o emplasto, & sustente o buraco q̃ não tornem a sair as tripas, & o doente estará algũs dias em cama, para que ajude a soldar a rotura com a virtude do emplasto, & depois que se levantar não andarà a cavallo, se não a pé, & pouco, & devagar, & não tomarà força nenhũa, & isto aproveitarà sendo a quebradura pequena, & no principio, que às vezes vem a sarar de todo, & se a rotura for grande, aprovcita isto para sustentar que não se faça mayor; & o que quizer sarar de todo, & nam andar com fundas, aventure a curarse por obras de mãos, como curaõ es sacapotas, abrindo pela virilha.

CAPITULO XIX.

Do Scirro.

S Cirro he hum apostema duro, quieto, & sem dor.

Quantas maneiras ha de Scirro?

Ha duas (a saber) verdadeiro, & não verdadeiro como diz Guido, & Avicena, & Dino de Floréça, & Jeanes de Vigo, lhe chamaõ puro, & nam puro; & Galeno, & Paulo, lhe chamaõ exquisito, & não exquisito: de modo que scirro verdadeiro, puro, & exquisito, he o mesmo; & não verdadeiro, & não puro, & não exquisito, he o mesmo.

*De que se fazem os scirros?*Comedia
Guido.

Os scirros se fazem de melancolia, ou de fleima grossa, & viscosa, q̄ he da mesma natureza da melancolia: ou se fazem de melancolia, & fleima misturados: ou se fazem por congelação, & ma duração causa da da applicação dos repercussivos, ou resolutivos, mais fortes do que convê nos apóstemas de qualquer humor.

Que causa he melancolia?

He hum humor frio, & seco: & a melancolia natural he sangue grosso, q̄ se acha na massa sanguinaria para mâter os membros melâcolicos, & chama-se propriamente borra de sangue; & a não natural he a que se desvia destas, a qual se faz de quatro maneiras: ou quando se queima, & apodrece em si mesmo, & se faz colera negra, & azeda, a qual borrada na terra ferve, & foge as moscas della: ou se faz por queima-
mêto dos outros humores, queimandose a colera, ou fleima, ou o sangue, & se convertem em melancolia; & tambem se faz não natural por congelação, & induração, como acontece nas inflamações, & apóstemas de humores naturaes, que por lhe applicarem repercussivos, ou resolutivos mais fortes do que convem, indurecem, & se convertem em melancolia, & fazem hum scirro, & às vezes hum cancro: ou se faz não natural por ajuntamento de outro humor, ou de sangue, ou de colera, ou de fleima, & então se faz scirro flemonoso por ajuntamento de sangue, & dematoso por ajuntamento de fleima, & erisipelatoso por ajuntamento de colera.

Gal. 13
E c. 4.
met.*Quaes são os sinais do scirro?*

São tumor duro, & frio; & que resiste ao tacto notavelmente; & o scirro puro não tem sentido, nem dor, ainda q̄ o toquem, & o não puro sente se o tocam. & se está em membro sensitivo, mas de si mesmo não doe, porque não tẽ picadas, nê pulsação, de modo, que se pôde dizer que he co-
dor, & sem dor, porque não priva o membro de sentido, &
por

Avic. f. 3
1. 2. c. 11.
edino no
tomento.

por tanto apertando doe, porque o scirro nem faz dór, nê he causa da dor, como o cancro, que faz dor, & he causa della; & entre os scirros não puros ha algús, que depois q̄ crecê notavelmête, & estaõ indurecidos, não somête carecê de dór, mas de sentimento: & Galeno diz, que o scirro exquisito he tumor duro, & q̄ de todo carece de sentido, & o não exquisito, não he de todo sê létido, mas q̄ sête muito pouco.

2. ad gls.

14. met.
c.9.

È o scirro puro, que se faz de melancolia natural, tem a cor como chumbo, & tem grande tençaõ, & dureza, & o q̄ se faz de fleima, tem a mesma cor do couro branca, & tem o tacto muito mais frio, & o que se faz de melancolia, & fleima misturados, tem a cor branca, & azulada; & diz Galeno, que o proprio, & verdadeiro he sem sentido, & que os demais tumores, que não são sem sentido, que lhe chamaõ os Medicos em duas maneiras, ou scirros, porque são de genero de scirros, ou tumores scirrosos, mas isto he tratar sómente de nome.

Quaes são os pronosticos do scirro?

O scirro, que he de todo sem sentido, he incuravel, & o que tem algum sentimento, he difficultoso de curar, & os que tem muita dureza, são incuraveis, como he o que se faz por congelaçaõ, & refrigeraçaõ, & alguns ha tam duros como ossos, em fim todos são quasi incuraveis: & muitos se convertem em cancrios, porque se queima a melancolia no mesmo tumor do scirro, & se faz cancro.

Gal. 2. ad
Glan.Añ. 1. 15.
c.3.

Como se cura o scirro?

A cura quanto ao regimento das cousas não naturaes declinam a quentura, & humidade, pelo q̄ são boas todas as comidas, que fazê bom sangue, & assim o paõ ha de ser da flor da farinha molete, & não biscoutado, & comerà frangam, galinha, cabrito, cordeiro, carneiro, perdizes novas, codorniz, vitela de leite, & tudo he melhor cozido, que assado, & pôde comer borragês, espinafres, chicoria, alface, camo-

zas,

zas, & coufas que alimpem o fangue, & o fação puro, & todas as coufas, q̄ fazê melancolia, são danofas, como he vaca, cabra, bode, camelo, pão de rala, & manjares grossos, & de grosso mantimento, & vinho tinto, & grosso, & a bebida seja agoa de fonte boa, & vinho bráco agoado: o sono he proveitoso de noite, & també o de di, se he pouco, & he necessário trazer o ventre lubido, que faça cada dia camara.

E pôde fazer sangria, se ouver muito enchimento no corpo de fangue melancolico, mas com muita consideração, porque neste caso convem pouco sangrar, & o melhor, & mais necessário remedio he purgar, & pôde tomar xarope de borragens, & agoa de lingua de vaca, & purgar se cõ diacatolicão, confeição hamec, & xarope de nove infusões, & também cõ piloras aggregativas, & fetidas, & de agarico, ou com ameixas de sene, ou cõ isto: ℞. Soro de leite de cabras sete onças, epitimo tres onças, darà à noite hũ fervura, & ficará assim de molho até pela manhã, & então o corarão, & lhe botarão hũ pequeno de açúcar, & o beberà o doente, & fazendo isto cada quinze dias, lhe fará muito proveito, como diz Dionysio Daça, porque neste caso convem purgar muitas vezes. E se o scirro for de humor fleimatico, se purgará com coufas, que purguem a fleima.

No scirro que se porà?

No tumor não se haõ de usar repercussivos, nem fortes, nem brandos, nem puros resolutivos, porque se resolverá o futil, & ficará o grosso, & converterseha em natureza de pedra, pelo q̄ do principio até o cabo se haõ de usar mezinhas resolutivas, & mollificativas juntamente, & esta he a comũ opiniaõ de todos os Autores: & Joao de Vigo põem este emplasto: ℞. Raizes de malvaisco nove onças, & rvides de marmelos, & alforfas, de cada hum meya onça, coza tudo em agua, & pife, & passe por huma coadeira de botica, ou peçeira, & a isto q̄ passar lhe ajuntarão óleo rosado, de macela

cela, & de amendoas doces hũa, onça de cada hũ, cevo de vaca duas onças tutanos de vaca, enxundia de galinha, de cada hum meya onça cõ cera branca o que bastar faça unguento, o qual tem força de resolver pouco, & pouco com mollificaçõ: ou *℞*. Farinha de favas, de cevada, de trigo, quatro onças de cada hum, pòs de macela, de coroa de Rey, & farelos pisados, meya onça de cada hũ, farinha de linhaça, & de alforfas hũa onça de cada hũ, em cozimêto de malvaisco, & outro tanto de arrobe de vinho, faraõ papas, & lhe ajutarãõ no cabo oleo de macela, rosado, & manteiga crua, meya onça de cada hũ & cebo de vaca, & de bode, hũa onça de cada hũ: ou *℞*. Cascas de raizes de malvaisco cozidas, & pisadas com enxundia de galinha; & no estado usaremos estes: *℞*. Raizes de malvaisco seis onças, raiz de lingoa de vaca hũa onça, raiz de lirio meya onça, cabeça de cebola cessem duas onças, cozido tudo em agoa, & depois pisado, & passado por peneira, & ao que passar lhe ajutarãõ oleo de macela, & de cebola cessem, & de amendoas doces, hũa onça de cada hũ, diatar meya onça, isopo humido meya onça, diacatolicão branco hũa onça, cõ cera branca o que bastar faça unguento para resolver, mollificar: ou *℞*. emplasto meliloto onça, & meya, diaquilaõ mayor hũa onça, cebo, tutanos de vaca, enxundia de galinha, & de adem, meya onça de cada hũ, & tudo misturado ao fogo, & cõ cera brãca o que bastar, faraõ emplasto brando. E he bom antes de aplicar estes emplastos, fomentar a parte cõ hum cozimêto feito de raizes de malvaisco, pvides de marmelos, alforfas, linhaça, malvas tamaras, passas, tudo cozido em agoa, porque este banho feito antes de por o emplasto, ajuda muito para se fazer boa resoluçõ.

E se o scirro vier a fazer materia [o que poucas vezes, ou nunca acontece] madurar se ha cõ este emplasto: *℞*. Raizes de malvaisco, & de lirio, & de gigante, & de sinoura, & figos
passas,

passados, tudo cozido em agoa, & pisado cõ farinha de trigo, & de alforfas, & de linhaça, & unto de porco, & manteiga crua, & faça emplasto, & avendo tacto de materia se furará, & curará como os demais apostemas abertos.

E se o scirro se converter em cancro, como tal se tratará,

CAPITULO XX.

Do Cancro.

O Cancro he de duas maneiras, não ulcerado, & ulcerado, & do ulcerado se tratará nas chagas, & do não ulcerado, que he apostema, se trata aqui.

He o cancro hum a postema melancolicó, duro, redondo, & fulco.

E faz se o cancro de melancolia tostada.

E os sinais do cancro são tumor duro, redondo, escuro, q̄ crece com furia, & atormenta a miudo, quente, & doloroso, & começa tamanho como grão, ou fava, & depois crece cõ muita malicia, & tem veas ao redor cheas de sangue melancolico, ou escondidas, ou manifestas, que parecem ao modo de pernas de caranguejo, & o doente padece agastamentos, & inquietaçoens, & desmayos, & nasce pela mayor parte nas tetas, & lugares grandulosos, & principalmente nas mulheres que lhe falta o mes, & nos homens a quem faltou a antiga purgaçã das almorreimãs se as tinha. E do cancro não ulcerado se faz o ulcerado, o qual he peor, & ambos são perigosos.

Como se cura o Cancro.

A verdadeira cura do cancro he por obra de mãos, com ferro, & fogoimas para se fazer ha de ser por Cirurgiaõ muy deliro, & experimentado, & em hum sogeito bem regido, & purgado, & evacuado da causa antecedente, & humor melancolico, que pôde acrecentar o apostema, & q̄ não esteja em membro principal, & ha de ser pequeno, & superficial,

& que não tenha muitas raizes, nem esteja profundo, nem muito arreigado na parte, & sendo desta maneira se poderá curar assi: ou cortando todo o tumor, couro, & carne juntamente cõ as raizes, & tudo, ou esfolando em cruz o couro, & descuberto o tumor, o arrancarão, & cortarão ao redor com a navalha todo junto sem ficar raiz nenhũa, & espremerão as partes vizinhas, para que se vaze algum sangue melancolico, que ali estiver, & logo cauterizar a chaga com brandura para estancar o sangue, & não se ha de dar tanto fogo, que faça logo escara, mas basta confortar a parte com o cauterio para a malicia do humor, porq̃ o sangue se acabará de estancar cõ o betume, o qual se faz desta maneira: R. Pós de caparrosa queimada, & pós resfitivos, & estopa cortada cõ tifoura muito moida, & tudo junto misturará com claras de ovos batidas, & de modo q̃ faça hũa massa sólida, & dura, cõ a qual se fórmará a chaga muito bê, & por cima porão pranchetas de fios secos, & depois estopadas de clara de ovo batida cõ pós resfitivos, ou pós de bolo armenico, & panos de vinagre destemperado, & atadura conveniête, q̃ retenha as mezinhas, que não se solte o sangue, & não se curará dali a tres dias como fazemos nas chagas com fluxo de sangue, & poderá por cima refrescar, & molhar os panos com vinagre destemperado, ou com agoa rosada, & passados tres dias se descobrirá, & estando o betume apegado, não se bulirá, & por cima porám panos de ovo, & panos de vinagre destemperado, & avendo materia, se curará cada dia da mesma maneira, & o betume nam se tirará senam quando por sua vontade cair, & se caido ouver sangue, se tornará a pôr outro betume, & se nam ouver sangue, se curará a chaga no estado em que ficar, até encarnar, & encourar.

A qual cura por obra de mãos, he muito difficultosa, & perigosa, & o bom he fugir della, & usár de cura paleativa, & preservativa, aconselhando ao doente q̃ tenha bom re-
gimento

gimento em todas as coufas, como disse no capitulo do scirro, & que se purgue muitas vezes, & que se sangre quando ouver grandes dores, & agastamentos, & febres, & no tumor se porão mezinhas, que tenhaõ virtude de reprimir, & resolver, & que sejaõ brandas, que naõ mordiquem, porque o humor he roim, & contumaz, & maligno, & pois naõ se póde curar, basta fazer com que naõ creça, & he muito louvado çumo de erva moura, & de tanchagem, & tambem estes unguentos: *℞.* Oleo rosado duas onças, violado huma onça, cevo de vitela hũa onça, çumo de tanchagem, & de erva moura, huma onça de cada hum, coza tudo até que se gaste o çumo, & coese, & tragase em almofaris de chumbo por duas horas, cevando com çumo de erva moura: ou *℞.* Unguento litargirio duas onças, oleo de violas duas onças, oleo de amendoas doces meya onça, manteiga crua meya onça, pós de chumbo hũa onça, tragase em almofaris de chumbo por grande espaço, cevando com çumo de erva moura: ou *℞.* Oleo rosado ofancino duas onças & meya, tragase em almofaris de chumbo, até que se engrosse, & se torne negro, ou de cor de chumbo, & depois lhe misturarãm de pó futil de alvayade, & de fezes de ouro, de cada hum duas onças, pouco, & pouco, até que se faça unguêto: ou *℞.* Çumo de tanchagem, & de erva moura, & oleo rosado ofancino, tres onças de cada hum, tragase em almofaris de chumbo, até que se engrosse como mel, & ponhase em hum pano qualquer destes unguentos, & para se purgar, usará das purgas que estaõ no capitulo do cancro ulcerado.

TRATADO TERCEIRO

DAS FERIDAS.

CAPITULO PRIMEIRO,



FERIDA he solução de continuidade, fresca, sanguenta, feita em partes molles.

De que tomão as feridas as diferenças?

De tres cousas .s. da natureza da parte , da essencia da ferida, & da propria differença da mesma ferida.

Da natureza da parte, por que humas feridas são nas partes simples, como he no couro, & na carne, &c. E outras nas compostas, como he na mão, no pé, & na cabeça.

E da essencia da ferida porque hũa he simples, & outra composta: & a simples he a que não tem algũa cousa complicada, que possa impedir a uniaõ: ou se diz simples a ferida q̃ pôde sarar com só atadura, ou a que nam tem perdimto de sustancia, & a ferida composta he a que tem outra cousa complicada, sem a qual não pôde sarar, ou a que tem perdimto de sustancia, ou a que he contusa, ou alterada do ar, ou a que tem osso quebrado, ou vea cortada.

E da propria differença da ferida se toma a differença; porque he grande, ou pequena, igual, ou desigual, profuda, superficial, direita, ou torta, cortada de todo, ou em parte, porque das taes differenças se tomão os pronosticos, & intenções curativas, & remedios, & os modos cõ q̃ se cumprẽ.

E ave-

*Ferida
simples.*

*Ferida
composta.*

E avemos de notar, como diz Galeno, que toda a ferida se diz grande, ou pella nobreza da parte, ou pella grandeza da ferida, ou dor, que está em corpo mal compleicionado. 4. met. c. 6.
Ferida por
que se diz
grande.

Quaes são as causas das feridas, & os sinaes, & os pronosticos?

As causas são todas as cousas que podem cortar, como he espada, lança, pao, pedra, mordidura, &c.

E os sinaes das feridas mostra o sentido, & presença de *Sinaes*, cada huma.

E os pronosticos das feridas se tomaõ da sustancia, & o bras, & proveito da parte que está ferida; donde se segue que as feridas grandes sempre tem perigo. *Pronost.*

E diz Galeno, que das feridas hũas são mortaes de necessidade, & outras pela mayor parte: & as mortaes de necessidade são as do coração, do diaflama, do estomago, das tripas delgadas, dos rins, da bexiga, dos boses, do fel, da traca arteria, do izofago, & de todos os membros principaes, & dos q̄ os servem cõ serviço necessario á vida, sendo feridas profundas na sustancia destes membros; & as mortaes pela mayor parte são as feridas superficiaes, & não profundas dos sobreditos membros principaes, se são mal curadas. E as feridas salubres, são as pequenas, & não profundas nas partes carnosas, & de poucas veas, arterias, & nervos. E as salubres pela mayor parte seraõ aquellas, que cõm huma certa differença diffemos que são mortaes pela mayor parte, como são nas cabeças dos musculos, no cranio, peitos, & ventre; & a causa he, porque se forem curadas bem, & com artificio, & diligencia, & o doente for bem compleicionado, & obediẽte, & tiver o que lhe for necessario, pôde farar, & senaõ, pôde morrer; & nota que diz Guido, que não val nada dizer que não morrerá o doente, ainda que fizera muitas desordens, se não estivera ferido, porque tambem elle não morrerá se quizera fazer o que era razão estando ferido.

Que intenção se tem na cura das feridas?

A cômum intenção em todas as feridas he uniaõ, a qual se faz da natureza, como principal agente, & do Cirurgiaõ, como ministro.

Se das causas primitivas se toma a intenção curativa?

4. met. c. 3
¶ 4. Digo que da causa primitiva se toma indicação para co-
nhecimêto da ferida, & disposição della, & desta disposição
se toma curativa propriamête, & da causa primitiva, como
por accidente; porque como diz Galeno, da disposiçam se
toma a indicação da causa primitiva, como de cousa que
naõ he mais, que para significar o tempo.

Que cousa he primitiva intenção, & segunda intenção?

1. intenção. A primitiva intenção he quando se ajuntaõ as cousas
apartadas sem meyo algum, de outra natureza, mas sômête
com o rocio nutritival, o qual com pouca mudança se faz
carne semelhante à primeira, & a este meyo chama Guido
meyo homogêneo, q̄ quer dizer, meyo da mesma natureza.

*2. inten-
ção he te-
rog.
Poro sar-
coides.* E a segunda intenção he quando se ajuntaõ as cousas a-
partadas com meyo de outra natureza, (assim como se ajun-
taõ dous paos com grude) & a isto chama Guido meyo he-
terogêneo, que quer dizer, meyo de outra natureza; & cha-
mamos a este meyo poro sarcoides, o qual se faz de humor
mais grosso, que o da carne, & menos grosso, que o do osso,
& a causa porque o osso naõ solda, he por sua dureza.

E diz Andre Laurencio, que as partes carnosas facilmete
põdem soldar, & regenerarse, mas as espermaticas difficul-
tosamente; & diz, que nos meninos todas as partes esper-
maticas, & tambem os ossos podem soldar por meyo ho-
mogêneo, & que nas pessoas grandes podem soldar alguns
membros espermaticos, como as veas muitas vezes & as ar-
terias poucas, & os ossos nunca; & nos velhos nenhũa cousa
solda, & por meyo do poro sarcoides pôde soldar em todos:
o qual

o qual poro diz Alcaçar que se faz nas feridas de cabeça em trinta, & cinco dias, & Hyppocrates diz q̄ no nariz cortado se faz o calo em dez dias, & nas queixadas, claviculas, & costelas em vinte, & nos braços, & pernas em quarenta, & na coxa em cincoenta, & isto pouco mais ou menos, & nos moços mais depressa que nos velhos, & porque es membros huns são mais fracos que outros, assim fazem o calo em differente espaço de tempo nos ossos.

Em quatro dias se faz o poro l. de alimentis.

Quaes feridas se curão pela primeira intenção?

Diz Guido, que pela primeira intenção se curão as feridas da carne, & que as dos ossos se curão pela segunda intenção, & nas da carne se entendem as que não tem perdimto de sustancia.

Como se ha de fazer a primeira cura nas feridas, & algũas cousas mais ao diante?

Tirando todas as cousas estranhas de cabelos, tirará pao, escamas de ossos, se estiverem apartadas, ou picaré, & grumos de sangue, & limpa muito bem a ferida, juntará os labios, ou com atadura, ou com costura, & ha se de curar com brevidade, porque não se altere a ferida do ar, & se o sangue for pouco, não se ha de estancar logo, porque o sangue que fae na primeira cura, não sendo demasiado, faz proveito, & prohibe de apostema como diz Avicéna.

O sangue na primeira cura he proveitoso.

E depois de cozida a ferida, se curará com clara de ovo, & panos de vinagre, & atadura conveniente: & não avendo muito sangue pela ferida, se fará logo sangria, & se não ao outro dia, & depois as vezes que forem necessarias, para q̄ não corra o sangue á parte doente, & faça inflamação, & apostema.

Sangria.

O doente tomará pela boca cousas q̄ resfriem, & engrossem o sangue, para que não corra á parte ferida, & para isto he bom açucar rosado, ou xarope rosado, & diz Guido,

Xarope.

que nas feridas não convê purgas, porque sempre são quentes, & aperitivas, & movem o sangue, & o aparelham para a postemar, & eu entendo, que Guido quiz dizer, que não se purgue no principio, porque então o melhor remedio he a sangria, em quanto o sangue corre, mas depois de feita a evacuação por sangria bastantemente, & não correndo já humor, se ouver no corpo podridão, & má calidade, não ha duvida em purgar.

Dieta.

O comer do ferido, será dieta que resfrie, & pouco até o seteno, salvo estando o doêto fraco por lhe aver saído muito sangue, ou sendo de fraca natureza, & a melhor dieta para feridos he lentilhas, caldo de miolo de paõ, ameixas passadas, & maçãs, & peras assadas, frangaõ, & galinha, & de tudo pouco, porque com comer pouco se resolvem, & evacuaõ os humores que estão no corpo, & se fazem poucos excrementos, & a ferida se faz menos humida, & o beber agoa fria lhe he proveitoso, porque o corpo com as feridas se aquece, & inflama, & agoa fria bebida, tempêra, & resfria.

Mitigar a dor.

E porque o principal accidente, que sobrevê ás feridas, he dor, toda nossa tenção ha de ser mitigar a dor, para o qual he bom a fomentação do oleo rosado, & clara de ovo na ferida, & clara, & gema, & defensivos: & se a dor for de algũ dano em algum nervo, acudiremos ao cap. das feridas dos nervos, & se for de algum ponto, que aperta, cortalo; & se for de estar o membro mal situado, emendalo; & se for de muito humor, que corre à parte, divertilo, & evacualo, & defendelo que não corra, com cristeis, & sangrias, & ventosas, & fregaçoens da parte contraria, & dieta.

Ferida de espingarda.

E aqui quero advertir hũa cousa, que por experiencia, & razão me parece muito necessaria, & he, q̃ nas feridas contusas, & despedaçadas, como são as de espingarda, de pifadura de algũ peso grande, ou de cornada de touro, & outras desta calidade, não se curem cõ ovo dentro na ferida, porq̃ com

com facilidade apodrecem, mas que se curem com trementina morna nas mechas, ou com oleo de aparicio morno, & por cima panos de vinho branco, ou estopadas, & panos de ovo, & em cima panos de vinagre destemperado, & de redor fomentação de oleo rosado, & ao segundo dia digestivo de trementina lavada, & misturado com gema de ovo, & oleo rosado nas mechas; & o melhor de tudo nestes casos, he oleo de aparicio, por que preserva, & dirige, & mundifica estas feridas: & eu o usei com bom successo; & com clara, & gema de ovo me succedeo algũas vezes mal; & porque não ha oleo de aparicio em todas as partes, se pôde usar de trementina boa, & tambem he muito bom nestes casos, quando está muito despedaçado o membro, queimar a ferida com trementina na primeira cura, para preservar de corrupção, & depois cozela se for necessario có pontos que conservem os labios, que não se abra a ferida muito, porque costura aglutinativa não serve neste caso, por serem feridas que não haõ de soldar pella primeira tenção.

Como se estanca o fluxo de sangue?

O fluxo de sangue, ou he de arteria, ou de vea, & o final de ser de arteria, he sair de salto, & ser muito vermelho, & claro, & delgado, & o da vea fae quieto sem saltar, & he vermelho; mais escuro que o da arteria, & he mais grosso.

Tres maneiras de remedios ha para estancar o fluxo de sangue, hũs q̃ divertẽ, outros que refreão, outros são locais.

E os que divertem, são ventosas secas, fregaçoẽs, ataduras, começãdo da parte mais perto, & acabando na de mais longe como diz Guido; & tambem se fazem com evacuaçam de sangria da parte contraria, tirando o sangue muito de vagar por intervalos, pondo o dedo na sangria, tornalo a tirar, a qual se fará de hum braço a outro, ou do pê para a cabeça.

Refrear. E os remedios, que refreão, huns são engrossantes, como as lentilhas, arroz, marmelos, & todas as coufas frias, & estiticas, & xarope de rosas secas, & de murtinhos, & de beldroegas, & açúcar rosado, misturado com pões de bolo armenico, & outros são estupefacientes, que adormecem o membro resfriando, como he agoa de cisterna, ou outra muito fria, & bebida, ou botada de redor da ferida, & não dentro, & assim o diz Galeno; & resfriandose o corpo com algum desmayo, tambem estanca o sangue.

5. Aph. 2.

Locaes.

Por costura.

ra.

E os remedios locais para estancar sangue, são cinco .f. por costura, por lichinação, por cortamento do vaso, por atadura da vea, por cauterio.

O primeiro, que he por costura; convem nas feridas, nas quaes não ouve perdimento de sustancia, o qual se faz com costura comum, ou com costura de peliteiros, tomando bem profundos os pontos na carne, & emcima da ferida depois de cozida botarão pões resitivos, & depois estopadas de clara de ovo, batido cõ os pões, & panos de vinagre, & atadura cõveniente, & o membro bem situado, para que soldem os vasos cortados, estando iguaes, direitos, & juntos.

Por lichinação.

O següdo remedio local, que he por lichinação, convem nas feridas em que ouve perdimento de sustancia, & nas chagas, formandoas muito bem com lichinos secos de estopas, ou de fios, ou molhados em clara de ovo, & pões resitivos, ou pões de incenso, & azevre, & cabelos de lebre bem cortados, & emcima estopada de clara, de ovo, & pano de vinagre, & atadura conveniente; & aqui se podem usar os remedios do capitulo do aneurisma, & do cancro cauterizado, para estancar o sangue.

Por cortamento do vaso.

O terceiro remedio local, que he por cortamento total do vaso, cõvem nas veas que estão profundas, estando meyas cortadas, acabalas de cortar de todo, & tornarão atrás as cabeças cortadas, & a carne tapará as bocas dos vasos, & assim

assim se estanca o sangue; mas a meu parecer este modo não he seguro, porque nunca as cabeças da vea cortada tornaõ atrás de maneira, que a carne seja para ter o impeto do sangue, salvo formando a ferida, & comprimindo a carne sobre o vaso cortado, & entaõ estancará.

O quarto remedio local, que he por atadura do vaso, cõ *Por atadura do vaso.* vê mais na arteria que está profunda, descarnando a quem da ferida, & atandoa, & procurando que se encarne a ferida depressa, antes, que desatem a linha cõ q̃ está atada a arteria, & como estiver encarnada, se desfatará, & se curará a segunda ferida q̃ fizeste, & isto he o que Guido quer dar a entender q̃ se faça; mas he muito difficuloso remedio este, porque não se pòde descarnar a arteria taõ facilmente, pelo q̃ me parece melhor buscar pelo tacto a arteria, acima da ferida, & achandoa, porlhe o dedo apertado, para ver se estanca o sangue na ferida, & entaõ profundar a agulha de modo q̃ passe por baixo da arteria, & atar a linha sobre hum chamaço, ou lichino de pano, de modo que aperte, & comprima a arteria, & desta maneira estancará, para que possa encarnar a ferida, & como estiver encarnada, largar o ponto: & eu o fiz assim, & succedeo bem.

O quinto remedio local, que he por cauterio, convé nos fluxos de sangue por corrupção, & podridaõ, o qual se faz *Por cauterio.* queimando a boca do vaso, de modo que faça escara grossa, a qual se ha de cõservar com pós restitivos, ou de caparrosa queimada, & pranchetas de fios secos, de modo que não se despegue atè que a vea esteja soldada, & encarnada, & não bote sangue.

E os pós que Avicena usa no fluxo de sangue, são de bolo armenico, sangue de dragão, incenso, & azevre citrino, *Pós.* partes iguaes.

E Galeno manda estes: Incenso húa parte, azevre meya parte, feito pó sutil, & misturados cõ clara de ovo, & cabellos

13. met. los de lebres cortados muito miudos, & assim diz, que as
 6.5. cascas do incenso apertaõ, & dessecação grandemente, & que
 para o fluxo de sangue, são grande remedio, & de qualquer
 fluxo de sangue trata no 5. do met. c. 3. & 4.

Que não se deve curar a ferida em tres dias,
secc. reem tres dias. E avemos de notar, que em qualquer fluxo de sangue não
 se deve curar a ferida em tres dias, & o doente deve estar
 quieto, & não veja sangue, nem coufa vermelha, nem saiba
 quanto sangue lhe sae.

Fluxo de narizes. E no fluxo de sangue de narizes convem os dous reme-
 dios primeiros de divertir, & engrossar, & resfriar, & dos lo-
 caes sô lhe convem os pós, & podem se usar os pós da pe-
 derneira, ou das cascas dos ovos, ou dos gomos da silva, ou
 das folhas do Acipreste, ou do esterco de cabras, ou do as-
 no, qualquer destes botado nos narizes, assoprando cõ hũ
 canudo de pena, ou misturado cõ clara de ovo, & çumo de
 tanchagem, ou de enfayaõ, & metida hũa mecha molhada
 nisto, & panos de vinagre, & agoa fria na testa, & no pesco-
 ço, & no figado, & panos de agoa muito fria postos nos te-
 sticulos; & Galeno louva hũa ventosa seca no vazio, nas co-
 stelas mendasas, da banda donde corre o sangue.

Quantos modos ha de costura?

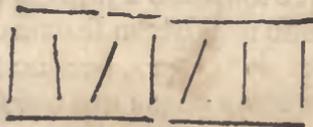
Ha tres. s. encarnativa, supressoria do sangue, & conser-
 vativa dos labios por algum tempo.

Encarnativa. E a encarnativa serve nas feridas frescas, nas quaes não
 basta atadura, & esta chamamos costura cõmum, a qual se
 faz metendo a agulha na ferida por âbos os labios, & na pri-
 meira volta darão duas voltas, & na segunda hũa, & aperta-
 rão o nõ a hũa banda, & não sobre a ferida, & não fique mui-
 to apertado, porq̃ causará dor, nẽ muito largo, porq̃ não sol-
 darão os labios, mas em meyo, & o primeiro ponto se dará
 quasi no meyo da ferida para igualar, & depois os demais
 conforme ao tamanho da ferida, & he bõ não cozer a eito,
 senão

tenão afastados os pontos, & depois dar outros no meyo destes, para que a ferida fique igualmente unida, & entre ponto, & ponto ficarà espaço de largura de hum dedo, mais ou menos, segundo a parte em que estiver a ferida, & os pontos se hão de cortar como a ferida estiver unida. E tambem se faz esta costura com cataplasmas, as quaes se fazê tomã

Os pontos quando se cortam. Cataplasmas.

do dous panos do comprimento da ferida, de largura de hum dedo, ou dous, & seraõ molhados em clara de ovo batida cõ pòs de sangue de dragão, & de incenso, ou de almecega, & farinha volatil, q̃ hea que se apaga nas paredes, & paos dos moinhos, & postos os panos de ambas as partes da ferida, & cozidas as ourelas, hũa com outra, de modo que faça ajutar os labios da ferida, ficando a costura desta maneira.



Ou tambem se faz pondo hũa linha dobrada a modo de trança de camisa de huma, & outra banda, os quies se porão antes de molhar os panos, & depois de apegados na carne, se atarão as trãças, de modo que fique a ferida unida, & os labios igualmente juntos & este modo de costura por cataplasmas louva muito Jonõ de Vigo nas feridas do rosto; & depois de atada a cataplasma curarãõ a ferida com clara de ovo em paninhos pequenos, ou untãdo com hũa pãea, & o espaço q̃ ha de ficar entre pano, & pano ha de ser de largura de hum dedo pequeno, no qual espaço se porã a mezinha, & com a penna untarãõ as cataplasmas, porq̃ não apertê muito cõ a secura; mas a meu parecer este modo de cura por cataplasma he enfadonho, & não he tão seguro na primeira cura, como os pontos, sendo bem dados, & muitos.

E a costura de estancar sangue se faz com pontos encruzados, ou com costura de peliteiros, ou de luvas, a qual serve quando o sangue he tanto, que não basta a costura comum, & esta he a costura das tripas.

Supressoria de sangue.

*Serva-
tiva de
labios.*

E a costura conservativa dos labios se faz como a cõmũ, mas não he tão apertada nos pontos, nem tão juntos, porque não serve demais que para sustentar os labios da ferida, para que não se abra de todo, atè que a ferida esteja firme, & isto convem nas feridas espedaçadas, & pisadas, em que se perde a carne, para a chegar mais perto aos labios da ferida, porque melhor se encarne.

*Ponto de
clavilha.*

E tambem o ponto de clavilha he servativo dos labios, o qual se faz desta maneira: metendo águlha por hũ, & outro labio profundamente, & tornala a passar pelo mesmo buraco, ou quasi de modo que fiquem as pontas ambas de hũa parte, & meyo da linha da outra parte, & poráo hũ lichino de estopa, ou pano atravessado por cima da ferida, q̃ fique tomando a linha as cabeças ambas do lichino, & apertando muito bem, se dará o nó de hũa banda sobre hũa cabeça do lichino, porque assim apertaõ ambas, & este ponto sustenta a ferida que não se abra, & he bom nas feridas dos hombros, joelhos, & partes despedaçadas, & de ferida grãde, & aonde os pontos cõmuns não pòdem ter tanta força; & por não passar duas vezes águlha, se pòde passar hũa só vez com linha dobrada grossa, & abri-la, & meter por ella o lichino, & apertar a linha, & dar o nó de hũa só banda.

Quantas maneiras ha de atadura?

Ha tres. f. encarnativa, ou aglutinativa, expulsiva, & retentiva.

*Encarna-
tiva.*

Atadura encarnativa compete nas feridas frescas, & nas fracturas, a qual se faz de duas cabeças, enrolada atè o meyo de hũa, & de outra banda, & começará àtar da parte contraria da ferida, & levando hũa cabeça para a parte alta, outra para a parte baixa, & tomando das partes vizinhas o que parecer necessario, apertando mais sobre o lugar ferido, & menos sobre as partes vizinhas, de modo, q̃ não seja muito

aper

apertada, nem muito froxa, & as cabeças da atadura se cozerão depois de atada, & por este modo de atadura se ajuntão os labios da ferida, & se prohibe apostema, como diz Galeno.

E a atadura expulsiva compete nas chagas cavernosas para expeller a materia do fundo, & para defender que não venha outra ao lugar doente, a qual se faz enrolada de hũa só cabeça, começando a atar da parte mais baixa do membro, & aly se ha de apertar com mais força, & revolvendo até a parte superior: & tambem serve esta atadura nas varizes, & nas inchaçoens fleimaticas das partes.

Expulsi-
va.

E a atadura retentiva serve nos membros em que não se pôde fazer atadura apertada, nem outra atadura, como he no pescoço, no ventre, & nos apostemas, & disposiçoens dolorosas, & esta se faz de hũa só cabeça, ou de muitas pernas, começando no lugar da ferida, & acabando no contrario; & o modo de atar estas ataduras será suave, & sem dor.

Retentiva.

E a largura das ataduras ha de ser esta: a do braço terá de largura tres dedos, & a da coxa cinco dedos, & a da canela quatro dedos, & a do dedo hum dedo, & a do peito, & ventre oito dedos, & o comprimento será segundo a necessidade das voltas que ouver mister; & das ataduras trata Galeno. 6. met. cap. 5.

CAPITULO II.

Das feridas de nervos.

Quatro são as especies das feridas de nervos. s. punctura. meyo nervo cortado, & cortado de todo, & cortado ao longo.

Se são perigosas as feridas de nervos, & quais tem mais perigos?

Diz Galeno, que as feridas das partes nervosas são grandes, & dolorosas pello sentimento na particula, & comunicação, que tem com o cerebro, & pelo consequente estam apare-

aparelhadas, & fozgeitas a espasmo, & delirio, & morte, pelas quaes razoens são perigosas.

Entre todas as feridas de nervos, a puntura he mais perigosa, porq̃ o buraco da ferida he pequeno, pelo qual nam se pôde evacuar, nê tirar a materia eruginosa, que no nervo se ajunta, & por isso a puntura he mais aparelhada a provocar espasmo, porq̃ a materia está picando o nervo, & este dano, & lesão se comunica ao cerebro, do qual se segue movimento convulsivo de espasmo, & ás vezes morte.

E depois da puntura, a ferida mais perigosa he a do nervo meyo cortado, porque na parte cortada sobrevem grande dor, a qual pela parte que não está cortada se comunica ao cerebro, & pelo conseguinte segue espasmo, & por isso se manda acabar de cortar.

E a ferida do nervo cortado ao longo tem menos perigo, porque nesta não ha tam grande dor, nem espasmo, & a materia que se ajunta na ferida se mundifica melhor, & assim o diz Guido.

E o nervo todo cortado atravessado he menos perigoso que todos, porque não tem coligancia com o cerebro, por ser todo cortado, nem se pôde ajuntar nella materia alguma que se faça eruginosa, & ferrugenta, por ser facil a evacuação della, & assim não causará compaixão ao cerebro, de q̃ se possa seguir espasmo.

Quantas maneiras ha de puntura?

Ha duas, hũa cega, & outra manifesta: a cega he aquella, que se não vê, por ser buraco pequeno, como de agulha, que pica o nervo, & não abre a carne, & por isso fica sendo cega, que não se pôde ver onde está a picada; & a manifesta he quando o nervo he picado em ferida aberta na carne, como acontece na sangria.

Como se conhece a puntura?

Pelas dores que padece o doente na parte picada, as quaes não

naõ abrandão, mas faõ de cada vez mais, & o lugar da picada he lugar de nervos.

Como se cura a puntura ?

Supostas as evacuaçoens univcrsaes, & regimento, como adiante se dirà no cabo deste capitulo, faremos o que nos amoesta Galeno, que naõ usemos dos remedios aglutinativos, mas que usemos de coufas que mitiguem a dor, & que façao expurgar a materia, & façao facil para fair, para que naõ se aposente no nervo, & se faça eruginosa pelo q̄ convem mezinhas que possaõ penetrar ao fundo do nervo, como he trementina, rezina, oleo de minhocas, & isto nos meninos, & mulheres, & pessoas delicadas, mas nos robustos lhe podem misturar euforbio; & para esta tençao faz Guido este unguento: *℞.* Cera duas onças, trementina, & pez, huma onça de cada hũ euforbio duas oitavas, faça ungueto: & tambem manda usar as fezes do mel só por si, ou misturadas com euforbio, ou sagapeno, ou opoponaco, & hum pequeno de oleo de minhocas, & trementina, & isto he para corpos robustos, & para a puntura profunda, aonde he necessario mezinhas fortes para tirar a materia para fóra; & Andre Alcazar diz, que para tirar para fóra a materia da puntura usemos da raiz da cana cortada muito miuda, & misturada com mel, & com betume de colmeas, & com armoniaco, ou com visgo de carvalho, & hum pequeno de azeite de sabugo, & posto na puntura, & por fóra oleo de minhocas ou este emplasto: *℞.* Formento de trigo hũa onça, trementina duas onças, enxundia de galinha meya onça, oleo de linhaça duas onças, farinha de cevada, & de alforfas, de cada hũa meya onça, açafraõ hum escrupulo, ferva tudo junto, & no cabo lhe ajuntaráõ huma gema de ovo: ou *℞.* Diaquilaõ de gomas huma onça, trementina boa meya onça, gumilemi duas oitavas, armoniaco desfeito em vinagre huma oitava, misturado tudo ao fogo faça

6. mes. q̄

2.

Emplasto

*Abrir a
puntura.*

emplasto, & quando não aquietar a dor & não quizer sair a materia pela picada cõ as mezinhas sobreditas, diz Guido, & os mais, que com hũa lanceta, ou cauterio se abra o buraco da picada & se descubra o nervo, para que assim se possa tirar a materia, & abrandar a dor, & salvar o doente de espasmo: & Alcazar diz, que se queime a ferida da puntura com cauterio de ferro, ou de ouro, & se use logo digestivo de trementina boa, lavada, & misturada com gema de ovo, & açafraõ, & oleo de minhocas; & eu digo que basta abrir com lanceta, atè descobrir o nervo ao longo, & curar com todo ovo duas vezes, & depois com digestivo.

Cauter.

Dessecantes.

*Puntura
apostemada.*

E avemos de notar, que na puntura, no principio, convem mezinhas dessecantes antes de sobrevir apostema, mas depois que estiver apostemada, não convem dessecar, porque impede a purgação das materias, & por isso convem mezinhas resolutivas cõ algũa mollificação, & algũa atracção branda, & podem servir as papas de farinha de favas, cevada, esvelhaca com oximel, & com cozimento de macela, & de malvaisco.

Cauterio.

E diz Joannes de Vigo que para evitar espasmo na puntura de nervo, nenhũa cousa he melhor, que logo descabeçar o nervo picado com hum ferro quente, & depois be-tarlhe oleo sabino.

Se poremos oleo na puntura?

Todos dizem que se o nervo não estiver descoberto, como na puntura, que podemos usar oleo na mesma ferida, porq̃ entãõ o oleo não pòde tocar o nervo immediatamete, & o não poderá apodrecer; porèm não serã oleo simples, ou o que tiver virtude de apertar, como he oleo de murtinhos, porque esse não resolve a materia, mas tapa, & tolhe que não respire.

*Oleo Sa-
bino.*

E quando Galeo manda usar oleo sabino, por este oleo entende, como dizem alguns, oleo de hum lugar chamado Sabino

Sabino , mas nõs ufamos em feu lugar oleo de minhocas , oleo de trementina.

E se quizermos usar nos nervos mezinhas grossas , & duras, que por si nõ pòdem penetrar a sustancia do nervo, entã misturaremos oleo, para que com a mistura do oleo se tornem delgadas, & sũtis, & assim possaõ penetrar: mas convẽ que as taes mezinhas tenhaõ virtude contraria à calidade do oleo, para que se defenda a podridaõ do nervo, & o mesmo faremos se applicarmos aos nervos algũa mezinha mordicativa , na qual misturaremos oleo, para que a sua acrimonia, & mordacidade, se apague com a virtude do oleo.

*Oleo em
nervo def-
cuberto
naõ con-
vem.*

E se o nervo estiver descuberto , em nenhuma maneira se ha de por oleo nelle, porque apodrecerã o nervo, & se for necessario usar de oleo dentro na ferida , nõ se ponha sò, mas misturado com mezinhas, que tenhaõ virtude de prohibir putrefacção, porẽm ao redor da ferida pòde se banhar com oleo rosado, & de minhocas , assim para que o nervo seja favorecido, como para abrandar a dor.

Como se cura o nervo meyo cortado?

A ferida do nervo meyo cortado se cura quasi como a punctura, com mezinhas, que possaõ tirar para fõra a materia, que nõ se embeba no nervo; & o principal , & mais facil remedio he a trementina posta na ferida, & em cima estopadas de ovo, & fomentação ao redor de oleo rosado , & de minhocas , & defensivo na parte alta, & quando isto nõ basta, & ouver dores grandes, & alguma comunicação à cabeça, ou final de espalmo, ou diario, entã convem acudir depressa, & acabar de cortar o nervo, & assim diz Nicolao Florentino, & Galeno.

*Se. 7. s. 3.
6. 3.
3. met. 6. 9.
1. met. 6. 3.*

E o nervo cortado ao longo se curarã com atadura de duas cabeças encarnativas.

Como se cura o nervo todo cortado atravessado?

Curase ajuntando igualmente a ferida, que fiquem os nervos cortados direitos, huma ponta com outra, para que possaõ soldar por meyo do poro sarcoydes.

*Costura
dos nerv.*

E da costura de nervos ha muita differença entre os Auctores, porque huns dizem que cozaõ, como he Guido, & Alcazar, o qual diz que cozeo muitos, & que sáraraõ muito bem, & ficáraõ com sentido, & movimento; & outros dizê que não se cozam, como he Joannes de Vigo, o qual diz q se o nervo estiver cortado, que se coza a ferida, & se cure cõ ovo, & depois com digestivo de trementina, & unguêto amarelo, ou basalicaõ, & que de nenhuma maneira se coza o nervo. E Dyno de Florença, commentando Avicêna, diz, que os que disseram que Avicêna manda cozer os nervos, q não entenderaõ bem Avicena. E assim o que está em uso, & aprovado pela experiencia, he, que a ferida em que ha nervo cortado de todo, se coza com costura alta, de modo que os nervos fiquem bem igualados, & direitos, porque possaõ soldar por meyo do poro que se faz entre as pontas do nervo, & ficaõ os pontos entre nervo, & nervo na carne, & de nenhũ modo se toque cõ a agulha o nervo, porque os nervos, & tendoens, não se pòdem cozer sem grande perigo, como diz Galeno, & além disto vemos por experiencia nas feridas dos nervos cortados cozer a ferida na carne, & não o nervo, & ficando as põtã do nervo cortado direito soldar a ferida de modo q torne o mēbro a seu perfeito movimēto como dantes, & a linha he bom ser encerada, & os pontos não se cortarãõ até a ferida estar quasi saã, porque não abra, & se desigualé os nervos. E diz Alcazar, q na primeira cura se a ferida estiver resfriada lhe porãõ huã galinha aberta viva, ou pombo, para q se aquece, & cozerãõ a ferida, & lhe porãõ pano de tremētina fina do tamanho da ferida, & pouca, & por cima estopadas, ou panos de clara de ovo, & panos de vina-

*L 3. de
comp. per
gen. c. de
val. ne.*

*Na ferida
aã resfria
da tremē-
tina.*

vinagre destemperado, ou de agoa de tanchagem; & diz q̃
ainda que alguém diga, que no principio, quando o sangue
corre, não convem trementina, porque he quente, que todá-
via se deve pôr, porque a trementina tem grande força pe-
ra soldar os nervos, como diz Avicena, & se alguma quen-
tura ha na trementina, a clara de ovo, & agoa de tanchagê,
ou rosa la a temperaçõ, & he bom bater a agoa, & a clara jũ-
tamente, para molhar os panos, ou estopas: & se ouver san-
gue, podem bater com a clara os pós de bolo armenico: &
diz mais Alcazar, que a boa trementina he taõ propria me-
zinha aos nervos, que não sòmente posta pôr fora, mas
tomada pela boca, aproveita às paixões dos nervos, q̃ estão
nas juntas; & isto confirma com Galeno. E tambem louva o
mesmo Alcazar muito o oleo de aparicio para soldar as fe-
ridas de nervos, & outra qualquer ferida, & diz que pela
primeira tençaõ, & sendo necessario lavar a ferida de ner-
vos, serà com vinho, & não com agoa. E se ouver de mũdi-
ficar a ferida do nervo, se farà com mezinhas que levê tre-
mentina, & mel, & farinha de favas, ou cevada: & aqui que-
ro lembrar, q̃ avendo ferida atravessada; que corte os nervos
da mão pela banda de fõra, que se ha de situar a mão na ta-
boa direita, & se for pela banda de dẽtro, se ha de situar cur-
vada, & se for por ambas as bandas, se porá meya curvada.

Vulner.

*Oleo de
aparicio.
Lavato-
rio.
Mundifi-
cativo.*

*Sitio da
mão cor-
vada.*

Se as feridas de nervos se haõ de soldar depressa?

Preceito he de Avicena, que as feridas de nervos nam se
haõ de soldar depressa, como fazemos nas feridas das par-
tes carnosas mas que primeiro se haõ de mundificar perfei-
tamente, & se ha de evacuar a materia eruginosa, que póde
causar espasmo. E Galeno diz, que não sòmente se ha de ter
a ferida aberta sem se fechar depressa, mas que se abra mais,
para que a materia embebida na ferida, & no nervo, se
possa melhor expurgar, & isto até perfeita mundificaçam,

& encarnação da ferida, & entendese isto principalmente na puntura; & Joannes de Vigo diz, que nas feridas de nervos não usaremos mezinhas muito consolidativas no principio, mas que toda nossa tenção seja em mitigar a dor, & prohibir apostema com fomentação de oleo rosado, & de minhocas, & enxundias. E Guilhelmo de Saliceto diz, que nas feridas de nervos não se use de aglutinação, nem mecha.

Quaes hão de ser as mezinhas dos nervos?

As mezinhas, q̄ se hão de aplicar nas feridas dos nervos, hão de ter tenção de mitigar dor, & fazer tirar a materia de dentro para fôra, & hão de ser de sua natureza quentes temperadamente, & dessecativas, & com força para trazer para fôra brandamente, & hão de ter partes futas, & delgadas, & sem acrimonia, como diz Galeno, Paulo, & Avicêna.

De modo que hão de ser moderadamente quentes, assim em acto, como em potencia; porque se forem muito quentes farão dór, & mordicação nos nervos, & quando usamos d'euforbio, & castoreo, & outras mezinhas semelhantes, que se são demasiadamente quentes, & não as applicamos, para que cõ seu excessivo calor toquem o nervo, mas para q̄ com elle possãõ penetrar até o fundo da ferida & com isto tirem para fôra a humidade, que estiver no nervo, & por esta razão não convem as taes mezinhas nos nervos descubertos, senão nas punturas, & feridas fechadas, que nestas se quebrão, & diminuem as forças das taes mezinhas muito quentes antes que cheguem ao nervo, porq̄ esta situado no fundo cuberto de carne, & couro, & posto que tenhaõ grande calor, quando chegaõ ao nervo, vay quebrado.

Deffecativas. E hão de ser as mezinhas dos nervos dessecativas, & estiticas, principalmente no principio, para que com aquella estiticidade possãõ prohibir os humores que corrê a parte, porque não se faça apostema, & porque tambem o nervo de

de sua natureza he seco , pela qual razão pede mezinhas secas para conservar o seu natural temperamento , o qual nervo se pôde fazer humido por razão dos humores, q̄ correm a elle, & com as humidades nelle deteudas se corromperá: & por isso convem que a tal mezinha seja muito dessiccativa, para que gaste as humidades, que correm aos nervos, para que não apodreçam , & convem tambem que tenha

*Que seja
absterfiva
Seja atrativa.*

Terá tambem a tal mezinha virtude attractiva , para que toda a materia eruginosa conteuda nos nervos se tire fóra, porque assim se galem os accidentes roins, de dor, espasmo, inchação, & podridão.

Terá tambem a tal mezinha partes futas , para que possa penetrar a sua virtude até a sustancia do nervo, porque elle té a sustancia dura, & espessa, & está posto debaixo da carne.

*Tenha
partes su-
tis.*

E de todo o sobredito se infere, que o medicamento putrefactivo não convem nas feridas de nervos , porque a tal mezinha he contraria aos nervos , que são de compleição seca , & porque tambem prohibe que não se resolvaõ os humores q̄ estão embebidos nos nervos, os quaes ali deteudos se convertem em materia eruginosa, & corrõpê a sustancia do nervo, & se segue espasmo; & isto pela mayor parte acontece na punctura, na qual convem ter a ferida aberta, & cõ tudo se for necessario usar emplastos molificativos para abrandar a dor, se porão ao redor, & não na mesma ferida.

*Putrefac-
tivas
não con-
vem.*

E na ferida do nervo com inflamação, diz Alcazar, que se haõ de aplicar repercussivos, & resolutivos temperados, como he clara de ovo batida com oleo rosado; & diz, q̄ nas taes inflamaçens, & em qualquer outro accidente das feridas de nervos, não usaremos mezinhas quêtes, & humidas, & moliêtes, & putrefactivas, como são pãpas de agoa, azeite, & farinha de trigo, malvas, malvaisco, enxundias, azeite commum, & outras cousas semelhantes, que tem força de

*6. met. c. 2.
Mesinhas
quêtes, &
humidas.*

apodrecer, & amolecer, porque são muito contrarias aos nervos feridos, & acarretão corrupção, como diz Galeno: nem menos convem agoa niorna, porque posto que abrandada todas as inflamações, todavia he muito inimiga aos nervos, porque he fria, & humida, pelo qual, como diz Galeno, mais proveitoso será fomentar a parte com oleo quente nos arredores da ferida: & tambem he muito danosa agoa fria, porq̃ aperta, & cõstipa os nervos, como diz Hippocrates. E das calidades das mezinhas simples das feridas de nervos, & em que tempo convem, & em que compleições, o trata Alcazar miudamente no Antidotario, nas feridas dos nervos.

Se se porão quentes, ou frias as mezinhas nos nervos?

Todos os Authores dizem, que as mezinhas que se applicarem aos nervos sejaõ quentes, porque o frio he inimigo aos nervos, como diz Hyppocrates; & a razão he: porque tocando a tal frialdade ao nervo, causaria espasmo, porq̃ cõstipa, & engrossa a sustancia do nervo, & como elle seja de pouco sangue, & de fria compleição, segue-se da tal refrigeração no nervo movimento contractivo para o cerebro; & tambem, porque por esta refrigeração se detem dentro no nervo as superfluidades, & não se resolvem, da qual retenção se faz espasmo, porque os poros dos nervos se fechão com o frio, & tudo isto se entende do frio actual, & não potencial, principalmente quando ha alguma discarfia, porq̃ então o frio potencial não he contrario, porque está o nervo quente mais do que tem por natural disposição, & a causa fria em potencia moderadamente, não he seu contrario, porque cada cousa se conserva com semelhante à sua compleição.

E se alguem differ que a frialdade actual he mais semelhante aos nervos, que a quentura, pois o nervo he de cõpleição fria, & por isso não será inconveniente applicar medica

dicamentos actualmente frios : a isto se responde, que posto que o nervo quanto ao seu natural temperamento seja de fria compleição, comtudo quanto à compleição q̄ se lhe influe em quanto he parte viva, o nervo he quente, & todavia se chamã frio, que quer dizer, remissamente quente, & por isto a mezinha actualmente quente, aplicada sobre nervo, & tocando o nervo, o toca em quanto está quente, & *O nervo he quente.* favorece o nervo confortando, & conservando o seu natural temperadamente, prohibindo que não se produza dentro nelle alguã mà compleição por razão do frio actual. & alem ditto o quente actual abranda a dor, prohibe, & resolve a materia, que corrê aos nervos, & portanto convem nas feridas dos nervos calor actual temperado, & assim o quer *Galieno* *6 me: c. 3* quando diz que tenhamos sempre cuidado, q̄ nenhũa cousa das que tocarem aos nervos seja fria, porque a mesma parte doente he muito sensitiva & continuada com a principal parte do corpo, & de seu temperamento he fria, pelas quaes razoens facilmente se offende do frio, & a sua offensa comunica ao cerebro; & o mesmo acontece nos tendoens pelas mesmas razoens.

Se usaremos vinagre nas cousas de nervos?

Do vinagre se pôde usar nas feridas de nervos, misturado em pouca quantidade com algumas mezinhas de sustancia grossa, para as fazer penetrar; mas no nervo descoberto de nenhum modo convem tocar vinagre, porque he mordicativo, & causará dor, & muito dano, porém por defensivo na parte alta se pôde pôr sempre ou avendo algum fluxo de sangue, então se porá em toda a parte.

Para prohibir espasmo que se fará? & depois de feito, como se curará?

Como em todas as feridas dos nervos se ha de temer sempre espasmo, he bom conselho, avendo receio de poder vir, q̄ todo o pescoço, & espinhaço, & sobacos, & virilhas, se untê com

com oleo de macela, & de cebola cessem, & de minhocas; ou azeite cõmum misturado com euforbio, ou castoreo, & pôdese fazer unguento de oleo de macela, de minhocas, de cebola cessem, enxundia de galinha, yzopo humido, & hum pequeno de açafraõ, & cera.

*Espasmo
de inani-
ção.*

E depois de sobrevir espasmo, se curará conforme a causa de que for feito, porque de inanição, & sequidade (o qual se faz depois de algũa grande evacuação de fluxo de sangue; ou de materia, ou de camaras de muito tempo, ou depois de febres grandes) entã se untaráõ as virilhas, sobacos, & espinhaço com mezinhas, que humedeção, como he oleo de violas, de amendoas doces, de linhaça, & azeite cõmum, manteiga crua, & de tudo com cera, feito unguento; & tambem he bom por no espinhaço, & no membro espasmado hũa pelle de odre, que servio de azeite, mas poucas vezes, se está espasmo, ou nunca; & se ouver grande sequidade nos nervos, se lavará o espinhaço com agoa morna.

*Espasmo
de inchi-
mento.*

E se o espasmo for inchimento, se sangrará o doente, & purgará, & depois com mezinhas quentes, & secas temperadamente, untaráõ as partes sobreditas, como he oleo de espique, de louro, de castoreo, de euforbio, de minhocas, & o doente usará de coufas, que purguem a cabeça, & que fação dar espirros.

*C. 7. t. 4.
su. 1. c. de
vul.*

E diz Nicolao Florentino, que he bom neste espasmo o cauterio nas vertebra do espinhaço. E se o espasmo for de cõpaixão do cerebro por razão da grande dor, & da dor que está no nervo (do qual dano fogem os nervos, contrahindose para seu principio) untaremos as mesmas partes sobreditas com oleo de macela, de minhocas, & de cebola cessem, cada hum por si, ou todos juntos, ou feito unguento.

*5. aph. 2.
Inizos.*

E diz Hypocrates, que o espasmo da ferida he mortal. E Galeno no commento diz que pela mayor parte, ou quando ouver grãde inaniçam, & sequidade; & o de replaçam, & en-

& enchimento não he tão perigoso. E Guido diz, que nas feridas dos nervos, se a parecer tumor, & depois desaparecer, q̄ ameaça espasmo.

Que regimento se ha de ter nas feridas de nervos?

No regimento diz Hypocrates, Galeno, & Avicēna que demos pouco de comer ao doente: & Joāo de Vigo diz, que basta a g^{ra} de cevada, & caldo de miolo de pão, até estar seguro de apostema, & passado o seteno, pôde comer frango, galinha, & depois carneiro, & depois pés de carneiro, para fazer humores glutinosos, que criē o poro no nervo. E diz Galeno, que o doente esteja muito quieto, & assim o membro doente; & diz que as sangrias sejaō muito copiosas por razão da dor, porque não chame humor à parte doente, & faça apostema. E Avicēna diz, que sangrem até desfamar o doente: as quaes sangrias se faraō conforme ao enchimento, que ouver no corpo, & as forças do doente: & se ouver má compleição, & podridaō nos humores, se purgarā o doente, como diz Galeno, conforme ao humor q̄ peccar. E as fregaçoens, ventosas, & cristeis, saō muito proveitosos neste caso para divertir as materias da parte doente; & se estiver a ferida do embigo para baixo, diz Joannes de Vigo, que he bom meter as pernas em agoa quente cozida cō macela, coroa de Rey; & se estiver do embigo para cima, se pōdem banhar os braços na mesma agoa, & a casa, em que estiver o doente, sera temperada, & quente, & não fria, & ao tempo da cura se guardarāo do frio.

1. apb. 7.

4. t. c.

6. met. c.

2. t. 3.

Sangria

Purga.

4. met. c. 1

Fregaçoens

Ventosas.

Cristeis.

Banhos.

Casa

quente.

CAPITULO II.

Das feridas da cabeça.

A Cabeça se pôde ferir de tres maneiras, ou de cousa que corta, como espada, & esta se chama incisāo, ou de cousa que pisa, como paó, & esta se chama contusāo, ou de

de coufa que fura , & esta se chama perforação.

E destas hūas saõ sem fractura no osso , outras cõ fractura, ou grande, ou pequena, ou penetrante, ou com dano nos paniculos, ou com sumersaõ, ou com ponta de osso que pica a dura mater, ou com perdimento de sustancia, ou no alto da cabeça, ou nas partes baixas della, das quaes differenças se toma a intenção curativa.

E de todas estas differenças de feridas de cabeça, se dirá aqui sumariamente os sinaes , pronosticos , & cura , & será hūa resolução daquillo , que os Autores nesta materia escreveraõ largamente.

Quantas maneiras ha de sinaes?

Ha duas maneiras de sinaes, hūs demonstrativos, outros presuntivos: & os demonstrativos , saõ os que mostram aos olhos, ou ao sentido do tacto o dano que está feito na parte, doente; & os presuntivos, sam os que por conjecturas, & presunção mostram ao entendimento o dano que está na parte, o qual nam se vê.

Quaes saõ os sinaes do casco quebrado ?

Se a ferida he grande, logo se verá fractura com os olhos, ou com o dedo, & se he pequena, se achará com a tenta hūa aspereza, & desigualdade no casco, o qual tambem pôde enganar, porque parece pela aspereza, que he fractura, & he comifura, o que se julgará pelo lugar onde está a ferida , se he lugar de comifura, & tambem pôde ser a fractura tam pequena, que não se ache com a tenta.

Sinaes presuntivos.

E muitas vezes acontece estar o osso quebrado , & nam aver ferida na carne , o qual se conhecerá pelos sinaes presuntivos, q̄ sam estes : o doente arrebeça a miude, & tem os olhos encarniçados, & tem desmayos, & vagados: & Guido diz, que se o doente não quebrar com os dentes hūa palha, ou linha, té fractura, ou querendo rengir os doentes, não pôde; & se pondo hum fio encerado nos dentes do ferido, & tendo-o

tendoo tezo, tocando com huã vara, que faça tom, & doer a cabeça em alguma parte ao doente, ali pôde estar fractura.

E Carpo manda partir com os dentes hũa avelã, ou pinhão, & se ao partir doer a cabeça em algũa parte, que aly estã fractura, & muitas vezes acontece não dizerem verdade destes sinaes, porque ouve hum ferido, que quebrou hũa amendoa, & tinha fractura, & não lhe fez nojo, pelo q̃ não se deve contentar o Cirurgiaõ com hum só final, se não cõ muitos, ou a mayor parte.

E tambem pôde aver casco quebrado, sem aver sinaes nenhũs dos sobreditos, & entãõ se pôde considerar se cahio o ferido alguma queda de alto, ou lhe deraõ algũa pancada grande, & o instrumento com q̃ lhe deraõ, se he grande, & se foi com força, & de braço forte, porque às vezes por esta boa inquiriçãõ se vê a conhecer a fractura, como diz Sello.

E Alcazar manda fazer este emplasto: Incenso, cera, & laudano limpo, partes iguaes, faça emplasto, & rapada a cabeça, se porã quente por hum dia, & tirandoo ao outro dia, se o casco estiver quebrado, aquella parte que responder à quebradura apparecerã mais seca que a outra, assim do emplasto, comoda cabeça; & isto he para conhecer a fractura sem ferida na carne.

Se dando a pancada em hũa parte da cabeça pôde quebrar o osso na parte contraria?

Nesta pergunta ha diferentes opinioes, porque alguns dizem, que pôde quebrar o osso na parte contraria da pancada, como he Nicolao Florentino, o qual diz que vio hũ ferido a que deraõ huma pancada na fonte direita, & que aberta a ferida achou o casco saõ, & que aos vinte dias lhe deu hum rigor, & febre, & se fez livida a fonte esquerda, & se mortificou, & abrindoa lhe achou o casco quebrado. E outros dizẽ, q̃ pôde acõtecer na cabeça, como em hũ vaso de barro, que dando a pancada em hũa parte, pôde quebrar

na outra, ou como em hũa abobora, ou hum vaso de vidro que são corpos redondos como a cabeça.

*De usu
partium.*

Porém Galeno diz, que a natureza ordenou o casco nam fer continuo, & feito de hum só osso, mas de muitos, porq se acontecer aver dano, não padeça todo o craneo, pella divisaõ que nelle ha das comifuras, as quaes são impedimento para que isto não aconteça, & o mesmo diz Guido; & Paulo diz, q o casco não pôde quebrar como vaso de vidro, nẽ como abobora seca, porque nam he tam quebradiço, nem taõ vazio, mas he duro, solido, & mocigo, & cheio de miolos; & o que mais he, q não he continuo, mas dividido com as comifuras, pelo que nam pôde a fractura passar além da comifura, & o mesmo diz Alcazar; & Carpo cap. 3. fol. 10. põem esta duvida, & resolve como arriba digo.

*Resposta á
pergunta.*

Pelo que se responde à pergunta, que não pôde fer dar a pancada em huma parte, & quebrar da mesma pancada o casco em outra parte além da comifura, porém pôde fer q quando desse a pancada caísse o ferido, & deu com a cabeça em outra parte em algũa pedra, & fez fractura a da queda, & nam da pancada; & eu vi hum caso desta maneira, que derão hũa pancada por diante, & caindo de costas deu cõ a cabeça em huã pedra que estava levantada, & da pedra fez fractura detrás, & quãdo Cornelio de Sello oiz que pôde acontecer quebrar fóra da pancada, entende no mesmo osso, & não além da comifura; & quando Nicola diz q da pancada da fonte direita quebrou o casco na esquerda, he cousa, que pôde fer, porque he o mesmo osso coronal, que não tem comifura pelo meyo.

*Põde a-
ver dano
na parte
contraria
apanca-
a.*

Mas pôde acontecer, que dando a pancada em hũa parte, esteja o dano na parte contraria, além da comifura, não que o osso esteja quebrado, senão que da força, & abalo da pancada quebrasse algũa vea dos paniculos do cerebro na parte cõtraria, da qual sae sangue, que se vai apodrecendo, & fazendo

zendo materia, & corrompendo o cerebro, & assim mata o doente, & disto morrem à mayor parte dos feridos da cabeça, de sangue extravazado entre a pia, & a dura, o que eu tenho visto em algũs depois de mortos.

É Joannes de Vigo diz, que pôde quebrar o casco, ficando o couro sem ferida, & pôde quebrar da parte de dentro, ficando saã a primeira taboa, & esta vi eu já em hum ferido da cabeça, que depois de morto abri.

Pôde quebrar o casco sem ferida.

Quaes são os sinais dos pariculos do cerebro?

Se a dura mater està cortada, ou picada, tem o doente grande dor na cabeça fixa na parte, & arrebeça colera pela compaixão, & vizinhança que o estamago tem no cerebro por meyo daquelles notaveis nervos, que decem do cerebro ao estamago, & assim em t. das as payxoens da cabeça se seguem movimentos & às vezes se faz hũa colica, & dór de todas as tripas pela mesma rãzã, porque as tripas tem sentimẽto dos sobreditos nervos do sexto par, & alem disto tem o doente fraqueza de estamago, & fastio, & não lhe coze o estamago, que sempre parece que o tem cheo, & encruado, & tem as forças quebradas, & todo o corpo derrubado, & com agastamentos, & inquietaçõs, nem dorme, & tem os olhos vermelhos, & inchados, & escuros, perq̃ as tunicas delles nadem das tunicas do cerebro, & tambem tem o ferido febre, & botã sangue pelos narizes, boca, & orelhas, & tem a lingua negra, & tem soluços, & são sinais mortaes, & estes accidentes são mayores, & menores, segundo a gran leza do mal, porq̃ quando o dano està na pia, são mayores, que quando està na dura: & logo como se dana a pia, se dana o cerebro, & por isso succedem os accidentes ruins, & se perde a falla.

Sucedem tambem tremores, & rigores como diz Carpo, porque se contrahe o cerebro em si, querendo botar fora o que

que lhe faz dano, & pela mesma razão sobrevem *tortura* de boca, & *espasmo*, que he contracção, & he conhecimêto dos musculos, & nervos para seu principio, não se podendo mais estender, & succede *parlesia*, que he mollificação, & relaxação dos nervos cõ privação do sentido, & movimento pela mayor parte, isto em meyo corpo, ou em hum só mêmbro; & succede *estupor*, que he adormecimento dos membros por causa da materia mandada àquellas partes, & succede a *poplexia*, que he subito remanso, & quietação das obras da faculdade animal, quando os nervos assim no movimento, como no sentimento perdem sua força, por razão do dano cõmum que està no cerebro, como origem que he dos nervos; & acontece tambem *sincope* por compaixão do coração, a qual he hum desmayo, & desfalecimento da virtude vital feito subitamente, assim como a *poplexia* he subito desfalecimento da virtude animal; & acontece *escotomia*, que he ver o doente muitas cousas diante dos olhos; & *vertigo*, que he andar a casa ao redor com vagados; todos os quaes accidentes vem subitamente, se os paniculos estão feridos, ou danados.

Quaes são os sinais da materia nos paniculos do cerebro?

Todos os accidentes dos paniculos feridos podem acontecer por aver podridão, & materia nelles, a qual de algum sangue extravenado se vay fazendo pouco, & pouco, porque a parte sã que toca apodrece, & se vai acrecentando até chegar a certa quantidade com que a natureza não pôde & contaõ começã os accidentes de febre intensa, tremores, perdimento da razão, *parlesia*, &c. E não se conhece isto senão depois da materia feita, porque està escondido o dano, & assim diz Hyppocrates, que o dano nas feridas da cabeça não apparece logo no principio.

E quando a materia està debaixo do casco, & sobre a dura mater, apparece algúas vezes o casco descolorado, como azul,

& o doente sente pejo na parte da materia , & às vezes fac a materia pelos narizes, & pela boca, & orelhas, como diz Carpo, & se isto acontecer, convem abrir logo, para que a materia se expurgue, & a dura mater se mundifique, & se abrirá com trepano, ou legra no lugar da materia, atè paf- far abaixo à dura mater.

Casco a-
zul.

E quando acontece romper se a vea na pia mater, he mui- to mais perigoso, & de maravilha escapão, salvo se ouver húa natureza muito forte, que possa botar a materia fóra por narizes, orelhas, & boca.

Materia
pelos nari-
zes, ore-
lhas, &
boca.

E os accidentes da vea rota não vem taõ depressa como dos nervos rotos na comoção do cerebro, mas vem ao tem- po que o fangue começa apodrecer mais cedo, ou mais tar- de, segundo a cantidade do fangue, & o lugar, porq se está na dura mater, vé mais devagar os accidentes, & dètre a du- ra, & a pia mais depressa, & dentre a pia, & o cerebro mais depressa : as quaes differenças são difficultosas de conhecer, porèm alguma vez será possível pelo Cirurgiaõ experimẽ- tado, considerando a causa, & os accidètes, mas a cura he dif- ficultosa, porq não vemos o lugar onde está a materia, né lhe podemos aplicar a mezinha como cõvé, & assi morré todos.

Vea rota
na pia
mater.

E pôde tambem cair a materia em baixo pela cisura, ou pela comifura, principalmente quando a materia não tiver facil a saida pela ferida fóra.

Pôde cair
a materia
pela cisu-
ra.

E diz Ioannes de Vigo, que se nas feridas da cabeça, tẽ o quarto, ou seteno sobrevier febre sem outro accidente, q pôde esta febre vir por razão da digestão, & cozimento da materia dos labios da ferida, & se na ferida cõ fractura, ou sem ella a febre vier ao decimo, ou catorzeno, & com rigo- res, diz que será por razão de algũ erisipela, que se faz nos arredores da ferida, ou por razão de algũa putrefacção, & materia que se faz nos paniculos do cerebro, & se os ac- cidentes forem de inflamação de fóra, logo a cabeça in-

Febre atẽ
o seteno.
Febre, &
rigores, ao
10. & 14.

chará, & se fará vermelha, & isto não he tam perigoso, & se forem de inflamação de dentro, vê o frio huma sô vez, & depois a febre vai continuando, & se forem de materia nos paniculos do cerebro, vem os frios muitas vezes, & os beijos da ferida secão cada vez mais, que são os sinaes mortaes; &

Acciden-
te até o 7.
no verão,
& até o
10. no
inverno,

diz Guido, que pela mayor parte acontece, quando nos paniculos do cerebro ha fangue extravenado em cantidade, virem os accidentes até o seteno no verào, & até o decimo no inverno, mas eu os vi aos catorze, & aos deza sete.

Quaes são os sinaes da comoção do cerebro?

Os q̄ tem comoção do cerebro, ficão subitamente sem falla, & às vezes perdê a vista, & o ouvir, & assim o diz Carpo nos sinaes da comoção: a razão disto acontecer he, porque a comoção do cerebro he subito, & violento movimento, & abalo do miolo, por causa de algũa pancada, ou caida grande, na qual se rompem algũs nervos dos sete pares que nacê do cerebro, os quaes vão aos olhos, orelhas, lingua, estomago, & outros membros do corpo, pelo que succedem grandes accidentes em todas as partes aonde est es nervos vão.

Quaes são os sinaes do osso que pica, ou carrega sobre a dura mater?

Ioannes
de Vigo.

Algũas vezes acontece quebrar o casco, & torcerse hũa ponta para baixo, & picar a dura mater, & outras vezes ficando a parte de cima saã, acontece quebrar da banda de baixo a terceira taboa, que chamaõ vitrea, & cair sobre a dura mater, & causar dores grandes, ou picadas, & sente o doente hũa grande carga naquella parte, & sobrevem accidêtes graves, como he vertigo, estupor dos membros, & cõvem acudir depressa com obra de mãos, para tirar, ou levãtar o osso, que pica, porque logo o doente se queixa q̄ lhe pica muito, & se não falla, vai com a maõ á ferida, & algũas vezes acontece o osso q̄ carrega sobre os paniculos, apostermar

stemar a dura mater, & causar accidentes ruins, & morte: & tambem acontece aver ossos quebrados debaixo, & não molestar os paniculos, & botar a ferida muita materia, & não quer sarar até não despedir os ossos quebrados.

Porque se faz parlesia na parte da ferida, & espasmo na contraria?

Guido diz que nas feridas que chegaõ aos paniculos do cerebro acontece parlesia, & relaxação na parte da ferida, & espasmo na contraria. E Lomberto no comento diz que he sentença de Hyppocrates, & de Avicenna.

E a razão disto he, como diz Alcazar; porq̃ a parte mais chegada à ferida he mais fraca, por causa da chaga, & da dor, que fazem correr materia à parte, & a enfraquecem, & por isso se relaxa, & a parte contraria como mais forte se espasma: ou tambem isto he, porque o enchimento, que procede desta vizinhança da ferida na propria parte, impede a contracção, & os espiritos lenfitivos, & motivos, & não podem passar por causa do enchimento do humor, pela qual razão he necessario os mesmos nervos não se cõtraerẽ, mas relaxarse, & fazer parlesia, & na parte cõtraria fugindo o dano e contraem, & eu vi algũas vezes succeder ao cõtrario.

Que pronosticos ha nas feridas da cabeça?

Nas feridas da cabeça convem ser muito acautelado no pronosticar, porque ainda que o dano seja pequeno, tẽ muito perigo, como diz Hyppocrates, que sómente o couro cortado traz grande perigo, ao enfermo, & ao Medico muito trabalho; & assim acontece de muito pequenas feridas em corpos mal acompleteionados perigar o enfermo, pelo q̃ se ha de temer muito toda a lesão na cabeça, porque o dano não aparece logo no principio.

Diz Carpo, que as feridas da cabeça, que não penetraõ, ou que penetraõ, sem dano nos paniculos, não são mortaes pela mayor parte, fazendo diligencia na cura, & as q̃ são cõ

lesão nos paniculos são mortaes pela mayor parte.

*Labost
secos.*

Febre em ferida de cabeça com outro qualquer accidente, & os labios das feridas secos, & baixos, & có ruim cor, significa morte.

*Casco ne-
gro.*

E se o casco apparecer negro, & raspando có a legra nam se tira a negridaõ, he final que não he das mezinhas a tal negridaõ, mas mostra que está materia ruim debaixo do casco, a qual pois corrompe o osso, tambem corromperá os paniculos, pelo que significa morte.

*Casco ne-
gro.*

É diz Carpo, que pôde acontecer estar o casco negro, & não ser por causa das mezinhas, nê da materia estar sobre os paniculos, & não será taõ perigoso, porque acontece pi-farse o casco em algũa parte, aonde tem mais veas, & se rópe algũa na porosidade do casco na segunda taboa, que he espongiosa, & sem passar abaixo aquelle fangue, & extravazado dentro daquelle osso se apodrece, & assim se faz negridaõ no osso, a qual se tira legrando dõde está o negro até chegar à segunda taboa onde está a materia, o que convem fazer depressa, antes q a materia passe abaixo aos paniculos.

*Pan. cor.
rig. morte*

E se os paniculos do cerebro estiverem descubertos, & corruptos, he final de morte, mas não se ha de deixar de curar, porque às vezes acontece obedecer às mezinhas. E todo o rigor na ferida da cabeça com fractura, & sem ella, & assim nas feridas dos nervos, significa querer vir espasmo, & às vezes morte.

*Rigor não
mortal.*

E també pôde aver rigor na ferida de cabeça, & não ser mortal, porque pôde vir de algum apostema exterior, o qual se verá logo na inchação da cabeça, & da ferida; por isso diz Alcazar, que senão ha de furar o osso logo apparecendo qualquer rigor, senão depois que constar claramente que vem de algum dano interior.

*Rigor de
premor.*

E també pôde aver rigor na ferida da cabeça de hũa febre continua, ou interpolada, ou terçã, q he doença nova, como se pôde

se pôde ver pelo modo do accidente não ser em dia crítico, & pello discurso da febre. E diz Carpo, que ha arrepiamento, & frio, & rigor, & tremor.

E o arrepiamento he hũa disposição, na qual acha, ou sente o corpo hũa diversidade em frio, & picadas no couro, & musculos, o qual se faz de melancolia.

*Arrepiamento
mentofrio
que he ri-*

Frio he hum sentimento nos membros, & musculos, de puro resfriamento, o qual se faz de fleima.

Rigor he hum frio forte, com o qual não pôde o doente ter os membros com a comoção, abalo, & tremor, que lhe vem nelles dos movimentos involuntarios: ou (como diz o mesmo Carpo) rigor he hum movimento concussivo, & involuntario dos musculos, para botar fóra o que lhe faz dano, o qual se faz de materia quente, & tambem da fria, & do movimento da materia aguda impetuosa, como diz Galeno, & ainda que huma materia seja fria, com tudo he aguda, porque he podre.

Tremor he hũ abalo de todo o corpo, mais forte q̄ o rigor, o qual se faz de todos os quatro humores em commum.

*Tremor q̄
he mate-*

E os rigores que vem nos feridos da cabeça avendo lesão nos paniculos, & estando a materia debaixo do casco, significa fraqueza de virtude, & pelo conseguinte morte, se perseverarem.

*ria nos pa-
niculos.*

O espasmo, & parlesia, que vem na ferida da cabeça com virtude fraca, & com ferida seca, significa morte, & se ouver virtude forte, & a ferida tiver materia, poderá sarar.

*Espasmo
Parlesia.*

A vigia, & sono demasiado nos feridos da cabeça, he roim sinal, & se ouver letargo, que he sono profundo com esquecimento, & cõ isto ouver subr frio, significa morte.

*Vigia.
Letargo.*

E se de algũa pancada na cabeça ouver desmayos, & vomitos, & cessar algum fluxo de sangue, se o ouver, & não cessarem os accidentes, he mortal, como diz Jacobo Carpo.

*Accid ao
catorzeno*

E se na ferida da cabeça, q̄ caminha, bẽ até o catorzeno

ou mais sem nenhum accidente, & então lhe vierem roins
accidentes, he final quasi sempre de materia, q̄ está debaixo
dos paniculos, & significa morte pela mayor parte.

Grang. cerebro. E aquelles feridos da cabeça, em que o cerebro se gran-
grenar, morrerão em tres dias, & se escaparem destes, diz
Hippocrates, que poderão sarar.

Rigor de nuca. Porque nas talparias, correndo a materia do osso, não mata
como nas feridas da cabeça?

Differentemente acontece nas talparias, do que aconte-
ce nas feridas da cabeça, porque ainda que nas talparias a
materia corrompa o osso, & passe abaixo, não faz tanto mal
nem mata, como nas feridas, porque os humores de q̄ se faz
a talparia, são frios, & melancolicos, pelo que não são tam
aparelhados para se embeber nas partes interiores, nem pa-
ra causar accidentes, porq̄ os humores quentes causão dor
subita, & os frios não, & além disto como naquelles q̄ tem
talparias, o figado está danado, & manda mantimento da-
nado, & corrupto, assim corrompe sem aver alteração da ca-
lidade contraria, & pela mesma razão não pôde causar su-
bita dor, & sentimento, porq̄ faz sua obra paulatina con-
gestão, & o humor quente a faz por subita dirivação, & de
fluxo à parte ferida, & assim nas feridas da cabeça sobrevem
accidentes graves, offendendo se dos excrementos, & hu-
mores alterados de calidade contraria à natureza da parte:
& posto que o ferido da cabeça, doente de boubas, por fer-
já o sangue inficionado, parece que não avia de ter mais
accidentes do que tem a talparia, toda via pela nova calidade
que recebem em inflamar se a parte, & por fazer aquella
violência, & subita mudança da inflamação, he força que
cause accidentes grandes, & perigosos.

Que regimento se ha de ter na cura das feridas da cabeça?

Se no dia do ferimento na primeira cura não correr muito

fan-

sangue da ferida, se deve sangrar o doente logo, & ao outro dia, & depois as que forem necessarias, conforme as forças do doente, & grandeza da ferida, & carga dos humores no corpo, para que com a evacuação da sangria, se tire o sangue, que não corra à ferida, & faça apostema.

E procurará o doente fazer camara cada dia, para o q̄ são bons os cristeis fortes no principio, em quanto pertédemos defender, & prohibir apostema, & podem se fazer de cozimento de malvas, parietaria, botandolhe hũa onça de canafistula, ou meya onça de diacatolicão, & depois que está seguro de apostema, haão de ser os cristeis mais brandos, para abrandar, & despertar as fezes, & se farão de cozimento de malvas, violas, parietaria, oleo rosado, & mel, & gema d'ovo. E para engrossar, & resfriar o sangue, que não corra à parte ferida tomará o doente pelas menhãas açúcar rosado, ou xarope rosado às colheres. Cristeis:
Açúcar
rosado.

A purga em feridos da cabeça, ao menos no principio, não hé louvada, porq̄ quasi sempre provoca vomito, porém quando o sangue das sangrias for podre, ou por outro algũ sinal parecer que he o ferido mal complecionado, & que tem necessidade de se purgar, em tal caso se poderá fazer, mas com mezinha branda, como diz Dyno de Florença, & Paulo Gineza; pelo que se pôde dar canafistula, tamarindos, infusão de ruibarbo, tomando primeiro xarope rosado, & de almeirão às colheres, ou misturados com agoa de almeirão, o que se deve fazer passado o seteno, & se puder escusar purga, escuse, porque não arrebece. Purga.

As fregaçoens, & lavatorio de pernas se pôdem usar como diz Carpo porque divertem os humores da cabeça, & pôdem se fazer com agoa cozida com folhas de canas, de parteira, de violas, de macela, & assim divertem mais, & provocão sono; porê destes lavatorios das pernas usamos poucas vezes, por não ser pratica em nossos tempos usada, & Fregaçoens.

usamos as fregaçoens secas em jejum nas pernas, & ventosas secas nas pernas, & nalgas.

Dieta.

Convem que tenha o doente muita dieta, porque com dieta ninguém perigou, & de muito comer acontecerem de fastres, & sobrevem muitos accidentes, & com tudo se terá respeito ao costume do doente, & a conservárlhe as forças, & convem serem as comidas em pouca quantidade, & de bom mantimento, & de facil digestão, & que não fação fumos, & vapores à cabeça, & que seião de temperamento frio no principio, para que abataõ a fervura do sangue, pelo que convem tisana, caldo de pão, alface, maçãs assadas, & peras, & marmelos, ameixas passadas, lentilhas, romans, & depois frangão, galinha, cabrito, carneiro, & passaros do campo, & sobre mela confeitos de coentro seco, para prohibir que não subão fumos à cabeça, ou marmelada, & beba agoa cozida com cevada, ou cozida sem nada.

El diz Carpo, que não provoque vomito o doente, nem tome coisa que lho possa causar, porque he muito danoso nas feridas da cabeça, & ainda qõo ferido seja costumado a arrebeçar, em tal caso se deve confortar o estomago para que não arrebece, cõ emplasto de almecega ou oleo de marmellos, de losna, & d'almecega untado o estomago, & botar em cima pòs d'almecega: ou farão este emplasto de ihua fatiã de pão torrado, & enopada em vinho, & agoa rosada, & pisada com folhas de otelãa, & de losna, & hum pequendo de oleo de losna, feito de tudo emplasto, lhe misturarão pòs de almecega, & de rosas.

Quietação do doente, & da casa.

Convem qõo doente esteja quieto, & não faça movimento, por qõo todo o movimento perturba o corpo fraco, & o fatiga, & move os humores, que facilmente pòdem cõfrer ao lugar doente, & causar apõstema, & outros accidentes, & a cabeça esteja quieta, & botada da parte da ferida, para qõo melhor se purgue a matéria, & na casa onde está o doente não

fação roído, nem grita, nem bater, nem aja cousa que lhe dê sobrefalto, medo, nem pavor, nem tome o doente tristeza, nem agastamento, nem cante, nem jogue, nem falle muito, nem faça outras cousas que possaõ mover os humores nem durma o doente demasiadamente, salvo se o tiver por costume, nem tenha muita vigilia, porque impede a digestão, & faz sobir vapores quentes à cabeça, & enfraquece muito, & o sono acabando de comer não he bom.

Vigilia.

O ar da casa onde está o ferido ha de ser moderadamente quente, porq̃ o frio he muito danoso, & como diz Avicenna, pôde o frio actual causar apoplexia, & tambem pôde causar apostema de humor quente, porque mordicando poem os humores em movimento, & corren lo para o lugar doente fazem apostema, & causão rigores, & espasmo, & febres como diz Hyppocrates, & a quentura actual di gere, & conserva o calor natural, & conforta.

Ar da casa.

5. aph. 20. E 18.

E muitas vezes acontece apostemar a ferida da cabeça por razão do mau temperamêto do ar, ou por razão da re-
giaõ que he muito quente, ou a casa onde está o doente estar demasiadamente quente, ou porque usa de muitos panos na ferida, ou porque usa de algũa mezinha quente, ou porq̃ a atadura está muito apertada, & causa dor, ou porque o frio aflige, ou porque não usa de dieta, antes come, & bebe muito, ou porque faz algum movimento grande, ou tomou algum agastamento.

Causas de apostemar a cabeça.

O côito he muito danoso aos feridos da cabeça, porque a offende mais que a todos os membros, & faz os humores fluêtes, & ferventes, & derriba, & suffoca, & enfraquece as forças, & dana o estamago, & todo o corpo debilita, & os espiritos, & tanto, que sómente a imaginação, & desejo neste particular faz dano à ferida da cabeça; & isto he doutrina de todos os Authores, além do q̃a experiencia ensina, & mostra, que chegar o ferido à mulher, he causa de morte.

Do coito.

E diz

c. 24. tr. I
de c. 6.
Mulher
com a
regra.

E diz Alcazar, & Lanfranco, que a mulher que anda cõ sua purgação, não chegue ao doente, porque se danará, & tornará atrás a ferida, o que se vio já por experiencia, & assim diz q̃ os panos da camisa da mulher são danos para a ferida, & tambem diz que os panos, que tirarem da ferida, não estejam onde lhe dê o luar, porque lhe faz dano.

Mulher
ferida
não cria.

E se a mulher que criar estiver ferida na cabeça, he bom conselho (ao menos até passar o catorzeno) não dar de mamar á criança, porque aquella atracção do leite aqueça o corpo, & valandose as veas do peito cõ mamar, chama o sangue das outras veas vizinhas, & assim enftaquece o corpo, & faz ebolucção nos humores.

Confiança
no Medi-
co.

E tambem diz Carpo, que o doente ha de ter muita confiança no Medico, porque muitas vezes a confiança do enfermo fara, & faz mais obra que a mezinha.

Como se cura a contusão na cabeça sem ferida, & sem fractura?

Virtudes
do ovo.

Diz Avicena, que neste caso convem abrandar a dor, & afastar o humor do lugar doente, porque não faça apostema, & isto cõ fregações nas pernas, & ventosas, & cristeis, & sangrias do braço, & com emplasto na echymosis, & inchação. E Guido diz, que se cure refreando o humor com clara de ovo, & cleo rosado, & de murtinhos, & depois com vinho estirico, de modo, que trosquiada a cabeça untaráõ a inchação, & echymosis com cleo rosado, & de murtinhos, & cobriráõ cõ pôs de rosas, & de murtinhos, & estopadas de ovo, até o quinto, ou seteno (porque a clara conforta & repercute pouco, & a gema resolve alguma cousa, & digere, & todo ovo he temperado, & mitigativo) & depois usaremos resolutivos como este: Macela, coroa de Rey, murta, lençõs, favas, maçãs de acipreste, losna, rosas, huma onça de cada hũ, bolo armenico meya onça, rolão de trigo quatro onças, & de tudo feito pôs farão papas com vinho verme-
lho

Iho: ou porão estas, que neste caso são resolutivos: R. Pós de ouregãos tres onças, sal pisado meya onça, mel quatro onças, farão papas ao fogo; ou porão estas: R. Farellos pisados três onças, erva doce, cominhos, baga de louro, huma onça de cada hum, almecega meya onça, tal meya onça, & de tudo feito pô, fação papas em vinho vermelho; ou porão húa esponja molhada em vinho estitico misturada com agoa falgada, & tudo quente.

E se com tudo isto não quizer resolver, & parecer que tem materia, se abrirá com lancea, & curará como qualquer apostema aberto, mas sempre he melhor procurar resolução.

E nota que diz Guido, que contusão, & echymosis he o mesmo, & que he hum' separação, & quebranta mento feito na carne, & de cousa que pisa, & disto se faz derramamento de sangue debaixo do couro, que chamaõ livores, & algũs chamaõ echymosis.

Echymos.

Como se cura a contusão com ferida na carne, & sem fratura?

Nas partes baixas da cabeça se curará com costura, & mecha na parte mais baixa, & no alto da cabeça mandão alguns Authores que se cure aberta cõ lichinos, porque não té figura conveniente para expurgar as materias, que por razão da contusão quasi sempre fazem estas feridas, & nas ilhargas da cabeça sim, mas a mim me parece, que em qualquer parte da cabeça não avendo osso quebrado se deve curar com costura, & com mecha na parte mais baixa da ferida, porque pôde soldar sendo em corpo bem compleicionado, como eu já vi muitas vezes, & assi fechada se conserva o calor natural da parte, porque como diz Galeno, as cousas, q' nãceração cubertas folgão com sua natural cubertura, & quando a ferida estando cozida fizer materia notavel, posso eu situar o doête na cama, de modo que fique em boa figura, para.

para purgar a materia pelo buraco da mecha, & quando o não purgar bem, nunca pôde fazer dano, mais que a poltemar o pericraneo, ao qual se pôde acudir facilmente, cortando os pontos, & curar a ferida com lichinos; porém se a pancada for grande, & de braço forte, que se presume poder aver algum dano da parte de dentro, então se curará aberta cõ lichinos, por fugir ao dito, póro, se lhe vierem alguns accidentes, dizem que foi porque cozerão a ferida, que se isto não ouvera, eu tenho por melhor curar fechado, ou cõ pontos, ou juntando os labios, porque a todo o tempo, que ouver accidentes, que mostrem danno interior, se pôde abrir a ferida, & trepanar o osso, & neste caso convem grandes evacuaçoens no principio de sangrias, & cristeis: & digo mais, que de curar estas feridas abertas, vi muito roins suceffos de alteraçã do ar, & das mezinhas no pericraneo, & no craneo, & fazerem chagas podres, & durar a cura muito, & perigar o doente.

E diz Nicolao, que as folhas da oliveira, pisadas, & misturadas com vinho, & postas na contusão com ferida, & sem fractura, que a solda: tambem se pôde curar estas feridas, lavando com vinho quente, & cõ pontos retentivos, ou sem elles, & prancheta, ou mecha de oleo de aparicio, & em cima pano de vinho branco, ou pano de ovo, porque este oleo preserva de podridão, & digere. & mundifica.

Como se curará a contusão com fractura?

Se na contusão com ferida, & sem ferida ouver claros sinais de fractura no casco, em tal caso convê abrir, & fazer praça, ou em cruz, ou em triangulo, de modo que fique cam-po para fazer a obra necessaria da legra, & affastaráo o pericraneo com as unhas, ou com hũ ferro, para que fique a fractura descuberta toda, & formarão a ferida muito bem cõ lichinos secos, & molhados na clara de ovo, & em cima estopadas de ovo, & pano de vinagre, por razão do sangue, & atadu-

Não se ha de abrir se não quando ouver sinais do dano interno.

ra conveniente; & ao segundo, & terceiro dia se legrará a *Legrar.*
fractura até o fim della, advertindo que se chegar abaixo,
não se fará com a legra tamanho buraco como em cima,
porq̃ não fique tanto paniculo descoberto ao ar estranho, q̃ *Oleo ofancino.*
o altere, & o calor natural da parte, & espiritos se exalem,
que são danos grandes, como diz Guido; mas basta hum bu-
raco mayor que hũa lentilha por onde entre a mezinha, &
se purgue a materia de dentro, & lhe botaráo oleo rosado
ofancino quente, & quando o não ouver, seja oleo rosado
commum: o qual ofancino defende que não aposten e a du-
ra mater, & conforta, & mitiga a dor, & depois porão lich-
inos, & pranchetas de ovo, & estopadas & fomentaráo os ar-
redores da ferida com oleo rosado (& diz Guido, que não
he bom legrar a cabeça em dia de Lua cheia, porque entã *Legrar*
crece o cerebro; & assim diz q̃ se ouver sinal de aver sangue *em Lua*
debaixo do casco, ou materia, que não tarde a abertura abai- *chea San-*
xo além do seteno no veraõ, & até o decimo no inverno, *gue debai-*
por que depois não prestará a obr.) & até o quarto, ou quin- *xo do cas-*
to dia botaráo oleo ofancino, & dali por diante misturarão *co.*
mel rosado hũa parte, & ao seteno partes iguaes, & ao nono
mel só, & se for veraõ xarope rosado, & a ferida se curará
com todo ovo té o onzeno, ou catorzeno, ou o tempo que
parecer necessário, & depois unguento amarelo, ou aureo
de Guido; & se ao seteno dia os labios da ferida estiverem
çujos, & indigestos, se deve usar digestivo de gema de ovo, *Digestivo*
& oleo rosado nas pranchetas, ou digestivo de trementina
boa, & bem lavada, & misturada com gema de ovo, & oleo
rosado, do qual se pôde usar do seteno por diante em tem-
po frio, & não no principio como diz Carpo na cura das
lesões interiores da cabeça; & Alcazar diz, que nos corpos
humidos, & nas feridas contusas se use digestivo de gema
dovo & nos corpos secos de trementina, & depois na chaga
limpa, se curará com fios secos, sustentando a ferida aberta
até

*Pós para
encarnar.
6.met.c.6*

atè que a natureza despida os ossos quebrados, ou alterados do ar, ou das mezinhas, & depois se encarnarà, & encourará como as demais chagas, & para encarnar pôdemos usar destes pós de incenso, azevre, & mirra, misturados com mel rosado, ainda que diz Galeno, que a regeneração da carne he obra da natureza, pelo que não he necessario arte de Medicina, mas com tudo bom he ajudar; & tambem podemos usar estes pós: ℞. Lirio, aristoloquia longa, & cascas de incenso partes iguaes, fação pós sutis, que se usarão do catorzeno por diante, para ajudar a despedir os ossos, & criar carne; & tambem diz Dioscorides, que a betonica posta como emplasto, tira os ossos quebrados, po-

*Para des-
pedir ossos
Nodoc.8.*

rèm os ossos os despede a natureza quando tem criado o calo, que ha de ficar suprimdo a falta do osso que se despede, mas bom he ajudalo a criar, & despedir com os pós; & diz Alcazar, que esperemos o calo nas feridas da cabeça nos ossos, atè trinta, & cinco dias. E Guido diz, que sobre o osso se ponha oleo rosado para mollificar o osso q está apêgado, para que melhor se tire.

*ADDICAM DAS FERIDAS DA CABECA, A;
na contusão com fractura, do Licenciado Amaro
da Fonseca Cirurgiãõ nesta Cidade.*

Cousa muito conveniente me pareceo acrescentar neste Autor nas feridas da cabeça na contusão com fractura, os oito documentos de Guido, porquanto são muito necessarios para os principiantes [principalmente para os que não sabem Latim] os quaes são os seguintes.

1. Que não se faça a obra naquelle que estiver fraco, porque deste tal não se pôde esperar beneficio nenhum.

2. Que

2. Que primeiro que tudo se pronostique o perigo que costuma acontecer em semelhantes feridas, por nos livrarmos das lingoas dos mal dizentes.

3. Que se não legre sobre as comifuras, por razão da lesão, & queda que se póde dar sobre os paniculos.

4. Que não se legre em dia de Lua cheia, porque entam está o cerebro mais augmentado, & adherente ao cancro, por razão das humidades, que a Lua lhe imprime.

5. Que o orificio que se fizer seja no lugar mais baixo da fractura: a razão he, porque na tal parte fica mais aparelhada a materia para se expurgar melhor.

6. Que ao legrar se não penetre toda a fractura: a razão he, porque não fique tanto paniculo descuberto ao ar extranco, que o altere, que he grave dano, mas basta fazer hũ orificio do tamanho de hũa lentilha, por onde se expurgue a materia, & entre o medicamento.

7. Que se algum osso repugnar sair, se infunda em oleo rosado: a razão he, para que se abrande, & se tire com mais facilidade.

8. Que esta obra que temos dito se faça com a mais brevidade que for possivel, principalmente se algum osso carregar, ou picar: a razão he, porque disto succedem accidentes ruins. E se alguma materia cair de cima para baixo, não tarde a abertura no verão ao setimo dia, & no inverno até o decimo quarto: a razão he, porque depois deste tempo, averá dano nos paniculos, & entãõ não aproveitará a obra que se fizer.

Como se cura a ferida contusa com fractura & sumersão?

Se a ferida estiver aberta com fractura manifesta, & sumersão do casco para dentro, se ha de olhar & considerar se pica algum osso a dura mater, & parecendo que pica pelo

lo sentimento do doente, se buscarà remedio para se tirar, ou levantar de modo que não pique, porque he muito perigoso, como diz Guido: & legtarão na parte menos sumersa, para meter o alevantador, & se não picar, então veremos se a fractura tem algum orificio por onde possa entrar a mezinha, & sair a materia, & avendo bastante orificio, não se bolirà com o osso, & não avendo se faça, ou alevantando alguma parte do osso quebrado, ou fazendoo com a legra no lugar mais conveniente para a expurgação da materia, & lhe botarão oleo ofancino, & formarão a ferida, & curarão como atrás fica dito na contusão com fractura. E diz Alcazar, que nas feridas que passarem abaixo à dura mater, depois de lhe botarem oleo ofancino, & posto hum paninho delgado no buraco, lhe porão em cima huma pequena de espôja seca junto do osso, assim para que traga de dentro para fóra a materia, como tambem para que a sustente em si, & a embeba, & toda a demais ferida se encherá de lichinos, & pranchetas de digestivo, & estopadas de ovo, & o demais já dito.

Como se cura a contusão nos meninos com sumersão do casco?

Facilmente acontece nos meninos, porque tem o casco molle, aver de algũa pancada contusão na carne sem ferida & sem fractura, mas com sumersão, amolgamento no casco: & neste cazo manda Joannes de Vigo, que feitas as diverçoens por ventosas, & fregaçoés, & evacuação por sangrias, se ouver forças, & cristeis, para prohibir que não apóteme, lhe ponhão na cabeça este emplasto: R. Oleo rosado, de murtinhos, de macela, duas onças de cada hum, dous ovos clara, & gema, & tudo batido cõ farinha de favas, & de cevada, & pôs de murtinhos, hũa onça de cada hũ, & ferverá tudo ao fogo hum pouco, & faraõ papas, que porão huma

vez cada dia quatro dias, & depois para atraer para fóra o
 osso sumerso, usaráõ este emplasto: *℞.* Oleo de murtinhos,
 rosado, & de losna, hũa onça de cada hũ, oleo de macela duas
 onças, pós restitivos seis oitavas, farinha de favas hũa onça,
 farelos bem pisados meya onça, pós de maçãs de Acipreste
 hũa onça, calamo aromatico meya onça, pós de macela, de
 losna, de murtinhos, de murta, & de cominhos, hũa oitava
 cada hum, cera branca hũa onça, & cõ hũ pequeno de arro-
 be fação emplasto, encorporando ao fogo os pós. & arro-
 be, & depois lhe botaráõ os oleos & cera derretida. E Alca-
 zar diz, que depois de feitas as evacuaçoens por sangria, &
 dieta, & confortada a parte com mezinhas secas, estando se-
 gura de correr humor, q̃ entãõ lhe ponhaõ sobre o osso su-
 merso hũa ventosa grande, que tome bem a carne, & que
 para não acodir humor à ventosa, farãõ juntamente atadu-
 ras nas pernas acima do joelho, & fortes, que doaõ, & que
 esteja a ventosa pouco, & depois de tirada porãõ hum em-
 plasto feito de gumilemi, & isto na pancada sómente, & em
 toda a demais cabeça se porãõ este emplasto: *℞.* Vinho ver-
 melho hũ quartilho, oleo de losna, & de macela, onça, & me-
 ya de cada hũ, mel cõmum tres onças, rosas, cabeças de ma-
 cela, coroa de Rey, rosmaninho, farelos torrados, hũa maõ
 chea de cada hum & tudo feito pó, se farãõ emplasto, & de-
 pois de tirado do lume, lhe botaráõ duas gemas de ovos, ou
 porãõ este emplasto em toda a cabeça: *℞.* Formento, tremé-
 tina, enxofre partes iguaes, misturado tudo sem fogo, ou fa-
 ráõ este: *℞.* Mel hum quartilho, farelos torrados, & pisados
 duas onças, enxofre hũa onça, sal meya onça, pós de murta,
 & de losna de cada hũ duas onças, faça emplasto, & nas ven-
 tosas falla tambem Guido no tratado setimo cap. das ven-
 tosas, onde manda, que para reduzir as costelas, & outros
 ossos a seu lugar, se botem as ventosas; & o mesmo man-
 da Avicenna, mas diz, que se detenha pouco a ventosa.

*Ventosa
 na sumer-
 são.*

Parator-
nar o osso
a seu lu-
gar.

E se com tudo a inchação se resolver, & o osso parecer q̄ fica amolgado para dentro, manda Ioannes de Vigo fazer este emplasto depois do seteno, para tornar o osso a seu lugar: *℞.* Almecega, trementina, húa onça de cada hū, gumilemi dez oitavas, colofonia, rezina. de pinho fresca, meya onça de cada hum, armoniaco duas oitavas, çumo de betonica, & de consolda mayor, & mēnor, & do aipo, húa onça de cada hum, vinho cheiroso seis onças, ferva tudo juntamente até que se consumão os çumos, & o vinho, & depois se esprema, & coe, & lhe ajuntem humã onça de cera derretida em duas onças de oleo d'almecega, & faça emplasto.

Como se cura a comoção do cerebro?

Comoção do cerebro he hum subito movimento, & abalo do miolo, por razão de algũa pancada grande, ou caída, ficando o doēte desacordado, & sem falla: no qual trosquiada bsm a cabeça, poremos oleo de murtinhos, & pós de murtinhos, & de rosas, & estopadas de clara de ovo, ou clara, & gema, & isto por quatro dias, & depois usaremos a cura, que fez Ioannes de Vigo naquelle homem, que caindo do cavallo ficou como morto, apopletico, & sem falla, & botou sangue por narizes, orelhas, & lhe usou este emplasto: Farelos secos, & bē pisados, & farinha de favas, seis onças de cada hum, pós de rosas, de murtinhos, & de murta, húa onça de cada hum, huma mão chea de coroa de Rey, & duas mãos cheas de lesna, rosmaninho, esquinanto, betonica, madre silva, endro, mea mão chea de cada hum, erva doce seis oitavas, de tudo se faça pó, & com arrobe, ou vinho cheiroso, ferva tudo até que se faça espesso, & no fim do cozimento lhe misturarão oleo de macela, rosado, de murtinhos, de endros, duas onças de cada hum, & de açafraõ meya oitava, & darà outra fervura, & o mexerão com hum pano até que fique morno, & então lhe ajuntarão seis oitavas de calamo aromatico, estendido este emplasto em hum pano, & posto

na cabeça trosquiada primeiro muito bê. E para a mesma
intenção, & para deslecar as humidades, que estão debaixo
do casco com resolução, & com fractura do cerebro, poem
outro emplasto: *℞.* Farinha de lentilhas duas onças, farelos
bem pisados quatro onças, rosas, murtinhos, & murta huma
onça de cada hũ, calamo aromatico onça, & meya, macela,
coroa de Rey, meya maõ chea de cada hum, maçãs de Aci-
preste seis, tudo pisado, & feito pò, & cõ vinho tinto, & ar-
robe se cozerá ao fogo, & farão emplasto, & no cabo lhe a-
crecentarão oleo rosado, & de macela, tres onças de cada
hũ, cera branca duas onças, pós de incenso, d'almecega, de
mirra, duas oitavas de cada hum, derretendo os oleos, & a ce-
ra, misturarão tudo, & farão emplasto, & o espinhaço, & *untarõ
espinhaço.*
toutiço lhe untava cada dia com oleo de macela, & de en-
dros, & enxundia de galinha.

E diz Ioãnes de Vigo, que assim curou este doente, & q̃ *Ventosas.*
estava tal, & tão derrubado de forças, que o não sangrou,
nem botou ventosas de sangue, mas cada dia lhe botava *Cristeis.*
ventosas secas nas espaldas, & nalgas, & fazia fregaçoens
nas pernas, & ataduras, & cristeis de cozimento de malvas,
violas, farelos, oleo violado, gema de ovo, & tres oitavas de
geripiga, ou benidita, & que procedendo desta maneira, sa-
rou, & que esteve sem falla, & atè o catorzeno comia caldo
de galinha sómente.

Porèm, se na comoção do cerebro o doente não ficar tão
desacordado, nem com forças tão caidas, he necessario san-
grar as vezes, que parecer, & botarão ventosas com sangue,
& secas, & fregaçoens, & cristeis, & tambem pôde tomar xa-
rope rosado ás colheres, ou misturados cõ agoa de almeiraõ,
& purgar com canafistula, & tamarindos feitos bocados cõ
açucar, ou desfeitos em agoa d'almeiraõ, ou purgará cõ rui-
barbo infundido em agoa d'almeiraõ, & cõ xarope rosado
de nove infuscens das nossas rosas, & pôde purgar com
dia.

diacatolicão, & compiloras de gera, & de agarico depois do seteno, o que tudo se pôde fazer tendo o doente forças, & parecendo que he necessario, como diz Carpo, & nam avendo febre, porque como diz Dino de Florença sobre Avicêna, a purga não convem nas feridas da cabeça, senão avendo apostema; porêm es cristeis são muito louvados de todos, & mandão que sejam alguns delles fortes, para divertir, & evacuar, como lhe botarem geripiga, ou benidita, canafistula, ou diacatolicão, ou diafenção; & eu curei hum homem, que cahio em hũa nao da Índia de mais de trinta palmos de altura, com sangrias, cristeis, & ventosas, & oleo de murtinhos, & pôs de ovo, & depois os emplastos deste capitulo, & esteve quinze dias sem falla, & sarou, & ficou com falla, & em seu juizo perfeito.

Como se cura a ferida de espada sem cisura no casco, ou com cisura pequena, ou grande na parte baixa da cabeça?

Oleo da par. com cis. no 9. met. in fi. Não tendo o osso cortado, se curará como qualquer ferida simples com costura; & diz Galeno, que se a ferida for pequena, que se cure com mirra, & azevre, & ficará segura de apostema; & diz Serapiaõ, que se a ferida for sómente na carne, que lhe botem os pós de lirio, & se for atè o osso, q se cure com mirra, azevre, incenso, & elleja quatro dias sem cura; & Alcazar diz, que o oleo de aparicio solda as feridas lateraes da cabeça.

E se a ferida corta o casco com cisura pequena, ou grande, & nasilhargas, & partes baixas da cabeça, tambem se ha de curar com costura, & mecha na parte baixa, & terá o doente a cabeça situada de modo, que se a ferida fizer algũa materia, se possa expurgar facilmente, & Guido diz, que as feridas das ilhargas da cabeça com fractura, se cozão, & deste parecer he Alcazar & Guido, & Dyno de Florença, & Nicolao, & Hyppocrates, & outros, cõ todos os quaes prova
Alcazar

Alcazar, que se haõ de cozer as feridas da cabeça nas partes baixas, ainda que tenhaõ cizura grande, & eu as curei desta maneira, & sarãrão muito bem; & em especial curei. hũa dada com hum cutelo, da sobranceira até a ponta alta da orelha, & quebrou, & cortou o osso até a dura mater, na qual puz o dedo, & tirei algũs pedaços de ossos, & a cozi, & soldou, & outra, que cortou por cima da orelha o osso quasi todo atravessado, & lhe dei seis pontos, & soldou.

Como se cura a ferida com cizura grande, ou pequena no osso, no casco, no alto da cabeça?

Estando a ferida no bregmate, que he na parte alta da cabeça, & com cizura grande no osso, que parece que chega à segunda taboa, se curará aberta com lichinos, & se não ouver bastante campo para se fazer obra com a legria, em tal caso abriremos mais, de modo que fique a cizura bem descuberta, & arredarão o pericraneo cõ as unhas, ou cõ ferro, & formarão a ferida com lichinos secos, & de clara de ovo, & estopadas de ovo, & pano de vinagre, & ao segundo dia legrarão a cizura até o fim della, & se chegar abaixo, se fará hum buraco mayor que hũa lentilha, & se curará, como atraz fica dito na cura da contusão com fractura, com oleo ofancino, & as demais coufas.

E se a cizura chegando à segunda taboa ao tempo do legrar botar sangue, se deixará de legrar até o outro dia ver a cizura se passa mais abaixo, porque muitas vezes engana este sangue, que parece que he de debaixo dos paniculos, & he da disploa, que he a segunda taboa espongiõsa, & cheia de veas.

E a razão porque se legrão as cizuras das feridas da cabeça he, porque não se embeba na cizura a materia, & apodreça o casco, & passe abaixo, pelo que se a cizura for pequena q̄ não possa succeder isto, não he necessario legrar, & assim o diz Galeno; & Guido diz q̄ se for a cizura no osso peque-

Breg. diz Mend. que he a onde se ajunta a comisura cor. & fatal.

Disploa porque se legra o casco.

6. met. c. 6. c. da fra. non. pen.

na como rimula, que se coza, porq̃ por ella não pôde a materia passar por sua grossidaõ, & não falta em parte alta, né baixa da cabeça, & com tudo se na primeira cura ouver legra, se pôde raspar depressa a cisura, & cozer a ferida, ou ajuntar os labios com os dedos, & porlhe emcima hũa estoпада de clara de ovo. E eu cozi muitas com cisura pequena no casco, no alto da cabeça, & sararáõ

E a ordem do legrar das cisuras grandes ha de ser começando com a legra mais larga, & acabar com mais pequena, & ao tempo de legrar taparáõ os ouvidos ao doente com fios, porque não sinta o roido da legra, & depois de legrada a cisura, diz Alcazar, que se ponha nos olhos do doente hũ pano de leite de mulher que crie femea, para refrescar, & cófortar, & quando for raspando com a legra, se a cisura desaparecer, se porá hũa pequena de tinta, & alimparáõ com os fios, & se ficar algum sinal negro se acabará de legrar, & não ficando, he final que está acabada a cisura.

Tinta.
Cisura.

Não se le-
gra na co-
misura.

E não se ha de legrar sobre a comisura, ainda que a cisura esteja pelo meyo della, & assim o manda Hyppocrates, porque as comisuras são de sua natureza fracas, & por ellas passaõ as veas, & arterias, & nervos, com que está apegada a dura mater com o pericranco, & a legra fará dor, & offenderá o cerebro, & desapegar-se ha a dura mater, & cairá sobre o cerebro, como diz Guido, o que tudo será causa de grande perigo, pelo que mandaõ todos, que nem com legra, nem com trepano se toque nas comisuras.

E se a ferida estiver atravessada, pôde-se legrar de huma, & da outra parte, & não na comisura.

Como se cura a ferida da cabeça com perdimento de sustancia?

Se a ferida for com perdimento de sustancia de carne, & osso juntamente, & for fóra todo o pedaço que a espada cortou, & ficar a dura mater descuberta, se curará com oleo ro-

sado

fado ofancino dentro sobre a dura, & porãõ hũ tafeta delgado, ou pano de olanda sobre a dura mater, fometido por debaixo do osso, para que quando o cerebro se mover, nam se offenda a dura mater nas bordas do osso cortado, & usaráõ do oleo, & depois do mel, pelo modo que dissemos na cura da contusão com fractura, & pranchetas, & estopadas de ovo, & digestivo, & unguento conforme a disposição da chaga, & atadura conveniente, & sangria, & regimento como atrás fica declarado.

E se o osso que se cortar não cair de todo fóra, mas ficar apegado à carne, porẽm de todo cortado, & a dura mater descuberta, em tal caso se cozerà, & com mecha na parte mais baixa da ferida, porq̃ allí se prohibe a alteraçãõ do ar, & a natureza pôde receber o osso, & soldar a ferida, estando o corpo bem compleicionado, & fazendo algũã pequena de materia, & quando não quizer soldar, & fizer muita cántidade de materia, que pareça que pôde fazer danno na dura mater, então se descozerá a ferida, & se curará aberta; & tambem pôdem na primeira cura tirar o osso fóra, & cozer a carne, & có mecha na parte mais baixa, mas tudo isto se entende nas partes baixas da cabeça, & não no alto, por que aqui sempre se haõ de curar abertas.

E se for cortado o osso, & não de todo, de modo que fique em algũã parte apegado, se curará a ferida com lichinos, como dissemos na contusão có fractura.

E se o osso for cortado de todo a soslayo até a segunda taboa, & ficar apartado do outro osso, & apegado á carne se tirará o osso sutilmente, & se fará contra abertura na parte baixa, não sendo a ferida de modo, que possa ficar a mecha no baixo della, que se o for não se fará contra abertura, & se cozerá a carne, ficando a mecha para se expurgar a materia que fizer, & os pótos estarão sustentando até que a ferida esteja quasi encarnada por dentro, & se curará como

*Oosso me-
yo cortado
até a segũ-
da taboa.*

todas as demais feridas, mitigando a dor, & prohibindo apostema, & digerindo, mundificando, & encarnando estádo cozida. E por esta mesma ordem de cura com costura, & mecha, se curará a ferida só na carne, ou de espada, ou de queda, que apartou em cantidade a carne do pericraneo, como cada dia acontece.

Como se cura a ferida na dura mater?

Se em qual quer ferida da cabeça penetrante ouver tambem ferida na dura mater, diz Alcazar, que se botará sobre a dura leite de mulher quente ordenhado do peito, & pranchetas molhadas no leite, q cubraõ o fundo da ferida, & as demais pranchetas se molharão em oleo ofancino, & em cima estopadas de ovo, & fometação de oleo rosado, & atadura conveniente, & o leite seja de mulher que pario femea, q he mais temperado, o qual se usará até o quarto dia, & depois oleo ofancino, & mel, como atrás está dito na contusão com fractura.

*Dura mater
apost.
sangue do
pombo,
emp de
malvas.*

E se a dura mater apparecer apostemada, lhe botarão, como diz Carpo, para abrandar, agua do cozimento de malvaisco, malvas, alforfas, ou botarão o sangue de pombo das veas debaixo das azas, & tambem pôde pôr depois das pranchetas, & sobre toda a ferida, o emplasto de malvas cozidas, & pisadas com manteiga crua, oleo rosado, & gema de ovo, & fumeis de farinha de trigo.

E se ferida a dura mater, & pia, sair pela ferida fóra alguma sustancia do cerebro, se curará pela mesma ordem cõ o leite, & cõ oleo ofancino, & mel rosado, & digestivo de gema de ovo na prancheta, & deste modo irão curando até q por sua vontade se despida o q assa estiver fóra, & naõ lhe farão força, nem tirarão mais que aquillo, que vier na prancheta, & alimpando com lics muito levemente a ferida, & desta maneira curei lãz mulher, a qual alem de outras feridas, q

tinha no corpo, & na cabeça, tinha hũa no altõ della, a qual cortou o osso, & a dura, & pia ao foylo, & ficou o osso cortado apegado à carne, & pelo buraco sahio da sustancia dos miolos tamanho como hũa noz, & sem esperança de poder sarar a fui curando pela ordem que acima digo, & a natureza foi despedindo pouco a pouco, & desfazendo aquillo que estava saido fõra, & criou carne no buraco do osso, & despedio o pedaço do osso cortado, & as escamas do osso, que estava descuberto, & encarnou a ferida, & sarou de todas as demais feridas que tinha pelo corpo, braços, & peito, & perna, & viveo depois alguns annos, mas sempre fraca da cabeça, & descorada do rosto.

Como se cura a carne superflua que sae pelos buracos do casco?

Muitas vezes acontece da inflamação, ou ferida das membranas do cerebro inchar a dura mater, de modo, que pela fractura, ou buraco do trepano, ou da legra, saem hũas excrecencias de carne espongiosa, & hũas superfluidades, a q̃ chamão fungo, & assim os chama Avicēna; & Alcazar diz, q̃ curou hũ menino, & que lhe cortou estes fungos tres vezes & tocou com agoa forte, & diz que o melhor remedio que achou neste caso, he fazer o buraco do osso mayor; & *Fung. f. 4*
eu digo, que os curei com pós de pedra umi queimada, & *54. c. de fr*
pós de cascas de mirabolanos citrinos, & pós de coral, & gastando com isto o mais superfluo delles, & despedindo a natureza os ossos descubertos, encarnava a ferida, & sarava, & se os fungos eraõ pequenos, & vermelhos como bago de romã, com hũs pós de cascas de mirabolanos, para lhe dessecar algũa humidade, ou com os fios secos os curava, até que a ferida de todo encarnava.

Se ouver accidentes ruins no onzeno, ou catorzeno que se fara?

Se em qualquer ferida de cabeça sem cisura no casco, ou com cisura pequena naõ penetrante, vierem accidentes de
frio



frio, & febre, & arrebeçar, & dores na cabeça no onzeno ; ou catorzeno, ou de materia que está nos paniculos , ou de algũa inflamação, que se faz de fóra, ou de dentro; & os sinaes para conhecer estas tres differenças , dissemos atrás nos sinaes da materia nos paniculos, & se for inflamação se curará como fleimaão, ou erisipèla, sangrando, & defendêdo por fóra, & confortando com todo ovo, & resfriando por dentro, & se de materia nos paniculos, em tal caso convem passar abaixo o osso com trepano, ou legra, que he mais segura que o trepano, & depois de passado, lhe botarão dentro oleo ofancino, & mel rosado, ou mel sò, que neste tépo serve mais que o oleo, porque está já a materia feita , & he necessario mundificar, & naõ defender, & assi o diz Alcazar, q̃ neste caso o oleo apodrece, pelo que manda usar mel coado sómente, posto que de caso semelhante poucos escapaõ, por que quando neste tempo vem estes accidentes, he de materia feita de sangue extravenado nos paniculos, que quasi sempre acontece entre a pia , & a dura, porque quebraõ as veas da pia, que saõ mais delgadas, o que tem pouco remedio, & assim morrem todos, porq̃ fica a dura mater em cima da materia, & não ha por onde se possa expurgar, & assi apodrece, & algúas vezes acontece a natureza forte botar a materia por orelhas, & narizes, & olhos, & farar o doente , & isto se collige de Avicèna, como diz Alcazar; & quando a materia está debaixo do osso sobre a dura, entãõ ha mais esperança de remedio, mas em tudo he bõ não desfemparrar o doente, & fazer remedios, & curalo até o cabo, pronosticãdo o perigo.

Dura mater podre. E se passado abaixo aparecer a dura mater çuja , & podre, diz Joanes de Vigo, q̃ se use do mel rosado, ou egiciaco, ou os seus pòs; & quando Guido diz que a negridãõ da dura mater, que naõ se mundifica com mel, significa morte, he porque mostra aver extincado calor natural , & podridãõ , & mortificação, aqual poucas vezes, ou nunca se retifica, mas

3. 4. tr.
T. 20.

*Dura ma
ter podre.*

mas

mas não se deixe de fazer remedio, ainda que seja forte, como diz Joannes de Vigo, porque melhor he experimentar o remedio duvidoso, que nenhum, como diz Cornelio.

E se os labios da ferida secarem, como acontece muitas vezes, então convem usar emplasto feito de malvas cozidas, & pisadas com manteiga crua, gema de ovo, oleo rosado, açafraão, farinha de trigo, ou papas feitas de agoa, & farinha de trigo, & azeite, & gema de ovo.

L. 2. c. 10.

Emplasto.
de malva,

Porque se usa oleo rosado nas feridas da cabeça.

O oleo rosado nas feridas da cabeça he hũa grande mezinha, & muito louvada de todos: porq̃ mitiga a dor, ajuda a dirigir, prohibe apostema, & o fluxo dos humores, & a inflamação, & repercute o humor do lugar doente para outra parte, & conforta a parte doente por razão da sequeidade das rosas & particula cortada; bota de si os humores q̃ corré, & assim fica prohibitivo de apostema. E como diz Galeno, o oleo rosado aquece o q̃ está resfriado, & resfria o que está quente, & mitiga a dor, & refria a inflamação do cerebro, & o mesmo diz Avicenna; & Dyno de Florença diz, que parece que té o oleo rosado propriedade nas feridas da cabeça, & que cumpre com todas as intenções na cura dellas, & nos paniculos do cerebro, & diz que tudo isto se entende no principio, & em moderada quantidade, & depois do principio pôde çujar a chaga, porque o azeite tem de sua natureza çujar as chagas, assim q̃ se ha de usar de oleo rosado nos arredores da ferida até quando quizerem, & dentro se usará no principio somente, para prohibir apostema, & confortar; & Avicenna quer que até o terceiro dia se use oleo rosado, & que daly por diante se usem mezinhas muito dessecativas, & a razão he; porque ainda que o oleo rosado seja conveniente nas feridas de cabeça pelas razoens já ditas, com tudo a mesma ferida, em quanto ferida, pede dessiccação, & o paniculo por ser nervoso ha mister mezinhas, que parti-

3. simp. s.
27.Cau. 2. &
de oleo ro-
sado.

parti-

participem de muita dessecação: mas posto que Avicenna diga que até o terceiro dia, todavia usemos de oleo dentro na ferida misturado com ovo até o seteno, & mais com bom successo.

Se convem usar vinagre nas feridas da cabeça?

Diz Albucasis, que grandemente offende o vinagre aos nervos, & à cabeça, se tiver caminho largo para penetrar, estando a ferida aberta.

E Carpo diz, q̃ todos fogem do vinagre na cabeça avendo apostema, & diz que elle vio por experiencia muitos danos do vinagre nas feridas da cabeça, & q̃ he muito danoso por sua mordicacão, & frialdade, & agudeza, & penetração, porém que se mistura em algúas mezinhas da cabeça em pouca quantidade, para ajudar a penetrar a virtude dellas:

E Avicenna, & Galeno, & outros Authores usão do vinagre destemperado nas feridas da cabeça com fluxo de sangue, ainda que esteja o casco quebrado, & he pratica usada commummente.

E Cornelio Celso manda botar sobre a dura mater vinagre para descoalhar o sãgue q̃ estiver coalhado sobre ella, & o mesmo manda Hypocrates, mas isto não se usa, & usamos para este effeito de oleo ofancino: assim que na primeira cura se usará pano de vinagre destemperado em qualquer ferida de cabeça, ou quãdo ouver fluxo de sangue, & mais não.

CAPITULO. VI.

Das feridas do peito.

Peito se chama do diafragma para cima até os ossos das furculas, & he o lugar, & arca dos mēbros espirituaes, como se disse na Anatomia.

E as feridas do peito, ou são penetrantes, ou não: & as penetrantes, ou são có dano dos membros interiores, ou não: ou são com sangue extravenado no vão do peito, ou não.

Os sinais de penetrar a ferida ao vão do peito, são sair o ar pela ferida, ou sangue com a força do resfolegar, & às vezes apaga a candeia o ar, q̄ sae, & posto hú algodão, ou fios, ou pano sobre a ferida, o bota fóra, & metendo o dedo pela ferida, se verá mais certo se he penetrante, & tamẽm se verá com a tenta, o que se fará com muito tento, porque pôde acontecer fazela penetrante, & por isso diz Guido, & Iohannes de Vigo, & Alcazar, que não he cousa segura a tenta em quem não sabe usar della, & não querendo entrar a tenta porão o ferido na postura em que estava quando o ferirão, & entrará, se for penetrante.

Os sinais do coração ferido, são sair o sangue pela ferida negro, como diz Guido, & aver delmayos, e tremores, fúrio & morte, porque o coração não sofre estar ferido, & o lugar da ferida he na teta esquerda.

Coração ferido.

Os sinais do diafragma ferido, são o folego muito apressado, & toce dolorosa, & faz o peito hum tom quando toce, & tem picadas, pezo, dor, inquietações, febre, sede, rigores, & a razão perturbada, & o lugar da ferida he junto das costelas mendozas.

Diafragma.

Sinaes do boste ferido são sangue espumoso, que sae pela ferida, & o doente tem toce continua, & se aquece, & he faz amarelo, & resfolega com trabalho, & o lugar da ferida he das ilhargas do peito.

Boste ferido.

Sinaes de aver sangue extravenado no vão do peito, são dor, & pezo sobre o diafragma junto das costelas mendozas, & grande difficuldade, & pejo na respiração, & agalamentos grandes, & não pôde estar sobre a parte saã, porq̄ carrega a materia sobre o mediastino, & sobre a parte da ferida está melhor, & tudo com trabalho, & quando se bole, ou vira, parece que bole dentro algũa agua solta, & a cor do rosto se lhe faz amarela, branqueada, & quando este sangue se converte em materia, tem o doente estes sinais acrescentados

Sangue no peito.

Materia.

tados com febre, & rigores, toce, fedor no bafio, & os olhos luzentes, & como espantados.

Pronosticos nas feridas do peito.

Julgase das feridas do peito, que as da parte de detras são mais perigosas, que as de diante, por razão das arterias, & veas que passam ao longo do espinhaço da banda de dentro, Gal. 5. & por razão dos nervos, que nascem do tutano do espinhaço, & além disto as feridas nesta parte se podem mundificar mal, nem curar, porque he tão grande o espaço da ferida antes de chegar ao vão do peito, que se perde a virtude da mezinha, pelo que sempre ficão fistulas, como diz Guido, & às vezes tíficos. Met. 6. 2.

E se o ferido do peito não tiver toce, nem espasmo, nem tremor de coração, nem o folego apressado, nem apertado, & tiver todas as obras naturaes boas, sarará, & se tiver o contrario, morrerá.

E as feridas do coração são mortaes de necessidade: & as do bofe são mortaes pela mayor parte, & não de necessidade: & as do diafragma são mortaes quasi sempre, por razão do continuo movimento em que está no officio da respiração, & estando a ferida na parte mais carnosa do diafragma pôde sarar, como diz Galeno. 6. aph. 18.

Como se curarão as feridas do peito?

As feridas do peito que não são penetrantes, se curão como qualquer ferida simples com costura.

Atadura] Atadura do peito se faz, ou encarnativa, ou retentiva, & a encarnativa ha de ser do cóprimeto de tres varas, ou mais, & de largura de oito dedos, & ha de ser enrolada de duas cabeças, começãdo a atar da parte contraria da ferida, & virãdo sobre a ferida em Cruz, & depois por cima do hombro, dãdo tantas voltas até se acabar a atadura, de modo que fique

que a ferida bem tapada, & apertada. & no cabo se coserá, ou atará afastado da ferida & a atadura retentiva se faz de hũa sô cabeça, começando da parte contraria da ferida, metida a ponta pelo braço, & dando volta pelo peito, & pelos hombros, até se acabar, de modo que fique a ferida apertada, & as mezinhas seguras de cair, & tambem se faz a atadura de quatro pernas, & seis pernas, para sustentar as mezinhas.

E se na ferida do peito penetrante não ouuer final algum de sangue extravenado no vão do peito, se curara cõ costura & ainda que aja algum sangue, sendo pouco, a natureza o botará por outra parte, & gastará, & como diz Guido, a natureza faz passar a materia por meyo dos paniculos, & dos ossos. E Andre Alcazar diz, q̃ pòde a natureza expeller *A materia do peito* a materia do peito por camara, & ourina, ou por apóstema *ria do peito* nas virilhas, ou por escarros, & o affirma cõ authoridade de *to por camara* Avicena, Galeno & Hippocrates. E para confirmação disto digo eu, q̃ curei hũ homem de robusta compleição, & forte natureza, o qual teve hũa estocada penetrante, que ferio o bofe, & estava em direito da teta esquerda para a ilharga abaixo do sobaco, & lha deraõ averà cinco annos, & teve a ferida aberta dous annos, botando pela boca muitos escarros podres, & pela ferida muita materia fedorenta, & padecia muito trabalho, com toce, & desmayos q̃ tinha, os quaes restaurava com caldo de galinha, & gemas de ovos, & hũa gota de vinho pouco, & bem agado, & o fui curando cõ cura paleativa, & mecha canulada na ferida. & xaropes, & aposimas, & agoa de pao da China, a qual deixou de beber porq̃ se aquentava com ella, & continuando cõ bom regimento, & pela ordem com que paliativamente se cura, estancou a materia, & tirei a mecha de chumbo, & fechou a ferida por sua vontade, & lhe ficou algũa toce, q̃ às vezes o apertava, & dali a mais, de seis meses veio a ter hum pejo grande.

de, que o molestou muito, & não podia resfolegar, & ao outro dia lhe vierão humas camaras, as quaes erã de pũra materia fedorenta, com as quaes se achou mais aliviado, & logo estancãraõ, & apos isto por espaço de oito dias ourinou materia em cantidade, que por sua vontade estancou; & elle ficou quieto da molestia do peito, & saõ de tudo o que dantes sentia, & ajuntouse a isto, que de huma lançada que este homẽ teve, que lhe passou da virilha à perna de detras abaixo da ponta da nalga, avia mais de vinte annos, sempre a ferida de detras, a tempos lhe fazia hũa empola, & elle a furava; succedeo virlhe nesta conjunção, & elle abriu a empola, & a tem aberta, & lhe bota materia mediocrementes, cõ o qual vive saõ, & bem disposto; pelo que daqui se pôde colligir, que tudo he possível a huma natureza forte, & que succedendo caso semelhante, será necessario para a perfeição da saude do doente, & a conservar, fazerlhe hũa fonte na perna da banda da estocada, & se pôde fazer no lugar onde se costuma, abaixo do Joelho da banda de fóra.

Penetr. cõ sangue. E na ferida penetrante do peito, que tiver sangue dentro, se fará logo emborcação, bctando o doente da banda da ferida, & fazẽdo tocir, ou tomar força, ou assoprar em hũa garrafa, ou outra qualquer cousa, para que bote fóra o sangue que puder do q̃ estiver extravasado no vão do peito, & feita esta emborcação, se cozerá a ferida, & curará cõ estopada de clara de ovo, & pano de vinagre destemperado, & atadura conveniente, & o p̃to he bõ ser de laçada, porque se possa desfatar, & vasar o sangue que ouver dentro, emborcando o doente sobre a ferida, & tomando força, & tornalo a atar, & para melhor expurgar este sangue ajuda muito no primeiro dia antes de curar, & depois darlhe a beber posca aquosa, q̃ he vinagre agoado, em fórma q̃ se possa beber, porq̃ o sangue coalhado, & em guimos no vão do peito cortado & adelgaçado, cõ a força, & penetração, & virtude do vi-
nagre

magre possa sair mais facilmete pella ferida, ou por escarros, ou por outros caminhos determinados da natureza da ou- *5.me.c.&*
rina, ou camara, ou apofemas, & isto he o que Galeno manda que se faça nos que tiverem vea rota no peito, que lhe dem a posca duas, ou tres vezes, & de tres em tres horas, & quente, & se o bo se estiver ferido, não se dará a posca, porque fará toce, & pertubará o doente.

E se na primeira cura o sangue for tanto q̄ possa perigar *Fluxo de*
o doente, em tal caso não se fará emborcação, mas acudire *sangue.*
mos a cozer depressa a ferida para atalhar o fluxo de sangue, & se o doente tiver algum desmayo, lhe daraõ hum copo de vinho, & depois nos primeiros dias lhe daraõ coufas que resfriem, & engrossem o sangue nas veas, para que não corra ao peito, como he açúcar rosado, xarope de rosas secas, ou de beldroegas, ou de tanchagem, ou de murtinhas, & c. merá lentilhas, & caldo d'amido, & tizana, & frangão, & beberá agoa cozida com alquitira atada em hum pano, & isto nos primeiros cinco dias, & depois outras coufas, como no fim do capitulo se dirá.

E qualquer ferida do peito se ha de curar, depois de cozida, cõ clara de ovo, & pan.º de vinagre, & depois cõ clara, & gema, & com fomentação larga de oleo rosado por todo o peito da banda da ferida, & no lugar do diafragma, para defender, & mitigar a dor, & ajudar a desfazer, & resolver algum sangue q̄ está extravenado sobre o diafragma, & para que a natureza ajudada com a mezinha, o possa melhor gastar, & botar por algũa das partes baixas, & deste modo se curará até o seteno, ou nono, ou onzeno, & depois com unguento estando o doente quieto, & sem accidentes.

E se ao seteno, ou antes, ou depois o doente tiver grande *Se ouver*
carga, dor, & pejo sobre o septo transverso, que he na legun *pejo sobre*
da costela, he sinal que o sangue, que está extravenado, he *o diafrag.*
muito, & que o não pôde a natureza gastar; entãõ convem
abrir

abrir a ferida, & botar fóra algum fangue, & curar com mecha de boa cabeça, & atada com linho, & molhada em clara, & gema de ovo, & depois digestivo, & procedendo como adiante se dirá.

E tambem se pôde curar a ferida do peito penetrante logo no principio sobre os pontos com prancheta, ou pano de trementina boa, & quente, & assim mecha, se a ouyer, & por cima estopadas de clara de ovo batida cõ a rosa, ou de tanchagem, & isto até o seteno, ou nono, porque a trementina atrahe para fóra as humidades do peito, & no redor da ferida, se fará fomentação larga de oleo rosado, quente, & isto se pôde usar no inverno mais, que no verão, & he pratica de que eu tenho visto bons successos.

*Com tre-
menti.*

*Pontos de
clavilha.*

F se a ferida do peito for grande, como de algũa lança, na qual os pontos cõmuns podê quebrar cõ a força do movimento do peito, em tal caso he bom darlhe pontos de clavilha, que sustentem a ferida, que não se abra, & o ponto da parte mais baixa, será cõmum, & de laçada, porque sendo necessario se possa desfatar, & tornar a atar.

*Se fizer.
materia.*

Mecha.

E se avendo fangue no vão do peito a natureza o não poder regular, & botar por outra parte, & mostrar que se vay fazendo materia, em tal caso, convem tirar algum ponto, & porlhe mecha, a qual no principio ha de ser de boa cabeça, grande, para tapar a ferida, q̃ não entre ar extraneo no peito, & para que não se exalê os espiritos, & depois de aver materia feita, será a mecha de menos cabeça, para que a materia se purgue, & será arada com hũa linha encerada, por que não possa cair dentro, & caindo se possa tirar, & fazêdo-se materia no vão do peito, se ha de xeringar com agoa mel nos primeiros dous dias, bolindo o corpo para que se lave bem por dentro, & depois xeringaráo com agoa de cevada, & mel rosado, ou xarope rosado, até que se vá o peito mundificando, & a materia vã estancando, & pela ferida bota-

Xering.

ção dentro no peito mel rosado, ou xarope rosado. E Joannes de Vigo manda xeringar com este lavatorio: *R.* Cevada limpa, lentilhas, duas onças de cada hum, rosas meya mão chea, em agoa de tanchagem, & da chuva, meya canada de cada hum, & hum pouco de çumo de romãa, ferva tudo até gastar a terça parte, & coado lhe misturarão de xarope rosado tres onças, açafraõ pisado meyo escrupulo, & isto he para mundificar, & dessecar, & para botar melhor a materia fóra, soprará em hũa garrafa.

Sopr. na garrafa.

E diz Alcazar, que se a ferida estiver na parte alta, se deitará o doente de maneira, que fiquem os pès mais altos, que a cabeça, & se estiver a ferida na parte baixa do peito, estará a cabeça mais alta, & sempre se deitará sobre a ferida, para que com facilidade se expurgue a materia.

Sitio do doente.

E na mecha, sendo necessario, se usará digestivo de tremétina lavada, & misturada cõ gema de ovo, & olco rosado, & açafraõ, ou mundificativo feito de mel rosado, & tremetina, & farinha de cevada, & em cima pano de unguento gumilemi, ou basalicaõ, para ajudar a tirar a materia para fóra, & no lugar da materia, que he na segunda costela, he bõ hum pano de papas preservativas, para ajudár a cozer, & preservar, & desinchar, feitas de farinha de favas, cevada, lentilhas em agoa de malvas, & rosas, & xarope acetoso.

Digest. mundificativo.

E diz Alcazar & Vigo, que a hora da cura seja breve, & se faça cõ toda a diligencia possivel, & com cautela, porque o ar de fóra entrando pela ferida offende os membros de dentro, & os espiritos, & calor natural se exalão, & assim cõvem que a casa esteja temperadamente quente, que não tenha o ar frio, nem ram quente, que o demasiado calor de fóra offenda o calor natural do coração, & as mezinhas, & panostudo ha de ser morno, & não frio, & passada a hora da cura estará a casa fresca, & fria, para que o coração se refresque, respirando ar temperado, & não quente.

A hora da cura seja breve.

E estando a concavidade do peito mundificada, o qual se conhecerá pela materia que sair alva, & sem fedor, entã u aremos mezinhas, que confortem, & dessequem, como são rosas, balauftias, murtinhos, murta, cevada, mirabolanos citrinos, gomos de silvas, cozido isto em agoa da chuva, até mingoar a terça parte, & coado lhe misturarão mel rosado, & depois de lavada a ferida, & vão do peito, & botado fóra o lavatorio (ou inclinandose sobre a ferida, ou soprando em huma garrafa] lhe botarão dentro na ferida mel rosado para acabar de mundificar, & dessecar. E diz Dyno de Florença, que em tudo se ha de ajuntar mel, porque he grande mezinha nas feridas do peito, por ser mundificativo, & absterfivo, & quando a materia estiver cozida, & for muita, paraq melhor se purgue, se porá na ferida mecha de chũbo canulada. E Alcazar diz, q se ponha emcima hũa esponja, para que a materia se embeba, & say a melhor.

Mecha de chumbo.

E se o lavatorio sair claro como entrou, entã para confortar, & acabar de encourar as partes de dentro, onde a materia esteve, xeringarão cõ vinho cozido com mirra, ou com vinho eslitico, & isto por dous dias, & feito isto sarjarão os labios da ferida, & a cozerão, & curala com clara de ovo como ferida fresca.

E se o doente, passados trinta, ou quarenta dias, botar muita materia, & escarros, & não tiver febre grãde, he muito bõ, para acabar de estancar a materia, & dessecar, & encourar a chaga, beber o doente a agoa do pao da China branda, cozendo duas oitavas de pao cortado miudo em tres canadas de agoa, que minguem hum pouco, & desta agoa beberã de continuo, & com isto acontece estancar a materia, & sarar o doente, & eu o tenho visto por experiencia em alguns que curei, que com isto sarãõ, & quando com este remedio estancar a materia, & escarros, & o doente estiver leve, que he sinal, que està já dentro tudo saõ, se sarjarã a ferida, & cura

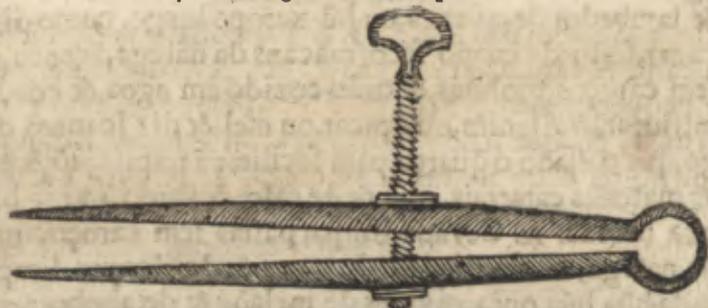
Agoa do pao da China.

& curará com clara de ovo como ferida fresca.

E quando feitos todos os remedios a ferida não quizer sa- *Fistula*
 rar, & ficar em fistula, se curará como tal com mecha de
 chumbo, ou sem ella, ou emplasto de diapalma, ou pano de
 qualquer unguento, que he cura paleativa, & tenha bõ re-
 gimento, porque não venha a peor estado, & muitas vezes
 a cura paleativa vem a ser curativa com o bom regimento;
 & se ficar com toce, & tifico, como tal se tratará, & chama-
 ráõ o Físico que a cure.

E quando nas feridas penetrantes do peito a materia for *Contra*
 muita, & o buraco da ferida estiver alto, que não se possa *abertura.*
 evacuar bem a materia pela ferida, em tal caso mandaõ to-
 dos, que se faça contra abertura em parte mais baixa, para
 que melhor, & com mais facilidade se possa evacuar a ma-
 teria, & tendo o doente forças, se ha de fazer abertura en-
 tre a terceira & quarta costela, ou entre a segunda, & tercei-
 ra, cortando de baixo para cima, & da mesma banda da feri-
 da, & na ilharga para de trás, & afastado do espinhaço lar-
 gura de sete dedos, & no lugar onde o doente sentir mayor
 dor tocádo com a mão, porque he final que aly está materia
 mais acomodada para se abrir. E Alcazar diz, que se faça cõ
 ferro quente, & que seja de feição de hũ sarjador, & q̃ assim
 o manda Hippocrates, & Galeno, & Cornelio; porẽ sem em-
 bargo destes Authores assim o mandarem, diz que acõselha
 ao Cirurgiaõ, que não for muito experimentado, que o não
 faça cõ ferro quente, mas que o faça com lanceta, que he
 mais seguro, & assim o manda Guido, principalmente não a-
 vendo tumor, porque se ouver tumor da banda de fora, en-
 tam lhe parece que se póde abrir com fogo, & diz que não
 se tire a materia toda junta, & antes de se abrir se lavará o
 lugar com agoa morna, para que se faça mais facil para se
 abrir, & para que a materia se adelgace, & a abertura se fará
 ao longo das costelas, q̃ fica quasi a travez do corpo, porque

assim vão os fios dos musculos entre as costelas & ainda que na carne se faça o buraco mayor no furar da pleura, deve ser pequeno, quanto baste para huma mecha, & para entrar a xeringa, porque sendo o buraco grande, se exalão muytos espiritos, & entra muito ar extraneo, & se curará a ferida com mecha, & estopada de ovo, & depois com digestivo de trementina lavada, & misturado com gema de ovo, oleo rosado, & açafraõ, ou cõ mundificativo feito de trementina, & mel rosado, & farinha de cevada, & depois mel rosado sòmente, & xeringaráõ com lavatorios de agoa de cevada, & mel coado, & depois outros para dessecar, como atrás fica dito, & logo se fechará a primeira ferida, curando como ferida fresca. E tambem se pôde fazer esta contra abertura no principio antes do seteno constando que ha no vão do peito muito sangue extravenado, & que não se pôde purgar pela ferida, por estar alta, ou retorta, de modo que por ella não poderá sair, & conhece-se aver este sangue dentro, porque o enfermõ não pôde estar deitado da parte contraria, senão dá mesma, & com trabalho, & não pôde fartarse de folego, & diz que quando se bolear, ou vira, que parece que lhe chocalha dentro, como que está cheio de agoa, & neste tal caso convem abrilo, & eu o fiz algúas vezes ao quinto dia; porque nestas feridas, & aberturas, como ficão entre dous ossos, não pôde sair a materia, uso eu de hum ferro como compasso, de comprimento de mais de palmo, & chaõ pela parte de dentro, & ovado por fóra, & com hum parafuso no meyo com que fecha, & abre, para que metido o ferro fechado dentro, & abrindo o parafuso, abra a ferida, & se purgue a materia; & a fórma do ferro he esta.



E pela mesma maneira que se abre o peito nas feridas com sangue extravazado no vaõ do peito, assim se ha de abrir o empiematico, que tambem he ajuntamento de materia no vaõ do peito, & antes de fazer estas aberturas, se ha de dizer o perigo que corre o doente.

E as sangrias no principio, nas feridas do peito, se farão na vea da arca as vezes que parecer, conforme as forças do doente, & tambem são boas ventosas nas pernas, fregações, & cristeis, tudo para repeller, & divertir as materias, & sangue do peito. *Sangrias.*

E o regimento da comida até o seteno seja delgada, & pôde comer lentilhas & caldo de paõ, ameixas passadas, caldo de graõs, & depois frangaõ, & galinha, & beba agoa de cisterna cozida os primeiros dias com alquitira atada em pano, porque se for solta desfarseha, & fará agoa grossa, & depois beberá agoa cozida com cevada, & depois que botar escarros, será cozida com alfenim, ou com passas, ou com avenca, ou com izopo, como diz Dino de Florença; ou com alcaçus, ou com raiz de funcho, ou de salça, como diz Guilherme de Saliceto, & Alcazar diz, que seja agoa cozida cõ cevada, ou com alfenim; & isto he o que usamos. *Diet.* *Agoa cozida.*

E até o quarto dia lhe darão pela boca alguma mezinha viscosa, como he diapapaver, diagarganto, lambedor rosado, para engr ossar o sangue que não corra á parte doente, como diz Joan nes de Vigo, & passado o quarto, lhe darão alfenim, *Diapap.* *Diagraq.* *Lambcd.*

*Xarope
longo.*

& lambedor de avenca, ou hũ xarope longo, como diz Alcazar, feito de izopo seco, macans da nafega, avenca, passa sem caroços, pinhoês, & tudo cozido em agoa, & coado lhe misturarão alfenim, ou açúcar, ou mel; & diz Joannes de Vigo, que passado o quarto, para facilitar a respiraçã, & purgar as materias catarrais, que neste caso costumã vir, he boa esta bebida: *℞.* Cevada limpa, passas sem caroço, maçans da nafega, raiz de lingoa de vaca, & de alcaçuz limpas, de cada hũa hũa onça, pividés de melaõ, & de abobora, de pepino, & de gombro, duas oitavas de cada huma, ferva tudo em agoa da chuva, atè que a cevada se desfaça, & coado lhe botarã tres onças de alfenim, & ficará em modo de xarope ralo, do qual tomarã cada vez que quizer.

Purga.

E tambem pôde tomar xaropes para se purgar, como he violado, & de avenca, com agoa de lingoa de vaca, tomados tres, ou mais, se purgarã com polpa de canafistula, & diacatolicão em cozimento peitoral, ou feito em bocados com açúcar. E diz Alcazar, que deve tomar esta purga antes do seteno, & que depois do seteno pôde tomar xarope de alcaçuz, & de duas raizes, ou de cinco raizes, sem vinagre, & agoa de lingoa de vaca, & purgar se com a mesma purga; & tambem pôde tomar o doente cada menhã onça, & meya de cozimento de cinco raizes, com meya onça de mel fino, para adelgaçar a materia do peito, & para que a natureza a bote pelos lugares naturaes da camara, & urina, & as raizes são de falsa, de funcho, de aypo, d'espargo, de gilbarbeira, & antes de as cozer lhe tirarã fóra o miolo duro que tem, & o demais cozerão limpas; & tambem pôde purgar com duas onças de mannã desfeito em caldo de galinha.

*Cozimento
de cinco
raizes.*

CAPITULO V.

Das feridas do ventre.

VEntre chamamos do diafragma para baixo, que he o lugar dos membros naturaes, & nutritivos. f. figado, estamago, tripas,baço, rins,bexiga,&c.

As feridas do ventre,ou são penetrantes,ou não:& as penetrantes,ou são com dano nos membros interiores,ou não.

Como se conhece ser penetrante a ferida do ventre, & aver dano no interior?

Conhecese ser penetrante olhando com o dedo, se couber pela ferida, ou com a tenta, mas com cautela, como diz Guido, porque às vezes a faz penetrante a tenta, & se sair o zibro,ou tripa,claro está que he penetrante.

E o sinal do estamago ferido he arrebeçar colera, & san *Estamago* gue, & comida, & pel. ferida sae a comida, & tem o doen. *ferido.* te os pès, & mãos frias, & soluços. & desmayos, pulso fraco, grandes dores, & principalmente quando a ferida está na boca do estamago, porque he muito nervosa, pela qual razão os rusticos lhe chamaõ boca do coraç. õ, & o lugar da ferida do estamago he no meyo do peito debaixo da ponta da cartilagem, que o povo chama espinhela, entre as costelas mendosas.

Sinal do figa do ferido, he sair muito sangue pela ferida, & o lugar he debaixo da teta direita. *Figado.*

Sinal do fel, he sair a colera pela ferida.

Sinal do baço ferido, he sair sangue grosso, & negro, & *Fel.* estar a ferida na ilharga esquerda arriba do osso do quadril. *Baço.*

Sinal dos rins feridos, he sair sangue acoso, & estar a fe. *Rins.* rida nos lombos arriba dos quadris, & das ancas.

Sinal da bexiga ferida, he estar a ferida na parte baixa *Bexiga,* da barriga entre as virilhas, & sair ourina.

Sinal

Tripas. Sinal das tripas feridas, he sair o esterco, estando a ferida nas tripas grossas, & quando está nas delgadas, sae hũa coufa, que ainda não he esterco.

Quaes são os pronosticos das feridas do ventre ?

6.aph. 18 Julgate das feridas do ventre, que se as tripas saem fóra, & lhe não acodem depressa, que logo se alteraõ do ar, & se engrossaõ, & depois com difficuldade se tornaõ a meter dentro, & as feridas das tripas grossas, porq̃ são mais carnosas, põdem soldar, & das delgadas não, porq̃ são nervosas. E diz Hippocrates, que a bexiga cortada, ou figado, ou rins, ou algũs das tripas delgadas, são mortaes. E Galeno no cõmento diz, q̃ pela maior parte & não sempre, & as feridas do estamago são mortaes, as que estão na boca d'elle, q̃ he parte muito nervosa, & sensitiva, & que não recebe consolidação como diz Galeno, & as feridas do fundo do estamago, porque he mais carnosa, põdem sarar sendo a ferida pequena, & a ferida do figado pequena, que tocar sõmente à superficie d'elle, não he mortal, & a que entra a sustancia do figado, he mortal. A ferida do baço, diz Alcazar, que não he mortal, porque o seu officio não he tam necessario como os outros membros, & a ferida dos rins he perigosa pela mayor parte, & a ferida da bexiga he mortal, & a do collo da bexiga pôde sarar, porque he carnoso.

Como se curarãm as feridas do ventre ?

A ferida do ventre, que não he penetrante, se curará como qualquer ferida simples, & a que he penetrante, ainda q̃ aja sangue extravenado, se ha de curar com costura, botando o sangue fóra o que puderé & ainda que fique algum, a natureza o botará fóra, porque se as materias do peito se põdem purgar por urinã, ou por camara, & apõstema de virilhas (como affirma Alcazar por authoridade de Hippocrates, & de Avicena, & por experiencia se tem visto) parece q̃ com mais facilidade a materia, q̃ estiver no ventre, se poderá purgar

purgar por camara, & ourina, sendo pouca; pelo que digo que sempre se haõ de cozer as feridas do ventre, ainda que aja sangue extravenado (& porque tambem sempre he pouco) & se curará com clara de ovo, & depois clara, & gema, & fomentação de oleo rosado, & de minhocas, & depois unguentos, & emplastos.

E para mais prova do que arriba digo, de poder a natureza botar o sangue, & materia por camara, & ourina, heide contar aqui hum caso que me aconteceu, posto q̃ não foi de ferida, & he: Que a este Hospital se veyo curar hum homẽ velho pedinte, o qual trazia hũ apostema na virilha direita com tacto de materia, & lho abri, & botou materia, & dous dias mais, & depois botou hum humor descolorado, & fedorento, & depois botou esterco, & juntamente appareceo na chaga hũa cousa dura, que nam cuidei que podia ser osso pelo lugar que era, & tirado fô: a era hum osso de pé de porco, & perguntando ao doente se comera algum pé de porco, disse que sim, avia muitos dias, & que como não tinha dentes, q̃ engolira os ossos, & eu lhe tirei seis ossos destes, & continuando na cura, foi sarando pouco, & pouco. & estancando a purgação das fezes, até que veyo o buraco a ser pe rueno, que quasi levava mecha, & botava hum humor delgado, & descolorado, & ainda com algum cheiro roim, & lhe puz hũ emplasto de diaquilaõ menor, & o despedi, parecêdome que lhe ficaria em fistula: & da hi a alguns dous meses, ou mais o topei, & perguntandolhe como estava da sua virilha, me disse que estava de todo sam; pelo que digo, que pois que a natureza pôde tanto, que a tripa rota, & peritoneo torna a soldar em hum caso como este, que tambem poderá purgar o sangue do ventre por camara, & ourina.

E a cottura do ventre manda Guido, q̃ se faça desta maneira: que no primeiro pôto entre a agulha pelo couro, & carne, & não pelo peritoneo, isto he de hũa banda, & q̃ da outra

tome

tome o peritoneo, & a carne, & o couro tudo junto, & q̄ no segundo ponto tome a agulha o couro, & carne, & peritoneo tudo junto, & da outra banda deixe o peritoneo, & tome sómente a carne, & o couro, & q̄ deste modo vâ procedêdo, tomando hum, & deixando outro, porêm esta maneira de costura não se usa, porque se aparta com difficuldade o peritoneo da carne, pelo que me parece melhor fazer costura cômum: & quando a ferida for muito grãde, he necessario dar-lhe pontos de clavilha, para que sustentem a ferida q̄ não se abra, porque os pontos cômuns pòdem quebrar com o peso das tripas, & com a força do fazer camara; & além dos pontos de clavilha, se daraõ pontos cômuns em meyo, os que se rem necessarios, até que a ferida fique bem unida.

Clavilha.

*O zibro
fóra.*

E se na ferida do ventre fair fóra o fomento, o meteráõ dentro com brevidade, antes que se esfrie, & se estiver coahado, & resfriado, o aquestraráõ com panos quentes, ou cõ algum pombo, ou galinha aberta viva, & como estiver quente o meteráõ dentro, & cozeráõ a ferida, & curaráõ cõ trementina, ou com ovo, & se estiver tanto espaço fóra que se apodreça (o que poucas vezes acontece, mas logo se verá, porque se faz azul, ou preto) em tal caso se atará com hũa linha grossã encerada pelo laõ junto do podre, & cortarãõ todo o podre por junto da linha, & queimarãõ com trementina, ou ferro quente como diz Joannes de Vigo, & meterãõ dentro, deixando a ponta da linha de fóra, para que quando a natureza a despedir, se tire puxando levemente por ella, & a ferida se cozerá, & curará como está dito neste capitulo: mas Guido diz que até o zibro, & corte o podre, & não falla em queimar: & Alcazar diz q̄ não se queime com cauterio, porque se derreterã, & desatarã a lãha, pelo que lhe parece que será melhor queimar com trementina, & o que eu aconselho he, que não se apressem com qualquer alteraçã a cortar o zibro, senãõ quando estiver de todo podre, porque
curei

Curey dous, que estiverão fóra, hum mais de seis horas, & outro quatro horas, & ambos de noite, & se curarão pela menhã, & não apodrecerão, mas estavaõ coalhados, & algum tanto descolorados, & aqueitando com panos quentes o meti dentro, & cozi as feridas, & curei com pano de trementina morna, & fararão, & assim Hyppocrates não entêde que forçado aja de apodrecer, saindo fóra; mas que pela mayor parte.

Gaph. 58

E se as tripas sairem fóra, as meteráo dentro muyto de pressa antes que se resfriem, & inchem com a alteraçã do ar, metendo a que sair derradeiro primeiro, o que se fará cõ o dedo emborlhado cõ hum pano, porque não escorregue, & se fará cõ geito & não cõ força & co no hũa entra, logo to las entraõ & levantarão os pès do doente para cima; & se as tripas se alteraõ do ar, & engrossarem (o que f cilmente acontece) as lavarão com vinho quente, ou a queantarão com panos quentes, ou com algum animal, como he pobo, galinha, cachorro, cordeiro, aberto qualquer destes de pressa vivo, & posto nas tripas, como diz Guido, & depois de quentes se meterão dentro & se cõ tudo não quizeré entrar, & o buraco for pequeno, se abrirá mais, & metidas as tripas se cozerá a ferida, & curará como neste capitulo se trata.

Tripas.

E se a tripa estiver rota, a cozeráo cõ costura de peliteiro com linha encerada, ou corda de viola, & a ponta da linha ha de ser comprida, & não ha de ter nõ, & ficará fóra da ferida, porque depois que passar o seteno, se estiver soltada a tripa, puxando levemente a linha possa sair.

Triparota.

E tambem he boa pratica nestas feridas do ventre curar logo cõ trementina fina, hũa prancheta de fios molhada na trementina, & posta na ferida depois de cozida, & por cima panos de clara de ovo batida cõ agoa rosada, ou de tanchagem, & de redor fomentaçã de oleo rosado, & de minhocas, & tudo quente, a qual cura he conforme a razão,

Trementina.

por que

porque a barriga he parte nervosa, & de pouco sangue, & de seu temperamento fria, pelo que a trementina fica aquetando moderadamente, & conservando o calor natural da parte, & dessecando as humidades, & fazendo as obras que o Cirurgião pertende na cura das taes feridas, & deste modo se pode curar até a ferida estar encarnada, ou soldada, & então lhe porão emplasto de diaquilaõ, ou diapalma, & o uso da trementina he louvado de algũ neste caso, & eu tenho visto por experiencia já muitos successos bons em casos que curei com ella, do modo que arriba digo. E a atadura do ventre, he quasi como a do peito.

Atadura.

Sitio do doente e 6. mel. c. 4.

E o doente estará quieto, & se deitará da parte saã, q̃ fi- que a ferida para cima, & assim parece que o manda Galeno, quando diz, que se a ferida estiver da parte direita, se bote o doente da parte esquerda; & se estiver na esquerda, se bote da direita, & isto se deve de entender no principio, ou não fazendo a ferida materia, porque se a tiver, entam convê botarse da parte da ferida, para que purgue a materia.

Sangria.

As sangrias nas feridas do ventre não convem muytas, porque he parte de pouco sangue, salvo se ouver no corpo muyto enchimento de sangue, ou se ouver dor grande na parte ferida, porque então convem sangrar mais largo, porque não corra humor à parte ferida, & faça apostema.

C. c. 4.

E avemos de notar que diz Galeno, & todos os Autores, que em todas as feridas he bom deixar sair o sangue na primeira cura, tirando nas do ventre, porque he parte de pouco sangue.

Dieta.

A dieta seja delgada no principio, porque não se enchaõ as tripas de fezes, & se a ferida for penetrante sem dano nos membros interiores, comerá no primeiro, & segundo dia lentilhas, & depois caldo de miolo de paõ, ameixas passadas cozidas, caldo de graõs, & frangaõ, & galinha, porém se fór com lesão dos membros interiores, & tripas, então cõ- vem

vem caldo de miolo de pão, & caldo d'amido, & caldo de frangão, & de galinha, com çumo de marmelo, ou cozida a galinha com agoa ferrada, & assim convem cousas dessecativas, & aglutinativas, como diz Alcazar: & João de Vigo diz, que beba agoa cozida com cevada: & Alcazar diz, que beba agoa da chuva ferrada, ou cozida em húa panela, que fosse defumada com almecega.

Agoa cozida.

E avemos de notar, que diz Galeno, que nas enfermidades de tripas, & do colo da bexiga, & do cesso he muito da nosa a purga, porque chama de todas as partes excrementos para a parte doente, & diz que convem evacuação por vomito, porque botando pela parte contraria, faz revulção, & juntamente, evacuação; mas isto não se entende nas feridas, porque por experiencia se tem visto muito dano com o arrebeçar nestas feridas, & he conforme à razão, porque cõ o grande abalo, & movimento que faz o arrebeçar, & com a força, que poem nesta obra os musculos da barriga, se rõpem, & abre a ferida, & faz dor, pelo que não convem o vomito, mas antes se devê atalhar (ainda que o doente o tenha por costume) confortando o estamago cõ oleo de marmelos, & d'almecega, & pòs de almecega, & de rosas, ou com este emplasto: Húa fatia de pão torrado molhada em agoa rosada & huma pequena de losna molhada em vinho, & húa pequena de marmelada, & humas folhas de ortelãa, & pòs de rosas, & de almecega, tudo pisado junto, & feito emplasto, & posto em hum pano no estamago. Porém Galeno não quiz dizer, que aproveitava o vomito nas feridas do ventre, se não nas inflamaçoens, & outras enfermidades delle, & partes baixas, porque fallando nas feridas do ventre, & das tripas, louva muito os cristeis, & manda, que se usem para divertir as materias destas feridas, & estes cristeis devem ser no principio para abrandar, & mitigar a dor, & juntamente evacuar, & são bons de caldo de frangão,

4 me. c. 6.
14. me. c.
6. & 11.
Purgar-rebeçar.

Emplasto no estamago.

6. m. c. 4.
Cristeis.

de

de galinha, de carneiro, & de pès de carneiro, & com qual-
quer destes se cozerá cevada, macela, & endro, & coado
he botaráo mel rosado duas onças, huma gema de ovo, &
hũ onça de açucar, & depois seraõ os cristeis estiticos de
cozimento de rosas, balauftias, murta, & cevada em vinho,
& agoa, & isto se fará estando a ferida nas tripas grossas,
porque estando nas delgadas, he melhor a meziaha pela
boca, & tomará xarope rosado às colheres, ou mel rola-
do, & caldo de frangaõ, & de galinha, & de lentilhas, &
d'amido, & de miolo de paõ, & agoa cozida como atrás fica
dito.

Nota.

Esta cura que digo das feridas do ventre, & de todas
as demais feridas de qualquer parte do corpo, se entende,
indo a ferida caminho direito, porèm se apostemar, ou in-
flamar, ou apodrecer, curarseha com papas preservativas, &
com mezinhas atemperantes, segundo a necessidade do ac-
cidente que sobrevier.

*Das pa-
pas preser-
vativas.*

E porque neste livro se falla muitas vezes em papas pre-
servativas, & he cousa muyto universal, & usada na Cirur-
gia, notaremos para os que não sabem, que se fazem de fa-
rinha de favas, & de cevada, & de lentilhas, & d'esvelhaca,
com agoa, açucar, & vinagre, que he o que chamamos pa-
ra isto xarope acetoso, & os Authores fallão em orobos, que
he huma coufa como chicharos pequenos, mas porque os
não temos, usamos em seu lugar a esvelhaca, da qual se tem
visto por experiencia bons effeitos nesta composição, &
mistura. E certo, que estas papas de quatro farinhas fazem
na Cirurgia muito bons effeitos, conforme ao cozimento
sobre que se fazem, porque feitas sómente em xarope, ou
em oximel, preservaõ, & dessecão, & feitas em cozimento
de malvas, & rosas, desinflamão, & preservaõ, & desin-
chaõ, & feitas em cozimento de macela, & coroa de Rey,
& outras cousas resolutivas, ajudaõ a resolver, & preser-
var,

var, & feitas em cozimento de malvaisco, malvas, & alforfas, ajudam a madurar, & feitas em decoada desseção os edemas, preservão as podridoens, & grangrenas, & o mesmo fazem em cozimento de tramoços, & losna, & sempre lhe misturaõ a terça parte do peso de todas as farinhas, de xarope acetoso, ou de oximel feito da botica, para que melhor se encorporem, & assim nos humores quentes se bota xarope acetoso, & nos humores frios oximel.

E nota, que o xarope acetoso da botica, & oximel, he posto em ponto de xarope, & por isso basta nas papas a terça parte do peso das farinhas, para as encorporar, mas para fazer as papas com o xarope, ou com oximel somente sem outro cozimento de ervas, basta tomar agoa, & vinagre, & açucar partes iguaes, & darlhe hũa fervura, & fica feito xarope acetoso, para lhe botar as farinhas, & fazer as papas, ou tomar agoa, & vinagre, & mel partes iguaes, & darlhe hũa fervura, & fica feito oximel para fazer papas.

E além disto nota, que as papas applicadas em pouca cá-tidade resolvem, & em muyta quantidade maduraõ, & tam-bem as farinhas muyto moidas, & delgadas maduraõ, & as moidas grosso modo, resolvem, & preservão, pelo que as boas farinhas para papas preservativas haõ de ser peneira-das pela peneira rala, que fiquem grossas.



TRATADO QVARTO

DAS CHAGAS.

CAPITVLO PRIMEIRO.



HAGA he soluçãõ de continidade na carne com materia, ou podridaõ.

Que cousa he materia?

He huma humidade alterada, & apodrecida, feita, & gèrada do sangue, ou carne pisada (como a cinza se faz da lenha) pello calor natural extraneo.

Quantas maneiras ha de materia?

Ha tres, s. virus, sordes, sanies.

Que cousa he virus?

He hũa materia delgada, & sutil, & oribel, feita da superfluidade, & acosidade dos humores quentes.

Que cousa he sordes?

He huma materia grossa pegajosa, feita da superfluidade dos humores grossos, & viscosos.

Que cousa he sanies?

He hũa superfluidade mediocre entre sordes, & virus, nẽ taõ delgada como virus, nem taõ grossa como sordes, & esta sanies, he a que propriamente chamamos materia, & este nome sanies, se diz tambem de todas as tres maneiras, mas

pro-

propriamente se diz daquella, que he alva, & igual, a qual se faz por força do calor natural, & as outras duas, virus, & sordes, se fazem pelo calor extraneo, & por falta do natural, porque no nosso corpo ha dous calores, natural, & não natural: & o natural he principio de todas as obras boas, que se fazem no corpo, & o não natural he agente das obras imperfeitas, & roins, que se fazem no corpo, & assim no fazer da materia concorrem estes dous calores, & quando o natural vence, he a materia boa, salvo quando he tão maligna, que não obedece, & pelo contrario quando o calor extraneo sobrepuja, & vence o natural, he a materia roim, porque o calor natural he o que coze, & o não natural o que apodrece: & assim em todas as chagas pôde aver estas tres materias, virus, sordes, & depois sanies.

Calor natural, & não natural.

Qual he a boa materia?

He aquella, que he alva, branda, igual, & sem fodor. E quando dizemos que a boa materia ha de ser alva, quer dizer, que será branca, porque então significa perfeito cozimento nella, & que predomina o calor natural; & branda quer dizer, que seja liza, que não seja aspera, & não tenha grumos; & igual quer dizer, que seja na cor branda igualmente por dentro, & por fóra, seja igual na sustancia, que fique em meyo entre grossa, & delgada, & não ser fedorenta, he bom, porque o mau cheiro significa podridão, & toda a materia que não tiver estas condiçoens não he boa.

Porque ha de ser a materia branca sendo a carne vermelha, & o sangue vermelho?

A razão disto he, porque ainda q̃ a carne se mostre corada, & vermelha na vista dos olhos, todavia a sua propria cor declina a branca, o que se vê claro lavando a carne em agoa, & apertandoa, logo se torna de cor branca, & tambem porq̃

entre a carne estão espalhados muitos fios de nervos, veas & arterias, & membranas, que são todos os membros espermaticos, nos quaes se coze a materia, & a fazem branca, porque pertendem fazella semelhante a si mesmo, que são todos membros brancos, & como a particula chagada he fraca, & não pode converter todo o mantimento que lhe vem em sustancia da parte, ao menos faz a materia alva.

Quantas, & quais são as causas das chagas?

São duas. f. antecedentes, & conjuntas.

E as antecedentes, são cantidade, & má qualidade dos humores, q̄ podem correr, & corrê a parte doente: & as causas conjuntas são a destemperança dos humores, & má cõpleição, introduzida na parte chagada por razão das causas antecedentes.

Donde tomão as chagas a differença?

De duas cousas. f. das causas, & dos accidentes. E das causas tomão cinco differenças de chagas, como he chaga virulenta, & corrosiva, cuja & podre, profunda, & cavernosa, fistulosa cancerosa, & dos accidentes se tomão as differenças, como he chaga com discrasia, com dor, alterada do ar, com apostema, com carne superflua, com osso corrupto, com varizes, com propriedade oculta, & difficiliosa de curar.

Como se curão as chagas?

Se a chaga he simples sem complicação algũa, a sua cura he moderada dessecação, como diz Galeno.

E se a chaga he composta com algũa complicação de outra enfermidade junta, primeiro se ha de curar a tal complicação, & depois a chaga, porque, como diz Galeno, não pode a chaga sarar, se primeiro o lugar em q̄ a chaga está não estiver saõ, pelo que convem que se a chaga está com discrasia,

crassa, ou outra qualquer destemperança, que primeiro se cure a tal destemperança, & depois a chaga.

E assim convem que se conheça a causa que impede a faude da chaga, & o humor que nella pecca, & a favorece, porque sem isto não se pôde curar a chaga; & pelos accidentes que a chaga tem, & pelos sinaes que todo o corpo mostra, conheceremos qual he o humor que pecca, & este 4. met. c. 4. purgaremos, como diz Galeno, & evacuando o humor, que pecca, sarará a chaga, porque tirada a causa cessa o effeito.

E se a chaga, & a parte em que está, estiver destemperada, se retificará, & tornará a seu temperamento, de modo que se estiver mais quente do que convem, se resfriará, applicando mezinhas de temperamento frias, como he çumos, ou agoa de ranchagem, de erva moura, rosada, de cevada, & clara, & gema de ovo. *Chaga quente.*

E se a chaga estiver fria mais do que convem, se aquestará com mezinhas de natureza quentes, como he trementina, unguento de basalicaõ, papas feitas de quatro farinhas com oximel, & lavatorios de vinho, ou agoa ardente. *Chaga fria.*

E se estiver a chaga seca, se humedecerá com agoa morna, & açucar, & digestivo de gema de ovo & oleo rosado, & manteiga crua, tudo trazido em almofaris de chumbo, & posto nas pranchetas, & em cima emplasto de malvas cozidas, & pisadas com manteiga crua, gema de ovo, & farinha de trigo. *Chaga seca.*

E se a chaga estiver mais humida do que convem, usaremos coufas dessecativas, lavando com vinho, ou agoa cozida cõ rosas, balauustias, murta, agalhas, rozela, & botar na chaga pòs de alvayade, de chumbo, de fezes de ouro, de tutia, todos, ou qualquer delles. *Chaga humida.*

E se a chaga estiver com dor, convem que toda nossa tençaõ seja abrandar a dor, porque atrahе como ventosa, & como diz Galeno, nenhuma coufa acrecenta o humor, que *Chaga cõ dor.*

corre, & derruba as forças, & impede o direito modo de curar, como he a dor, a qual se ha de abrandar com mezinhas mollificativas, as quaes ainda que sejaõ contrarias à chaga, todavia convê usalas, porq̃ sem tirar a dor, não se pôde curar a chaga, para o qual se pôde usar clara, & gema de ovo batida com oleo rosado, ou com leite de mulher; ou usaráõ hum pano destas papas: \mathcal{R} . Miolo de pão alvo enfiado em agoa quente de malvas, ou de fonte, & depois pisado cõ oleo rosado, gema de ovo, leite de mulher, & açafraõ; ou usaremos o emplasto feito de folhas de malvas, & violas cozidas em agoa, & pisadas com farinha de cevada, & oleo rosado, gema de ovo, & açafraõ: ou faremos papas feitas em agoa de malvas cõ farinha de favas, de cevada, & de trigo, oleo rosado, gema de ovo, & açafraõ, & sempre se ha de pôr o defensivo na parte alta, & o doente será sangrado cõforme as dores, & as forças, porq̃ a sangria diminuido a causa antecedente, abráda a dor, & pela mesma razão he bom purgar o humor que pecca, & a chaga se lavará cõ agoa de cevada, ou de tanchagem, & xarope rosado.

*Sangria.
Purga.*

E se a chaga estiver alterada do ar, se lavará com vinho vermelho quente.

*Chaga alterada.
Com apostema.*

E se a chaga tiver apostema, diz Avicenna, que impidamos que não creça, & que se desfaça, porque não se pôde curar a chaga sem primeiro o apostema ser curado, o qual se curará conforme o humor que fizer, pela ordem, que se disse no tratado dos apostemas.

Cõ carne sup.

E se a chaga tiver carne superflua, se comerà com pòs de pedra umi queimada, ou egyptiaco em pano.

Com labios calos.

E se a chaga tiver labios calosos, usaremos de emplasto de diaquilaõ, ou diapalma, abaixado de ponto com oleo rosado; ou usaremos pasta de chumbo sobre os labios, & bem atado, & quando isto não bastar, convem cortar os calos, & queimar com cauterio.

E se

E se a chaga tiver varizes, que são hūas veas cheas de sangue melancolico, que estão de redor da chaga, que a favorecem para não sarar, então convem curar as varizes, abrindo as veas com lanceta como sangria, & vazar o sangue melancolico, & atadas cō hūa linha, para que não corra o sangue à chaga, & senão curarem as varizes, não se curará a chaga, & em quanto as ouver, se usará de cura paleativa, & se as varizes são muitas, & grossas, nam tem cura, & peor se forem antilhas.

E se a chaga tiver osso corrupto, convé descobrir o osso, & legralo, ou queimalo, & esperar que despida a escara, & todo o osso corrupto, primeiro que a chaga se cure, & para ajudar a despedir o osso, he bõ usar algūs pos dessecativos, como he de mirra, incenso, aristoloquia, sarcocola, & outros assim, & para este effeito louva Guido este emplasto: *℞. Aristoloquia, mirra, azevre, verdete, lirio azul, casca de pinho, pedra pomes partes iguaes, tudo feito pó, & misturado cō mel em forma de emplasto; porẽm os ossos que não estão corruptos, diz Hyppocrates, que se humedeçam para se despedir, & Guido diz que se ponha oleo rosado no osso que estiver apegado, para o mollificar, porque se tire melhor.*

E se a chaga he difficultosa de curar cō propriedade occulta, diz Avicēna, que as taes chagas não são podres, nẽ corrosivas, nem ambulativas, mas são de hūa dilposição plana, & q̃ se fechaõ, & tornaõ a abrir hūa vez, & outra, nas quais são necessarias mezinhas que tenhaõ propriedade de dessecar fortemente, como he escamas de cobre, & verdete, & escamas de ferro, azichi, pedra umi, agalhas, tutia, as quais cousas prohibem as materias q̃ não corraõ ao mēbro, & destes se fazem unguētos, ou pões, & este unguento he louvado de muitos: *℞. Tutia, pedra umi, escamas de cobre queimado, verdete, de cada hū meya õça, goma de acipreste 3. oit. oleo rosado, & cera o q̃ bastar, faça unguēto, & tambẽ*

Com varizes.

Chaga cõ osso corrupto.

c. de va. alb. fra-cravet.

Com propriedade occulta.

*Purgar.
Suadorr.*

pòde usar das cousas sobreditas, em pó botado na chaga, & nesta tal convem purgar muitas vezes, & usar de remedios universaes de suadouros de pao, & salsa, qual parecer mais conveniente, porque por estes meynos se pòde diminuir a propriedade oculta, & sarar a chaga; & quando com tudo isto não sarar, parece que a natureza gèra tal chaga para fonte, & descarga de algum membro principal, ou de todo o corpo, pelo que convem cura paleativa.

CAPITULO II.

Da chaga virulenta, & corrosiva.

CHaga virulenta he aquella, da qual sae huma materia delgada, & sutil, a que chamão virus, & se a malicia crecer, & a chaga se for corroêdo, se chama corrosiva, & se vai mais adiante, se chama abulativa, ou phagedena.

E as causas destas chagas sam humores roins, colericos, corrosivos, acres, & mordaces, & malignos, as quaes chagas pella mayor parte acontecem depois de herpes, ou formica, ou pustulas com pruido, ou depois de algumas feridas escandalizadas com as mezinhas fortes que lhe applicão.

Como se cura a chaga virulenta, & corrosiva?

Curase com regimento, & dieta de cousas frias, & humidas, pelo q̄ sam boas ameixas passadas cozidas, abobora, alface, maçãs, & peras assadas, tizana, frangaõ, galinha, & convê purgar os humores colericos, & mordaces, como se disse na cura do erisipèla, & do herpes, & formica; & se ouver carga de humores no corpo, se farà sangria para descarregar o enchimento, & cantidade de humores, & do sangue, ao que chamam pletora, & a purga serve para retificar a malicia, & mà calidade delles, ao que chamam cacochimia.

*Pletora.
Cacochi-
mia.*

*Agoa lu-
minosa.*

E na chaga se porám mezinhas que tenham virtude de resfriar, & podese lavar com agoa de tanchagè, & de cevada, & luminosa, porque esta repercute, lava, & desseca, a qual se farà

fará de agoa de tanchagem duas onças, & rosado duas onças, & de pedra umi meya oitava; ou se fará desta maneira: R. Agoa de cisterna, huma canada, pedra umi meya onça, raspaduras de chumbo húa onça, dará huma fervura, ou se lavará a chaga cõ agoa ferrada, ou cozida com maçans de acipreste, tanchagem, balauftias, mirabolanos citrinos; ou fará este lavatorio q̃ manda João de Vigo: R. Agoa de tâchagê, rosada, d'endivia, de cada húa tres onças, balauftias, rosas, duas oitavas de cada hum, pedra umi huma oitava, pós de todos os sandalos, meya oitava de cada hum, mel rosado húa onça, coza tudo que mingue a terça parte, & depois de lavada a chaga, & enxuta, lhe porão pranchetas, & panos de clara de ovo batida com agoa rosada, ou com çumo de tâchagem, & em cima pano de agoa de tanchagem por defensivo, & os pôs de azevre são louvados neste caso, & de chumbo queimado, & de tutia preparada, & de fezes de ouro, & alvayade, & de casca de pinho, & de pedra hematicis, alcanfor, & verdete queimado, qualquer destes botados na chaga, & pranchetas secas, & depois unguêto de tutia, ou bráco; & tambem louva Guido húa pasta de chumbo azougada, & atada com boa atadura, o qual chumbo se azonga desta maneira: Tomarão hum pequeno de azouge botado em agoa de tanchagem, & meterão dentro a pasta de chumbo, & com hum pequeno de pano esfregarão o chumbo até q̃ o azougue faça a pasta branca. E João de Vigo louva muito os seus pôs nesta chaga, & eu o experimentei, & me achei bem com elles, ou fós, ou misturados cõ xarope rosado, ou com unguento branco, húa oitava de pôs com meya onca de unguêto; mas se a malicia do humor for tal que não queira obedecer aos remedios feitos, convem tornar a purgar, & cauterizar a chaga com cauterio de fogo brando em todos os arredores da chaga, sómente por onde está a corrosão, & este remedio he seguro, & eu o experimentei em chaga corrosiva

Pasta de chumbo.

Unguento mixto.

Para en-
courar.

siva na cabeça, pelo modo que aqui digo, & me succedeo muyto bẽ; & o queimado se curará com pranchetas secas, & panos de clara de ovo, & depois clara, & gema, & caída a escara, se curará conforme ao estado em que ficar, & para encourar esta chaga, & outra qualquer, se pôdem usar estes pôs, que são bons \mathcal{R} . Pedra umi queimada, bolo armenico, terra sigilata, balauustias, mirabolanos citrinos, coral vermelho, tutia preparada, de tudo feito pô sutil, & misturado; ou este: \mathcal{R} . Pôs de chumbo queimado, & de alv ayade, & de fezes de ouro, balauustias, tudo misturado, & lavarão a chaga com agoa luminosa feita de agoa de tançagem quatro onças, & hũa oitava de pedra umi; ou esta: \mathcal{R} . Rosas, balauustias, losna, murta, maçãs de Acipreste, & hũa pequena de pedra umi crua, tudo cozido em agoa, lavando a chaga com qualquer dos lavatorios deste capitulo, & enxuta botarão os pôs, & porão pranchetas de fios secos, & panos de unguento de tutia, ou de minio.

E todos estes remedios servem para encourar a qualquer chaga.

CAPITULO III.

Da chaga çuja, e' podre.

CHaga çuja he aquella, na qual ha hũa materia pegajosa, & grossa, à qual chamaõ fordes: & chaga podre, he aquella na qual ha carne corrupta, & podre, que bota de si fumo podre, & com sua malicia apodrece o membro. E a differença que ha da chaga çuja à podre, he de mais, ou menos, por que a podre he por mais malicia, que a çuja.

De que se fazem estas chagas?

Fazemse de humores sanguinhos, grossos, & roins, & ferventes, pelo qual se fazem venenosos, & podres, & pella mayor parte succedem de carbunculos, & de apostemas, & feridas mal curadas, como diz Guido.

Como

Como se cura a chaga çuja, & podre?

A cura destas chagas confite em alimpar o corpo, & chaga, pelo que convem as evacuaçoens universais de sangria, & principalmente de purga, & bom regimento, & sangria se fará as vezes que parecer, conforme o enchimento, & carga do corpo, forças do doente, & pôde tomar xarope de fumaria, & de borragens, & d'endivia, & agoa de lingoa de vaca, & d'endivia, & purgarfe cõ diacatolicão, confeição hamec, xarope de Alexandria, ou com piloras agregativas, & de fumaria.

E sendo chaga çuja, a lavarà com agoa mel, ou com agoa de cevada, & mel rosado, & se mundificará com unguento apostolorum, ou com unguento de tutia, & apostolorũ, partes iguais misturado, ou com pòs de João de Vigo, huma oitava, unguento de tutia meya onça, misturado, ou unguêto apostolorũ duas partes, Egipciaco hũa parte misturado, ou com mundificativo feito de çumo de aypo seis onças, mel rosado tres onças, farinha de cevada duas onças, misturado ao fogo, ou feito de çumo de aypo, & de tanchagem, & mel rosado, & trementina, & farinha de cevada, hũa onça de cada hum, misturado ao fogo, & depois lhe misturaráõ huma gema de ovo, & açafraõ, & qualquer destes se porà nas pranchetas, & porcima pano de unguento branco.

E nas chagas çujas, & podres, não sendo a podridaõ muita, & avendo na chaga quentura, he bom remedio esta agoa, porque tira a podridaõ, & alimpa a chaga postos os fios molhados, & emcima pano de unguento branco: *℞.* Agoa de cisterna hũa canada, unguêto apostolorum hũa onça, mel rosado duas onças, açucar candi meya onça, açucar branco hũa onça, pedra umi crua meya onça, & darà tudo hũa fervura, & querendoa mais forte, lhe botaráõ mais pedra umi, & apostolorum, & com esta agoa curei algumas chagas, até encarnar, & encourar muito bem. E se a podridam
for

*Papas pre
servatisu.*

for muita, lavarão a chaga com agoa falgada, ou cõ agoa, & vinagre, & unguento Egypciaco, ou com agoa cozida cõ tramoços, & losna, & erva fanta, & Egypciaco, & depois de lavada, & limpa aquella humidade podre, lhe porão nas pranchetas unguento Egypciaco, ou erva fanta pisada, ou tudo junto, & emcima pano de papas preservativas, feitas de farinha de favas, cevada, lentilhas, esvelhaca em decoada, ou cozimento de tramoços, ou de losna, & lhe botarão hum pouco de oximel, ou xarope acetoso, avendo quentura na parte, & tambem pòdem usar na chaga pós de Joaõ de Vigo misturados com pedra umi, não avendo grande podridão, & sobre os pós pranchetas secas de fios, & emcima pano de papas, ou de ovo, ou de unguento de tutia, & quando se puzer qualquer mezinha dentro na chaga, he bõ cortar a podridão, & fios da carne já corruptos, porque assim obrará melhor a virtude do medicamento, & se vai sobre toda a podridão não faz obra.

Cauterio.

E se os remedios ditos não bastarem, & a podridão, & malicia for adiante, he necessario chegar ao derradeiro, & seguro remedio de cauterio de fogo, & para fazer a obra perfeita, & como convem, se ha de cortar toda a carne podre, & depois queimar com o fogo o que parecer que basta, conforme a malicia, & parte onde estiver a chaga, porque se está em nervos convem, menos fogo, & depois de queimada a chaga, se cobrirá de pós de caparrosa queimada, & pranchetas emcima de fios secos para conservar a escara, & por cima estopadas, ou panos de todo ovo, & pano de vinagre, & atadura, & se caida a escara do cauterio a podridão cessar, & ficar a chaga limpa, se encarnará com fios secos, & pano de unguento amarelo, & tábê lhe podem botar dentro na chaga para ajudar a encarnar os pós de incenso, & mirra, ou sós, ou misturados com mel coado, & depois se encourará com unguento branco, ou de tutia, & emplasto de diapalma; por é
se de.

se depois de caída a escara, ficar ainda alguma podridão, tornaremos aos remedios outra vez já feitos, até que se retifique, & tornará a purgar o doente, porque como diz Guido, nas chagas de má qualidade, convem purgar, & repurgar. & tornar a purgar.

E se a malicia for tanta, que nenhum remedio basta a-lhala, & o membro se corrôper mais se curará, como estio *Cortar o membro.* meno, & cortarão o membro em parte, ou em todo, se gundo a necessidade do mal, & as forças do doente, pela ordem que dissemos no Capitulo do Estiomeno.

CAPITULO IV.

Da chaga profunda, & cavernosa.

CHaga profunda, & cavernosa, he aquella que tem a boca pequena, & o fundo grande, & escondido com hum, ou muytos fecos, ou cavernas de leitãs, ou tortas.

A qual chaga se faz dos apostemas profundos, que depois da materia feita lhe tardarão com abertura, ou de feridas profundas, das quaes não se pôde expurgar bem a materia, *Causas.* & lhe tardarão com a contra abertura, ou porque não se pôde fazer contra abertura nas tais feridas, ou apostemas.

E na cura da chaga profunda, & cavernosa, si postas as *Cura.* e acuações univérfaes de sangria, se parecer necess. ria, & de purga, que se fará conforme o humor q peccar, & suposto o bõ regimento da comida, & tudo o demais necessario, se curará a chaga, mundificádo as cavernas cõ lavatorio sbotado's por xeringa feitos de agoamel, ou de agoa de cevada & mel rosado, ou agoa cozida com rosas, balau tias, lentilhas & mel rosado, ou agoa luminosa, sendo a materia quente, o qual se conhecerá pelo que sae da chaga ser materia sanguinha, & como lavadura de carne, mas se for materia fria (o q se conhecerá pelo q sae ter branco, & como soro, ou grosso como fleimas.

fleimas em pedaços) entã se lavarã com vinho, & mel, ou cõ cozimento de losna, pimpinela, & mirra, tudo cozido em agoa, & a mecha serã canulada, & o membro serã situado, de modo, que fique o buraco baixo, & o fundo alto, paraq possa bem expurgar a materia, & parecendo que estã mundificada a caverna (o que se verã pela materia q̄ fae ser branca, & cozida) entã usaremos de chumaço no fundo, & vaõ da caverna cõ huma atadura expulsiva, para que as materias se despidaõ para fóra, & a caverna se encarne, & solde; & podem tambem usar este lavatorio para ajudar a encarnar: agoa de cevada hum quartilho, vinho quatro onças, mel rosado tres onças, mirra, incenso, sarcocola, huma oitava de cada hum, cozerã até mingoar o terço; & pode se tambem botar dentro na chaga mel coado, misturado com pòs de incenso, & mirra, & sarcocola para mundificar, encarnar, & em cima pano de unguento amarelo.

Lavatorios fortes E quando a materia for taõ maligna, que com lavatorios brandes não se queira concertar, entã diz Guido, & Vigo, que se lave com agoa salgada, ou com decoada, & mel rosado, ou com oximel, & agoa de tramoços, ou com Egypciaco desfeito em agoa de cevada, ou de losna.

Contra a abertura E quando as cavernas com os lavatorios, & com chumaços, & ataduras não quizerem encarnar, & consolidar, em tal caso convem fazer contra abertura na parte mais baixa, para que a materia melhor se purgue, & alimpe, & encarne a chaga, & entã aproveitarã os chumaços postos no vaõ, que fica entre a contra abertura, & o buraco da chaga, & se o couro for delgado, entã se abrirã toda a caverna, se não ouver algum perigo de veas, nervos, ou arterias, ou formarã abertura com lichinos, & pranchetas de ovo, & curarãõ conforme estiver a chaga de dentro.

E quando não poder ser fazer se contra abertura, por estar o fundo da caverna dentro, & no fundo do membro, ou
por

por não se poder cortar, por razão das veas, ou nervos em tal caso abriremos a boca da chaga, o melhor que pu ler ser, com genciana, ou esponja, ou curaremos com lavatorios, & munificativos, & bom sitio do membro, & mecha canulada, & pano de unguento amarelo, ou basalicão, ou emplasto de diaquilão, ou do negro, que chamão de Capuchos, *Cura paleativa,* que he cura paleativa, que às vezes vem a ser curativa. *leativa.*

CAPITULO V.

Da Fistula.

Fistula, he huma chaga profunda, & cavernosa com calosidade da parte de dentro, cujo orificio he pequeno, & a caverna grande.

A qual fistula se faz dos apostemas, & feridas profundas, como dissemos nas chagas cavernosas & nisto differem *Causas* a fistula, & chaga cavernosa, que a fistula tem calosidade, & a chaga cavernosa não.

E as differenças das fistulas sam muitas; porque, ou são *Differenç.* na carne, ou no nervo, ou no osso, ou tem huma caverna, ou muitas, ou tortas, ou direitas, & destas differenças se toma a intenção curativa, & o pronostico.

E conhece-se aonde está a fistula, pelo que sae da chaga, *Sinaes.* porq̃ se está na carne, sae a materia grossa, & viscosa, turva, & muita, & se está no nervo, té dor, & a materia he pouca, & branca, & delgada como azeite, & o lugar em q̃ está a chaga he lugar de nervos, & se está no osso, sae a materia delgada, & sutil, & he a chaga antiga, & logo cõ a tenta se acha o osso.

E quanto à cura, presupostas as evacuaçoens universais, & purgada a causa antecedente do humor que pecca, se curará a fistula com dilatar o buraco, & tirar a calosidade, & nũdificar as materias, & depois encarnara chaga, & assim quando o buraco he estreito, que não se pôde estripar a fistula, usamos mechas de raiz de genciana, ou de aristoloquia, ou da

serpẽ.

Espanja. serpentina, ou de esponja, feita desta maneira: \mathcal{R} . Rezina, & cera, duas onças de cada hum, pó de solimão duas pitavas, derretida a cera, & a rezina, & depois botado o solimão, & bem mexido, lhe botarão dentro a esponja que bastar para embeber isto, & a porám em huma imprensa, para que fique amassada, & depois cortarám desta esponja as mechas do tamanho que quizerem; & tambem podemos usar os trociscos de minio em lugar de mecha, se o buraco for pequeno, para dilatar o buraco, & comér a calosidade.

Cauterio. E João de Vigo diz, que o melhor remedio de todos na cura da fistula, he queimar a fistula toda até o fundo com cauterio de fogo, para que gaste a calosidade toda, com tanto, que nam queimem veas, nem nervos.

Cauſtico. E quando o doente arrecear o fogo, então se podem usar mezinhas que gastem a calosidade, como he os pós de João de Vigo, unguento Egipciaco, trociscos de minio, se limão, qualquer destes desfeito em agoa de tanchagem, ou em cozimento de tramoços, ou em agoa salgada, começando dos menos fortes. E Guido diz, que agoa forte dos curives mata a fistula; ou se fará este lavatorio: \mathcal{R} . Egypciaco húa onça, solimam meya oitava, decoada, ou agoa de tramoços seis onças, tudo misturado; ou se fará este: \mathcal{R} . Agoa rosada duas onças, ouro pimenta hum escrupulo, agua de tanchagem quatro onças, ferva tudo até se gastar a terça parte, & com qualquer destes lavatorios botado dentro, se matará a fistula, queimando a calosidade;

Botado o caustico e é: ro que se fará. E avemos de notar, que botando dentro qualquer destes sobreditos causticos, convem tapar a boca da chaga por espaço de seis horas, ou mais, para que se faça a obra q' pretendemos, & em cima do buraco tapado, porám hū pano de manteiga crua, ou de ovo, & ao redor sempre; & na parte alta defensivo de vinagre aguado, ou outro qualquer, & depois de botado o caustico duas, ou tres vezes (que parece, que

que bastará para matar a fistula, procuraremos a caída da escara com ovo, ou manteiga crua, & sea materia que sair, for cozida, ou quasi, he sinal que a fistula está acabada, & *Sinal da fistula.*
 a calosidade gastada, então usaremos mundificativos como este: *morra mundific.*
 R. Húa onça de trementina lavada cõ agoa ardête mel rosado, çumo d'aipo, & de ranchagem, de cada hum húa onça, farinha de tramoços meya onça, pòs de mirra, de farcocola, de raiz de lirio, meya oytava de cada hũ, ferva a trementina, & mel, & çumos, que gaste a metade dos çumos, & tirado fõra do fogo, lhe ajuntarãõ o demais, & depois deste mundificativo; poderaõ usar outro qualquer mundificativo, & hum confortativo, & encarnativo, feito de *Vinho.*
 vinho branco, mel rosado, pòs de mirra, & em cima pano de unguento amarelo, ou basalicão, & depois emplasto de diapalma, ou diaquilão, ou emplasto negro, o que chamãõ de Capuchos.

È tambem se pôde curar a fistula sendo pequena, & de huma só caverna, & na carne em parte que se possa cortar facilmente, cortando toda a calosidade, & pondolhe algum *Outros mo do decura*
 caustico brando que se acabe de gastar alguma cousa, que não se pôde bem cortar, & para isto bastarãõ pòs de João de Vigo, & depois mundificar, & encarnar a chaga.

È se a fistula està em lugar que não se pôde curar, como he em membro principal, em nervos, & veas, ou o doente he fraco, & não pôde sofrer a cura, ou porque se teme que curando a fistula succede outro mal peor por ser antiga, ou por estar em fogeito doente de outra doença, ou por qualquer razão, em tal caso convem cura paleativa com hum *Cura paleativa.*
 pano de unguento, ou qualquer emplasto.

CAPITULO VI.

Da chaga Cancrosa, ou cancro ulcerado.

CHaga cancrosa, he hũa chaga redonda, horrivel, fedorenta, com beijos grossos, duros, nodosos, levantados, & revirados, cavernosos, de cor escura, & com veas nos arredores, por fóra, ou por dentro cheos de sangue melancólico, & sempre vai correndo, & bota huma materia virulenta, peçonhenta, como ferrugem, & de mau cheiro, & quanto mais se apalpa, mais se agrava. E estes são os sinais por onde se conhece.

E do cancro apostema se faz o cancro ulcerado: o qual de sua malicia se abre, & se faz chaga, & tambem se faz de alguma chaga mal curada, & irritada, & agravada com medicamentos fortes.

Como se cura o cancro ulcerado?

Pòde-se curar cõ ferro, & fogo arrancando, como dissemos no cancro apostema, sendo de pouco tempo, & pequeno, & não estando muito arreigado na parte, mas he cura difficulosa, & perigosa, & o mesmo he curando com caustico, porque quando chega a fazer chaga he tam mau, & rebelde o humor, & a chaga, que todo o remedio despreza, & tirado, & curado, & chegado a saude, he muyto facil tornar, ou na mesma parte, ou em outra perto della, como eu já vi tornando, matar o doente, pelo que o bom conselho he usar da cura paleativa, a qual diremos abaixo, principalmente sendo o cancro antigo.

E sendo pequeno, & pouco arreigado na parte, & nam. muyto antigo, querendo curalo com caustico (principalmente sendo no rosto, ao qual chamamos no li. metangere) se curará desta maneira, presuposta a evacuação universal de sangria, & purga, que será como dissemos no cancro

apostem

apostema, & preparado bem o corpo, & limpo, & descarregado dos humores melancolicos, cortarão todos os labiões do cancro, & a dureza, & carne superflua que tiver, cõ nava-
 lha, ou lanceta, & deixaráõ vasar hũ pouco de sangue para
 descarregar a parte, & tomarão hum papel mataborraõ do
 tamanho da chaga, & molhado com cuspinho, o encherão
 de pós moderadamente, cuja receita se dirá abaixo, ou co-
 brirão a chaga de pós, & o mataborraõ, hũ pouco molhado,
 o porão em cima, de modo q̃ fique toda a chaga tapada, &
 carregarão no papel cõ hũ pano enxuto, para q̃ os pós ape-
 gué, o sangue estãque, & atarão cõ atadura conveniente, &
 derredor lhe porão panos de ago rosada por defensivo, ou
 unguento de bolo armenico, & se o papel do caustico pègar,
 he final que fará obra, & o deixarão estar devagar, até q̃ elle
 se tire, & em cima do papel porã hũ pano enxuto, ou nada.

*Curado
nolimitã-
gere.*

E se a escara estiver tão apegada, que faça dor grande,
 então se poderá usar pano de manteiga crua para abrandar
 a se quidaõ da escara, mas pouca manteiga, porque quanto
 mais devagar cair a escara melhor obra fará, & derredor se
 temperará com panos de agoa rosada, ou de tanchagem, &
 se fará sangria, por razão da dor, ou duas.

*Se a q̃
razã
dor.*

E se caido o papel com a escara, parecer que não está
 gastada de todo a malignidade da chaga, tornaráõ a botar
 outros pós na parte onde estiver a malicia para que a ga-
 ste, posto que sempre da primeira vez faz sua obra.

Sangria.

E se caida a escara ficar a chaga limpa, se curará com
 este unguento: R. Cera branca, oleo rosado ofancino, de ca-
 da hum meya onça, cevo de carneiro tres onças, trementi-
 na meya onça, rezina, pez, louro, hũa onça de cada hum,
 derretido tudo, & coado, & estando quasi frio, lhe mistu-
 rarão de pós de mitra, de incenso, de almecega, tres oitavas
 de cada hũ, & faça unguento, & com pano delle, se cure a
 chaga até o cabo, & porão pouco unguento no pano.

Unguento.

*Mundifi-
cativo.*

É se depois de caído o papel da escara, ficar a chaga cõ algũa coufa, mundificar, se fará este unguento: *R.* Unguêto branco cozido, hũa onça, pós de João de Vigo duas oitavas, tragase em almofaris de chumbo por grande espaço cevando com çumo de erva moura, & de tanchagem, que fique bem incorporado, & no cabo lhe misturarão hũa gota de oleo rosado, quanto baste, para que o unguento fique brando que não se seque, & deste unguento usarão nas pranchetas, as quaes serãõ delgadas, & por cima hum pano de outro unguento acima dito, & de ambos pouca quantidade, & muytas vezes aconteceo das pranchetas sômente mundificar, & cortar até o cabo.

E os pós do caustico se fazem desta maneira: *R.* Pò de solimão, & pó de alfacinha do rio (colhida no mez de Mayo, & Junho, & seca á sombra) tanto de hum como de outro, & misturados, q̃ fiquem os pós pardos, & naõ avendo alfacinha, misturarão cõ solimão, pós de sangue de dragaõ, & todos haõ de ser muito bem pizados, ou faraõ estoutro caustico: *R.* Pós de çapo tres oitavas, verdete duas oitavas, solimão hũa oitava, alfacinha, ou pós de sangue de dragão duas oitavas de qualquer, pisado tudo facilmente. E os pós de çapo se fazem tomãdo hũ çapo, & metido em hũa panela nova, & muy bem tapada com maça, & posta dentro no forno por hũa, ou duas, outres noites, até que bolindo cõ a panela parece que soa dentro, de modo que está torrado, & o tirarãõ, & faraõ pó sutil. E este caustico do çapo, eu o não experimentei atégora, & em lugar de solimão podem usar rosalgar branco se quizerem em qualquer dos causticos.

*Cura pa-
ssiva.*

É se o cancro estiver em parte que naõ se possa tirar de raiz por obra de mãos nem caustico, por ser muito grande, & antigo, & arreigado na parte, & sobre nervos, & veas, & em membro principal, ou porque o doente não quer sofrer a cura, ou por estar fraco, em tal caso convem, como todos

to los dizem, cura paleativa, & preservativa, tratando o doente com bom regimento de cousas que purifiquem o sangue, & não fação melancolia, como dissemos nos capitulos do scirro, & do cancro apostema; & purgará o doente muitas vezes, & sangrar quando ouver grande dor, ou inflamação, ou carga na parte, ou em todo o corpo, se o doente tiver forças, & pode se purgar com o que purgaõ no scirro, & cancro, ou com ameixas de sene, que he purga branda, & tem virtude de purgar a melancolia, as quaes se fazem desta maneira: *℞.* Meya onça de folhas de sene botadas de molho em hũ quartilho de agoa da fonte, & darão hũa fervura ao fogo, & tirarão fóra, & tapado o vaso estarão assim compõdofe quatro horas, & coado isto por hũ pano, botarão nesta agoa nove ameixas passadas, & estarão de molho seis horas, & lhe deitarão hũa onça de açucar branco, & ferverá até q̃ mingue ametade, & as tirarão do fogo, & as tomará o doente quentes, ou frias, & beberá do caldo, & purgará suavemente, & se for pessoa durã de purgar, lhe podem misturar hũa onça, ou duas de xarope de Alexandria, ou de nove infusoens das nossas rosas, com o caldo, & deste modo de purga póde tomar cada vez que lhe parecer, q̃ he necessario, & tomará menos quantidade das ameixas, & do caldo, se for pessoa fraca, ou facil de purgar; ou tomará desta conserva, q̃ he boa para purgar humores melancolicos: *℞.* Ameixas passadas limpas, & lavadas, & botadas de molho, que amoleção, & depois abertas, & tirados os caroços, pisarão esta polpa em gral de pedra, & tomarão hũ arratel de açucar limpo, & clarificado com aquella agoa em que estiverão as ameixas de molho, & posto em ponto, lhe botarão meyo arratel da polpa das ameixas pisadas, & de pós de folhas de sene meya onça, & de pós de erva doce hũa oitava, & se fará cõserva mais branda q̃ marmelada, da qual tomará o doente hũa colher cada menháa; ou farão a conserva assim: *℞.* Polpa

*Ameixas
de sene.*

*Conserva
de ameixas.*

de ameixas pisadas, meyo arratel, & de açucar bom, outro meyo, xarope violado de nove infusoens quatro onças, faça conserva, ou com xarope violado de nove infusoens.

E na chaga se porá pano de unguento de tutia, ou deste:

rx. Unguento de tutia, & branco, huma onça de cada hũ, tragase em almofaris de chumbo, até que tome a cor do chũbo, cevando sempre com çumo de erva moura, ou tanchagẽ, & mexêdo com mão de chumbo, ou usaráo dos unguentos que dissemos na cura palcativa do cancro apostema, postos em pano, & de baixo pranchetas de fios secos, & se estiver a chaga muyto çuja, usaráo nas pranchetas o unguêto mixto de pòs de Joannes de Vigo duas oitavas, unguento de tutia hũa onça, & emcima pano de qualquer dos outros unguentos acima ditos, & por razão do fedor da materia, he bom lavar a chaga com agoa cozida com tanchagemẽ, ou com erva moura, ou com cevada, & misturada com açucar rosado, & desta maneira se irá preservando, para que não se acabe de perder o membro onde está a chaga, ainda que o humor he taõ maligno, que por mais que lhe fação, sempre peora; mas basta fazer o que a arte mãada, como diz Guido.

*Unguento
mixto.*

CAPITULO VII.

Da falsa parrilha, & pao da China, & pao das Antilhas.

E Por quanto na cura das chagas cõ propriedade occulta, fallei em suadouros de pao, & falsa, me pareceo necessario tratar destas medicinas alguma cousa para luz dos que quizerem usalas. & não souberem fazer dellas eleição, & uso que convem: & direi de cada hum resolutamente, conforme ao uso que disto temos, & a experiencia nos tem ensinado, & a authoridade dos que destas cousas escrevérao.

E primeiramente da falsa parrilha digo, que são hũas raizes compridas, que vẽ das Indias de Castella. s. da nova Espanha, & de Funduras, & a da nova Espanha, pela mayor parte

parte he delgada, & de hũa cor branca, que tira a amarelo, & a das Funduras he mais grossa, & de hũa cor quasi alionada, que tira a preto, & esta de Funduras he melhor, que a da nova Espanha, & sempre a que tem a cor tirante a preta, he melhor, & ha de ser pezada, & grossa, & nova, & quebrandoa que se abra como junco, & que fique o miolo de dentro alvo, & que não bote farinha, & esta he aboa salsa, & assim como arriba digo, o diz Monardes, & a poem por quente, & seca quasi no segundo grao,

O para que aproveita a salsa parrilha, he para todas as doenças de boubas com chagas, dores, & inchações de pouco tempo, & tambem para outras doenças, que não são boubas, & em que he necessario universal remedio de suar para as resolver, & gastar, & principalmente tem propriedade à cabeça.

A cantidade que se coze de salsa cõmumente, são duas onças em tres canadas de agoa, ou onça, & meya, ou huma onça, segundo a calidade da doença, & forças do enfermo, & sua compleição; & eu curei algũs com hũa onça, & suaráo muyto bem, & sãrão em chagas de garganta, & de outras co usãs em que pecca humor quente, & em pessoas sanguinhas, & moços, & se o mal for de humor frio, & antigo, & pessoa fleimatica, sempre cozerão duas onças, ou tres onças nas tres canadas.

O modo de cozer he este: Cortarãõ a salsa em pedaços pequenos, abrindoa primeiro toda pelo meyo, & enxaguada do pò que tiver, & botarãõ de molho em tres canadas de agoa vinte, & quatro horas, ou doze horas, & se a doença q se curar for de humor quente, se botarã pouco de molho, porque nos humores frios convê mais, para q tome a agoa a virtude mais intensa, & na mesma agoa em que se bota de molho a salsa, se cozerã a fogo manso, devagar, que mingue duas canadas, & fique huma, a qual serã coada, & esta

he para suar, & a mesma salsa já cozida tornarão a cozer em quatro canadas de agoa, & ferverá, que mingue hũa, & desta beberá de contino, & se o doente for mancebo, & de compleição quente, & que se possa temer que com a salsa se aquente, então se pôde cozer a salsa sem botar de molho, & com folhas de almeirão, ou com cevada, & o doente pôde tomar á noite amendoada feita de amendoas, & pvides de melão, & de abobora para resfriar, ou hũa tizana feita de cevada pilada, & muito cozida, & depois machucada, & desfeita com huma pequena de agoa em que cozeo, & espremida por hũ pano, & naquella sustancia q coar botaráo hum pequeno de açúcar, & tambem se faz a tizana com farinha de cevada, & agoa, & açúcar, & tomará cantidade de quatro, ou seis onças da tizana.

Medida. E para saber a medida da agoa botaráo na panela huma canada, & meterão hũ pao, & aonde chegar a agoa faraõ hũ risco, & botaráo outra canada, & faraõ outro risco, & botaráo outra, & faraõ outro risco, & estando a panela fervendo a tirarão do fogo, porque abaixe a fervura, & pondolhe o pao, logo se verá o que tem mingoado, & o que falta.

Xarope para suar. A cantidade de agoa cozida, que ha de tomar para suar, ferá meyo quartilho, & quente, & ha de ser daquella canada do primeiro cozimento, que chamamos xarope para suar.

A hora para suar. A hora em que se ha de tomar o suadouro, ferá logo pela manhã, & á tarde cinco horas depois de comer, porq esteja o estamago vazio da comida, que não se pode tomar o suor senão depois de feito o cozimento no estamago, & suará hũa hora de cada vez, bem cuberto todo, & se não poder soffrer o rosto cuberto, lho descubrirão hum pouco, quanto baste para resfolegar, & acabádo de suar se alimpará com pano quente, & tomará a camisa, & roupa quente, & depois de suar não comerá, nem beberá logo, senão daly a hũa hora, q esteja já quieta, & apagada a quentura, & fervor do suor

A comida ha de ser papas, biscouto, & amêdoas, & torra- *Comida.*
 das sam melhores, & he bom comer pouco, & o biscouto he
 bom, porque faz com sua sequeidade reter a agoa, que não se
 vâ logo do estamago, & mais o biscouto não opila, & o pão
 molle sempre opila, & se o doente não poder sofrer jantar,
 & cea este modo de comida, então se lhe pôde dar carne ao
 jantar assada de frangaõ, galinha, ou carneiro, mas pouco,
 & com a carne pôde comer pam, & seja bem cozido, & à
 cea comerá as passas, amendoas, & biscouto, & se entre dia
 quizer comer algum doce, ou sobre comer, será maçapam,
 pam de lò, confeitos de erva doce, ou de coentro, & talos de
 alface, & peras, & raiz de escorcioneira em conserva, ou de
 lingoa de vaca, & diacidraõ, ou hũa lasca de açúcar branco:
 & sendo tal o doente, q̃ não possa comer biscouto, nem carne
 assada, então lhe dara pão, & galinha cozida, & não o caldo:
 & sendo pessoa que tenha fraquezas do estamago, de mo-
 do que não possa passar sem beber vinho, lhe poderã dar
 hũa gota ao comer, mas branco, & pouco, sómente por este
 ref, eito do estamago, & mais não; & o comer, & beber en-
 tre dia, he bom escusalo, porque não encha o estamago, &
 tolha o cozimento da comida para a hora do suadouro, sal-
 vo for de noite, que fica grande espaço atè pela menhaã.

E o numero dos dias q̃ se ha de tomar suadouros de sal- *Quantos*
 fa, ou pao, não se pôde limitar certo, porque se ha de regular *dias ha de*
 pela calidade do humor, tēperamento do enfermo, & o mal *suar.*
 ser antigo, ou de poucos dias, porque cada cousa destas varia
 o numero dos dias, & tal pôde ser o mal, que dez dias ba-
 stem, & tal, que vinte nam bastem: porém Monardes diz, q̃
 tomem trinta días, & que os primeiros nove dias sejam de ca-
 ma sem se levantar, & os demais que pôde levantar se o do-
 ente depois de suar, mas que não ha de sair fõra da camara a
 onde está, & q̃ esteja cuberto, & guardado do ar. E certo, q̃
 entendo que deste dito de Monardes de nove dias de cama
 se mo-

se movea opiniaõ do povo, em dizer que bastaõ nove dias de falsa, mas não entenderaõ o modo com que isto se escreveo, & por isso não saram os que se curaõ com nove dias, porque não se curaõ como convem, pelo que a verdade he, que haõ de tomar suores de falsa, ou pao, os dias que forem necessarios, para farar a doença, para que se tomão, não fazendo algum dano a continuacão da cura, & mais certo final de estar já a doença em diclinação he quando o doente depois de aver suado muyto, vai suando menos. & se tiráram de todo as dores, & o enfermo está leve, então se devem deixar os suores.

E a casa em que estiver o doente estará fechada, & guardada do vento, com tanto que não esteja muito quente, porque a respiração do ar tão quente, fará dano ao doente, & sómente ao tépo de alimpar o suor, estarãõ nas casas hũas brazas poucas, para aqueentar o pano, & camisa, & o demais tempo pôde estar a casa clara, & janela aberta com encerrado, ou sem elle, não fazendo vento, ou frio, & tambem se pôde levantar o doente entre dia na mesma casa bem enroupado se a doença soffrer andar em pé, & tambem pôde tomar hum suor cada dia, ou ante manhãa, ou á noite, & andar levantado todo o dia.

E antes de começar de suar no principio, se purgará o doente conforme o humor que pecar, & não se purgará no meyo da cura, nem no fim, se suar bem, porq̃ nestes não he bõ purgar, q̃ lhe faz dano; poré se no processo da cura o doente não suar bê, & ouver sinais de enchimento de humores, & grossos, em tal caso convem purgar no meyo da cura, ou antes do meyo, para que a natureza descarregada possa adelgac̃ar o humor, & evacualo por suor: & se no cabo da cura ficarem esquentados os membros, & o corpo doente, então convem purgar com mezinha attemperante, como he canafistula, tamarindos, & de outra maneira não, porque de

pur,

purgar com mezinha forte no cabo da cura succede tornaré a doer as partes que doeraõ antes de se curar, & eu o vi succeder deste modo algúas vezes.

E se o doente não fizer camara cada dia, ou cada dous dias, se usará de mechas, & de cristeis cõmunds, & cõ canafistula, geripiga, & benedita. *Cristel.*

E o tempo do anno mais acomodado para esta cura, he Março, Abril, Setembro, & Outubro, que são mezes mais temperados, suposto que quem tiver muita necessidade, todo o tempo, retificando a casa conforme a cura, & fazendo que fique de modo, que o doente se possa curar, & suar sem escandalo do frio, & da quentura, & nos Caniculares sempre he ruim tempo para curar. *O tempo do anno para suar.*

Tambem se toma a salsa em pó, purgandose primeiro o doente, & depois tomar cada menhã meya oitava de pó em huma gota de vinho branco, ou da agoa da salsa, & beberá agoa cozida com meya onça de salsa em cinco canadas de agoa, q̄ mingue hũa, & terá bõ regimento de galinha, carneiro cozido, ou assado, & outras cousas assim, & tomará estes pos quinze dias, ou mais, & podem misturar pòs de folhas de sene, & faráõ purgar, & será partes iguaes, meya oitava de ambos, mas esta cura he para doença leve de dores pequenas, ou humidades da cabeça, & do estomago, & de outra parte. *Salsa em pó.*

E tambem se toma a salsa em talhadas, ou especie, a qual se pòde fazer desta maneira: R. Pòs de salsa seis onças, pò de biscouto duas onças, pò de folhas de sene hũa oitava, pò de polipodio de carvalho duas oitavas, & lectuario rosado de mesue duas oitavas, com açucar, & mel o q̄ bastar, façãõ conserva, ou talhadas, & tomará cada menhã pezo de meya onça, & nesta receita se pòde acrescentar no peso de algũa destas cousas, se parecer que he necessario á doença, & beberá o doente agoa simples de meya onça de salsa cozida em cinco canadas, que mingue hũa, & terá bom regimento, &

to, & tomarà os dias que parecerem necessarios para sua doença, & purgar-se ha primeiro que comece a cura.

Salsa de regimêto.

Tambem se toma a salsa, fazendose sómente agoa simples de meya onça em cinco canadas, que mingue hũa, & tenha bom regimêto, & isto serve nas enfermidades compridas, & enfadonhas, & corrimentos, & reumas, & achaques velhos, & ventosidades cõtinuadas, causadas de humores frios, estamagos frios, & achaques frios da cabeça, & faz muito proveito, & vem a sarar cõ isto algũas pessoas, ou se prefervão, que não venha o mal a peor estado, & bom he purgar antes que se comece esta cura.

Regimêto depois da cura.

E os que tomarem suores de salsa (depois de acabados) cõvem que tenha regimento hum mez, ou dous, ou mais para confirmação da saude, porque não tendo bom regimento, pòde recair facilmente, & beberá agoa simples, ou recozendo a salsa já cozida, duas onças, ou tres em hũa panela de agoa, que mingue hum pouco, ou cozendo da salsa nova, que não foi cozida, duas oitavas em cada panela de tres canadas, ou quatro, que dè huma fervura.

Do pao da China.

O pao da China, são hũas raizes que nascem na China a modo de batatas, & tem algũs nõs, & na China se comem como batatas, ou nabos, quando as tiraõ da terra frescas, ou como tubaras da terra.

Qual he o bõ pao.

E o seco, que vem a estas partes, com que curamos, para ser bom, ha de ser pezado, & de poucos nõs, ou nenhum, & lizo, & que não tenha buracos, nem caruncho, & a cor de fóra que tire a loyro, & o que he branco por dentro, cor de rosa, he melhor que o vermelho.

Para que serve.

Serve o pao da China em gèral para todas as doenças de boubas, & sem boubas, nas quaes he necessario por universal evacuação de suor gastalas, & resolvelas, & té particular

prodriedade para o estomago, & peito, & nervos, & dizem Monardes, & Orta, que são os que delle escrevêraõ, que desfaz opilacõens, & hidropesia, & faz boa cor de rosto, & cura todas as doencas causadas de humores frios, & para paixão de ourina, perlezia, & gota, & chagas de bexiga, & pedra, alporcas, & inchaçoës, flematicas para dores, & indigestoens do estomago, que o conforta, & gasta as ventosidades, & para os escarros, & materias do peito.

E temse este pao por quente temperadamente, & seco *He quente
E seco e*
no segundo grao.

O modo de cozer este pao he este. Cortado em pedacinhos, como vintêis, se botará de molho vinte & quatro horas, ou doze horas, & ha de ser huma onça em tres canadas de agoa, & nesta mesma agoa se cozerà, & ficará em canada, & meya, da qual tomarà o xarope para suar, & della mesma beberà, & se o mal he pequeno, & em cõpleição quente, se cozerà hũa onça em quatro canadas, que mingue metade, ou menos da metade, q̄ fique duas, & meya, & se o doente tiver figado quente, se cozerà em agoa de almeiraõ, ou cõ as folhas dõ mesmo almeiraõ, ou cõ cevada, & se está opilado se cozerà com raizes de almeiraõ, ou de aypo, & se ouver chaga na bexiga, se cozerà com alcaçus, & pivides de melão. E este he o cõmũ uso do pao, & do seu cozimento, mas tambẽ se pôde usar, & se usa fazêdo dous cozimêtos de primeira, & segunda agoa, como fazemos na salsa, fazendo primeiro de tres canadas de agoa com hũa onça de pao, que fique hũa canada, & tornado a cozer em tres, ou quatro canadas, que mingue hũa, & tambem usamos às vezes de pezo de onça, & meya, & de duas onças, em compleição fria, & humida, & humores frios, & humidos, & doença antiga.

Tambem se toma em pò cada menhã meya oitava, & bebendo agoa simr les, cozendo duas oitavas em tres canadas, q̄ mingue hũ pouco, & isto os dias q̄ forem necessarios, *Em pò.*
can-

Em talha das. conforme a doença, & tambem se toma em conserva, ou talha las feitas de po de pao, & biscouto com açucar, ou mel, & o demais que dissemos na conserva da falsa, & tomarà cada menhã pezo de duas oitavas, & beberà agoa simples & terá bom regimento, & tambem se toma agoa simples com bom regimento, cozendo duas oitavas de pao em tres canadas, que mingue hum pouco. E em todos estes modos de cura he bom purgar primeiro.

*Agoa de regimen-
to.*

Purgar.

E nos que haõ de tomar agoa do pao suando, convem purgar antes de começar a cura sòmente, & depois continuar com os suores o tempo que llic for necessario, & pôde comer frangaõ, galinha, & carneiro assado, & cozido, & temperado com açafraõ, coentro seco, & sal, & naõ comerà o caldo, & comerà paõ, ou biscouto se quizer, & nos que padecerem fraquezas do estamago por causa fria, se pôde conceder hũa gota de vinho ao comer, mas pouco, & aos demais naõ. E depois de acabados os dias dos suores, convê ter o doente o regimento hũ mez, ou dous, ou mais se poder, para confirmação da saude, porque naõ avendo regimento, he facil a recaida em todas as curas de suadouros, & beberà agoa simples no tempo do regimento, de duas oitavas de pao em tres canadas, que dè huma fervura.

*Regimẽ-
to depois
da cura.*

*A ordem
da cura.*

E em tudo o demais que convem fazer nesta cura, se farà o que dissemos na falsa, assim nas horas de suar, como no tempo, & na casa, & nas medidas do cozimento, & quantidade do xarope, para suar nos dias, & em tudo o mais, que naõ repito por naõ fazer tanta leitura, & os suores se haõ de tomar vinte, ou trinta dias, ou os que forem necessarios, conforme a doença.

Do pao das Antilhas.

O pao das Antilhas, que chamãõ guayacão, vem das Indias de Castella de Santo Domingo, & outro vem de Sam João, & este se té por melhor, & assim lhe chamãõ pao santo

por

por seus effeitos maravilhosos, & he de melhor obra, que o de Santo Domingo.

O bô pao, ha de ser pezado, & duro, & que tenha a casca bem pegada, & a cor ha de ser entre fusco, & amarelo, & ha de ser o meyo do pao negro, a que chamamos coraçam do pao, & não ha de ser delgado, mas grosso que tenha sustancia natural oleosa, & não ha de ser velho; & o pao santo, que vem de S. João he mais delgado, que o guayacão, & não tem coração negro, salvo algum pao grosso do tronco da arvore, as quais arvores são como buxo.

Serve este pao para todas as doencas de houbas, & sem. *Para que boubas, as quais he necessario gastar, & resolver por suor, serve.* & principalmente serve em tumores das canelas, & joelhos antigas, & talparias, & chagas velhas, & indisposições de muyto tempo. E para este genero de houbas, he boa mezinha, & que com mais firmeza as cura, & dizem os que del le tratão, que he bom para asma, & provoca urina, & cura hidropesia: eu vi neste hospital curar algũs hidropicos da anasarca, com esta agoa, suando, & sararão.

E dizem Alfonso Ferreo, & Monardes, que he quente *Quente,* & seco no segundo grau temperadamente, & que não aq̃i é *& seco.* ta, nem resfria, nem humedece, nem deffeca demasiadamente, mas que produz seus effeitos, pela virtude que tem intrinseca, & sua fórma sustancial. mais que das calidades, pelo qual cura doencas frias, & quentes, & humidas, & secas, & que isto possa ser em huma mesma mezinha, o confirmão com Galeno no primẽiro do simples.

E para se cozer este pao, se ha de cortar em cavacos miu- *Cozimeu* dos, & se ha de botar de molho vinte, & quatro horas, ou *10.* doze na mesma agoa em que ha de cozer, & ferverá em fogo manso, & devagar, & a câtidade do pao q̃ se coze ordinariamente he quatro onças, ou seis, ou oito conforme a doença, & compleição do enfermo, & se cozerá qualquer destes pezos

em tres canadas de agoa , que fique huma, & coada se guardará para daqui tomar o cõ que ha de suar, & o mesmo pao ja cozido tornará a cozer em quatro , ou cinco canadas de agoa, que mingue hũa, & desta beberá de continuo.

É a razão porque se coze tanto pao em taõ pouca agoa he por ser muito duro, & denso , & não dà de si tanta sustância, & portanto convem que seja muito , & que esteja de molho, porque assim fique a agoa com mais virtude intensa, a qual lhe fica tanto mais intensa, quanto o pao he mais, & a agoa menos, & fica mais remissa quanto o pao he menos, & a agoa mais , & diz Alfonso Ferreo, que cozendose devagar, se faz mais humido, liquido, & raro , pelo qual por estar mais de molho adquire o cozimento a virtude mais intensa, & assim faz sua obra com mais força na cura da doença. É tambem pôde tomar agoa do pao simples , cozendo hũa onça em tres canadas, que mingue hum pouco, & beberá de continuo com bom regimento.

O numero dos dias que ha de suar serãõ trinta, ou mais, ou menos, conforme a recessidade da doença, & a verdade he que não só pôdem limitar os dias pelas razoens q̃ aponramos na salsa, & purgar se ha o doente no principio , & no meyo, & no fim, nos casos que se disse na salsa parrilha.

É a ordem de tomar os suadouros , & em que tempo do anno, & em que casa, & quantas onças de xarope , & no comer, & em todas as demais cousas, & medidas , & preparaçõens & regimento, assim na cura, como depois della, tudo se fará como dissemos da salsa, o qual não torno a repetir, por não fazer tanta leitura, que sempre he fastidiosa.

Apozima para curar doentes de boubas sem suar.

℞. Salsa parrilha cortada em pequenos hũa onça , pao das Antilhas cortado em pedacinhos duas onças, polipodio de carvalho raspado, & machucado hũa onça, raizes de almeirão

meiraõ tirado o miolo de dentro raspadas, & limpás, duas onças, deitarãõ tudo isto de molho por sete horas em duas canadas de agoa, & depois cozerá na mesma agoa em fogo brando até mingoar ametade, & tirada a panela do fogo, lhe botarãõ o seguinte: folhas de sene hũa onça, pivides de melão, & de abobora, meya onça de cada hũa, flores cor. *Flores. cord.* deais (que saõ de violas, borragens, de lingua de vaca) hũa oitava de cada hũa, & hum molho de erva molarinha, & abafarãõ esta panela com isto bem até o outro dia, & entam a porãõ a aquêtar ao fogo, & como estiver quente o coarãõ por hum pano de linho rapado, & espremerãõ bem, & nesta calda botarãõ hũ arratel, ou mais de açucar bom, & posto ao fogo em hum tacho se clarificarã, & alimparã, até ficar em ponto quasi de xarope, & tirado do fogo, & frio, o botarãõ em vidro, ou vaso vidrado.

E antes que o doente tome esta aposima se sangrará, se a doença peccar em sãgue, ou o corpo estiver carregado, & cheo de humores, & dores grandes, & tomará cinco, ou sete xaropes para cozer, & aparelhar os humores, porq̃ melhor & mais facilmente se pinguẽ, & pôde tomar xarope de borragens, de fumaria, de almeiraõ com agoas do mesmo, duas onças de xarope, & duas de agoa, ou tomará xaropes de so- *Xarope de so.* ro, q̃ saõ bõs para resfriar, & purificar o sangue queimado, q̃ faz bustelas, & sarna, & acabados os xaropes, tomará aposima pela menhãa em jejũ, quatro onças de cada vez, & morna, & se ficar grosso lhe pôde misturar hũa onça de agoa de borragens, ou de cozimento de ameixas passadas, & cevada, & sene, & se com isto não fizer camara, tomará cinco onças de aposima, & se fizer muitas camaras, não tomará cada dia: & bastará hũ dia, & outro não. E isto pôde tomar de pè, & bom he estar quiêto em casa por razão das camaras, ao menos pela menhãa, & depois pôde sair fõra, & comerã galinha, ou carneiro cozido ao jantar, & frangaõ assado, ou

galinha à noite, ou caldo de miolo de paõ, ou dous ovos escalfados, & enquanto tomar esta aposima, & algus dias mais, beberá agoa cozida com falsa parrilha, meya onça em quatro canadas, que mingue hum pouco, & tomará esta cura os dias que quizer, conforme a necessidade da doença, & acabada huma aposima, faráõ outra, & quando por espaço de quinze dias não sarar, he final, que pede a doença remedios mais fortes de suadouros.

E nota que he necessario nesta aposima acrecentar, & diminuir conforme ao humor, que peccar na doença, porque se for em humores frios, acrecentarãõ o pao, & lene, & polipodio, & se forem quentes, & tiver sarna, & bustelas, acrecentarãõ nas pivides, & flores cordeais, & raiz de almeiraõ, & se o doente tiver ventosidade botarãõ, huma oitava de erva doce, & se tiver melancolia, botarãõ hũa raiz de lingua de vaca, ou de escorcioneira raspadas, & limpas, & se tiver algũa indisposição do peito, ou toce juntamente com as boubas, botarãõ humas ameixas passadas, ou passas, ou maçans da nafega, ou hum molho de avenca. E affirmo, que com esta aposima, pela ordem que digo, curei muytos doentes de boubas sem suar, dos quaes huns tinhaõ bustelas, outros dores de cabeça, & de juntas, & algumas chagas pequenas, & todos estes sarãõ,

*Xarope
de soro.*

E porque este xarope pede soro em q̃ acima fallo, & me parece que sómente em Lisboa se usa, porei aqui a receita delle, para que em toda a parte que o quizerem usar, se possa fazer: *℞.* Soro de leite de cabras oito onças, çumo de erva molaricha quatro onças, açúcar bom dezaseis onças, & o açúcar será clarificado, & coado, & o soro dará hũa fervura que se purifique, & depois será coado, & mediraõ as oito onças, & o çumo dará huma fervura, & purificado, & coado mediraõ as quatro onças, as quais botarãõ no açúcar clarificado, na qual fervura, estando quasi em ponto de xarope,

lhe botará o foro, & acabará de tomar ponto, & será coado em vidro, ou coufa vidrada.

Outra aposima para boubas.

℞. Pao da China, & salsa parrilha, húa onça de cada hum, & húa duzia de ameixas passadas, & duzia, & meya de maçans da nafega, cevada pilada duas onças, pivides de melão, & de abobora; meya onça de cada huma, tudo cozido em duas canadas de agoa, que mingue quasi ametade, & coará por hum pano, & lhe botaráo quatro onças de açúcar, & húa onça de conserva de borragens, & outra de conserva de violas, & dará húa fervura, & o tornarão a coar, & guardarão em hum vidro, & tomará o doente deste xarope tres onças cada menháa em jejum, & terá bom regimento, & comerá carneiro, ou galinha ao jantar cozido, & á noite frangão, ou galinha assada, ou caldo de miolo de paõ, & ameixas passadas, & beberá agoa cozida com salsa, duas oitavas em tres canadas de agoa, que dê huma fervura, & deste modo curei alguns doentes com dores de juntas, & de cabeça, & bustelas, & com febre, & sararáo. & por razão da febre lhe dava à noite huma tizana de cevada.

Outra aposima ou xarope, he de Monardes, & o alegava muyto, & diz que sarou muytos doentes de boubas com elle.

℞. Oito onças de salsa parrilha, quebrada, & cortada, & cozida em quatro canadas de agoa, que fique huma, & coada lhe botaráo hū arratel, & meyo de açúcar bom, & ferva até que se ponha em ponto brando quasi de xarope, & coado se guardará em vidro, & tomará o doente cada menháa tres onças, & á noite outras tres andando de pe, & beberá agoa cozida com salsa parrilha, duas oitavas em tres canadas, que dê húa fervura, & tenha bom regimento, comerá galinha, ou carneiro cozido ao jantar, frangaõ, ou galinha assada á cea, ou caldo de miolo de paõ, ou ameixas

passadas cozidas, ou ovos escalfados.

Outra aposima para o mesmo, & he de Monardes.

R. Duas onças de salsa parrilha cortada, & quatro onças de pão das Antilhas cortado, tres duzias de maçãs da nasega sem caroços, duas duzias de ameixas passadas sem caroços, meya onça de flor de borragens, outra meya de flor de violas, outra meya de cevada limpa, tudo isto em tres canadas de agoa cozerá a fogo manso, até ficar huma canada, & coado isto por hum pano, lhe botaráõ cinco onças de xarope violado, & guardarão em hum vidro, & tomará o doente tres onças pella menháa, & tres á noite, & quente, & se lhe vier suor tome-o, & beberá agoa cozida com salsa duas oitavas em tres canadas, que dê húa fervura, & tenha bom regimento.

TRATADO QUINTO

DA NATUREZA DOS SIMPLES.



QUANTO necessario, & importante se já saber a natureza, & virtude das mezinhas simples, para se fazer a diversidade das compostas, & para bem usar dellas na cura nas enfermidades, nolo ensina Galeno no livro dos Simples, pela qual razão, & porque vejo cada dia a differença que ha entre os principiantes da Cirurgia, sobre averiguar, & saber a natureza das mezinhas, & porque os Romancistas não tem livros que isto declarem em lingoagem, me pareceo bem & proveitoso ordenar este Tratado dos graos, & virtudes das mezinhas, & cousas simples, porque assim viraõ a saber a virtude das compostas; & posto que entie os Authores aja alguma diversidade nos graos

graos das causas simples [cujas qualidades por razão da re-
giaõ em que nascem ás vezes se mudam) com tudo seguin-
do a doutrina de Galeno, Guido, Vigo, Laguna, & confor-
mandome com todos, o melhor, & mais brevemente que
puder as declararei em lingoajem, & porei algumas receitas
postas para certas doenças tiradas, dos mesmos authores, &
algumas por mim experimentadas, porque fiquem os prati-
cantes aproveitando se em tudo, assim no conhecimento das
mezinhas, como nos remedios para curar.

E para mais clareza desta materia, he bom que notemos,
que os Authores poem nas mezinhas quatro graos para
declarar a força dellas, & a sua qualidade, & virtude.

*Quatro
graos.*

E grao, quer dizer hum alevãtamento da calidade de al-
guma compleição acima daquillo que se diz temperado.

*H. de Gui
do.*

E a mezinha temperada se diz aquella que he semelhan-
te à compleição do corpo, ao qual se achega, porque aquê-
ta, ou resfria, ou desseca, ou humedece temperadamente,

*Mezinha
tempera-
da, nam
tempera-
da.*

sem alterar o corpo.
E a mezinha não temperada, he aquella q̄ chega o corpo
a algũa calidade predominantemente, & manifesta, de modo que
o altere algũa das qualidades de quente, frio, humido, & seco.

E a mezinha, que não muito manifestamente aqueclar,
resfriar, humedecer, dessecar o corpo, ao qual se applica, esta
he do primeiro grao.

1. grao.

E a mezinha que manifestamente aqueclar, resfriar, hu-
medecer, dessecar o corpo, esta he do segundo grao.

E a mezinha que fizer estas obras de aqueclar, resfriar,
humedecer, dessecar com vehemencia, & não no estremo,
esta he do terceiro grao.

2. grao.

E a mezinha que isto fizer no estremo, & tiver nature-
za de resfriar, de modo que mate estupefaciando, & ador-
mentando o membro onde se applicar, ou tiver por natu-
reza aqueclar, de modo que quente a parte, ou faça empo-
las,

3. grao.

4. grao.

las , esta tal he do quarto grao.

*c. de gra.
lib. medi*

E nota , que diz Guido, que nenhuma mezinha se acha seca no,quarto que tambem naõ queime , porque tudo o que summamente desseca , totalmente queima:& tambem diz Avicenna, que o humido póde passar ao terceiro grao, & se passar , que he venenoso,& corrompe o corpo.

*Quatro
calidades*

E a vemos de notar, que em todas as mezinhas poem os Authores primeiras calidades , & segundas, & terceiras, & quartas , & poem mais calidades activas , & passivas.

*Que con-
sa he ca-
lidade.*

E a calidade, ou faculdade nas mezinhas, se chama aqui- lo donde procede a acção , & obra dellas , & fallando mais propriamente, esta faculdade , he o temperamento da me- zinha, a qual resulta das primeiras calidades o predominio, & daqui vem , que a faculdade da mezinha, se chama cau- sa efficiente de obra que a mezinha faz.

*1. Calida-
des, acti-
vas , &
passivas.*

E as primeiras calidades, são quente, frio, humido, & seco, as quaes na doutrina dos Medicos, todas são activas, & em certo modo o humido, & seco, se dizem passivas , porque não são tão activas, como o frio, & quente, mas propriamé- te fallando todas são activas, & as demais calidades segun- das, terceiras, & quartas, todas são passivas.

*2. Calida-
des Gal.
5.ª sm. c. 2.*

E das primeiras calidades dependem as segundas , que he endurecer, abrandar, a delgaçar, engrossar, refazer, abrir , apertar, amolecer, relaxar, repercutir, resolver, atraer, supu- rar, & outras semelhantes : porém , porque são diversos ef- feitos dos que obraõ as primeiras calidades, por tanto se diz depender necessariamente das proprias faculdades primei- ras, que he faculdade de abrandar, de endurecer, de engros- far, de atenuar, &c.

*3. Calida-
des.*

E das primeiras, & segundas calidades, dependem as ter- ceiras, que he gerar carne, provocar ourina, & o vomito, & o menstruo , & o suor, &c. E chamaõse terceiras, porque fa- zem terceiros effeitos, fóra das primeiras, & segundas.

E as

E as quatro calidades, se chamão facultades occultas, ^{4. calida-} os Medicos chamaõ a tota sustancia, & saõ aquellas, que ^{des.} não se pòdem reduzir a nenhuma das outras, como he a virtude do ruibarbo em purgar colera, & a das cantaridas em fazer chaga na vea da ourina, & as virtudes das mezinhas, que saõ proprias à cabeça, ao figado, ao estamago, aos rins, ^{Gal. 5.} &c. Em fim, he huma semelhança, que as mezinhas tem cõ ^{sim. c. 6.} as partes do corpo. ^{Gen. c. 8.}

E avemos de notar, que neste Tratado vaõ alguns vocabulos, & nomes, que na medicina tem particular significação, os quaes em Portuguez não se pòdem bem declarar, & porque os principiantes, que não sabem latim, siquem entendendo a significação destes nomes, os porei aqui o melhor que puder ser declarados em lingoajem.

E assim quando se diz, que hũa mezinha he adstringente, ou restringente, quer dizer, que tem virtude de apertar, & estitico quer dizer, deffecar apertando, & travando, & dissolver, quer dizer, defatar, & desfazer, & virtude diuretica quer dizer virtude de abrir, & mezinha abstersiva quer dizer que tem virtude de alimpar, deffecando, & raspando, & mundificativa de alimpar, cozendo, & quasi tudo he o mesmo; & acrimonia quer dizer agudeza, & coufa nitroza, he quasi delgada, & aspera, & saluginosa, & caligem nos olhos, he hũa nuvem delgada, que faz a vista escura, & mais propriamente quer dizer ferrugem, & escuridaõ dos olhos.

A

Abobora, he fria, & humida no segundo grao.

Abrotano, erva, he quente no primeiro grao, & seco no segundo, mundifica as chagas com confortação da parte doente, & o çumo misturado com mel, & vinagre, & azevre cabalino, & posto no embigo, mata as lombrigas.

Lombrig.

Açafrão, he quente no segundo grao, & seco no primciro, & he maturativo nos apostemas quêtes, & he digestivo nas

feridas dos nervos, & com tudo o açafraõ em pouca cantidade alegre, & incita a vontade de comer, & o muyto entristece, & faz fastio, & perturba o sentido, & faz dor de cabeça, & diz Laguna, que trazendo o açafraõ em hum saquinho a caraõ da carne sobre o estamago, faz que nam enjoem no mar.

Para não enjoar.

Acelga he fria, & humida no primeiro grao, & dà pouco mantimento, & faz roins humores, & o çumo tomado por cristel relaxa o ventre endurecido com as fezes, & as folhas, & raizes cozidas em agoa, lavando as frieiras as cura.

Frieiras.

Acipreste he quente no primeiro grao, & seco no segundo.

Para refriar.

Aço he frio, & muito dessecativo, & os pôs das escamas do aço, & do ferro, encouraõ poderosamente as chagas rebeldes, & a agoa ferrada com aço feito braza he proveitosa para as camaras, & quando não ouver aço, se fará cõ ferro.

Para camaras.

Agoa doce he fria, & humida no primeiro grao, & tem virtude de engrossar, & recoalhar, & repercutir nos apostemas colericos, pondo a fria, & a agoa salgada he quente, & seca, resolutiva, & preservativa de corrupçãõ.

Para ossos corruptos

Agarico, he quente no segundo, & seco no terceiro, & pisado, & misturado com a raiz do peucedano, & agoa forte & posto no osso corrupto o alimpa, arranca milagrosamẽe.

Hidropesia, pedra, lombrig.

Agraço, he frio no segundo, & seco no terceiro.

Agrimonia he quente, & seca no segundo grao, & bebendo a agoa cozida com ella, desfaz a hidropesia por ourina, & desfaz a pedra, & mata as lombrigas.

Agrioens, são quentes temperadamente, & movẽ ourina.

Aipo he quente no primeiro, & seco no segundo, & tê virtude de mundificar, & cozido com folhas de couve, & coroa de Rey, & pisado tudo com farinha de favas, & farelos de trigo, & oleo de macela, & de endros, & rosado feito, de tudo emplasto, resolve poderosamente os apostemas das tetas por retenção de leite, dessecendo, & purgando o leite.

Apostem. das tetas.

Alca-

Alcaparras, são quentes no primeiro grao, & secas no segundo, & tem virtude de confortar o apetite, & aquecentar o estamago resfriado, & o seu oleo he proveitoso para as opilacoens, untando a inchação.

Opilacão.

Alcaçus, he quente, & humido temperadamente.

Alcorovia, he quente, & seca no terceiro grao.

Alecrim he quente, & seco no terceiro, tem virtude de resolver, & confortar,

Alface he fria, & humida, & tem virtude de apagar por dentro, & por fóra qualquer má compleição quente, & faz melhor sangue, que as outras ortaligas, & provoca sono, abranda o ventre, acrecenta o leite, & cozida dà mais matimento, porém comendo muyto della, enfraquece a vista, & a faz escura, & ferrugenta.

Provoca sono.

para o leite.

Alfavaca, he quente, & seca no primeiro grao, & a semente he fria, & humida, & as folhas fritas em oleo rosado, ou de amendoas doces, ou em unto de porco, & postas na barrega, abranda a dor das tripas, & postas nas virilhas, faz urinar.

Dor de tripas.

Ourinar.

Alforfas, são quentes, & secas no primeiro grao, & tem virtude de cõglutinar, madurar, resolver cõ mollificação, & he maturativo dos apóstemas de humores misturados.

Aljofar, he frio, & seco temperadamente, & tem virtude de clarificar, & confortar.

Alhos são quentes, & secos no quarto grao, & assados debaixo das brazas com as cebolas, & pisado tudo cõ unto de porco, & figos passados, são maturativos de apóstemas frios, que não querem madurar, & cozido o alho, & pisado cõ nozes, & figos passados, & triaga, he boa mezinha para todas as mordeduras venenosas aplicado por fóra, & por dêtro.

Maturativo.

Para morderuras.

Almeirão he frio, & seco no primeiro grao, & o das hortas antes de alporcado, se chama na botica endivia, & o do campo se chama chicoria.

Para os nervos. Almecega, he goma quente, & seca no segundo grau cõ mollificação, & tem virtude de confortar os membros nervosos, & de encarnar, & mastigada com paparràs, & cospindo, purga as humidades do cerebro.

Para a cabeça. Alquitira, he goma temperada, & declina mais a fria, que a quente, & té virtude de tapar os pôros do couro, & bebêdo agoa cozida com ella, aproveita aos q̃ botaõ o sangue pela boca, & nas feridas penetrantes do peito para resfriar, & engrossar o sangue que naõ corra à ferida, & hase de cozer atada em hũ pano, & batida cõ clara de ovo, & agoa rosada, & posta em panos nas fontes defende os humores quentes q̃ correm aos olhos, & desfeita em agoa rosada, & botada em hum saquinho, & posta nas almorreimas abranda a dor.

Sangue pela boca. Agoa cozida com ella, aproveita aos q̃ botaõ o sangue pela boca, & nas feridas penetrantes do peito para resfriar, & engrossar o sangue que naõ corra à ferida, & hase de cozer atada em hũ pano, & batida cõ clara de ovo, & agoa rosada, & posta em panos nas fontes defende os humores quentes q̃ correm aos olhos, & desfeita em agoa rosada, & botada em hum saquinho, & posta nas almorreimas abranda a dor.

Olhos. Almayade, he frio, & seco no segundo grau, & misturado com toucinho derretido, & feito disto unguento cura as almorreimas.

Ameixas, saõ frias, & humidas temperadamente.

Para os ouvidos. Ameos, he huma semente meuda assim chamada, & he quente, & seca no terceiro grau.

Amendoas amargas, saõ quentes, & secas no segundo grau, & o mesmo he o seu oleo, o qual botado nos ouvidos, he bom para o zonido, & para o que não ouve bem, & as amendoas doces saõ quentes, & humidas no primeiro grau, & o mesmo he o seu oleo, o qual he bom para dor dos ouvidos, & de outra qualquer parte.

Provocar sono. Amido, he goma de trigo, & he frio, & humido no primeiro grau com brandura.

A mieiro, he frio, & seco, & té virtude para induzir sono, untando as fontes, testa, & nariz com çumo das folhas.

A moras doces, saõ quentes, & humidas, & as verdes saõ frias, & humidas, & as bem maduras relaxão o ventre, daõ pouco mantimento, & corrompemse facilmente no estomago, & muito mais comendoas sobre comer, & o arrobe

he

he frio, & humido, & conveniente mezinha nas inflamaçoens de garganta, & o mesmo fazê as amoras silvestres.

Antimonio, he frio no primeiro grao, & seco no segundo.

Aristoloquia, a raiz he quente, & seca no segundo grao, & tem virtude de encarnar as chagas mundificativas.

Armoniac, he goma quente no terceiro, & seca no primeiro grao, té virtude de resolver, & atraer có mollificação.

Arrobe de vinho, he quente, & seco, & resolutivo.

Aroeira, he quente, & seca temperadamente.

Arroz, he quente, & seco no primeiro grao temperadamente, & tem virtude estitica com que retém o ventre, & cozido em caldo de galinha, que fique seco, & se sal, & posto nas tetas desfaz as durezas, mollificando, & comido cõ os pés, ou cabeça de vitela, ou de capado, & cozido faz gerar fortemente o pôro sarcoides nos ossos quebrados.

Dureza das tetas.

Poros sarcoides.

Arruda, he quente, & seca no terceiro, & tem virtude de gastar as ventolidades, & seu çumo, ou agoa se usa para olhos caliginosos, que he ter a vista turbada com huma coufa como ferrugem, que parece nevoa.

Olhos caliginosos.

Açucar, he quente, & humido temperadamente, & com os mundificativos, & abstersivos se mistura com proveito,

Avelãs, são quentes, & secas, & dão mau mantimento, & são de difficuliosa digestão, & comendo muyto dellas, fazem dor de cabeça.

Avenca, he fria, & seca temperadamente, & tem virtude diretiva, & seu çumo com çumo de abrotano, & mucilagens de agriões, tudo misturado resolve as alporcas.

Alporcas.

Azambugeiro, as folhas são frias, & secas, & estiticas, & mastigadas, encorão as chagas da boca, ou lavando com o çumo, ou agoa cozida com ellas.

Chagas da boca.

Azedas erva, fria no primeiro, & seca no segundo.

Azeite de azeitonas maduras, he quente, & humido temperadamente, & por tanto recebe em si todas as virtudes das

das mezinhas simples, que com elle se misturão, & o azeite mais velho, he mais quente, & o azeite das verdes, que chamaõ ofancino, he menos quente que o maduro, ou he quasi frio, & seco, & estitico.

Azeitonas verdes saõ frias, & secas, & por tanto o seu oleo he estitico, & as maduras saõ quentes temperadamente cõ humidade manifesta, & saõ de roim digestaõ, & mao mantimento.

Chagas. Azevre, he quente no segundo grao, & seco no terceiro, & encarna as feridas frescas, & as chagas rebeldes, & principalmente das partes baixas, & retifica, & aclara a ferugem, & escuridaõ dos olhos, & desseca as lagrimas misturado com agoa de murta, ou rosada, ou de tanchagem: misturado com azeite rosado, & vinagre, & posto na testa tira a dor de cabeça, & misturado com vinho retem os cabelos que pelão, lavando com isto.

*Dor de
cabeça.
Cabelos
que pelão.*

Azouge, diz Laguna, que he frio, & humido no quarto grao, & que he penetrativo, & que misturado com unto de porco, & outras cousas quentes, & esfregando algum membro, se aquece: & João de Vigo diz que he quente, & seco no quarto grao, & Guido diz, que he frio, & humido no segundo, & o confirma com Avicenna: & Galeno diz, que não teve delle experiencia, de modo que ha diferentes opinioens na calidade desta mezinha por seus diabolicos effeitos, & parece que Laguna diz melhor pelo muyto danoso que he aos nervos, que faz tremores, & aleijoens.

B

Baga de louro, he quente, & seca no segundo grao.

*Para ou-
rinar pe-
dra.* Balancia, he hũa fruta como melão, & he demasiadamente fria, & assi se come nas grandes calmas, & ardentes febres, para refrescar, resfriar, & humedecer os corpos quentes, & secos, & tẽ virtude de alimpar, & provocar a ourina mais q̃ abobora, & q̃ o melão, & as pivides negras da balácia movẽ
pode-

poderosamente ourina, & desfazem a pedra dos rins, poré a balancia revolve o estamago, & faz vontade de arrebeçar, & não se fazendo no estamago se converte em humores roins, & em colera, pelo que he bom comer pouco della.

Balaustias, que he flor de romeira silvestre, são frias, & secas no segundo grao com estiticidade.

Balsamo, he quente, & seco no segundo grao, & adelgaça as cicatrizes das feridas.

Barbasco, he quête, & seco moderadamente, & a agoa cozida com elle he proveitosa às enfermidades do cesso.

Bdelio, he huma goma quente no primeiro, & abrandando, *Escirrosô.* resolve os apostemas escirrosos.

Beldroegas, são frias no terceiro, & humidas no segundo, *Sangue.* & mastigadas aproveitaõ a quem bota sangue pela boca, *Peito.* & a sua agoa bebida faz o mesmo, & mata as lombrigas, *Lôbrigas* & tempera as quenturas do estamago, & esfregando as ver- *Verrugas* rugas com o çumo das beldroegas as arranca,

Bolo armenico, he frio, & seco no segundo grao: & he restrictivo, & prohibitivo de materias quentes.

Bolotas, são frias, & secas no segundo grao, & os capellos dellas são mais deffecativos.

Bolsapastor erva, fria, & seca temperadamente.

Borragem he quente, & humida temperadamente, & faz bom sangue, & he purgativa do humor melancolico, & fortifica a virtude vital, & alegra o coração.

Borra de vinho té virtude de aquêtar, secar, & apertar, abrar, & corroer, como diz Dioscorides, & a do vinagre mais.

Borra de azeite, he mais quente que o azeite, & tem virtude de resolver com mollificação.

Borra de cera, he quête téperadamente com mollificação.

Bredos, são frios, & humidos no segundo grao, & algum tanto solutivos.

Bretonica, he quente, & seca no primeiro grao, & as folhas postas

postas na testa abrandão a dor da cabeça.

Bugalhos, são frios no segundo grao, & secos no terceiro.

C

Calamo aromatico, he huma raiz cheirosa, que vem da India, & he quente, & seca no segundo grao.

*Queima-
duras.
Sarna, &
comichaõ*

Cal viva, he quente, & seca no terceiro, & lavada como a arte manda, he quente, & seca no primeiro grao, & lavada em nove agoas, & misturada com çumo de tâchagem, & trazida em almofaris de chumbo, he grande mezinha nas queimaduras de fogo, & para a sarna, & comichaõ das pernas.

Canfora, he fria, & seca no terceiro grao, & tem virtude de alimpar.

Camoesa, he fruta aromatica, & agradavel ao gosto, & applicada em forma de emplasto he mitigativo.

Canafistula, he temperada entre frio, & quente, & he humida no primeiro grao, & he linitiva, & purifica o sangue, & purga a colera.

Canela, he quente, & seca no terceiro grao.

Cantariidas, são huns animaes como moscas, mais longos, & verdes, & são quentes, & secos no terceiro, & tem virtude de queimar, & fazer bexigas.

*Fazer em
polis.*

*Fluxo de
sangue.*

*Para espi-
nha meti-
da na car-
ne.*

*Chaga do
olho.*

*Belida do
olho.*

Caparrosa, he quente, & seca no quarto grao, & he corrosiva, & queimada no fogo, se usa para estâcar fluxo de sangue.

Caracol, a carne delle he quente, & humida, & pisados cõ casca, & formento de trigo, & raiz de cana, feito de tudo emplasto, tem força para tirar o pao, ou espinha, ou qualquer cousa metida na carne, & dos caracoes pequenos, q̃ vi-
ê nas arvores, a carne seca no forno & pisada, que fique pò sutil, encoura as chagas dos olhos, & tira o pano.

Cardo santo he frio, & seco, & estitico.

Casca de ciba, he fria, & seca, & misturada cõ açucar câ-di, esterco de lagarto, & feito pò sutil, gasta a bilida do olho.

Castanhas, são quentes, & secas no primeiro grao, restrin-
gem

gem o corpo, & são ventosas, & aperitofas, & algũs autho-
res dizem que são frias, & temperadamente.

Castoreo, he o testiculo de hũ animal chamado Castoreo,
& assim se chama nas boticas, & em Portuguez se chama
colhaõ do liberneo, & he quente, & seco no segundo grao,
& tẽ virtude de cõfortar lugares nervosos, & por tanto o seu
oleo he proveitoso para o espasmo.

Espasm.

Cebola, he quente no quarto, & muito humida, & por
tanto he maturativa, & frita no azeite, & pisada cõ cabeças
de cebola cessẽm, & farinha de trigo madura os apolte
mas frios, & a agoa da cebola bráca estilada, bebida cada me
nhãa hũa onça cõ acucar, provoca muito a ourina, & pedra.

*Matura-
tivo.*

*Ourina,
& pedra,*

Cebola, cessẽm he quente, & seca no primeiro grao, & a
raiz frita no azeite, ou com enxundia, faz renacer os cabe-
los nas queimaduras, & assada a raiz debaixo do borrhão,
& pisada, & misturada ao fogo com dialter, & manteiga de
vaca fresca, & postas nas alporcas as resolve, & bebendo
meya onça de çumo desta raiz cada menhãa purga por ca-
mara, & ourina a agoa dos hidropicos, & o mesmo faz o çu-
mo do lirio cor do Ceo.

*Renacer
cabelos.*

*Alporcas.
Hidropi-
sis.*

Cebola albarrãa, he quente, & seca no terceiro, & tem
virtude de queimar, & alimpar principalmente as chagas
podres, & o coração della crua, frita no azeite, ou desfeita
com rezina faz proveito às chagas dos pès, & cozida a ce-
bola em vinagre he boa nas mordeduras venenosas, & frita
a cebola no azeite, & coalhado com cera, & botar no cabo
hũs pós de alvayade, & de verdete, feito de tudo unguento,
he para as bustelas secas da cabeça.

*Chaga po-
dre.*

*Grelas
dos pès.*

*Mordi-
duras.*

Celidonea, que he a erva andorinha, he quente, & seca
no terceiro, & aproveita muito para fortificar a vista, & o
çumo metido no dente por espaço de tempo o faz cair co-
mo diz Laguna. ¶ Centaurea he erva quente, & seca no
terceiro grao, a qual se chama felda terra.

*Bustel. de
cabeça pa-
ra a vista*

Dentes.

Cera

Cera he temperada, & portanto he materia de todas as medicinas cõ maturação.

Cerejas maduras, & doces, são quentes, & humidadas temperadamente, & são solutivas, relaxão o ventre, & corrompemse no estamago facilmete, & as secas, estancaõ o ventre, & o apertaõ.

Cerralhas, são frias, & humidadas temperadamente.

Cevada, he fria, & seca no segundo grao, & misturada cõ repercussivos, repercute, & com resolutivos, resolve, & com maturativos, madura, & isto tudo nos apostemas quentes.

Febres malignas. Cidra, a casca he quente temperadamente, & seca no primeiro grao, & a carne he fria, & de grosso mantimento, & coze-se no estamago devagar, & o miolo, ou amago de dentro, he frio, & seco no terceiro grao, & o mesmo são as folhas, & o xarope do azedo da cidra, he muito cordeal cõtra as febres malignas, & o çumo da casca he tambem cordeal, botando hũ pequeno em qualquer purga, a faz facil de tomar, & lhe dà bom sabor.

Cinoura, he quente, & provocativa de ourina.

Cinza, he quente, & seca, mais, ou menos, segundo a lenha de que se faz, & tem virtude de dessecar, & alimpar.

Alporcas. Coentro, hũs dizem que he frio, & seco, & outros que he quente; porẽm dos effeitos se collige, que he quente, porque resolve, como diz Galeno; & Laguna diz, que pisado o coentro verde, com farinha de favas, resolve as alporcas, *Lobinhos.* & os lobinhos, & diz que comendo muito coentro verde, he danoso ao cerebro.

Coloquintida, he quente no terceiro, & seca no segundo, & tomando della hũa oitava, & de mel hũa onça, & de azevre fedorento tres oitavas, & tudo misturado ao fogo cõ farinha de tramoços, & humas gotas de vinagre, & posto no embigo mata as lombrigas.

Lombrigas. Cominhos são quentes no terceiro grao, & secos no segundo.

gãdo, & tẽ virtude de resolver, & gastar vêtosidades grossas.

*Vêtosida-
des.*

Coral branco, ou vermelho, he frio, & seco no segundo grao, he cõfortativo, & restitutivo, & os pòs gastaõ carne su-
perflua nas chagas sem dor: & diz Vigo que trazendo o coral ao pescoço, que toque o estamago, conforta a digestão do estamago, & que guarda dos coriscos, & relampagos, a
pessoa que o trouxer consigo, & tambem a casa.

*Para carne super-
flua.*

*Estamag.
Para os
coriscos.*

Coroa de Rey, he quente, & seca no primeiro grao, & tẽ virtude de resolver, & abrandar a dor nos apostemas quêtes.

Costo, he hũa raiz que vem da India, quente no terceiro grao, & seca no segundo com resolução.

Coufelo, erva que nasce nos telhados, he fria, & humida no terceiro grao, & o çumo das folhas, & raiz misturado com vinho, & posto em pano no membro por fõra, & botado dentro com xeringa, relaxa a carnosidade, que tapa o cano, & as folhas comidas desfazem a pedra.

*Caruncu-
la, & pe-
dra.*

Couve, he quente no primeiro, & seca no segundo, & o çumo misturado com vinho, & botado no ouvido quente, para o que não ouve bem.

Ouvir.

Cubebas, he hum fruto como pimenta, que vem da India, quente, & seco no terceiro grao, como diz Laguna.

Cravo da India, he quente, & seco no terceiro grao, & he confortativo.

Chicoria nas boticas, he o almeirão do campo, & frio, & seco no primeiro grao.

Chumbo, he frio, & humido no segundo grao, & tẽ milagrosa prerogativa cõtra as chagas malignas, & cãcrosas, resolvendo as durezas, & os labios calosos: & diz Vigo, q̃ sua virtude não he conhecida, & pôdo hũa pasta de chũbo sobre os nõs, & apostemas duros, & bem apertados, os resolve.

Cancro.

Apostemas.

D

Decoada, he quente, & seca no terceiro grao, & a decoada com que se faz o sabaõ he muito forte, que queima a carne quasi como fogo.

S

Dor-

*Paramni-
tas confas*

Dormideiras, são frias, & secas no següdo grao, & diz Laguna, q' o leite das dormideiras brancas tirado em cozimento de alcaçus, & botandolhe hum pequeno de açúcar candi, & tomando isto ás colheres abranda a toce, & faz botar es escarros sem trabalho, tempera a sede, & a dor da ourina, refresca o figado, sara as chagas da bexiga, & dos rins, mitiga qualquer dor quente interior, & tira a molestia, & inquietação do corpo, & do animo, & faz dormir suavemente, o qual leite, & mezinha se fará deste modo: Cozerão tres raizes de alcaçus machucadas em meya canada de agoa, & minguará o terço, & esta agoa coada, & quente a botarão em cinco oitavas de semente de dormideiras brancas, pisadas em gral de pedra, & mexerão isto no mesmo gral, que se encorporem bem, & como se for esfriando o coarão por hũ pano, & bẽ espremido, que leve a sustância das dormideiras, & neste leite botarão tres onças de açúcar cãdi bem pisado, & tornará ao fogo hũ pouco, que fique em ponto de lambeder.

Pedra.

Douradinha diz Galeno que tem partes delgadas, & que não he quente, & que por esta razão quebra a pedra de rins.

E

Figado.

Epitica, he fria, & seca no segundo grao, & he remedio a todas as doenças do figado.

Epitimo erva, chamada sirgo da raposa, quente, & seca no segundo grao.

Endivia, he almeirão da horta, de folha larga, antes de ser alporcado, frio, & seco no primeiro grao.

*Ventosi-
dades.*

Endros, a semente he quente no segundo, & seca no primeiro, & o azeite de endros gasta as ventosidades, & dá vigor aos nervos, & os faz mais trataveis, & destros para o movimento. ¶ Engos erva, quente, & seca temperadamente, & tem virtude de resolver.

Nervos.

Enfayaõ erva, fria no terceiro grao, & seca no primeiro, repercute moderadamente, & pisada solda as feridas.

Enxo-

Enxofre he quente, & seco no quarto grao, & fervido cõ oleo de sabugueiro, & de minhocas, & hũas gotas de vinagre, até q̃ se consuma o vinagre, he remedio da pũtura do nervo. *Puntura.*

Enxundia, he quente, & humida no primeiro grao, mais ou menos, segundo o animal de que he, & por tanto molli- fica, & madura.

Incenso, he quente no segundo grao, & seco no primeiro, tem virtude de criar carne nas chagas dos corpos tenros. *Criar car- ne.*

Era he fria, & seca como diz Guido, & Vigo; mas Gale- no diz que he composta de calidades contrarias, porque pela adstringencia, que tem, he fria, & terrestre, & pelo go- isto acerbo, & acre, & agudo, he quente, & assim tem mais, estando verde, hũa sustancia acosa.

Erva babosa, he quente, & humida com viscosidade, & *Feridas.* maturação, & pisada crua solda as feridas frescas, & assada, madura os apostemas pequenos.

Erva santa, que chamão tabaco, he quente, & seca no se- gundo grao, cõ algũa estiticidade, & solda as feridas frescas, & alimpa as chagas podres, & maralhe os bichos, & faz o- bra quasi como cauterio, & nas mordeduras venenosas ma- ta o veneno, & pisada, & posta nas chagas.

Erva doce, he quente, & seca no terceiro, & resolve as ven- tosidades, & acrecenta o leite, & tomando o fumo pelos nari- zes abrãda a dor da cabeça, & gasta os vagados da cabeça, & posta na almofada, & dormindo sobre ella conforta o cere- bro, & maltigada faz bõ bafo, & alarga o peito, & faz respi- rar cõ menos trabalho, & he bom cõtra a frialdade do esta- mago, & tira o fastio, & atalha o arrebeçar, & resolve os im- portunos soluços, & os arrotos azedos, & provoca doce so- no, & tem virtude contra a gota coral, principalmente dos meninos, & bebida em vinho desopila, & provoca suor.

Erva campana, he quente, & seca no segundo grao.

Erva cidreira, he quente, & seca, & o cozimento della he

proveitoso para mordedura de cão raivoso.

Erva crina, he seca no segundo grao, & tem virtude diaforetica, & resolutiva.

Olhos. Erva andorinha, que he calidonia, he quente, & seca no terceiro grao, & aproveita para fortificar a vista. Laguna fol. 250.

Cravos.
Verrugas Erva maleiteira, que Laguna chama effula, he quente, & seca no terceiro, & o leite della arranca os cravos, & verrugas dessecando as raizes.

Sarna. Erva molarinha, he quente, & seca no segundo grao, cozida em agoa com malvas, & violas, & lavaca, & farelos, & cevada, & nevada, & lavando a sarna, alimpa, & desseca.

Erva moura, he fria, & seca no segundo grao, & tem virtude estitica: & Avicenna diz que tem virtude de resolver os apostemas quentes intrinsecos.

Ervilhas são da mesma natureza das favas, mas menos ventosas, & de melhor digestão.

Escabriola, he quente, & seca no segundo grao, & tem virtude abstersiva, & pisada com manteiga crua, & posta sobre a escara do carbunculo, a madura, & arranca.

Rins. Ascrofularia erva, quente, & seca, & resolutiva.

Espargo, he quente temperadamente, & tem virtude de alimpar os rins, & provoca ourina.

Cabelos.
Cerebro
resfriado. Espiga cheirosa, que nas boticas se diz espicanardi, a qual vem da India, he quente no primeiro grao, & seca no segundo, & tem virtude contra os cabelos que caem, & cheirandoa conforta o cerebro resfriado, & debilitado.

Encourar Esponja, he quente no primeiro grao, & seca no segundo, & he resolutiva, & lavada em vinagre, & queimada, & feita pò, encoura muito as chagas.

Esterco, he quente, & seco mais ou menos, segundo a natureza do animal, & o das cabras, & das vacas são resolutivos, & o das cabras feito pò, & misturado com mel, & arro-

be,

be, & tudo cozido cura as fistulas, & tomado o pò de esterco das cabras, & farinha de favas, & farelos pisados, & pòs de macela, & arrobe, & agoa, & vinagre, tudo cozido, & lhe ajuntarão hum pequeno de oleo de macela, & de erdrus, & posto na dor antiga, ventosa, & ciatica, & inchação das jūtas, he grande mezinha, & o esterco de vacas, misturado cō oleo rosado, & de macela, & farinha de favas, resolve a inchação de humor nas juntas.

Fistulas.
Ciatica Ventosida de.
Inchação das jūtas.
Resfri do Sarna.

Estoraque calamita, & estoraque liquido, são quentes no primeiro grao, & secos no segundo, & o calamita com forta o cerebro resfriado, & o liquido se mistura com proveito nas mezinhas da sarna.

Esvelhaca, he quente, & seca, & resolutiva, & preservativa da podridaõ.

Euforbio, he goma, que em Portuguez chamão gordião, quente, & seco no quarto grao, & o seu oleo serve nas punturas, & resfriamentos dos nervos, & he absterfivo.

F

Farelos, são quentes, & secos no primeiro grao, & cozidos em vinagre muito forte, & applicados quentes na sarna, & comichaõ, a curaõ, & fervidos no cozimento da arruda abrandão as tetas endurecidas com leite.

Sarna.
Dureza das tetas.

Farinha de trigo, he quente, & humida temperadamente com maturação, & a farinha volatil, que se apega nas paredes, & paos do moinho, he fria, & seca, & aglutinativa.

Favas são frias, & secas como diz Vigo: & Laguna diz que são temperadas, & que são de difficil digestão, & q̃ gerão ventosidades, & humores melancolicos, & as verdes são mais ventosas, & a farinha das favas secas, he grande mezinha nos apõstemas das tetas, & testiculos para mollificar, resolver, & tirar a dor, & incorporada com incenso, & clara de ovo abranda a inchação dos olhos, & a saida da tunica uvca, & batida cō vinho, & posta sobre os olhos cura as cataratas

Tetas.
Olhos.

como diz Laguna, & a flor da farinha he obsterfiva:

Alporcas. Fedegosa, he hũa especie de ortiga morta, quente, & se-
ca no primeiro, & resolve os apostemas duros, fleimaticos,
& melancolicos, & alporcas, cozida em agoa, & pisada com
manteiga crua.

Camara. Fel de qualquer animal, he quente, & agudo, & o fel do
touro misturado com mel, cura as chagas do cesso, & mi-
sturado cõ leite de mulher, ou de cabra, & botado nos ou-
vidos, que botaõ materia os cura, & o fel da cabra montès
botado nos olhos daquelle que não vé de'noite, lhe aclara
a vista, & untando com este fel as grossidoens dos leprofos
as desfaz; & hũa mecha de estopas molhadas em qual quer
fel, & posta no cesso provoca camara.

Ferro, he frio, & seco no segundo grao, & a sua escoria
he mais seca que o ferro.

Ferrugem da chiminé, he quente, & seca, deffecando e-
stancia o sangue.

Sangue. Fezes de ouro são frias & secas, & estiticas, & nas mezi-
nhas das chagas quentes se applicaõ com proveito.

Figos maduros são quêtes, & humidos, & os passados são
quentes, & secos no primeiro grao, & são maturativos, &
pisados com caracois, & formento, & unto de porco faz
madurar depressa qualquer apostema, & adelgaça o couro.

Madur. Figueira do inferno, he quente no terceiro, & humida no
segundo.

*Cospir
Sangue.* Folhas de parreira, são quentes, & secas, & estiticas, & o
gumo bebido he bom para quem cospe sangue.

Matura Formento de farinha de trigo, he quente, & atractivo,
& de natureza nitrosa, & fervente, & misturado nos ma-
turrativos, madura a presuradamente, & misturado cõ tremē-
tina he grande remedio na punctura, do nervo, & misturado

Punctura. cõ sal rûpe os apostemas pequenos, q̃ chamão lêsensos, & o
Calos. formêto tó adelgaça as asperezas, & calos das solas dos pés.

Fumaria,

Fumaria, que he erva molarinha, he quente, & seca no segundo grao, & cozida com malvas, violas, labaga, & farelos em agoa, & lavando a farna, alimpa, & desseca.

Funcho, he quente no terceiro, & seco no primeiro, tem virtude de desopilar bebêdo a agoa, & provoca ourina, & o çumo botado nos olhos, clarifica a vista, & botado nos ouvidos mata os bichos, & o banho da agoa cozida cõ gomos de funcho, aproveita às dores dos rins, & da bexiga, affentado sobre elle, ou bebendo hũa pouca desta agoa cõ açucar.

Freixo he frio, & seco no segundo grao, & tem virtude de soldar as feridas, & o seu çumo, & o do malvaisco, & da consolada mayor, & oleo de murtinhos, & a clara de ovo, & farinha volatil, & pò de sangue de drago, feito de tudo hum emplasto, & posto na fractura do osso, o guarda milagrosamente, & as folhas do freixo molhadas em agoa rosada, & çumo de romans, & postas nas fontes tohem os humores, que correm aos olhos na optalmia.

Frutas verdes são frias, secas, & estiticas.

G

Galanga, he quente, & seca no segundo grao, a qual vem da India.

Galbano, he quente no terceiro, & seco no segundo, & tem virtude de resolver, & mollificar, & serve contra a dureza, & frialdade das juntas, & contra a dor dos nervos, aquentando, & atraendo para fõra, & o fumo tomado por baixo provoca o parto, & faz botar a criança que está morta na barriga, & deixando a cheirar o galbano, faz tornar o que está com accidente de gota coral, & as mulheres que estão com accidente de sufocação da madre, & com vagados da cabeça, & o fumo embebida, & mata as cobras, & metido o galbano no buraco do dente, abranda a dor.

Galhas, são bugalhos pequenos, & são frios, & secos.

Galocresta erva quente, & seca temperadamente.

Sarna.
Opilação.
Ourina.
Olhos.
Ouvidos.
Rins, &
bexiga.

Fractura.

Optalmia.

Juntas
Nervos.
Parto.
Gota coral.
Madre.

Dentes.

Garçofilata, he quente, & seca, & o seu çumo misturado com verdete cura as fistulas.

Genciana, a raiz he quente, & seca no segundo grao, & tem virtude de abrir, & consumir, & atrair,

Gengivre, he quente no terceiro, & seco no segundo.

Ginjas saõ frias, & apagaõ a quentuta do estamago, & estancaõ o ventre, & saõ mais proveitosas ao estamago, que as cereijas.

Piolhos. Giesta, he quente, & seca no segundo grao, & o seu çumo misturado com oleo rosado, & azevre mata os piolhos.

Dormir. Golsaõ, he frio, & humido no segundo grao, & a flor tem virtude de fazer dormir soporando, se untarem os narizes, & testa com o seu oleo.

Goma arabica, he quente, & humida, mollifica, & abranda.

Gordura, he quente, & humida mais, ou menos, segundo a natureza do animal de que he, & tem virtude de mollificar, madurar, & abrandar.

H

Olhos. Hematitis, he pedra quente no primeiro grao, & lavada, & preparada, he fria no segundo, & por isto carece de mordicaõ, & encoura as chagas das tunicas dos olhos, & desfaz a saida da tunica uvea, ou botada em pós, ou em colirio, & sempre ha de ser preparada.

Hermodatiles, he hum fruto assim chamado na botica, & chamase em Portuguez castanhas do mato, saõ quentes, & secos, & tem virtude absterliva.

Hipoquistidos, he çumo de putegas espessado: as quaes saõ húas ervas como rosas, enfiadas, que nascem aonde ha estevas, & aos pés das roseiras, mas na botica lhe chamãõ hypoquistidos, he frio, & seco no segundo grao.

I

Jesso, he frio, & seco no segundo grao, & mistura-se nos pós de estancar sangue.

Jergelim, he quente, & humido no primeiro grao.

Jfopo humido, he hum fuor, ou fugidade de laã das ove-lhas, & tem virtude de abrandar, & mollificar qualquer du-reza, & he quente temperadamente.

Jfopo erva, he quente, & seca no terceiro grao.

Ipericão erva, que em Portuguez se chama mel furada, ou erva de S. Joaõ, tem virtude de encarnar, soldar, & alim-par, & he quente, & seca no terceiro, & tem prerogativa nas feridas de nervos.

L

Labaga, tem muytas especies, & he fria, & seca no segun-do grao, & he proveitosa nos lavatorios da sarna.

Sarna.

Laã çuja, que chamamos laã lidrosa, he quasi temperada, & mollifica, & resolve.

Lapis hematitis, he quente no primeiro, & lavada, & preparada he fria no segundo grao, & por isto carece de mordicaçã, & solda, & encoura as chagas dos olhos, & reprime a inchaçã, & saida da tunica uvea.

Laranja, a casca he quente, & o miolo doce, he quente temperadamente, & a bical he fria, & azeda he mais fria, & quanto mais azeda mais fria.

Laudano, he quente no segundo grao, & humido no pri-meiro, & mollifica, & resolve, & abranda, & misturado com pòs de mirra, & çumo de abrunhos, & posto isto nos dentes abalados, os affirma, & aperta.

Dentes.

Leite, he quente temperadamente, & por isso he mitigati-vo, & he composto de tres calidades, queijo, manteiga, & so-ro, & com todas juntas he resolutivo com alguma mollifi-caçã, & brandura, & he o leyte mezinha muito apropria-da para sarar os tificos, porque com a parte serosa, mudi-

Tificos.

fica as chagas do bofe, & com a manteigosa, engrossa, & en-che de carne mitigando a toce, & cõ a parte do queijo sol-da, & encoura, & para isso o melhor leite he o da mulher,

& de

Chagas das tripas da garganta. & depois o da burra, & da cabra, & he leite proveitoso aos e-
 ticos, & a todos os homens magros de compleição quente,
 & seca, & aproveita nas chagas das tripas, & da garganta,
 & não he bom nas febres podres, nem em dor de cabeça,
 nem nas enfermidades frias, & humidas, como são parlesia,
 espasmo, hidropesia, opilação, catarro, & tomado o leite co-
 mo convê, refresca, humedece, abranda o peito, engorda, faz
 boa cor, & digere-se facilmente no estomago, relaxa o ventre
Ardor de tempera o ardor da urina, mas misturado com outras
urina. comidas facilmente se corrompe no estomago, & o leite de
 mulher misturado com funcho doce, & botado no olho a-
 postemado, abranda a dor, & tempera a queadura.

Olhos. Limão, he contra a peçonha, & a casca he quente, & se-
Febre ma ca, & o miolo he frio, & seco, & o xarope de limão he muy-
ligna. to cordeal cõtra as febres colericas, malignas & pestilentes,
Lõbrigas. & o çumo de limão bebido mata as lombrigas, desfaz a
Rins. pedra, & purga a area dos rins.

Espasmo. Linho a sua semente a que chamamos linhaça galega,
Intura. he quente quasi no primeiro, & seco, & humido, tempera-
 da, madura, & abranda, & o azeite da linhaça he milagroso
 para o espasmo, & duresas de juntas, & de nervos, & para
 todas as doenças do sesso.

Litargirio, frio, seco, & estitico.

Lirio, a raiz he quente, & seca no terceiro grao, & tem
 virtude de abrir.

Lentilhas, são temperadas, & dessecativas, & estiticas, &
 refrenantes, & por tanto valem nas chagas fagedenas, & he
 de boa dieta para os feridos no principio.

Lofna, he quente no primeiro grao, & seca no segundo,
 & he estitica, & confortativa, & pisada, & quente em hum
 testo, & borrifada com vinho, & posta em qualquer pisadu-
 ra, a desfaz, & posta no estomago, o conforta.

Louro, he quete, & seco valerosamente, & o fruto té mais
 effi-

efficacia, & o çumo da baga de louro fervido pelos narizes *Cerebro.*
 descarrega o cerebro das humidades, & o azeite da baga de
 louro he grande remedio cõtra a parlesia, & espasmo, & pai-
 xoões frias de nervos, & as folhas pisadas são boas nas mor- *Parlesia,*
 deduras de abelhas, & bespas, & o çumo da baga misturado *Espasmo.*
 cõ azeite rosado, & vinho velho, & botado nos ouvidos, he *Mordidas*
 bom para tirar a dor, & para o que ouve mal. *ras.*

Lupulos erva quente, & seca temperadamente, & decli-
 na a frialdade, & tem virtude de abrandar, & mundificar o
 sangue, & colera.

M

Maçans, & todas as frutas verdes são estiticas, pelo que
 são frias, & secas.

Maçãa da nafega, he quente, & humida temperadamente,
 & he proveitosa nos gargalejos dos apõstemas da garganta,
 & nas enfermidades do peito.

Maçãa de acipreste, he quente, & seca temperadamente,
 & confortativa, & estitica.

Macela, he quente, & seca no primeiro grao, resolve sem
 atração cõ algũa mollificação, & cõfortação do lugar, & por
 tanto se chama o seu oleo bento, porq̃ resolve sem atrair.

Madresilva he quente, & seca no segundo grao.

Maleita erva, he quente, & seca no terceiro grao, & ef- *Cravos.*
 fregando os cravos, & verrugas com o seu leite, as arranca *Verrugas.*
 tirandolhe as raizes.

Mãlvas são frias, & humidas temperadamẽte, & as da horta
 são mais humidas q̃ as do campo, & todas tem hũa humi-
 dade viscosa, & branda, pela qual convem nos emplastos
 para mitigar dor, & para madurar, & todas tẽ virtude cõtra
 o ardor da ourina, & para abrádar, & mollificar, & resolver, *Ourina.*
 sem frialdade manifesta, antes com huma branda quentura;
 como diz Diocredes, & a semente he fria, & seca, tem-
 peradamente, & cozidas as malvas em caldo de frangaõ,

ou

ou galinha com farinha de cevada, até que se faça espesso, & depois pisado isto cõ hũa gema de ovo, & oleo violado, & açafraõ, he grãde mezinha nos apostemas quẽtes, & colericos em resolver, & madurar conforme ao intento da natureza.

Malvaisco, a raiz he quente, & humida no primeiro grao, & he maturativo de todos os apostemas.

Mandragora, he hum fruto cheiroso, como maçans, frio, & humido no terceiro grao, & tem virtude de adormecer o membro, & privalo do seu sentido.

*Gota co-
ral.*

Manjaricaõ, he quente no primeiro, & seco no segundo,

*Espasmo.
Cerebro.*

Manjerona, he quente, & seca no terceiro, & cheirada pelos narizes, faz grande proveito aos doentes de ipilecia, & o mesmo faz aos que tem espasmo, & o cozimento desta erva forvido pelos narizes, conforta o cerebro, purgando os humores frios.

Mannà, he hum orvalho do Ceo que cae em Calabria, doce quasi como açucar, & o que he quasi branco, he melhor, & he quente, & humido temperadamente, & tem virtude de alimpar o sangue, & apagar a fervura da colera, abranda a garganta, & o peito, & o estamago, & a sede.

Manteiga, he quente, & humida temperadamente, & madura, & abranda cõ mitigação de dor, & faz cair as escaras, & misturada com açucar abranda o peito, & a toce.

Marfim, que he o dente do Elefante, he quente, & seco no primeiro grao.

Marmelo, he frio, & seco no segundo grao, & estitico, & cõ fortativo, & comêdo no principio da comida estãca, & aperta, & comido sobre comer faz cozer melhor o mantimento.

Marroyos, saõ quentes no segundo grao, & secos no terceiro, & por seu amargar saõ muito diureticos, & absterfivos, & confortativos.

Ciatica.

Mastruços, saõ quentes, & secos no quarto grao, & as folhas, ou a semente, pisada, & misturada cõ vinagre, & farinha de

de trigo, & posta na ciatica, tira a dor

*Fazer
dormir.*

Meimendro, he frio, & seco no terceiro, & tem virtude de fazer adormecer os membros, quasi como a mãdragora, & cozido em vinho, & untar os narizes, & olhos faz dormir.

Mel he quente, & seco no segundo grao, & tem virtude de alimpar.

Melão, he frio, & humido, & provoca a ourina, & affim *Rins.* as pivides, & o leite misturado com agoa cozida com alcaçus, abranda o peito, & tempera o ardor dos rins.

Meliloto, que he coroa de Rey, he quente, & seco no primeiro grao, & tem virtude de resolver, & mitigar a dor nos apofteas quentes.

Mentraftos, são quentes no terceiro, & secos no segundo, & não são bons para comer.

Mercuriaes, que he ortiga morta, he fria, & humida com maturação, como diz Guido: & Joáo de Vigo diz que he quente, & seca, & relaxa o ventre.

Minio, he frio, & seco, o qual se faz de alvayade queimado, & misturafe nos unguentos das chagas malignas.

Minhocas da terra são quentes, & secas, & muito proveitosas nas paixoens dos nervos.

Milho, he frio no primeiro grao, & seco no segundo, & tem virtude, aplicado por fóra, de deffecar no terceiro grao, *Dor de
juntas.* posto em faquinho, & secando o milho em hum testo, & posto nas juntas, tira a dor.

Mirra, he quente, & seca no segundo grao, & tem virtude de confortar, & prohibir podridão, & de ajuntar as partes distantes, & por tanto solda as feridas. *Feridas.*

Molhada, he fria, & seca no segundo grao, & com repercção.

Mostarda, he quente, & seca no terceiro, & atractiva.

Murta, he fria, & seca no segundo grao, & estitica, & tãbem os murtinhos são frios, & secos.

N

Frieiras. Nabo, he quente no segundo grao, & humido no primeiro, & cozido com caldo, & comidos tem virtude de adelgar, & fortificar a vista, porèm são algum tanto difficultos de digerir, & fazem appetite, & cortados os nabos, & cozidos em agoa, & lavar com isto as frieiras, cura, & frito o nabo em azeite bem frito, que fique no azeite a virtude dos nabos, & coado o azeite, & coalhado com cera, & deste unguento porão às frieiras em hum pano.

Mordedura.

Carbunculos.

Dor de tripas.

Para crescer os cabelos.

Fistula.

Nervos.

Nevada, he quente, & seca no terceiro grao, & he resolutiva, & atractiva.

Nozes, são quentes, & secas. & digeremse difficultosamente, & dão roim mantimento, & fazem dor de cabeça, & esquentão o figado, & pisadas com mel, & sal, & figos passados, & triaga, he grande remedio para a mordedura do cão, & do homem, & para os carbunculos, & queimadas com a casca, & pondo os pòs no embigo, tira a dor das tripas, & as cascas queimadas, & pisadas, & misturadas cõ azeite, & vinho, faz crescer os cabelos pelados, & pisada a noz velha sem casca, & posta na fistula do lagrimal a fára.

Noz noscada, he quente no primeiro, & com sequidade téperada, cõforta, & dissolve; o seu oleo fortifica os nervos.

Norúa, a raiz he quente, & seca no segundo grao, & tem virtude de madurar.

O

Oliveira, as folhas são frias, & estiticas, & mais brandas algũa cousa, que as da oliveira silvestre, q̃ he o azambugeiro.

Oleo ofancino, he azeite de azeitonas verdes, & he menos quente que o azeite das maduras, ou he quasi frio, & he seco, & estitico.

Opio, he frio, & seco no quarto grao, & por tanto, poderosamente estupefaz, & adormenta o membro em que se applica; o qual he çumo de hũa erva espeffado, & he matador.

Opo:

Oponaco, he hũa goma quente, & seca no segundo grao, & tem virtude de resolver com mollificação.

Orjavão erva, fria, & seca no primeiro grao com resolu - *Feridas,*
 ção, & brandura, & solda as feridas.

Ortelaa, he quente, & seca no segundo grao, & conforta *Estomago,*
 o estomago, & faz apetito às feridas.

Ovos de galinha são temperados, porque a clara declina a fria, & seca, & reprime a inflamação, & o fluxo de sangue, & a gemã declina a quente, & humida, & por ser anodina se acomoda ao cozimento da materia nas feridas, & assim todo o ovo junto he temperado, & mitiga a dor, digere as feridas, & defafoga, abranda, & tempera.

Ouregões são quentes, & secos no terceiro grao, & tem virtude de resolver, & pisados com rosas, losna, calamo aromatico, & posto isto no sêssõ saído para fóra, por causa fria, *Sêssõ saído*
 o aperta, & torna a seu lugar; & os ouregaõs do mato, que *Gota coral.*
 na botica chamão thino, & tambem são quentes, & secos no terceiro, & tem força de confortar o cerebro, & com o seu cheiro faz tornar em si os que tem calidades de gota coral, & o cozimento de thino feito em agoa, com hum pequeno de mel, & açucar, he proveitoso aos asmaticos, *Asmatic.*
 tomado quente pela menhãa quatro onças, & à noite outras.

Ourina he quente, & seca com algũa adustão.

Ouropimenta, he quente no terceiro, & seco no segundo, & he peçonha.

P

Paparrás, he quente, & seco no terceiro grao, & tem virtude atractiva, & por tanto mastigado cõ almecega, purga muyto a reuma da cabeça, cospindo fóra; & pisado com o leo rosado, mata os piolhos, & pisado com unto de porco, untadas as bustelas da cabeça, as sara. *Reuma da cabeça*
Piolhos.

Papoilas, são frias, & secas no segundo grao, & têm força de *Bustelas.*
 ref-

resfriar, & apertar, & provocar lono, & cozidas com a escabriola em agoa, & bebida provoca suor.

Palma he fria, & seca no segundo grao.

Pao daguila, he quente, & seco no segundo, & conforta o cerebro resfriado, tomando o fumo pelos narizes.

Parietaria, he quente, & seca no primeiro, & a semente he fria, & humida, & posta a erva pisada sobre as verilhas, abranda a dor das tripas, & provoca a ourina.

*Dor de
tripas.
Ourina.*

Passas de uvas, são mezinha, & mantimento, & comidas sem caroço, relaxão o ventre, & com caroço o apertaõ, & tem virtude de digerir os humores crus, & são boas para o peito, & os caroços são estiticos, & sem caroços, são quentes, & humidas com mollificaçõ.

Ventre.

Peito.

Encourar

Pedra umi, he quente, & seca no terceiro, & queimada, perde a força, & fervida em agoa de tanchagem, encoura muito as chagas, & esta he agoa luminosa.

Olhos.

Pedra hematitis, he quente no primeiro, & lavada, & preparada, he fria no segundo, & por isto cárece de mordicação, & folda as chagas dos olhos, & reprime a inchação, & saida da tunica uvea.

Dentes.

Olhos.

Pedra pomes, tem virtude estitica, alimpa as gengivas, & dentes, & resolve có sua quentura todas as couças, q̄ escurecê a vista, & encoura as chagas, & reprime a carne crecida.

Gota coral.

Pès de rosas, são frios, & secos no segundo grao.

Peonia, he quente, & seca no segundo, & a sua semente, & a raiz trazida ao pescoço dos meninos, os guarda de gota coral, & pisada com salva, & alecrim, & manjerona, & feito pò, & dado a beber, cura epilepcia, ou abranda,

Pisadur.

Pelle de carneiro, ou de capado esfolado de fresco, cura em hũ só dia as pisaduras de qualquer pancada, & dos musculos, da barriga, & adoça, & desfaz o sangue extravazado do couro.

Peras, todas são estiticas, & repercussivas, & apertaõ, & restrin-

gem o ventre hũa mais que outras, & por tanto se devem comer no fim da comida, & são ventosas, & isto pedem affadadas, ou cozidas, & as doces, & mais maduras, são menos frias, que as azedas.

Pessegos, são frios no segundo grao, & humidos no primeiro, & são de roim digestão, & botados no vinho se retificão de sua malicia, & as folhas do pessegueiro têm virtude de alimpar, & resolver, & pisadas põstas na chaga cõ bichos os mata.

Bicho na chaga.

Pez naval, he quente, & seco, & tem virtude de consumir, & dissolver.

Pimentã, he quente no quarto grao, & seca no segundo, & atrae notavelmente, & consume com dessecação.

Pinhoes, são quêtes, & humidos & a sua casca he fria, & secca, & muito estitica, & assim a casca da pinha, & do pinheiro.

Pimpenela, he fria, & seca, solda as feridas.

Pipino, he frio, & humido no segundo, & não se corrôpêdo no estamago, refresca, & he proveitoso á bexiga, & cõ o seu cheiro, faz tornar em si os desmayados, & sua semête provoca urina. & as folhas pisadas curaõ a mordedura do cão.

Ourina. Desmayos.

Pipino silvestre, que chamaõ de S. Gregorio, he frio, amargoso, & o çumo das folhas botado no ouvido, tira a dor, & a raiz cozida cõ vinagre, & posta na gota tira a dor, & seca a raiz, & feito pô, & botado nas impigens as sara.

Mordeduras. Dor de ouvidos.

Piretro, he hũa raiz quête, & seca no terceiro grao, & tem virtude de atrair cõ muita quentura, & por tâto botada de molho em vinagre, & posta no dente tira a dor da causa fria, ou lavando o dente com o vinagre cozido com ella.

Gota. Impigens. Dentes.

Poejo, he quente & seco no terçito grao, & têm virtude de adelgaçar, & dirigir, & a flor misturada cõ tutanos de vaca, de vitela, resolve as almorreimas, & tirada a dor, & bebido o poejo, provoca urina, & o peito: & cheirado com vinagre faz tornar os desmayados: pisados os poejos, postos na gota tiraõ a dor: cozidos em agoã, & lavãdo mataõ a comichão.

Almorreimas. Ourina. Desmayos.

Gota. Comichão.

Pulgas.

& o fumo dos poejos , diz Laguna, que mata as pulgas.

Polipodio, he temperado, & o de carvalho , he melhor , & tem virtude de purgar humores melancolicos , fleimaticos, & colericos suavemente cozido em caldo de galinha , ou frangaõ, ou carneiro, ou com asselgas , & beber o caldo, & não faz perturbaçãõ ao estamago.

Porro he quente, & seco quasi no terceiro, ccm atracçãõ, & o çumo botado no ouvido he proveitoso para quem não ouve bem.

Q

Queijo, diz Laguna que todo he danoso à saude, & o menos danoso, he o frescal, porque não offende tanto ao estamago, & digere-se mais facilmente , & o velho que pica a lingua, faz mais dano porque faz sede, & digere-se com difficuldade, inflama o sangue , restringe o ventre, faz humores grossos, & melancolicos , & he materia de areas , & pedras dos rins, & bexiga, & a coalhada, não he tanto, porque re fresca o figado , & rins, abranda a sede, estanca os fluxos colericos, & resfriando relaxa o ventre.

*Rins.
Figado.*

R

Ourinar.

Rabaõ, he quente no terceiro , & seco no segundo grao ; & coze mal do estamago, & faz arrotos crus , & ruim bafõ, & dana os dentes , & gengivas , & as folhas fazem ourinar, & o çumo do rabaõ misturado com oleo de amendoas margas, tira o zonido , & dor dos ouvidos : & diz Laguna, que quem tiver untada a maõ com çumo de rabaõ pòde tomar qualquer bicho peçonhento.

*O.vidos.**Rins.*

Rabaças, saõ quentes, & secas, & comidas cruas , ou cozidas, tem virtude de desfazer a pedra dos rins, & provocar ourina , & o parto.

Raiz de malvaisco he quente , & humida no primeiro grao com mataraçãõ.

Rezia de pinho, & quasi todas as rezinas, saõ quentes.

Ro-

Romã azeda, he fria, & seca no segundo grao, a doce he fria, & humida no primeiro, & as cascas são frias, & secas no terceiro, & a romã comida em pouca quantidade, conforta o estomago, & em muita quantidade, faz o contrario, & as romãs ambas pisadas com casca, & tirado o cumo, & misturado com mel coado, & folhas de oliveira silvestre, que he o zambugeiro, tudo pisado, & fervido cura as chagas da boca, & narizes.

Rolmaninho, he quente no primeiro grao, & seco no segundo.

Rosas, frias no primeiro, secas no segundo.

Rosalgar, he quente no quarto grao, mortifica, & apodrece qualquer membro, & faz carne morta.

Ruiva, he quente, & seca no segundo, & he diuretica, & faz urinar.

Ruibarbo, he quente, & seco no primeiro grao, & tem sustancia aquea, eterea, astringente, & acrea, & ignea, & purga a colera por virtude especifica que tem.

S

Sabaõ, he quente, & seco com adustão, & por tanto se mistura com cal viva, para fazer o caustico, & ruptorio dos apostemas, & para fazer as fontes nas pernas, & braços.

Sabugueiro, quente, & seco no segundo grao, resolve, & desfeca, & abre pela delgadeza de suas partes, pelo que tem virtude diaforetica, & por isso o seu oleo he muito louvado na punctura do nervo por sua penetração, & dessecação, & batida hũa clara de ovo com hũa pequena de agoa de sabugo, he remedio para a dor dos olhos de humor quente.

Sagapeno, he goma quente no terceiro, & seca no segundo grao.

Sal, he quente, & seco, & absterfivo, & prohibitivo de coação, & além do sal das marinhas, que he o que comemos, ha outras especies de sal, que nas boticas se usa como he, sal

armoniacado, o qual diz Laguna, que se acha debaixo da area, & salgema se acha nas minas debaixo da terra, & he pedra reluzente como cristal, & deitado no fogo, não salta, mas acendese como o ferro, & toda a especie de sal, assim o que comemos, como o outro, he dessecativo, & o que nasce nas minas he mais duro, & espesso, & de partes mais grossas, pelo que não se desfaz na agua como o das marinhas.

Salitre húm he mineral, outro artificial, & he quente, & seco no terceiro grao.

Salgueiro he frio, & seco no segundo grao com moderada estiticidade.

Salva he quente, & seca evidentemente, & estitica.

Salsa verde, que nasce nas hortas, he quente, & seca no segundo grao, & he de sua natureza, abridora.

Sandalos, são frios, & secos no segundo grao, & tem notavel cheiro; dos quaes ha tres especies, branco, vermelho, citrino, & são repercutivos nas feridas, & apostemas quentes.

Sangue, he quente, & humido, & o do pombo, & da perdiz, ou da rola botado nos olhos enfangoentados, & nos que não vem de noite faz proveito, & o do touro misturado cõ farinha, resolve, & abranda qualquér dureza, & o do pombo novo picado debaixo da aza se bota nas feridas da cabeça, que penetraõ até o cerebro, para mitigar, & abrandar, & resolver, & o sangue do touro botado nas verrugas das bexigas, as corta, & seca sem deixar final.

*Feridas.
Verrugas*

Sangue de Dragõ, he frio, & seco quasi no terceiro, pelo que estanca o fluxo de sangue, & pisado, & posto na ferida fresca a solda.

Sarcocola, he goma quente, & seca no primeiro grao, & tem virtude de encarnar as feridas, & chagas, & misturada nos colirios da optalmia no estado.

Saturiaõ, he erva quente, & humida no primeiro grao, & he ventosa.

Sarro de pipa, que he a borra de vinho, he quente, & seco, & resolve as inchaçoens, só por si, ou misturado com murta, & da sua cinza se faz hũa decoada muito boa para resolver a inchação dos hydropicos.

Hydropicos.

Segurelha, he quente, & seca no terceiro grau.

Serapino, he goma quente, & seca no segundo grau com moderada estiticidade.

Sevo, he quente temperadamente, resolutivo, & maturativo com abrandar a dor, & a sua quentura he mais, ou menos, conforme a natureza do animal.

Silvaõ macho, he frio, & seco, & estitico.

Sinoura, he quente, & humida no primeiro grau.

Sinco em rama erva, quente, & seca.

Solda, & consoldã, he quente, & seca com quentura temperada, & com hũa viscosidade humida, & té virtude de soldar as feridas, & pisada entre duas pedras, & posta no antrax, diz que o mata por milagre.

*Feridas.
Antrax.*

Solimaõ, he quente no terceiro grau, & seco no segundo, & tem virtude de mortificar, & apodrecer a parte em que se poem, & he de maior força o ouro pimenta.

Sombreiro de telhado, são os coufelo, frios, & secos no terceiro grau.

Soro de leite, he absterfivo notavelmente, clarifica o sãgue, abre as opilaçoens do figado, & baço, fara as febres antigas, & refrea a colera, apaga as inflamaçoens do couro, purga o humor melancolico, resfria os rins, tempera o ardor da ou- rina, & o melhor tépo para tomar o soro, he Abril, Mayo, & quinze de Junho, & o melhor soro, he do leite das cabras, o qual se faz coalhado o leite com coalho de cabrito, ou com a pelle de dentro da muela da galinha, & depois de estar bẽ coalhado o botaráõ em hum pano, & tomado pelas pontas o pendurarãõ onde esteja decoando em hum vaso vi- drado, & como tiver hum quartilho, ou menos, o porãõ

*Opilação
Rins.
Ourtina.*

a serenar cuberta com hum pano, & pela manhã coado lhe botaráo hũa onça, ou duas de açúcar, & beberão assim frio em jejum, & se o doente tiver opilações, lhe podê botar se quizerê à noite até pela manhã hũa raiz de alcaparra, & se tiver melancolias, botaráo hũas folhas de sene, & se tiver ventosidades, botaráo huns graõs de erva doce, & pela manhã coado lhe botaráo açúcar, & o beberão.

Sumagre, he frio no segundo grao, & seco no terceiro, & he estitico.

Tagueda, he quente, & seca no terceiro grao.

Tamaras frescas, são quentes, & humidas, & as secas são quentes, & secas, & são maturativas.

Tamarindos, he fruto da palma silvestre, feita no segundo grao, & seco no primeiro, & he mezinha excellente, que abrandá, & reprime a acrimonia dos humores, & purga a co-
Sede, & lera, & apaga a fevura, & ardo do sangue, & abrandá a fe-
quentura de, & todo o ardor, & quentura do estomago, & figado, & atalha o vomito.

Tamargueira, he quente, & seca, & diuretica.

Chagas. Tanchagem, he fria, & seca no segundo grao, estitica, &
Impigem. como se as folhas pisadas, são boas em todas as chagas
Mordedura. quetes, corrosivas, malignas, çujas, & rebeldes, & solda as ca-
queimadas, & encoura as antigas, & cura a impigem, & pi-
Queima. sada com sal, he boa na mordedura do cão, na queimadura
dura. do fogo, nas landoas do pescoço, & como misturado com
Landoa. clara de ovo, & bala armenico, & posto nas fontes, & dentro
Sangue. no nariz estanca o fluxo de sangue, & a raíz pendurada ao
de nar- pescoço, diz que resolve as alportas, o tartaro, que he a borra do vinho, he quente, & se coa
zes. Alporcas. em arte, que he a borra do vinho, he quente, & se coa.

Tafneva, he quente, & seca no primeiro grao.

Trementina, he quente, & seca com quentura temperada, & grande mezinha nas feridas dos nervos.

Terra sigilata, he fria, & seca, & estitica.

Tubaras da terra, são frias, & terrestres, & comidas dão máo mantimento, & molestia no estamago, & fazem humores melancolicos, & fleimaticos, & áreas, & pedra, & geração parlesia, & apoplexia, & colera, & opilaçoens.

Tutia, he fria, & seca, & proveitosa nas chagas cancerosas.

Tutanos, são quentes, & húmidos, & linitivos, & sedativos de dor com maturaçãõ.

Tramoços, são quentes no primeiro grao téperadamente, & secos no segúdo, & de qualquer modo applicados por dentro, & por fóra, são contra as lóbrigas, & agoa cozida cõ tramoços, he boa para lavar a grágrena, & as chagas podres, & malignas, & para a sarna fresca, & para as chagas húmidas da cabeça, & a farinha dos tramoços cozida em vinagre, resolve as alporcas, & o fumo dos tramoços, mata os mosquitos.

Lóbrigas.
Grágrena.
Chagas.
Sarna.
Mosquitos.

Timo, he ouregaõ do mato, quête, & seco no terceiro.

Trevo, he quente, & seco no terceiro, & he cheiroso.

Trigo, he quête no primeiro grao, & não humedece, né desseca, & a farinha cozida em caldo de galinha, & cõ manteiga crua, & gema de ovo, oleo violado, & açafraõ, madura os apostemas quentes, & abranda a dor; & oleo de trigo abranda todas as asperezas do couro, & agoa que sae de hú pão quente partido, & posto entre dous pratos, & botado no ouvido, faz tornara ouvir.

Apostemas.
Asperezas do couro.
Ouvir.

V

Verdete, he quente, & seco no terceiro, & he estitico, & corrosivo, & por tanto gasta a carne superflua poderosamente, misturado com oleo rosado.

Carne superflua.

Vermelhaõ, he quente & seco no segundo, o qual se compoem de azougue, & enxofre, pelo que desseca muito.

Vinagre, he frio no primeiro, & seco no terceiro, & tem virtudes compostas com algúã quétura, & he muito penetrativo, & quanto mais forte, menos partes frias té, & para que não desseque muito, se mistura com agoa em forma,

que se possa beber, & assim fica resfriado, & humedecendo, como diz Galeno 10. cap. 9.

Vinho he quente, & seco, mais, ou menos, segundo a natureza do vinho, & o doce, & fresco, he mais humido, & por tanto madura.

Violas, são frias, & humidas no primeiro grao; & as secas são menos frias, & menos humidas.

Visgo de carvalho tem virtude de apertar com atracção.

*Morde-
duras.
Sangue
de nari-
zes.*

Urtigas, são quentes, & secas no segundo grao, & as folhas pisadas com sal, são boas para a mordedura do cão, & pisadas, & metidas com o çumo nos narizes, estanca o sangue.

*Ventre.
Dor de
ouvidos.*

Urtiga morta, que he nos mercuriaes, he quente, & seca no primeiro grao, & he purgativa, & por tanto se junta no cozimento dos cristeis; & cozida com caldo de carneiro, ou de galinha, & açúcar, & posta como emplasto na barriga endurecida com fezes, a faz amolecer, & evacuar, & o çumo botado no ouvido, tira a dor.

Ufnea, que he penugem de arvore, principalmente de carvalho, he quente, & seca no primeiro grao.

Orina.

Uvas maduras são quentes no primeiro grao, & humidas no segundo, dão grande mantimento, & engordaõ, & fazem o ventre liquido, provocaõ orina, & são algum tanto ventosas, & as que estão enxutas, & penduradas são mais medicinaes para os dentes, & o agrasso he frio, & seco.

Zaragatoa, he fria, & humida no segundo grao, & he liniativa, & repercutiva dos apostemas colericos.

LAUS DEO.

TRATADO
DO
S. CVRBVTO

A QUE OVULGO CHAMA
mal de Loanda,

Pelo Doutor FRANCISCO SOARES FEYO,
Medico do partido de S. Magestade em a Universida-
de de Coimbra, assistente em a Cidade de Lisboa:

OFFERECIDO

A VIRGEM

DO ROSARIO.



LISBOA,
Na Officina de MIGUEL DESLANDES,
Impressor de Sua Magestade.
Com todas as licenças necessarias. Anno 1688.

TRATADO

DE VARIAS

DO ROSARIO



LIBRO
En Oficina de MIGUEL MALLADA
El que tiene su tienda
En la calle de...

CAPITULO I.

QUE COUSA SEJA MAL DE Loanda?



EM me pareceo dar aos Romancistas este Tratado do mal de Loanda, a quem Pedro Foresto dà o nome de Scurbuto. He *Pedro Foresto livro 2. de lien. morb. ob. servação XI.* hũa opilação dos membros interiores, como são estamago, veas miseraicas, vea cava, precordios, & principalmente baço,

& figado.

Que causas tenha?

A causa antecedente material, são máos alimentos, carnes, peixes salgados, & rançosos, agoas crassas, & falobras, continuação de vapores do mar. A causa conjunta, são humores grossos, & melancolicos, & fleimaticos, gerados das causas sobreditas, os quaes humores obstruem, & opilam os membros, & partes do corpo em o tempo que a natureza por meio da faculdade amatoria de cada parte do corpo faz distribuição do alimento, quero dizer da massa sangui-naria, para nutrição dellas.

A causa efficiente, he o calor externo, principalmente se deniafiaamente aquentar a cabeça, & partes superiores, de força as inferiores não de receberem si os humores li que- factos, & derretidos pelo calor do Sol, & como já pela di- stribuição do mão chimio estavão insertos, ajuntãdose os q̄ descê das partes superiores, se cõfirma a obstrução nos taes membros, principalmẽte no baço, q̄ por ser membro espongio- so, & constituido pela natureza, para foc, & misera de hu- mores melancolicos, recebe maior quantidade delles, & não pôde

pòde ser debil, & faltô de faculdade expulsoaria, expellir de si com facilidade, os que hũa vez recebeo, & assim fica em certo modo sendo causa per accidens do figado, & mais membros superiores ao mesmo baço, se opilarem, porque mal pòde a parte mandante descarregar-se, quando a parte recipiênte não estâ capaz de receber, & assim por retrocesso as faces da massa sanguinaria, que em o estado natural, guardando as partes sua rectitude, o baço recebia, por estar opleto, tornaõ a occupar os membros superiores, cuja explicação pedia mais dilatado processo, porém por evitar confusões aos Romancistas, a quem não corre obrigação de saber a theorica, fujo da extenção delle.

CAPITULO II.

Dos sinais por onde se conhece este mal.

OS sinais inseparaveis, a que a escola Medica chama Pathonomicos, em o principio deste mal, contorme Pedro Foresto, são ancia do peito, debiliçade cõ algũ dor de pernas, dor com prurido, & vermelhidaõ das gengivas, a cor das faces entre amarelo, & fusco.

Porém em o processo deste mal, o tumor das gengivas se faz sanguinolento, os dentes abalados, & vacilantes, em as pernas aparecem hũas nodoas negras, ou vermelhas, ou de cor de chũbo, & passando mais adiante o augmento deste mal, se sente o enfermo cõ repugnância, & fraqueza grande, quando se quer movêr para andar, difficuldade na respiração em qualquer movimento que intentaõ fazer, & querendose assentar de repente, ficaõ quasi sem falla. Raramente estes enfermos perdem o apetite de comer, antes o apetecem mais frequentemente, pela mordacidade do humor melancolico, que he o que em o estamago obra a acção de apêtecer, estando estes enfermos getos, & deitados,

tem

tem para si que não tem febre, porém por differentemente causa, que este por falta de repugnancia da parte do objecto, em quem obrava o calor febril, aquelles por falta de dar á execuçãõ a acçãõ motiva, como bem se vê, tanto q se querem mover, assentar, levantar, ou estando levantados assentar; & muitas vezes acontece morrerem os miseraveis enfermos de repête em qualquer acçãõ destas, como testifica o Author Lusitano, que os vio muitas vezes estãdo neste estado, & com os sobreditos sinaes, & avisando-os, que tratassem de suas consciencias, pela vezindade da morte, elles não dando credito aos Christãos avisos, por desmentirem a sciencia do Medico, queriaõ fazer algũa acçãõ de movimento com vehemencia, & no principio desta intentada acçãõ se desfazia o nexo, que até áquelle transe se conservava entre a alma, que Deos nosso Senhor creou, & o corpo, que o meímo Senhor produzio (transe em fim que todos os mortaes temos tão certo, quanto d'elle vivemos desquidados.) O que collijo não era por outra cãusa, mais que com aquelle motu, ou pouco calor, que suposto pouco bastava para agitar os vapores malignos, que os corruptos, & sordidos humores de si exalaõ, & estes cometendo o coraçãõ, ou com sua cantidade suffocaõ o pouco calor natural, que ao tal caso já nelle ha, ou com sua maligna calidade de todo o extinguem.

A febre não he sinal inseparãvel deste mal, porque alguns a padecem, algũs não, conforme a sentença dos Authores, que d'elle escreverãõ; porém a mim me parece, q ou não se dà este mal sem febre, ou sendo sem ella, não podem os enfermos morrer deste mal, sem q lhe sobrevenha outro, por cuja causa falta a vida principalmente, & sómente ficará este mal, sendo causa dispositiva parcial. Respondo, a quem disser, que a experiencia tem mostrado morrerem algũas pessoas deste mal sem alteraçãõ do pulso, q além do q quanto
mais



mais os enfermos se aproximaõ à morte, tanto menos alteradas pulsações tem, antes nellas se conhece a veindade da morte pela deficiência: assim que suposto nos Scurbutos, ou Loandaticos se não ache alteraçõ, ou mudaçõ de pulso, que pareça febril, com tudo não podemos negar, que se os vapores por muytos suffocão, ou por malignos extinguem o calor natural, que a qualquer destas acçoens preternaturaes ha de querer resistir o tal calor natural em quanto puder, & assim ainda que da parte da matéria, ou vapores não consideramos calor preternatural, que comunicado ao coração fosse febril, bastava a tal pugna para della resultar:

Muitas vezes se segue esta enfermidade a quartans antigas; hũas vezes por si sómente, outras vezes acompanhada de hidropesia, ou de hũas chagas grandes nas pernas, & partes sujeitas ao figado, as quaes querem alguns Autores, que sejaõ incuraveis, porém em pessoas robustas, que tem lugar de fazer comodo exercicio, & se abstem de causa antecedente manifesta, como de mãos alimentos, algũas vezes curaõ. Outros sinaes trazem Foresto, & o sea se quaz, que por serem cõmuns a qualquer outra enfermidade não trago aqui.

Vide A. vicenna cap. de apost. lie-nis.

CAPITULO III.

Prognosticos deste mal.

QUando este mal não he causado de humores malignos, he doença chronica, propriedade de humores frios, & crassos, de que se gera, como são fleima, faldas, & melancolia: porém se os taes humores tem adquirido má calidade, he doença aguda, porque em poucos dias consome a vida de quem a padce.

A este mal se segue algũas vezes febre etica da primeira para

para a segunda especie (como sobreveyo ao marinho, de q̄ falla Foresto) porém complicada com febre podre: aquella por causa da intemperança *in facto esse*; esta pela intemperança, q̄ ainda esta *in fieri*, & por causa dos vapores cõtinuos q̄ levantão dõ fardido humor, & ainda q̄ avendo esta complicação de febre etica cõ o podre difficilmente farem os enfermos, com tudo não se ha de desprezar a cura, & remedios, cõ q̄ muitos farão estando neste estado, ao que ajuda a não desesperar de alcançar saude, o não ter a etica chegado ao grao da terceira especie.

Suposto haja fluxo sanguinolento das gengivas, que de ordinario se causa de hũa porção tenue de sangue melancolico, ou da materia fecal de melãcolia, a qual por ser mordax corroe, & ulcera as gengivas, agonda conservou, ou fosse por crisi de hũa quartãa, ou por repulso feito pelo modo que acima fica dito, este em quanto não for purulento, & o mesmo o escarro, q̄ mostrem tifica, não se ha de desesperar da cura, antes fogaitando se o enfermo, se lhe deve acudir cõ todo o cuidado, & vigilãcia; se com tudo constar por sinaes q̄ o enfermo está etico em terceira especie, o q̄ mostra hũa atrofia, ou extrema magreira, & sequidade por todo o corpo; ou se constar estar já tifico, o que mostrarã a purulencia com máo cheiro do escarro, & fluxo das gengivas, em tal caso serã remar contra a corrente da maré, querer curar aos taes enfermos; antes devemos encomendar lhes tratem do remedio da alma, porque por descuido não perca gozar do fim, para que Deos nosso Senhor a criou.

CAPITULO IV.

Da cura deste mal.

A Primeira indicação na cura deste mal se deve tomar das cousas não naturaes, a que também chamaõ necessarias;

fatias; & começando pelo alimento, que em quanto à quantidade, nos devemos regular conforme ao preceito de *Hip. lib. 1. aphorism. text. 9. & 10.* & Galeno em os commentarios destes textos, aonde nos ensinaõ, que nas doenças diurnas ampliemos mais a porção do alimento; o que tambem manda o mesmo Hippocrates em a sentença 4. do mesmo livro; & Galeno em varios lugares: & como quer que este mal q he huma doença diurna, como temos acima dito, he necessario começar do primeiro della a conservar as forças; & fogir de alimento, que ainda que delê demos a quantidade sufficiente; seja tal qualidade, que mais diminua as forças, do que as conserve: as quaes devemos conservar em semelhantes doenças, conforme a doutrina de Galeno, *lib. 2. ad glaucolem cap. 10.* & em outros lugares.

o E quanto à qualidade do alimento, ha de advertir, que entre outras divisoens, que della fazem communmente os Commentadores da *Fen. 4. primi* de Avicenna, a primeira; & principal, he dividirem o alimento em tres membros; a saber, crasso, tenue, & mediocre: o primeiro convem aos saõs, por quanto tem vigor de augmentar as forças; o segundo convem aos doentes de doenças agudas, como esquinancias, pleurizes, & outras em q importa não crescer sangue, antes diminuillo; o terceiro genero convem aos enfermos de doenças chronicas; & diurnas, como sam quartans cotidianas, & outras, como a de que aqui tratamos.

CAPITULO V.

Que alimento convenha?

OS Authores, q deste mal escreveraõ, ordenaraõ o alimento, regulandose pelas observaçoens que fizeraõ em

os enfermos, a quem curará deste mal, & juntamente de febre com elle complicada; ou esta se fosse etica, como succedeo no caso de Foresto, ou fosse podre, como succedeo no caso do Lusitano, ambbs concedem tifana, & amendoada de pvides de melão, belancia, & abobora com algúas amendoas doces, & algumas amargosas, porque estas são aperitivas, & depois passaõ a caldo de frangaõ, & ao mesmo frangaõ: & eu digo, que se estes Doutores padecerão este mal, ainda que fosse causado *ex plenitudine*, que não sei se se acomodariaõ com alimento tenue, como he humana tifana, ou amendoada, & principalmente quando elles confessão a necessidade da conservação das forças, & que nelle se require.

Com tudo não reprovoo o uso da amendoada, ou tifana, quando ha complicação de febre com este mal, porque além de terem virtude de atemperar, refrigerando, & humetando, conforme a sentença de Hyppocrates I. *aphor. text. 16.* tambem são absterfivas, com cuja virtude se alimpaõ as partes internas da sordicie causada dos humores immundos; & são tambem aperitivas, cõ cuja virtude são comodas para obstruir, & diminuir opilaçoens, & durezas que entre as mais partes padece principalmente o baço, donde como fonte se vem os mais membros a opilar.

Porém este alimento medicamentoso, sómente se poderá dar aos que se curaõ em suas casas com a comodidade conveniente: estes, sou de parecer que o tomem em razaõ de medicamento, usando de frangaõ, ou franga, conforme a necessidade de forças, por alimento; porém com de ordinario este mal se padece em as embarcaçoens, & navegaçoens, aonde não ha estas comodidades, o mais que se lhe poderá dar, será hũa pequena de galinha, della pode usar cozendo com hũa mão chea de cevada limpa de pragana, & ao menos os caldos della ao jãntar, & à noite comerá hũas

maçans affadas, que se este mal se padecer em povoação aonde se achê as cousas convenientes, & for complicado cõ febre etica, ou podre, como em os casos acima ditos, em tal caso se atentarã a urgencia da febre, ou deste mal, & conforme a isso se ordenarã o alimento; sendo a febre mais urgente, se darã alimento, que seja de menos nutrição, & que tenha virtude de humedecer, & rifregerar, & sendo mayor a obstrução, se darã alimento, q̃ seja de mais nutrição, & tenha virtude de abrir os pòros, & absterger a purulencia, se já a ouver nos humores. Naõ avendo febre, se atentarã principalmente à conservação das forças que se requerem em doenças cronicas, como he esta, & assim naõ duvidamos dar frangaõ, franga, ou galinha, laparo, & passaros do monte, cozidos cõ algũas raizes aperitivas, como saõ a de espargos, & outras: ou preparativas, como saõ as de borra, luparos, & outras: ou com a cevada, como fica dito.

A agoa se cozerã com as mesmas raizes, & sendo em navegação, que naõ aja esta comodidade; ao menos seja fervida simplesmente, & depois de ferver, se cubra em quanto arrefece, para depor as fezes, & naõ exalar as partes tenues.

Vinho naõ convem em quanto se trata da cura, porque sua quentura com a dos medicamentos, ou com a alteraçã dos humores, pòde causar huma febre, que correpugne a cura, & indicaçã della em o mal de que tratamos, porẽm em o mais tempo, se pòde beber palhete, delgado, & sem confeiçã de gesso, ou outras.

O somno se deve conceder mais largamente, q̃ a vigilia, se naõ ouver fluxo importuno de gengivas, porque este se acrecenta em o tempo do somno. E ainda que pareça que Galeno encontra esta doutrina, quando diz que o somno reprime qualquer fluxo, & sómente izenta o suor, com tudo; a razão, & experiencia fazem tambem este izento de

ser reprimido pelo somno ; porque como aquelle tumor sanguefluo das gengivas seja originado de humores , que decem da cabeça , & estes pela reconcentração do calor que se faz no tempo do somno mais se applique , certo fica servir o somno mais de aumentar este fluxo , que de o cohibir: em quanto à experiencia , aquillo que por si esta claro, não necessita de prova ; & estas são as cousas a que os Medicos chamaõ não naturaes , ou necessarias, as que mais convem explicar.

CAPITULO VI.

Da cura.

QUatro indicaçoens universaes se devem considerar na cura deste mal, a saber, aperição, ou abrimto de póros, evacuação de materia , atemperação das partes , ou membros intemperados por causa de tal materia , & corroboração dos mesmos membros.

25 Destas se deve começar pela segunda, que he evacuação, começando pela sangria, principalmente avendo abundancia de sangue melancolico, o que mostraõ as veas tumidas, & plumbeas , & sendo homem, supressão de almorreimas, se fosse habituado a se lhe sangrarem , & sendo mulher, a falta do menstruo; porque avendo abundancia do tal sangue, he licito sangrar primeiro que se intente outro remedio, & principalmente o da purga, conforme a doutrina de Avicenna.

4.1.4.25

De que lugar, & de que vea se sangrará?

Sendo mulher a que padece este mal, a quem tenhaõ faltado os mezes, se considerará o enchimento de sangue q̄ ha no tal sogeito , & avendo grande enchimento, sem embargo da falta do menstruo, se sangrará as primeiras duas vezes

V ij

em

em os braços, conforme a doutrina de Luis de Mercado, a saber, a primeira em a vea da arca do braço direito, para descarregar o figado, que ha de ser officina das sequentes obras; a outra em a mesma vea do braço esquerdo, para livrar o braço da carga, que o oprimir pelo descenso do sangue, quando se fizerem as sangrias inferiores.

E depois se sangrará em os pés, as vezes que forem necessarias, conforme as forças, que sendo em principio deste mal, por estarem ainda mais vigorosas, pôdem sofrer mais sangrias, porém sendo já em processo d'elle, como de ordinario lhe acodem com a cura depois de se verem em estado que as forças lhe faltaõ, em tal caso se faraõ as sangrias diminutas, & com grande cautela, & não avendo o enchimento que dissemos, se sangrará em os pés até de por a quantidade, que pareça corresponde ao effeito do menstruo; & o mesmo se fará ainda que lhe não tenhaõ faltado os menstruos, se estiver perto do tempo em que esperar lhe venha.

E sendo homem que fosse costumado a sangrar felhe as almorreimas, & ouver tempo, que se lhe não sangraõ, se lhe applicão primeiramente hûas sanguixugas, por hûa, ou duas vezes, conforme a quantidade, que fosse habituado a lançar dellas, & depois se fará a sangria no braço. se as forças o permitirem, sendo que não sendo corpo plectorio, nenhum remedio mais conveniente me parece para descarregar o baço, do que saõ as sanguixugas applicadas ao lugar das almorreimas.

E sendo homem livre de almorreimas, ou mulher, que esteja quinze dias antes do tempo, que espera a occasião do menstruo, avendo forças, encomendaõ os Authores, que se sangre primeiro no braço, & depois em a mão na vea do baço; & sendo as forças poucas, se sangre logo em a mão.

Xaropes.

Feita a evacuação da sangria pelo modo dito, se deve usar de xaropes preparantes, & aperitivos, como são os que se seguem: R. De xarope de avenca, & de fumaria, aña onça, & meya; agoa de fumaria, & de hisopo, ou escabiosa, aña onça, & meya, que vem a ser tres onças de agoa, & tres de xarope, o qual xarope se continuará cinco, ou seis dias; ou em seu lugar se fará este cozimento:

R. Das cascas das raizes de almeirão, & das da salsa das hortas, hũa onça de cada hum: deite-se tudo de infusão em vimagre, esprema-se passado seis horas; ajunte-se de raspaduras de alcaçuz seis oitavas, avenca, scabiosa, erva molarinha, flores cor de aes, hum pigilo de uvas passadas sem graulhos: coza-se tudo em agoa de lingoa de vaca, ou de fumaria, coese; & adoese com açucar candi, ou com o outro açucar.

E deste cozimento se usará em lugar de xarope, & passados os seis dias se purgue levemente com tres onças de xarope de Rey, cozimento comum, com betonica, & tres oitavas de folhas de sene. E porque o humor melancólico he rebelde, & assim a cocção como a evacuação, & não se pôde evacuar de hũa vez, será necessario ir fazendo esta evacuação paulatina, ajuntando ao cozimento acima escrito hũa onça de folhas de sene, & tres oitavas de polipodio de carvalho, ou de epithimo, & ir se usando delle algũs mánhans, como quem usa de aposima. E se ouver febre complicada com este mal, se juntará ao cozimento, assim quando se dà

para prēparar, como quando se usar delle por aposima, hum pugilo de cevada limpa, & humas violas.

Purgado o corpo por alguns dias alternativamente, encomendaõ alguns Authores que se dē o affo, porém como este não seja licito dar, se não com grande contem, lação de Medico, não trato aqui delle (que minha tenção nam he mais que ensinar aos Romancistas, quando se acharem em navegaçens, ou terras extramarinas, aonde se não podē valer do conselho do Medico, o como poderãõ acodir a remediar os proximos, que tantas vezes nos taes lugares perecem ao desemparo, que o mais que se lhes chega a fazer, he sangraremnos desordenadamente): assim q̄ tendo o Cirurgiaõ, que com elles se achar na tal navegação, ou Ilha, a noticia conhecida q̄ aqui lhe proponho, poderãõ livrar muitos de tão infame mal, como espero em nosso Senhor Jesu Christo, que os ajudará, se o fizerem com zelo Christaõ; o que mal podiaõ fazer, pois não ouve até hoje quem se mostrasse urbano para com elles, dandolhe lume do methodo, que em casos de necessidade, pela falta de Medicos, podem usar para remedio dos proximos, & companheiros.

Advertencia.

Lambed.

Evacuado pois o corpo, avendo escarros purulentos, tomarã lambedores de avenca, & violas com cozimento de alcaçuz, & se ouver febre, com cozimento de ameixas, violas, & cevada.

Peito untado.

Por fóra untará as partes do peito com oleo de amendoadas doces, de macella, violado, manteiga crua, & unguento peitoral, tudo misturado, se ouver todas estas cousas, quando não, com quaesquer destes, que acharem, advertindo que se guardem muyto do ar depois que se untarem, que não se guardando lhe servirá de mayor mal.

Evacuação, & corroboraçam.

Passados alguns dias se usará do cozimento, ou aposima seguinte, para evacuar paulatinamente, & juntamente corrobora os membros interiores.

Rx. *Caf-*

R. Cascas de raiz de almeirão, ou chicoria, & de salsa das hortas, hũa onça de cada hum douradinha, folhas de almeirão, de borragem, fumaria, agrimonia, losna, hũa mão chea de cada hum semente de erva doce, semente de chicoria, meia oitava de cada hũa: cascas de raiz de alcaparra tres oitavas. Tude se coza até ficar em quartilho, & meyo: coese, ao que se ajunte xarope de fumaria, & de endriva, & do de chicoria composto de cada hũa hũa onça, & meia; o que tomará por cinco vezes, quero dizer em cinco menhans.

Tambem o Lusitano tras hũas talhadas, que servem para alterar, & abrir, & confortar, cuja descripção he a seguinte.

R. *Specierum diarrhodon. abbatis iij. triasantal,* & trociscos de alcaparra, de cada hum, hum C. com agoa de agrimonia, & açucar, sefação talhadas, & beba sobre ellas agna de agrimonia.

E se feitos estes remedios, se achar ainda dureza em o bazo (que com o tacto da mão se conhece bastantemente) se tratará de mollificar, & de obstruir, tomando cozimento de raizes de alcaparra, & outras aperitivas, naõ avendo febre, ou fazendo xaropes della, coando, & fervendo com açucar, até ficar em ponto de xarope, & purgando com quatro oitavas de confeição hámeç, & tres onças de xarope persico solutivo, & cozimento commum, o que bastar.

E logo se irá por fóra fazendo unção em o baço com oleo de lirio, de alcaparras, & unguento de Arthenita, ou de ciclaminis, ou se use este linimento:

*R. Oleo de amendoas doces, de alcaparra,
emplasto meliloto, de cada hum hũa onça.*

*Unção do
baço.*

E se continuando por tempo de dous mezes, não se molificar o baço, em tal caso se usará do amoniaco.

Como se acode à dor de garganta?

*Topica
para as
fauces.*

E porque neste mal, assim como dos humores q̄ descem da cabeça, se faz o tumor sanguifluo, que assim dissemos: assim tambem do descenso, que o tal humor faz pela garganta, irritadas as partes della, se sente grande dor, ao que acudirá untando por fóra com oleos nodinos, & repercursivos que mitiguem a dor, & prohibaõ o fluxo ás taes partes, como são oleo de macela, oleo de murtinhos; ou se applique hum saquinhõ de sal, milho, farelhos tostados, & flores de macela bẽm quente.

CAPITULO VII.

De como se acode ao tumor das feridas.

*Para o tu-
mor das
pernas.*

E Se deste mal se causar tumor nas pernas, que seja impedimento para se levantarem, assentarem, ou andarem, se usará dos oleos sobreditos quentes, & com unguento alabastino, & dialthea com mucilagens, tutanos de vaca, & depois se fomentará a perna com cozimento de pès de boy, & das tripas, molhando panos, ou esponja neste caldo quente, & applicandoos, & depois se torne a untar com oleo de macela, & emplasto meliloto: & outros remedios trazem mais os Authores, porẽm se com estes não ficar o corpo de todo livre, assi neste mal, como em qualquer outro dos diuturnos, depois das evacuaçoens uniuersaes, nenhum remedio

dio me parece mais util, que abrir fontes, porque pelas evacuaçoens uniuersaes se tenhaõ já evacuado excrementiços da primeira, & segunda região, a saber, pela sangriaõ que se geraõ na segunda cocção, que he a que se faz no figado, aonde a natureza transmuta o chilo, que lhe vem pelas veas misericas do estamago, & pela purga os que desta cocção, & da primeira que se faz no estamago. resultam, quando as partes delle não estão em seu natural temperamento, ou o homem usou muito tempo de alimentos de mau chimo, & imporporaçãõs a seu natural temperamento: assim os que se geraõ na terceira cocção, quando a natureza transmuta a massa sanguinaria, que o figado manda pelas veas a todas as partes do corpo, em carne, & em osso estes excrementos se estão quotidianamente gerando pela continua transmutação que fica dita, bem se segue ser necessario remedio, que tambem quotidianamente expurgue, & alimpe o corpo delles, o que não he possível fazer se por sangria, nem por purga, pois tanto aquella diminuirá as forças, quanto esta cautaria perpetua fastio, & outros symptomas sem numero, assim que o remedio mais suave que resta, são as fontes, ou sedenhos, porém no caso de que tratamos, não convem sedenhos por quanto estes são mais convenientes em vicios intercutaneos. sup. onsi o m. n. g.

E porque não sómente em muytas terras ultramarinas, aonde não ha Medico, he necessario a qualquer Cirurgiaõ ter in eira noticia do modo, com que se há de aver na obra das fontes; mas ainda em qualquer terra deste Reyno que vivão, se o não tiverem, se arriscaõ a fazer algum dano ao enfermo, porque muitas vezes succede que os Medicos fiados em que o Cirurgiaõ será perito em obrar, não assistem ao abrir dellas, nem tam pouco fazem as advertencias necessarias, & o peor he, que ha Cirurgiaõ tam largo de consciencia, que se o Medico lhe perguntá se está bem

bem no modo, & forma de a abrir, responde com meyo espirito, virando a cabeça com ira, que a elle se lhe nam faz semelhante pergunta, que elle aprendeo em o Hospital del Rey em tempo de Fulano, & Fulano, & que foy discipulo do grande Fulano; nem imagine alguém que isto que digo he pragá minha, porque a mim me aconteceu mandando fazer duas fontes a certo enfermo, por causa de hum estilicidio habitual, se mandou buscar hum Cirurgiam, que tinha adquirido nome de experimentado, & perito na arte, & fazendolhe eu pergunta se estava bem visto em os requisitos necessarios daquella obra, me responde, que ao Medico pertencia saber se eraõ as fontes necessarias ao enfermo, porèm que o fazer dellas deixasse a seu cargo, que tinha feito muytas: naõ obstante sua reposta, me puz a assistirle (poderá ser que fosse do Ceo deixarme estar) por ser grande amigo do enfermo; (que diz Celso, que ha muytos Medicos iguaes na sciencia, porèm, que he grande bem para o enfermo serle o Medico que lhe assiste affecto;) & querendõ elle começar sua obra, poz o instrumento em o meyo do musculo do braço quasi sobre a vea humaria; ao que acodi, por ter sòmente posto a femea; & buscando o lugar conveniente, pegou em o ferro que tinha em o fogo, & com elle começou a fazer tal obra; que se eu naõ estivera com o sentido, com que já estava, que com velocidade lhe subtrahi o braço, entendo chegára ao osso do pobre enfermo, por quanto lhe naõ impedia a femea o ingresso do cauterio: & dissimulando, porque o enfermo naõ tivesse o susto de outro mal, juntamente com a grande dor, que padeceo; lhe dei ordem cá: que se fez em a perna, como era licito. Nem deixarem de confessar os senhores Cirurgioes, assim os que por sua fortuna, como os que por seu bom engenho, & larga experiencia chegarão a ser da primeira classe

se, que nesta, & em outras materias, & casos chirurgicos, se tem encontrado com algum, que indo errado no methodo da cura, por não ter lume de como se avia de aver nella: sendo a culpa dos Authores, que escreverão, & tocárao sómente de passagem coufas de muita importancia para os professores della; o que servio de desculpa ao Cirurgião, de que acima fallei, dizendo, que em quatro annos que continuára em o Hospital-del Rey, nem vira fazer esta obra a seus Mestres, nem elles lha explicárao, que sómente curas de feridas, & apostemas explicavao, & obravao. E porque não aja quem se desculpe com semelhantes razoes, lhes offereço o breve Tratado, que se segue.



TRA-

TRATADO DE COMO SE HÁM DE abrir as Fontes.

CAPITVLO I.



AS Fontes, de que tratamos, he huma obra
 de maõs, que deve fazer o Cirurgiam com
 ferro quente, ou com pharmaco caustico
 applicado ás partes convenientes, confor-
 me o intento, para cujo effeito as manda-
 mos fazer, das quaes trataremos cada huma
 em particular: as quaes por muytas vias são de muyta uti-
 lidade em varios achaques, com que os homens são mole-
 stados, em quanto vivem neste desterro: senão digaõ os
 contemplativos, quantos, ou quantas fizeraõ termo da vida,
 sem que no discurso della padecessem esta, ou aquella doê-
 ça, ou ainda hñ agregado de doêças; salvo aquelles a que a
 Parca cortou os fios intépestive, antes do complemento dos
 sete, até oito lustros, com que Cicero, & hum Grego antes
 delle mediraõ o limite das vidas humanas. Tornando ao in-
 tento, a primeira utilidade das fontes pela applicaçãõ do fo-
 go, ou seja actual, que he o que se faz com o ferro ignito,
 q̄ chamaõ cauterio, ou seja potencial, q̄ he o que se faz cõ
 algum medicamento vehemente calido, a q̄ chamaõ cau-
 stico, he exsiccã, & consumir as humidades superfluas in-
 fertas em os membros, & partes a que se applicãõ. A segun-
 da he, que fazendose cõ tal fogo húa soluçãõ de continuo,
 se pôde ter abertura por todo o tempo que quizerem, sem
 corrupçãõ nem dor, expurgando pela tal cisura, ou soluçãõ
 de continuo os humores superfluos, & nocivos à conserva-
 çãõ

ção da vida, principalmente os humores excrementicios, que paulatinamente se geraõ em a terceira regiaõ, como a baixo mais especificamente diremos.

CAPITULO II.

Com que instrumentos se poffão fazer mais: como.

Porque ha variedade em as condiçoens das pessoas em eleger, & repudiar este, ou aquelle instrumento, dos com que se abrem, ou podem abrir as fontes, nos he licito tratar aqui de huns, & outros, para que acomodandose o Cirurgiaõ com a vontade do enfermo, tenha effeito a obra dellas & não fique frustrada a execução intentada, & muytas vezes não conseguida por temor do enfermo, & impericia do Cirurgiaõ, porque algũas pessoas recusaõ o ferro, & aceitaõ o caustico, outras viceversa admitem o ferro, & recusaõ o caustico.

Assim que tres generos ha de instrumentos, com q̄ commodamente se podem abrir as fontes, ou Fontanelas, como lhe chamaõ os Authores Neotericos: o primeiro instrumento, & que anda mais em uso pela brevidade de sua obra, he o ferro, o segundo he o septico, a que tambem chamaõ ruptorio, o terceiro he o caustico.

CAPITULO III.

Do primeiro Instrumento.

O Instrumento ferreo he mais manifesto aos praticantes, quanto á figura. O modo com que se ha de applicar, he

Entrará.

he pôr o cauterio com a ponta em hũ fugareiro até se fazer quasi vermelho, & pondo a femea em a parte em que se intenta fazer a fonte, se applicará o cauterio pelo vaõ della à carne, de modo que somente creste o couro, advertindo, que não profundé o cauterio pella carne, ainda que a capacidade do vaõ do instrumento, a que chamão femea, lhe dê lugar para se poder profundar, & das inconveniencias, que disso se pôdem seguir, diremos em seu lugar; & logo untará em roda pelo saõ a que não chegou o fogo, & quenteira do ferro com óleo rosado, & pondo huma conta de cera, ou hum grão em a crusta que fez o ferro, se for conta de cera, se pôde ir sovãdo, & aperfeiçoando cõ manteiga crua, & não avendo esta, com gema de ovo, & se porá sobre ella hũa folha de couve, que aprovo mais, que prancheta de cera, ou chumbo quanto ao principio, por ser mais comoda a dispor a crusta para abstracção.

CAPITULO. IV.

Do segundo instrumento.

COM o Instrumento septico, putrefactorio, ou ruptorio, se fazem as fontes, applicando à parte algum medicamêto que tenha virtude de consumir em breve tempo o nativo temperamento, & calor natural, pela qual consumpção, & colicação da carne fazê hũa cavidade igual à sua câtidade.

E suposto o tal septico não seja verdadeiro putrefactorio (porque este somente são as causas quentes, & humidas) com tudo se chama putrefactorio, pela semelhança do obrar, porque corrompe a parte com pouca, ou nenhuma dor: os medicamentos que tem esta virtude he arenicum, ouropimenta, chrisococola, & outros simples, & compostos, entre os quaes he o que se segue.

Recep.

Receptorio; ou septico do Lixivio.

Re. De cal viva meyo arratel, de cinza de vides hum arratel, metaóse em vaso, & váose borrifando com agoa quente, & se vaõ mexendo até ficar tudo em forma de farelos, depois se deite em outro vaso que tenha o fundo crivado com buraquinhos sotis, delgados, & deitando agoa fervendo em o tal vaso, estará outro debaixo, que fique de tal modo tapado, que não exhale, advertindo que não seja mais quantidade de agoa, que da cinza, & cal: esta decoada se guardará em vidro, & quando quizerem uzar della, se porá a ferver ao fogo em vaso de cobre, até levantar bolhas, & depois se torne ao vidro até que assente, & do que assentar se tomará a quantidade que quizerem, & pondoa em hum anel, ou didal, ou cascabelho de bolota, se applicará à parte em que se quer fazer a fonte, por tempo de duas horas.

CAPITULO V.

Do terceiro instrumento.

Com o terceiro genero de instrumento se fazem as fontes pela applicaçõ dos medicamentos causticos, escoraticos, ou exurentes, como he cal viva, maça feita de pòs de Joannes de Vigo, & agoa forte, porém este terceiro genero he menõs efficaz.

CAPITULO VI.

Em que diffiraõ o segundo, & terceiro instrumento?

O Medicamento septico sem fazer crusta, & com pouca, ou nenhuma dor penetra a parte, pelo que he mais comodo para fazer, & abrir a fontẽ; porem o caustico, & escoratico faz crusta, crestando sòmente a superficie, & para penetrar he necessario haver cisura na carne, ou ao menos

no couro, feita primeiro cõ instrumento ferreo, & posto nesta fórma, queimando quasi fogo, causa huma dor sutil, como punctura de agulha.

Duvida. E parece que nos implicamos neste capitulo com o capitulo do primeiro instrumento, porque nelle dissemos, & advertimos ao Cirurgiaõ, que não profundasse o ferro; & aqui dizemos, que o medicamento septico he mais comodo para abrir as fontes, que o caustico, sendo q̃ a quelle penetra mais, & este sõmente a superficie cresta. Esta duvida se solta, porque suposto o septico penetre, não causa dor como fica dito; porẽm o ferro pelo contrario causa dor, & como a dor seja causa de grande atracçam, que diz Galeno *atrahit in modum luturbitæ*: quer dizer, atrahê a dor ab lugar, em que está fixa, sangue, ou quaesquer humores, da maneira, que atrahê hũa ventosa, & porque aqui a nossa tençãõ não he fazer atracçãõ de sangue, o qual avendo grãde dor, manda a natureza provida por mais benigno, entre os mais humores, à parte dolorifica, por esta razaõ se evita a profundaçãõ do ferro, & se louva o septico, suposto que faça cavidade, ou furunculo profundo.

Soluçãõ.

CAPITULO. VII.

Que cousas devem preceder às fontes?

NAm se devem abrir as fontes, sem primeiro precederẽ as evacuaçoens univértaes, que sãõ sangria, & purga; advertindo que não basta sangrar sõmente duas vezes, quando em o corpo apparecem as veas tumidas, & o sujeito se sente com carga, & impedimento no obrar de qualquer açãõ: nem basta purgar-se huma vez, quando o cacochimia he tanta, & a terceira regiaõ está tam infecta de humores corruptos, & viciados, que a cor do corpo pareça muito mudada, como muyto pallida, plumbea, negra, acosa, ou verde,

ou

ou quando no corpo ha tumores, pustulas , ou semelhantes mostras de grãde carga de humores nocivos à natureza , & ineptos para a nutrição. Cirurgiaõ ouve , a quem por saber fallar a lingua Latina , o vulgo lhe deu o nome de grande Medico; este reprovando o parecer de tres Medicos , q̄ uníformiter votaraõ, em que certo enfermo tendo tomado hũa purga, que o tal Cirurgiaõ lhe tinha dado, com que foi diminuta a expurgação , & servio mais de esquentar a massa sanguinaria , de q̄ resultou hũa febre, que se sangraste as vezes necessarias, para extinção da febre, & depolição do enchimento das veas, & q̄ depois tomaria aposimas , & setrataria de hũas pirolas por causa de affectos capitaes, q̄ padecia. Calando o Cirurgiaõ, dissimulando em a presença dos Medicos , ao dia seguinte se foi ter com o enfermo, dizendo-lhe, que os Médicos queraõ ter alli o caso do carrapato; & taes foraõ suas razões, que não obstante a febre, se sujeitou o enfermo a que lhe abrisse as fontes ; do que succedeo tal inflamação, principalmente na perna , q̄ chegou a risco de lha cortarem, por chegar a principio de mortificação; & entendendo que o remedio divino obrou nelle , quanto remedios humanos não tinhaõ tal efficacia. Conteí este caso para amoestar aos Cirurgioens, que se acharem em terra , ou lugar aonde assista, ou possa vir Medico, que não se delibere a fazer esta obra sem consultarem com elle o estado do enfermo, & não avendo Medico, que possaõ consultar , apertando a necessidade de o fazer, se hajaõ com grande cautela , por não virem a cahir em semelhantes naufragios.

CAPITULO VIII.

Em que parte, & em que vea se fará a sangria?

DEvemse considerar as indicaçoens , & causa que nos commove a fazer as Fontanellas , ou aplicar os

sedenhos (que nesta parte, & sentido da sangria se deve guardar, & observar o mesmo methodo em os sedenhos, que difemos das fontes) nem menos avemos de considerar que affecto seja , & que parte do corpo padeça o sujeito masculino, ou feminino, o enchimento de sangue : se ha supressão de algũa evacuação habitual: se he costumado a sangrar-se copiosamente, & de que parte se faziaõ as taes sangrias, & as forças que de presente possuiue o enfermo, & a idade.

E regulandonos por estes escopos, se for homem na idade juvenil, ou viril, plectorico, se faraõ em primeiro lugar duas sangrias nos braços, na vea d'arca, & as mais, que forem necessarias se faraõ em os pès: & sendo mulher na mesma idade, & compleição, & estiver longe da occasião do menstruo, se sangrarã pelo mesmo modo, principalmente se for intemperada do figado, de cuja intemperança tenha origem o achaque, que constrange abrir as fontes. Neste caso julgo por melhor se dem ambas as sangrias da parte direita, na vea d'arca: a razão he, porque devemos primeiro a tentar à causa, que ao proprio affecto, quando neste não excede a urgencia.

Sendo homem macilento, veas adstrictas, & sumissas, de cor alva, ou sendo já na idade senil, ou sendo mulher a quem não venhaõ os mezes, ou venhaõ diminutamente: nestes casos avendo de se fazer hũa, ou ambas as fontes nas pernas, se sangrarã em os pès; sendo mulher, na vea da madre, & sendo homem, se considere o lugar, & parte affecta; & se for inferior, & superior, se fará a sangria da parte de dentro, & se for a parte affecta inferior, como chaga de perna, ou quadril, se sangrarã na parte defóra vea da siatica; ao que se deve mais ajuntar outra consideração, não menos importante, que he de que parte se intenta fazer a fonte, & como cõmummente os homens as mandaõ abrir da parte de fóra, por causa da molestia, que terãõ pondose a cavallo, se a

tiverem

tiverem da parte de dentro; tambem se deve fazer a sangria da mesma parte de fóra, desocupando com ella as vias, por onde intentamos atrahir os humores; & porque muitas vezes os Medicos não fazem esta advertencia, se não guarda o tal methodo, & fica a obra da fonte mienos perfeita, & mais molesta ao enfermo.

Sendo o sujeito debil, não habituado a sangrias, & que padeça mais por causa de cachochimia (que a indicação das fontes) que *de plenitudine, hoc est*, que se diminua de sangue, & superabundancia de humores, em tal caso se fará sómente a sangria diminuta entre os xaropes *sexcitationis gratia*, guardandose o methodo sobredito, conforme a parte, em que se ouver de abrir a fonte, ou fontes.

CAPITULO IX.

Em que parte se devem fazer as Fontanellas

TRes causas finaes tem esta obra de abrir fontes, a saber *Fonte a-* revilir, dirivar, & evacuar: quanto á primeira, que he *revulsiva,* fazerse para revilir, não tem sempre lugar, porque ha casos *dirivati-* que pedem remedio revulsivo mais efficaz, como he nas *va, & e-* fluxoens, & efusões grandes, & repentinas, que não sómen- *vacuati-* te as q̄ são de sangue, mas ainda as q̄ o não são, indicaõ san- *va.* gria revulsoria; & sómente abrimos fonte revulsoria, quando de algũa parte se levantaõ vapores paulatinamente, que comunicandose a outra parte, fazem nella enfermidade, o que a Escola Medica chama (*morbum per consensum*) & neste caso tem a fonte lugar de revulsoria, não sómente quando se faz da parte mandante, v.g. quádo de hũa perna se levanta hũa flatulencia vaporosa, que sobe ao peito, & molesta o diafragma, feita a fonte na mesma perna, mas ainda quando he attractoria, verb. grat. quando do utero se levantaõ vapores ao peito, ou á cabeça, feita na perna, de modo

que quando a parte mandante está entre a parte recipiente, & o lugar em que se faz a fonte, em tal caso tem esta fonte lugar de revulsoria, pois diverte o tal humor, ou vapores, q̄ não vão à parte a q̄ foraõ, se a natureza não inclinar à fonte.

A fonte derivativa, & evacuativa, de ordinario vem a ser a mesma, porque fazendose em lugar proximo à parte affecta, evacua juntamente, & deriva, a qual tem lugar, quando não está vindo actualmente o humor com impeto de outra parte, porque neste caso melhor he abri-la em meio entre a parte affecta, & a parte mandante, para q̄ evacuandose por ella o humor, não chegue a molestar a parte.

Ou a fonte se faça na perna, ou no braço, sempre se deve conservar que se faça entre dous musculos da parte em que se faz, porque além de q̄ he evitar perigo o fogir do musculo, fazendose entre elles, tras o humor de parte mais profunda. O sitio em que se devem fazer he cinco até seis dedos abaixo da junta do hombro, & tres até quatro abaixo do joelho da parte de dentro, & sendo da parte de fóra, cinco até seis dedos.

CAPITULO X.

A que achaques convem as fontes?

PRimeiramente as fontes convem não sómente às fluxoens, que fazem exito para fóra do corpo por algũa parte delle, como quando o estilicídio corre pelos olhos, ouvidos, ou por outras partes, mas tambem ás fluxoens, que se ficaõ encanceradas em o corpo, como he quando o estilicídio desce ao peito, ou estamago.

Segundo convé em qualquer supressão de algũ fluxo habitual, quando o tal fluxo se não pôde outra vez provocar, como quando da supressão das almorreimas, ou das varifes se gera qualquer achaque na região do peito, & neste caso

o loy;

o louvou o antigo Hippocrates, cujo dito não sómente se ha de entender das fistulas da natureza, mas tambem das da arte.

Terceiro convem em gota arterica, quando esta traz sua origem da cabeça, porque nesta enfermidade manda Hippocrates queimar com ferro quente as veas detras das orelhas, por parte vezinha á parte mandante. Quarto convem à epylepsia, quando a cabeça padece por affecto primogenito, *idest*, quando não padece por causa do estamago, utero, ou outra parte, & neste caso se fará em o braço, sem embargo de que alguns Doutores provão mais o sedenho no occipicio, ou fonte da mesma parte. Quando porém a cabeça padecer por consenso do estamago, ou peito, se fará no braço. E se o sujeito for menino, sempre se deve fazer no occipicio, porque nestes com facilidade, & em breve tempo padece a cabeça primeiro affecto; & nas mulheres que padecem epilepsia, por causa dos vapores corruptos *tam ex semine, quam ex menstruo*, como nam admitaõ fonte no occipicio, se lhe fara huma no braço, que evacue da cabeça, & dirive, & outra na perna para revilir do utero.

Quinto convem quando a cabeça padece por consenso de todo o corpo, & neste caso se faraõ ambas as fontes em as pernas, salvo o achaque da cabeça for já antigo, porque em tal caso se fará huma dellas em o braço.

Sexto convem em todas as fluxoens da cabeça, assim para a boca, & gengivas, como para os membros principaes internos; & assim em o mal de Loanda com tumor sanguefluo das gengivas se fará huma no braço direito, & outra em a perna esquerda para revilir o braço.

Setimo convem em a especie de hidropesia a que chamaõ anasarcha, por nella estar a terceira regiaõ viciada, &

nella se devem fazer em ambas as pernas. Alguns Autores as concedem tambem em a especie , a que chamaõ Ascites, porém neste tem suas inconveniencias: convem tambem em qualquer fluxo do ventre , que for causado de alguma estilação da cabeça , & nestes se faraõ em os braços para divertir o humor, que não desça ao ventre. Em outros muitos, & innumeraveis affectos convem o uso das Fontes, de que neste breve Tratado não fallo , porque meu intento não he mais que dar luz aos Romancistas de como se haõ de aver em o artificio dellas , porque como elles aprendem em o Hospital aonde se usa poucas vezes a cura de fontes , pòde acontecer fair algum, ou alguns tabulara nesta materia , & achandose em lugares ultramarinos , ou aonde não haja Medico, se lhas mandarem abrir , mal o poderiaõ fazer não tendo noticia. Tambem quiz dar a luz o Tratado seguinte por me parecer muito necessario.



TRATADO

DA ENFERMIDADE DO BICHO.



Inda que neste Reyno raramente se cura a enfermidade do Bicho, por aver della pouca noticia, com tudo não ha duvida, que muitas pessoas morrem deste mal, cuja morte se atribue a outras enfermidades, que com esta se achão; já sendo symptomas, que seguem a enfermidade do Bicho, ou para que melhor diga, que causão o mesmo Bicho, como he corrupção dos intestinos; já sendo causa do mesmo Bicho, como he fluxo intestinal sordido, de cujas humidades, & sordicie resulta o tal Bicho, que fica tendo lugar de doença. Donde affirmamos ser engano, o que alguns affirmão por certo: a saber, que sómente em o Reyno de Angola, & Estados do Brasil padecem os homens esta enfermidade: pois se não differença deste Bicho aquella especie de lombrigas noíscarides, que Miguel Savonarola poem em o terceiro lugar, fazendo menção de outras varias especies delles, como se vé claramente em o Livro de *Vermib. cap. 1. & sequentib.* aonde distintamente dá razão das causas, & symptomas delles; o que tambem tratão muitos outros Authores, dos quaes nenhum teve noticia deste Bicho particular de Angola, & do Brasil, & com tudo não discrepão em a definição, conforme me mostra o que relatão os experimentados neste affecto.

CAPITULO I.

Como se define a enfermidade do Bicho?

HE este Bicho hum animal vivente, & sensitivo, gerado em o ventre inferior de huma sordicie, ou putrefacção com calor vivificativo.

Declaração desta definição.

Difsemos, que he animal vivente, porque não ha duvida, que este bicho em quanto está dentro no corpo, & ainda por algum espaço de tempo vive, & corroe os intestinos, & partes a que chega, comendo, & nutrindose do substancial das taes partes.

Difsemos, que he sensitivo, que suposto não seja sensitivo perfeito, por não ter os cinco sentidos externos, de que o homem, & a maior parte dos generos de brutos são dotados; com tudo para se chamar sensitivo basta ter alguns delles, como he gosto, que mostra ter, pois come, & roe: & o tacto, que mostra ter, subtrahindose, & encolhendose quando o picão.

Difsemos que se gera em o ventre inferior, para distincção das lombrigas, & ascarides, que se geraõ em o ventre superior: & não entendemos aqui pelo ventre superior, na accepção, em que o tomão Hippocrates, & Galeno, que em o aphorismo 20. da 4. fessão entende sómente o peito; mas entendemos aqui por ventre superior o estamago, & as partes a elle contiguas, & proximè continuas, como são os intestinos delgados: & pelo ventre inferior entendemos os intestinos crallos, em que se gera este bicho, principalmente em o intestino recto junto ao cesso, & delle sobe aos mais algumas vezes, causando grandes dores com rugidos dos intestinos, & outras vezes sem ellas.

Pela palavra (putrefacção) não entendemos rigorosamente

te acção putrefactiva em abstracto pela causalidade, como a tomaõ os Filósofos; mas entendemos putrefacção em côcreto pela materia podre, ou o seja *in fieri, idest*, que nam esteja ainda totalmente corrupta, ou o seja *in factò, idest*, que já todas as suas partes estejaõ corruptas.

Difsemos (com calor vivificativo) porque daquelle mesmo calor putrefactivo, que era preternatural àquella materia, em quanto não era corrupta, & depois lhe fica sendo natural, em quanto corrupta, resulta o tal bicho pelas disposições que o tal calor obra naquella materia apta para tal geração; do mesmo modo que o calor putrefactivo, que se acha em hum monte de esterco, gera varios bichos delle, porque ainda que haja podridaõ na materia, senaõ ouver calor resultante dessa corrupção, não se pòde gerar bicho, conforme a doutrina de Aristoteles, & de Galeno. E assim chamamos este calor vivificativo, porque além de ser positivo intrinsicè da vida do bicho, ou animal, he tambem manente na conservação da tal vida, o que faltandolhe, acabase tambem a vida desse bicho.

CAPITULO II.

Das causas.

DAs causas húas sam extrinsecas, a que chamão tambem remotas: outras saõ intrinsecas, a que chamaõ tambem propinquas, ou immediatas.

A causa extrinseca material mediata, ou remota, he todo o alimento, que gera mãos humores, viscosos, & crus, como saõ favas, leite, & queijo (principalmente o fresco) carnes cruas, ou salgadas, ou corruptas, peixes salgados, ervas humidas, & acosas, frutas acosas indigestas, como cerejas, & frutas de muito succo, ares humidos austraes.

A causa extrinseca efficiente he demasiado exercicio: o ar
am:

ambiente excessivamente calido.

As causas intrinsecas, immediatas, ou proxima sem géral, são quatro , a saber causa efficiente , causa material , causa formal , & causa final.

A causa efficiente do bicho intrinseca, he o calor putredinoso, que dispoem a materia de tal modo , que delle , & della juntamente resulta aquelle bicho formado com vida , & sentidos. A causa formal he a alma vegetativa, & sensitiva , de que o tal bicho he dotado.

A causa material intrinseca , he fleima salgada, & viscosa , ou insipida por sy sómente , ou com algũa mistão de colera. A causa final , ou he universal, ou particular: a universal he o complemento, ou fermosura do mundo ; porque a ordem delle pede, que tenha todas as especies possiveis de animaes ; a particular he transmutar a natureza as causas a melhor forma : a saber, de materia podre não vivente , faz hũa especie vivente , que são estes bichos de que fallamos.

CAPITULO III.

Dos sinaes.

OS sinaes são ter precedido demasiado exercicio a pé, ou a cavallo em tempo de calmas , postos os humores em moto descem ao recto intestino lugar aonde se gera o bicho. Sobrevem grande dor de cabeça, por causa das flatulencias que a ella sobem , causadas do movimento, que as partes inferiores, irritadas da corrupção do bicho fazem, o que mostraõ alguns vagados, que por vezes a mesma cabeça padece.

Padem os enfermos deste mal dor de braços, & barrigas das pernas, & quebrantamento destas mesmas partes , dor, & ardor em o cesso , & quando o humor he maior parte , ou muito delle colera , sente nelle grandes quenturas ;
quan-

quando fleima sómente, he a quentura menos, ou nenhuma. Padecem tambem rugidos de tripas, & de camaras soltas, fastio, sedes incompassiveis, arrotos de estomago quentes, & como se tiverão comido alimentos rançosos.

CAPITULO IV.

Dos prognosticos deste mal.

Esta enfermidade he tão aguda, & perigosa, faltando-lhe em o principio cõ o remédio, como facil, & breve de curar, acodindolhe a tempo, porque em poucos dias se fazê chagas corrotivas em as tripas, de tal maneira, q a carne, & textura dellas se vem a comer, & corroer desorte as partes interiores do cesso, que se ficão vendo claramente as tripas: as quaes chagas são difficillissimas de curar, ou rebeldes á cura, assim pela mã calidade, como porque descendo as fezes, & humidades áquelle lugar por causa das camaras cõcominantes, não dão lugar aos remedios, & assim cõ grãdes, & dolorificos puxos se desfmayão estes enfermos por causa do repetido movimento, q faz este bicho naquellas partes rugosas aonde se gera, ou gerão: que ainda que fallamos em singular, não sómente se gera hum, se não muitos; ainda que bastava hum só para fazer todo este mal, pela mã figura, & calidade de corroer. São estes bichos quasi semelhantes às cõmuas lombrigas, molles do corpo, mas as cabeças duras, & negras; elles da sua parte, & a corrupção das partes affectas, da sua vão gastando a superficie do intestino recto; & cada vez mais lhe vão corroendo a substancia pela parte interior, que em breve tempo dà lugar a que se possaõ ver os intestinos superiores. O que he caua de grandes dores naquellas partes, & estas dores são causa de maior atracção dos mãos humores; pelo que he muito necessario acudir no principio com a cura, porque não cheguem os enfermos a este risco.

CAPITULO V.

Da preservaçãõ deste mal.

P Ara avermos de expor a cura deste mal , nos pareceo conveniente antepor a preservaçãõ, seguindo a doutrina de Galeno em o Livro de *curandi ratione per sanguinis missionem cap. 9.* aonde nos ensina com o exemplo da sangria preservativa, ou precautoria, como algũs lhe chamaõ: quanto melhor seja preservar de qualquer grave enfermidade imminente, do que curalla presente; & naõ sómente em o lugar citado, mas em muitos outros nos encomenda o uso da precauçãõ, ou preservaçãõ; o que primeiro tinha insinuado Hippocrates em o 6. das Epidemias sect. 3. text. 40. *Quibus facta iollit, hæc ante facta prohibet (idest)* O remedio, que applicandose em qualquer doença a pode expellir, & curar, este mesmo applicado antes que padeçamos a tal doença, nos pôde preservar della; & assim em o aphorismo 47. da sessãõ 6. & com elle Galeno, em o Comento desse texto, como em outros varios lugares nos mandaõ precautelar das enfermidades a que estamos sujeitos, encomendandonos usemos em a quadra da primavera de sangria, ou purga precautorias, conforme ao humor, que entendermos poderá originar tal enfermidade, & como quer que esta, de que tratamos, em qualquer tempo he certa em perseguir aos navegantes, & aos que vivem nos Estados do Brasil, & principalmente em o Reyno de Angola (que Nosso Senhor conserve por muitos annos ao muito Alto, & Poderoso Rey, que nos deu, D. Affonso VI. deste nome: em cuja pessoa o Rey dos Reys o defenda com grandes aumentos da Monarchia Lusitana, pelo numero de annos, que sua Magestade, & os legitimos, & sics Portuguezes desejaõ)

Como

como pois em Angola por causa dos ares calidissimos daquellas partes, & alimentos de mão chimo de que nellas se usa, he mais frequente esta enfermidade do Bicho, & são terras, que apenas se acha hum Medico nellas, necessario he que cada hum seja Medico de sy mesmo, ao menos se o não puder ser na cura, seja na preservaçãõ; & por esta causa, não sómente os Cirurgioens, mas ainda qualquer outra pessoa se pôde aproveitar deste breve Tratado, em q̄ achará o methodo preservativo com que se izente de tal enfermidade, & o curativo, para que achandose já com tal inimigo das portas adentro, faça expulsaõ conveniente para se livrar d'elle, ainda que o curativo pertende mais ao Cirurgiaõ, *vice Medici*; o preservativo pôde cada hum obrar por sy mesmo.

CAPITULO VI.

Do methodo de preservar do Bicho.

ALguns se equivocãõ tendo para sy que o mesmo he esta enfermidade, de que tratamos, & a que chamamos mal de Loanda, ou Scurbuto; porẽm lendo o Tratado que d'elle fizemos, & este que trata do Bicho, achará a differença que vai de hũa enfermidade a outra.

Duas cousas concorrem para effeito da preservaçãõ deste mal da geraçãõ do Bicho, a saber a conveniente administração das seis cousas não naturaes, que são, ar, alimento, & bebida, somno, & vigilia, movimento, & quietaçãõ, evacuaçãõ, & repleçãõ, & os accidentes da alma. E quanto à primeira, o ar demasiadamente quente, & humido, he nocivo, por ser causa dispositiva de corrupçãõ de humores, principalmente em terras maritimas, que avendo commodidade se pôde temperar fazendo na casa fogo com lenha

I. res non natural.

inha de carvalho, cedro, salgueiro, ou outra qualquer lenha dessecativa; tambem he nōcivo o ar demasiadamente frio, & seco, como norte, & nordeste, porque este pela astringão que fazem os pōros do corpo, faz reconcentrar as superfluidades, que por halitos se exalavaõ, & reconcentrandose o calor por antiperistalsim como dizem os Filosofos, agita os humores nas partes interiores do corpo, os quaes a natureza prōvida trata de expellir, & descendo ao intestino recto, fazem nelle algũa detença, por causa da supradita astringão, lugar em que de ordinario se gera o bicho, como acima dissemos. Este tal ar mandaõ alguns Authores temperar, queimandō lenha de romeira, pesssegueiro, pondo em o fogo losna, & outras coufas, que causem alguma humidade com alguma quentura.

Os comeres devem de ser temperados em as calidades activas, como frio, & quentura, & nas passivas devem declinar mais a seco, que a humido, porque assim como a humida e he apta para a corrupção, assim a secura he prohibitiva della. E por esta razão se o sujeito se sentir com algũa humidade em o estamago, o que mostra o gosto da boca insipido, abundancia de cuspos aquosos, a este tal manda Miguel Savonarola, que tome em o principio da mesa huns bolos de relaõ com erva doce. E aos colericos convem em o principio da mesa usar de chicoria, alface, abobora, tudo isto cozido, porque das seladas cruas, ficaõ hūas viscosidades no estamago, com as quaes misturandose algũa porção dos fluxos biliosos, que em semelhantes sujeitos de ordinario concorrem à boca do estamago, & dahi descem ao fundo, resulta hūa especie de colera, a que chamaõ vitelina, que com sua mordacidade he causa das corrupçoens dos intestinos, de que se geraõ desenterias, & outras enfermidades trabalhosas.

O paõ seja fermentado, & bem cozido; carnes frescas de

carneiro, galinha, vaca, & sendo em parte que a não haja fresca, como succede nas viagens do mar, se deitem de infusam as carnes chacinadas por tempo, que baste para ficarem livres do sal, & se puder ser, guardese das afumadas, & rançosas, & o mesmo se fará ao peixe seco salgado, & sempre as carnes assadas são menos nocivas, por terem deposto ao assar a humidade adventicia, & são mais substantificas, por conservarem em sy a humidade nativa: o que he pelo contrario nas carnes cozidas, que suposto á primeira vista pareça a quem não estudou Filosofia, que a carne cozida he mais humida, que a assada, he com esta distincão; que a cozida tem mais de humidade adventicia, que se lhe introduzio da agoa em que foi cozida, & menos da humidade substancial, & nativa, por ter exalado em o caldo, ou agoa em que se cozeo. Porém como no assar não ha donde receber algũa humidade adventicia, antes a que consigo tem, a exhala pela introducção do calor, fica tendo menos de humidade adventicia, & assim como dissemos arriba, que o frio vehemente per antiperistasisim faz reconcentrar a humidade nativa da carne, fica com mais humidade nativa, & substancial, que a cozida: isto que temos dito se entende na carne moderadamente assada, porque se for totalmente torrada, ja nestes termos he acção depravada.

E tornando ao nosso instituto: em quanto ao beber he bom aver resguardo em a depravação do beber agoa, porque se não relaxe o estomago, de que se causaõ cruezas; & a que beber, sendo salobra, ou sedicã, como he a que vai nas naos de viagem, he bom darlhe hũa fervura simplesmente, ou com huns graõs de erva doce, se o sujeito for humido do estomago, & queixoso de ventosidade, & com hũa raiz de almeirão, ou huns graõs de cevada, sendo colerico; q̃ estes s.õ menos molestados das ventosidades, conforme a sentença de Hippocrates. O vinho que convem deve ser

*Carnes
assadas
mais hu-
midas, q̃
as cozi-
das.*

ser limpo de gesso, & arroze, & não sendo, se deve agoar
 com algúas das agoas sobreditas, conforme a compleiçam
 do fugeito, & seja tomada moderadamente; porque assim
 como o moderado ajuda a cocçam no estamago, assim o
 immodico causa cruezas, & excita, ou exhala em sua coc-
 ção vapores, que sobindo à cabeça offendem os sentidos,
 pela obstrução, que fazem em o principio dos nervos, por
 cuja causa fazem retrocesso os espiritos animaes, q̄ são ge-
 rados em os ventriculos do cerebro para darem sentido, &
 movimento a todas as partes do corpo; & achando impe-
 dido o ingresso dos nervos, que são as partes instrumentaes
 de seu decurso, & defluxo, tornaõ a buscar o centro, don-
 de procederaõ, & assim ficaõ lesas as operaçoens dos cinco
 sentidos externos, como se vè em os bebados, que suposto
 nestes se ache em seu vigor a operação dos sentidos inter-
 nos, ao menos as obras procedidas da raciocinaçãõ, pois co-
 nhecem de sy o estado em que estaõ; com tudo querendo
 dar à execuçãõ a obra dos sentidos externos, por não se en-
 tender delles sua ebriedade, com tudo ficaõ frustados no
 intento, porque nem os membros se achaõ favorecidos do
 influxo dos espiritos, para se moverem, nem aos olhos con-
 correm os espiritos visivos, nem aos mais instrumentos,
 os que de sua congregaçãõ permitio Deos, que a natureza
 regulasse, & assim de ordinario não podem pronunciar
 as palavras, & não sendo à primordio balbos, ou gagos, o
 são em tal occasiãõ, por quanto os musculos da lingua não
 tem o adjutorio dos espiritos necessarios para seu movi-
 mento, sendo que entãõ lhes eraõ mais necessarios, quan-
 do ha mais resistencia ao tal movimento, como naquellas
 occasiões ha pela abundancia das humidades, que do esta-
 mago sobem à lingua, assim por ser espongiosa, & *tamquam*
stomachi emunctorium: quer dizer, que he apta para receber
 em sy os vapores tenues ascendentes do estamago; como

tambem por ser a cuticula da lingua continuada com a do estomago; do que resulta depravaçõ de gosto: por quanto este consiste na acçã do tacto, & a parte instrumental proxima do tacto he a superficie, ou cuticula da parte em que se percebe a operaçã deste sentido.

De sorte que esta lesã he em quanto ao tempo da occasiã em que se tomou o vinho immodicamente, porẽm nã pãra aqui, porque como he certo o que dizem os Philosophos, q̃ dos nuytos actos se faz habito: continuandose com a superabundancia deste licor, *paululum ex singulis vicibus relictum*: vem acontecer q̃ hũas cruezas viscosas inherentes na capacidade do estomago, são causa de q̃ as faculdades se debilitem, & siquem sopitas, requisito immediato de se viciara cocçã de qualquer alimento, & desta viciada se nã pãde fazer boa sanguificaçã, que na obra da segunda cocçã o figado intenta fazer, por quanto da chilificaçã resultou materia inepta, ou ao menos pouco apta; & assim tambem da viciada sanguificaçã, nã pãde seguirse cõmoda, & legitima assimilaçã, ou nutriçã (q̃ he o mesmo) dõde se infere, sendo a primeira cocçã do alimento, q̃ chamamos chilificaçã, que he a q̃ se faz em o estomago, viciada, & fica sendo a segunda cocçã, a q̃ chamamos sanguificaçã, que he a q̃ se faz em o figado, & delle se deriva pelas veas por todo o corpo, & chamamos he massa sanguinaria, q̃ he a q̃ o vulgo chama indistintamente sangue, quãdo pela sangria se tira das veas; porẽm nã he sangue puro, antes são uniformemente os quatro humores, a saber sangue, colera, fleima, & melancolia, & desta massa sanguinaria se faz a nutriçã de todo o corpo, pelo que se ella he viciada, nã podem as partes fazella sua semelhante, & assim, ou estes taes vẽ a dar em chagofos, & lupeipofos pelo vicio da terceira cocçã, ou em apopleticos, vertiginofos, & affectos cõ varios achaques capitaes, pelo vicio da primeira succe-

de, ou em diatreas, tinesmos, deſenterias, lienterias, & outros fluxos inteſtinaes, & pelo diſcenſo de materias viciadas, & detença dellas em o inteſtino recto, na producção do bicho, ou bichos de que tratamos. Inference daqui, que quem ſe quizer preservar deſte mal, deve uſar do vinho com a cautela, & condiçoens ſupraditas.

O ſomno, & vigilia ſe devem regular pelo temperamento do ſujeito, porque em os melancolicos, & fleimaticos deve ſer mais extenſo: em os colericos ſanguinhos, mais moderado, & a vigilia mais intenſa: com tanto que não ſejaõ verſados a occupaçaõ laborioſa, em que ſe reſalvaõ cõ *4. rcs. non* *natural.* *exceſſo* os eſpíritos vitaes, & animaes, porque neſte caſo ſe permite exceder o limite do ſomno.

Em o movimento, & quietação ſe ha de obſervar muito que logo immediatamente a comer não haja movimento laborioſo, nem corporal, nem eſpiritual, *ideſt*, que nem façam exercicio a pé, ou a cavallo, que cauſe canſeira: nem divirtaõ a natureza com eſtudo, leitura, ou couſa em que a imaginação eſſicazmente ſe occupe. E não obſta dizer alguém, que o noſſo methodo ſe entenderá ſómente em o tempo immediato ao jantar, & não em o tempo depois de cea, conforme ao verſiculo (*ſuper prandium dormire, ſuper cenam mille paſſus abire:*) porque a iſto reſpondemos, que o movimento depois de cea ſe nam requiere, *quatenus* movimento, ſe não por ſe meter tempo em meyo entre a cea, & o ſomno, & ainda que ſe requeria em quáto movimento, não ſe requiere vehemente, que he o que prohibimos, ſe não ſuave, & moderado, para com elle deſcer o alimento ao fundo do ventriculo, á onde ſe faz a perfeita cocçaõ do chilo.

E ſe ouver curioſo, q̄ duvide qual ſeja a ração porque depois de cea ſe concede eſte moderado movimento, & logo immediatamente ſobre jantar ſem entrevir exercicio al-
gum

gum, se conceda o somno, satisfazemos com duas principais, entre as mais razoens que para isso ha. Primeira he, que pelo diurno exercicio anda o calor natural influente esparso pelo corpo, & como pelo somno se reconcentre, & recorra às partes interiores; por esta causa se concede logo o somno immediato ao comer meridiano, para com maior efficacia fazer a natureza sua obra, conforme aquillo dos Philosophos, & Medicos [*virtus unita fortius agit*. E assim como o tempo nocturno se ha de passar a maior parte delle dormindo: nam he necessario provocar logo immediatè à cea a reconcentração do calor pelo somno.

Segunda razam he, porque como o espaço de tempo he menos do jantar à cea, do que da cea ao jantar, he necessario suprir o defeito da duração do tempo com efficacia da obra do calor natural, & assim se manda provocar o somno sobre jantar, & não sobre cea.

Em quanto ao quinto genero das cousas nam naturaes, 5. res non-natural. que he a evacuação, & repleçam; qualquer destas he muyto nociva não só para a producção do achaque, de que tratamos, mas para outros sem numero, conforme a sentença de Hippocrates em o livro 2. dos Aphorismos text. 4. a saber, a demasiada repleçam do alimento he nociva à natureza por aggravação, o que tambem faz o defeito de expulção dos cotidianos excrementos: a demasiada inaniçam he nociva à natureza pela resoluçam de forças, & espiritos que por sua causa se faz, & assim debilita a natureza, ou por via de aggravação, ou por via de resoluçam obra diminuta, de que resulta materia apta para a producçam do Bicho, ou Bichos.

A tristeza, & outras paixoens dalma se devem em todo o tempo evitar, & porquanto estas sam as limas surdas, com que a nossa natureza mais se diminue, & debilita, que com outra qualquer das seis cousas não naturaes 6. res non-natural. indebitè orde-

nadas; por estas se offende o principio de todas as açoens
motivas, sensitivas, vitais, & intellectivas.

CAPITULO VII.

Da cura deste mal.

TEndo já este mal do Bicho cometido algú sujeito,
& succedendo causa de exercicio demasiado em tẽ-
Dieta. po estuoso, se deve logo acudir considerando a complei-
ção do sujeito, & parecendo nam estar muito cacochimio,
Agoa. *idest*, muyto cheo de maos humores, em tal caso se ponha de
dieta, comendo chicoria cozida, alface, abobora, beldroeg-
gas, ameixas, maçans assadas, peras assadas, caldo de miolo
de paó, lentilhas, & outras cousas que refresquem; beba
agoa fria com açucar de lasca, ou com açucar rosado, ou
confeitos de rosa.

Primeiro
remedio. E logo se lavem as partes do cesso com o lavatorio se-
guinte. (℞. Agoa fria de cisterna, poço, ou outra qualquer q̃
seja fria, lib. 11. camphora 3.) deitese a camphora nesta agoa
de molho em pedra sem se moer por tempo de tres horas;
ao que he bom ajuntar hum pequeno de çumo de limaõ,
ou lima doce, porque o azedo causa grandes ardores; põ-
rẽm he mais efficaç, & com este lavatorio se lavẽ muitas
vezes a miudo, chapejando com hum pano de linho delga-
do bem molhado nesta agoa, em o cesso, & depois de se ter
lavado mnytas vezes, deitando o enfermo de barriga, se
lhe põde deitar pelo cesso com huma pena humas gotas
de agoa rosada, ou de beldroegas misturadas com huma
clara de ovo bem batida. E sentindose que padecem já e-
sta inflamação as partes internas do cesso, em parte que não
possaõ estas cousas sobreditas penetrar, avendo comodi-
dade, se põde tomar ajuda, se lançará de agoa rosada, de

tanchagem, & de almeirão hũa clara de ovo batida, tudo isto frio. Ou se fará cozimento de cevada limpa da praga-na, & casca, & folhas de rosas, & malvas, & violas, & se deitarà hũa ajuda deste cozimento frio sem azeite, nem açúcar, nem sal, & depois, em o mesmo dia se lançará outra deste mesmo cozimento com hũa onça de açúcar, & advirta-se que sempre he bom guardar-se de sal, & do azeite. Ainda que ha quem mande fazer experiencia, para saber se o mal está profundo nas partes, metendo mecha feita de casca, & miolo juntamente do limaão azedo pulverizada com sal moido: & diz que se ao fazer camara sentir grande ardor, que o mal he grande. A este Author perguntàra eu qual he a causa final de sua tenção, ou final do estado da doença, ou a faude que se introduz pela expulsaõ da mesma doença, & estado della, bom he buscar o meyo conveniente, ainda que seja inconyeniẽte á consecuçam da faude; se porẽm intenta procurar a faude, nam deve ordenar meios nocivos; & como o sal o he, pela irritaçã que causa nas partes nervosas chagadas, como neste caso he o intestino recto, bẽm se infere que não usemos de tal experiencia, & principalmente quando se pôde fazer por meyo, que ainda que escandalize, seja util, qual he o limaão por sy semente, ou o çumo delle com as agoas acima ditas; & se a dor, ou ardor se sentir por muyto tempo, he a chaga profunda, porẽm se semente se sentir ao tempo que se lançar, & cousa de meyo quarto de hora depois, & logo se aquietar, semente a superficie do intestino está chagada, & se já ouver bicho, ou Bichos, serã ainda taõ tenros, que com facilidade morraõ, & as chagas sarem. Mais outro remedio: neste tempo se usará de comer ameixas cozidas, por causa da astringaçã que as coufas acima ditas causã nas partes inferiores.

2. Remedio.

E se esta cura não for bastante, & o mal passar adiante; pôde usar do çumo dos limoens galegos, ou dos outros, não avendo os galegos, côm a ferrugem verde que se tira do metal, ou bronze, & a g. a de camphora, o que fará nesta forma: Borrifaráõ com a g. a qualquer lataõ, ou bronze à noite, & posto ao sereno, lhe acharáõ pela manhã huma ferrugem verde, desta tomaráõ huma oitava até duas, & se deitará em ametade de méyo quartilho de çumo de limoens galegos, & mexido muyto bem se misture com hũ quartilho de agoa, em que se tenha deitado de infusaõ por tres, ou quatro horas tres oitavas de camphora em pedra; & molhando panos nesta mistura, se espremeráõ sobre o cefso, estando o enfermo deitado de bruços, & se deixará estar assim por espaço de tempo, para que vá penetrando devagar: & deste lavatorio não mandamos tomar ajuda por causa de sua fortidaõ, salvo se deitar em muito pouca cantidade, que não possa subir aos mais intestinos. E depois de tomar este remedio, lavando a meudo com o sobredito lavatorio, & usando do mais que fica dito, se sentir ainda grãde inflamação, ou comichão interna, usará do remedio seguinte.

Remed. 3.

Tomaráõ folhas de coufello, a que os meninos chamãõ chapeos de telhado, beluroegas, gulsões, tudo isto se pise em almofaris de pedra, ou de chumbo, & se irá deitado hũa pequena de agoa rosada, ou de tanchagem, depois de bem pisado se lhe ajunte hum pouço de çumo de limão galego, & dous graõs de alvayade, ou camphora: & nisto se deixará estar de molho hũa mecha feita a modo de hũa trocida grossa, & depois se meta esta mecha estando o enfermo de barriga abaixo, & deixaráõ estar dentro; & sendo caso que com ella lhe sobrevenha vontade de fazer camara, execute o que lhe pede a vontade, porém torne de

novo a molhar a mecha, & continue outra vez com ella, o que fará tres, ou quatro vezes no dia. E se a mecha molhada por branda não poder entrar, se fará sobre hum pavio, ou candeia de cera cuberta com os fios de fiado de linho molhados no módo sobredito. Ou se faráo da mistura que ordenamos hũa bolas pequenas, que o enfermo meterá em o cesso, & se deixará estar com ellas dentro, em quanto as puder sofrer.

Em as partes de Angola se acha huma erva, de que usaõ nesta enfermidade, a que chamaõ erva do bicho; alguns querem que seja da mesma especie da ortiga morta, ou fedegoza; qualquer destas he boa para este effeito pisada pelo modo sobredito, & misturada ao çumo do limaõ, & mais coufas acima ditas, mitigando sempre a acrimonia do çumo de limaõ, por não offender demasiadamente os intestinos. E com esta cura continuada, & feita a tempo, antes que as chagas se façam penetrantes pelos intestinos; & os bichos tenhaõ efficacia para corroerem as partes, se póde livrar o enfermo deste mal, se elle sómente trouxer sua origem da inflamação causada do exercicio laborioso, como muytas vezes succede, ou ao menos sendo o humor pouco, & sendo colera, a quem os remedios sobreditos encontram.

Porém sendo a causa deste mal nam samente annua inflamaçam, mas carga de humor colerico, ou de fleimas grossas, pede mayor consideração a cura para se executar. E não ha duvida, que a muytos enfermos neste Reyno sobrevem este mal à convalescença de outros: o que ordinariamente acontece aos que saem do Hospital, & nam tem commo- didade de limpeza, & se desgarram em comeres deprava- dos: & a outros que em suas casas, ou por lhe faltar o ne- cessario, ou por serem de sua condiçam sordidos em doen-

ças prolongadas occupaõ muyto tempo a cama, sem aver renovação alguma de limpeza.

Conhecendo pois que este mal não obedece aos remedios sobreditos, por aver causa conjunta, & conservante, como pôde ser colera, ou fleima grossa, & salgada, se deve considerar neste caso se o enfermo abunda de sangue; por que em tal caso se sangrará em os braços de duas até quatro, ou seis vezes, conforme parecer a redundancia do sangue, & forças do enfermo, advertindose que sejam menos as sangrias, do que parecer necessario, por não debilitar mais as forças, que assás as debilitam as forças internas.

Não tratamos aqui de outros generos de Bichos, que se geraõ por aquellas partes; a saber, em o Brasil se gera hum em os pés, que no seu principio he como huma pulga, & affirmaõ os habitadores daquellas partes, que crescendo vem a ser da cantidade de hum graõ de trigo. Outro se gera em as pernas, que se faz comprido, & grosso, como huma corda de viola; este frequenta mais a costa da Mina: hum & outro se curaõ tirandose com a ponta de hum alfinete.

LAUS D. E. O.



TRA-

TRATADO DA GONORREA,

*Pelo Licenciado ANTONIO GONCALVES,
Cirurgião del-Rey N. Senhor, & do seu Hospital
Real de todos os Santos.*



ANTES de dar a definição, que pertence a esta enfermidade, convem que primeiro declaremos a ethimologia do nome, com que a chamaõ os Authores, que della escreveraõ.

Aristotet.

Declaração do nome.

Este nome Gonorrea he Grego, composto de duas palavras Gregas, a primeira he *Gonor*, que quer dizer semente humana, & *rea*, que significa fluxo, ou corrimento da semente humana; & esta he a verdadeira interpretação do nome.

Mercad.

Declaração da Gonorrea.

Gonorrea, he hũa destilação da semente, q̄ continuamente corre sem vontade nem ordem da natureza, occasionada da debilitação das faculdades, que a natureza depositou nas partes, que servem para a geração, & expulsão da semente, a qual não digo vem sem proceder de luxuria nem de sonhos deshonestos, & faz eticos aos que a padecem.

Galeno.

Notando que com aquella palavra involuntaria, & continua destilação, que se poz na definição, se distingue da polução nocturna, a qual quando vem sem predefeito, ou imaginação, he sô de noite; o que na Gonorrea não acontece, porque em todo o tempo vem, & com a continua destilação molesta muito ao doente.

Mercur.

Tam

Tambem as mulheres padecem esta enfermidade, a qual alguns defendiaõ dizendo que era huma infusão de semente sem desejo de homem, a qual quando a padecem andam escoadas, & fracas.

Advertindo, q̃ como nosso inteto não he tratar desta Gonorrea, por pertencer a cura della aos senhores Medicos, senão da virulenta, a qual não he sómente mais ordinaria nestes nossos tempos, mas de se fazer pouco caso della, se resolve em hũas finas boubas, ou em hũa carnosidade na via da ourina, q̃ atormenta muyto aos Cirurgioes a cura della, & es doentes que a padecem correm muyto risco da vida. E assim deixando a outra a quem pertence, tratarei da virulenta, como cousa mais propria dos Cirurgioes, & se puzemos esta definiçam acima, foi para mostrar avia duas differenças de Gonorreas, & para melhor ficarmos no conhecimento da differença, q̃ ha entre hũa, & outra, como diremos.

Que cousa he Gonorrea virulenta?

Ambrosio
Parco.

Gonorrea virulenta, he hum fluxo, ou corrimento, ou para melhor dizer, hũa destilação de materia pelo vaso da ourina, a qual costuma vir de varias cores, porque hũas vezes he amarela, outras verde, & outras crua, & sem nenhum cozimento, acompanhada algũas vezes com algum fedor, & outras vezes representando a cor de boa materia, a qual com sua acrimonia nace erdura no membro pela parte de dentro, de que nace muyto grande dor, quando no tal membro ha algũa exceição.

Das causas desta enfermidade.

Fernel.

A causa desta enfermidade, he hũa fraqueza, que os vasos espermaticos, & testiculos em sy recebem, & esta não simples, senão a que consigo traz hũa mã calidade oculta, & venenosa. Esta mã calidade se recebe no ajuntamento carnal, que o homem tem com a mulher, quando algum delles estiver çujo do tal mal. Ou tambem se apegará, quando

Ambrosio
Parco.

a tal

a tal mulher tiver dormido de proximo com algum homê que estivesse çujo , ainda que ella o não esteja. E tambem quando tiver a dita mulher purgaçoens de mezes , ou tendo algumas chagas occultas.

E sea tal que cohabitar, estiver com o mez, ou se lhe tiver ido de pouco tempo, ou esperar por elle, com muita facilidade neste tempo nos apegará o tal mal. *Leonard. Botelho.*

O como entã se nos apega este tal mal, he do modo seguinte. Naquelle acto com o demasiado movimento , que entam se faz, se aquentaõ muyto aquellas partes , assim as do homem, como as da mulher , ao qual se segue fazeremse as taes partes penozas, & raras estando assim , ou porque se levanta do que está çujo , entrando pelõs taes poros, & concavidades daquellas partes , vai a dar nos vasos spermaticos, testiculos, & nas demais partes , que servem para a gèração, & extenção da semente, & dando nellas imprimê a má calidade maligna, que com o tal vapor vai , de que nace não só intemperalos , mas pervertelhe o habito natural, & çujandoas.

E segue se logo a este temperamento, & fraqueza destas partes, não só o que em sy tem , mas o que a natureza lhes manda para remediar o tal dano, converterse em materia, q̄ ao sair representa varias cores, como acima apontamos. *Julio Palmar. Mercad.*

Esta matéria o que faz, não só esquenta aquellas partes mais do que dantes estavaõ, mas com a sua acrimonia molesta-as, & roe-as, & ulcera as com notavel mordicação. *Andre. Laguna.*

Quã adquirindo por tempo a tal materia algũa putrefacção, & acrimonia; tem por officio fazer pela continuação da sahida pelo cano excuriaçoens , & ulcerado pela parte interna. *Fernão.*

Esta materia a deitaõ de continuo , & sem vontade , assim dormindo, como estando acordados, & huns a deitaõ com grande ardor , & outros sem nenhum , o que procede da muyta *Julio Palmar.*

muyta quentura , que consigo trouxeca tal materia.

È conheceremos haver excuriação , ou chaga na parte interna do membro, quando ao levantar delle tiver grande dor: Ou quando ao urinar tiver grande estímulo, & ardor, como costumaõ ter os que a padecem , donde vem muytos a cuidar , que tem pedra na bexiga.

Sinaes da Gonorrea.

Os sinaes para virmos em conhecimento desta enfermidade, se tomarãõ de tres cousas. A primeira, da relação do doente. A segunda, do que deitar pelo cano. A terceira, dos accidentes, que costumaõ acompanhar esta purgação.

Alexand. Se o doente nos disser, que lhe veyo a dita Gonorrea depois de ter cohabitado com mulher de sospeita , terseha, & *Traiano.* com muyto fundamento ser virulenta.

Hercules de Saxon Augerio. E se depois de ter o tal ajuntamento sentir ardor ao urinar com alguma purgação de materia pelo cano.

Fererio. E se depois de ter o tal ajuntamento sentir ardor ao urinar com alguma purgação de materia pelo cano.

Antonio. E no que deitar pelo cano se haõ de cõsiderar tres cousas.

Muza. A primeira, o cheiro, que serà grave, & mal cheiroso, como *Fernelio.* o da materia. O segundo, a consistencia. O terceiro, a cor; *Ambrosio.* em hũa, & outra cousa terà naõ só mau cheiro, mas muyto *Parco.* peor cor, com muyta acrimonia.

Marca. Dos accidentes, que costumaõ acompanhar esta purgação, he ser muyta acrimonia na extremidade do membro, *Ioão Calvo.* & por razãõ da chaga, que se faz muyto grande de mordicação cõ naõ pequena dor. Estas dores seraõ muyto mayores ao urinar, ou quando o membro se levantar.

Mercad. O ardor ao urinar , he por razãõ da acrimonia da urina, ocasionado de alguma pequena dor , ou de humores *Palmar.* acres, que com ella se ajuntaõ, ou misturaõ. O qual espaço *Fernel.* se faz nas ditas chagas maior mordicação, & maior ardor ao *Ioam de Vigo.* levantar do membro , he pela maior soluçãõ de continuidade, que entãõ se faz na chaga.

Panlo Perada.
Palopio.

As diffe-

As differenças, que entre hũa, & outra Gonorrhœa ha, para que
melhor as conheção, são as que se seguem.

A primeira differença he, que a Gonorrhœa gúlica começa
com ardor, o que a outra não tem,

A segunda, que a gálicada costuma a durar mais tempo,
o q̃ na outra não acontece, salvo se proceder de algũ catarro.

A terceira he, que a gálicada se continuar muyto tempo,
não se enfraquecem com ella os doentes, o que na da seméte
se vê pelo contrario; porque com ella enfraquecem muyto.

Falopio,
& alij.

A quarta he, que a gálicada com facilidade se apanha,
& sem molestia, o que na outra não vemos.

Alexand.
Trajano.
& alij.

A quinta he, que na gálicada, o que se deita he materia,
a qual he varia nas cores, & com mau cheiro. E na outra, o
que se deita, he semente, que he huma sustancia alva, liqui-
da, & tem cheiro roim, & algumas vezes virã algum gosto,
ou destilação.

Mercado
Accio.
Anon.
Muzã.
Estacio.
Rudic.

A sexta he, q̃ a gálicada senão cura com remedios locais
como se costuma curar a outra, porque muytas vezes sô cõ
untar os rins, & testicúlos se cura, ou com dar pela boca al-
guns medicamentos, que confortem as taes partes; & a ga-
lica não he tão facil de curar, porque muitas vezes a cura-
mos com remedios generosos, que com calidade oculta o-
braão, como são salsa parrilha, pão da China, & a untura de
azouge.

Prognosticos.

O primeiro he, que se faz às vezes tão senhora do cor-
po, que apenas se pôde curar, senão com medicamentos al-
pêros, como são as unturas.

Ambrosio
Parco

O segundo, que se o que tiver a Gonorrhœa, ainda que du-
re algum tempo com ella, se com tudo andar bem disposto,
& não enfraquecer, lhe não façamos nada, antes o deixem
à natureza, porque se costuma aliviar com a tal purgação:

Alexand.
Trajano.

O terceiro, aquelles, que tiverem o orificio do mem-
br.

Leonardo
Botelho.

bro muyto largo, são mais capazes a se lhe pegar o mal, que aquelles que o tiverem estreito.

*Calvo.
Accio.*

O quarto he, que nas mulheres dura mais tempo, & he muyto peor de se curar, que nos homens, porque nellas a bundaõ sempre peores humores.

*Leonardo
Botelho.*

O ultimo he, que tendose bom regimento se cura com facilidade.

Cura.

Palmario

Na cura desta enfermidade se guardam tres cousas. A primeira, ordenar a vida ao enfermo. A segunda, evacuar a causa antecedente. A terceira, remediar a causa conjunta. A primeira se cumpre ordenando a vida ao enfermo nas cousas não naturaes, & suas anexas, & a calidade que ha de ter o comer, & beber será fria, & sem mordacidade nenhuma.

*Alexand.
Trajano.*

Convem que seja frio, para que com sua frialdade tẽ pere o demasiado calor, assim o do todo, como daquellas partes.

Trajano.

Fugiráõ que não seja o tal mantimento adstringente, antes terá calidade de abundar, para que não detenha dentro no corpo a dita purgação.

*Leonardo
Botelho.*

Junto com isto, a dieta será de muy tenue sustancia, porque não passe com facilidade em colera, nem tampouco da que der muyta sustancia, por não se oprimir a natureza có ella nẽ sermos occasião de dar Armas aos inimigos com que offenda. E assim nisto segura, dará hum meio, que das forças do doente, & grandeza do mal se tomará,

João Jacob

A agoa que beber será cozida com cevada, como querẽ todos os Authores, q̃ disto trataõ. Farseha desta maneira: hũa quarta de cevada, q̃ seja boa, tirada a casca, & deitada de molho em hũa panella nova, em vinte partes de agoa por quatro horas, & depois a cozeráõ ao fogo brando, até q̃ arrebente a cevada; em quanto se cozer lhe irãõ tirando a escuma, & depois coaráõ, & guardarãõ para beber, a qual agoa assim feita serve de mitigar, & extinguir toda a inflamaçam

macam, & de apagar a fede, & de abrandar toda a aspereza.

Ou tomarão cevada boa limpa do pó, & a pragana, & a *Mercur.* deitarão de molho com casca por duas, ou tres horas, & hũa parte de cevada, & duas de agoa, & depois se porà a cozer, até que a agoa se faça loura, & estando assim feita, & coada a beberão.

E se se molestarem de a beber assim, lhe poderão botar *Botalo.* hũ pe queno de açúcar, de alfenim, ou xarope aviado, por que ficado mais grata para se beber, serà de mais proveito.

Tambem à falta de cevada, poderã beber agoa do pote com açúcar.

Agoa de malvas neste caso he louvada de todos os Authores, & he melhor de todas: esta se tomarà pela menhã em jejum morna, ou fria, com seu açúcar; a cautidade que hain de tomar, serão seis onças pouco mais, ou menos, isto por espaço de tempo.

Esta serà estilada no cozimento das folhas, cõ raizes em agoa muito limpa, & cozerseha muyto pouco, porque não se faça languinhenta, que he muito mà de tomar: ou cozerão as sementes das malvas em agoa do mesmo modo, & tomada pela ordem acima. Estas agoas cozidas, ou para melhor dizer, estes cozimentos, se farão todos os dias frescos.

As tizanas são muyto louvadas, & de muyto proveito, as quaes tomarão quasi todas as noites, ou tomarà pella menhã hũa talhada de diapapaver, & beberlheha em cima hum pouco das mesmas agoas.

Tomará açúcar rijo, ou aboborada, & beberlheha das ditas agoas, & faz proveito.

He maravilhoso tomar pela menhã huma colher de flor de malvas em conserva com açúcar, & beberlhe em cima algũa das agoas acima postas, & isto poderá continuar muytas menhãs, & se se molestar com a continuação das agoas acima ditas, poderá em seu lugar tomar agoa de

Amaro.
Lusitano.

de azedas, & de almeir oens.

Parco. O vinho neste caso he prohibido por muitas razoes, & se alguma hora o concedermos, será por razão de algũ grãde achaque, que o peça; porẽm será branco, pouco, sem gesso, & agoado, & isto somente ao jantar.

Palmar. Ao jantar poderá comer alface cozida, chicoria, bel. broegas, & borragens, & outros semelhantẽs, caldo de miolo de paõ, camoezas, & peras assadas, com paõ, & com açucar, & ameixas cozidas, que tudo he bom.

Palmasi. E se estiver fraco comerá frango, franga, ou galinha cozida com alface, & abobora, com huns graõs de cevada esburgada, & isto avendo alguma quentura, & se a não ouver, se cozerá sem isto.

O carneiro cozido he bom, & tambem poderá comer cabrito, & vitella.

Panlo Perada. Sobre mesa poderá comer hũa pequena de marmelada, ou de perada.

Alexand. Trajano. Gemas de ovos escalfados cubertos de açucar continuados são bons, porque não sãõ sustentãõ, mas tem virtude de mitigar a dor da ourina.

Tomar ovos frescos em jejum, assim quentes, como os poẽm as galinhas, com clara & tudo continuados fazem o mesmo effeito, que acima temos dito.

As noites sempre será algũa das dietas postas acima, ou ao muyto hum pouco de frangaõ, quando estiver fraco.

Parca, & alij. Amendoadas feitas de pivides de melão, & de abobora, & de dormideiras brancas com açucar, feitas em agoa de cevada, ou em lugar das dormideiras poderáõ botar xarope dellas, & tomalohaõ à noite crua, ou cozida; porẽm não se tomarãõ todas as noites, nem logo no principio tomarãõ xarope aviolado, & de dormideiras, mas entre dia he bom. Costumaõ alguns com muyto fundamento no discurso da cura a dar huns bocados de canafitula feitos

Ombes.

com

com açucar. A quantidade será meya onça de polpa tirada da cana, & beberá em cima meyo quartilho de foro, ou de agoa de malvas, ou de cevada.

Ou desfeita a quantidade de polpa no foro, q̄ será de leite de cabras, o qual tomará por algũas menhans interpoladamente.

Fujaõ de coufas salgadas, & azedas, & adubos com especiarias quentes, de coufas acres, & mordazes.

Do coito, fugirá delle, como do diabo, nem imagine nelle, nem em coufas deshonestas, que provoquẽ luxuria, & do comercio das mulheres tambem, porque vimos neste tempo dar alguns em fluxos de sangue, com que se arriscavaõ,

O exercicio nenhum faça demasiado, senaõ o que fizer seja moderado.

Naõ durmão em cama de pena, porque faz mal, nẽ durma de costas, porque lhe fará grandes males, & fuja disto como de hum inimigo que o quer matar.

Dos effeitos, & perturbaçoens da alma fuja quanto for possivel.

Nas demais coufas, que pertencem ao regimento, as ordenaráõ com muita moderação.

Segunda intenção.

No que toca a esta intenção, que he sangrar, & purgar, avemos de notar primeiro, todo o grande alivio, & grande proveito que se tira da tal evaçuação, como atraz apon-tamos, sendo continuada por algum tempo, & segundariamente os grandes males, que se seguem ao miseravel do doente, quando se lhe sopprime, sem se ter dado bastante descarga ao todo.

E como nenhũa coufa será de mayor força pera impedir esta evaçuação, que a sangria do braço, segue-se será bom mandala dar nos taes doentes sem distincão, he erro gran-

*Palmar.
Trajano.*

*Idem
Parco.
Avicênã
Palmar.
Ealmet.
Mercado*

de sem reparo pelos grandes danos, que se seguem.

E assim os que começaõ logo no principio a sangrar sem os obrigar mais que a Gonorrea, não fazem mais que dar como doente, em mil misérias.

Se algũa hora se mandar sangrar o tal doente, não será pela Gonorrea, senão pelo que com ella se ajuntar a complicar.

Mercado E assim quando virmos, que o doente q̄ padece a tal Gonorrea té tam demasiadas as dores ao onrinar, ou ao alevantar do membro, que com ellas não só se molesta muito, mas vai enfraquecendo, entãõ convem sangrar nos braços.

Pedro Purgic. Parco. Ou quando ouver grande inflamaçam nas partes interiores, ou muyto grande enchimento no corpo.

Ou quando a materia, que se deitar, for taõ acre, & mordáz, que nos pareça, que continuada a tal inflamação poderã fazer alguma chaga roim no colo da bexiga.

Palmario As quaes sangrias se faráõ no braço na vea da arca, tanto quanto baste para remediar os taes accidentes, & que com ellas não impidamos de todo a tal evacuação.

Omnes. Inference de tudo isto, que nunca sangraremos os que tem a Gonorrea nos principios, não avendo outra cousa mais, que a tal evacuação, & ainda que aja alguns ardores, veremos se com os remedios acima apontados os poderemos mitigar, & quando estes não bastem, & se complicar com a tal Gonorrea algum grave accidente dos acima apontados, que sua grandeza nos prometa algum grande perigo, em tal caso o faremos mais para remediar os taes accidentes, que não para preverter a tal evacuação.

Tambem se pôde sangrar quando durar muyto tempo, & o doente se molestar com ella, & nos parecer que a tudo se tem dado bastante descarga ao todo, & se quer aliviar da tal penção, porẽm não avendo isto, por nenhum modo sangraremos nos braços.

Omnes. No que toca a purgar no principio se não deve fazer, & assim

assim o querem todôs os Authores, que d'isto tratão; porque não façamos com o tal medicamento purgante, dar cõ hum grande decubito de humor naquellas partes, a que se figa outro dano mayor, que não possamos remediar, ou cõ ella divertir a natureza do caminho que leva.

Ou quando se ouver de purgar, será quando durar muyto tempo, & o doente se molestar com ella,

Ou quando tem botado suas raizes no figado, & em todo o corpo, a que convem curalos entã por razão da dita comunicação,

Jã o que se costuma a fazer no principio, quando convê despegar das primeiras veas, darãõ algũ medicamento pela boca, & tal, que não sirva sò de despegar as raes veas, mas que seja tão temperado, que sirva mais de abundar, & temperar, que de evacuar, & para isto tem o primeiro lugar a canafistula, & xarope violado de nove infusoens.

Porẽm o mais seguro caminho he, quando quizermos fazer algũ despejo, fazermolo com ajudas emolientes, & temperantes, feitas de cozimento de malvas, & violas, ameixas passadas, & cevada com oleo aviolado, ou rosado, & sua polpa de canafistula, & açucar.

Ou cozer com muytas ervas hum frangaõ, & botarlhehaõ o acima dito. O modo he o que se segue.

Tomarãõ do cozimento acima, da polpa de canafistula meya onça, de oleo tres onças, de açucar duas onças, & hũa gema de ovo, & quando isto não bastar, o mais que poderãõ fazer he; tomar por algũas menhãas tres, ou quatro oitavas de polpa de canafistula tirada do fresco da cana, & desfeita em oleo, ou dez onças de foro de leite de cabras, & em cozimento de flores cordeaes, ameixas passadas, & cevada.

Ou em bocados, como estaõ acima apontados, & com isto & cõ as ajudas poderã bastar, & quando não bastar o aci-

ma apontado, & ouver precisa causa de o fazermos, se fará o que se segue: em cozimento de flores cordeaes, ameixas, & cevada se desfaça meya onça de polpa de canafistula, & de xarope violado de nove infuzoens duas onças, & em lugar do cozimento poderá ser desfeita em foro.

Terceira intenção.

Esta não serve mais que de remediar o ardor, & dor demasiada, que nos taes costumaõ fazer os remedios, se nam que temperando o ardor, & mitigando a dor, não encontre a prohibiçã a tal evacuaçã.

Botato.

E tanto respeito se terá a prohibir a tal purgaçã, q̃ algũs Authores se contentaõ no principio com meter o membro em algum licor, que leve respeito a mitigar a dor, & ardor, & ainda com estes fugiaõ de seringar por dentro, por nam serem causas de se suprimir a tal evacuaçã. Hum Author manda la var o membro, & testiculos com agoa morna,

Torres.

Outro que se lave a cabeça do membro por entre o precucio, com agoa de cevada, & açucar com xarope rosado misturado, na tal agoa misturar, & untar depois de lavado os arredores com unguento rosado, & que com isto, & bom regimento basta para remediar os ditos accidentes, & que o mais o deixaremos à natureza.

Tambem meter o membro em leite morno por algumas vezes, & estando nelle orinar, he bom, ou em agoa de malvas morna, & no cozimento que se segue: malvas, violas, cevada, cozale tudo em agoa, & nesta agoa morna poderá meter o membro, que algũas vezes costumaõ a bastar algũas cousas destas, sem que com isto se impida a purgaçã.

No que bem se mostra o quanto temerosos foraõ os Authores de fazerem algũa cousa, com que se pudesse impedir a tal purgaçã, por muytos, & grãdes dancs q̃ a isto se segue.

Palmario.

Porẽm se usãdose o acima dito, o ardor for por diãte, poderemos seringar com leite morno, ou com alguma
cozi

cozimento , que se faça o mesmo.

O qual leite será fresco , & será de mulher, de cabras , & *Parce.* de vacas, & alguns Authores querem que o de vacas seja melhor para isto.

E se cõ o leite se misturar algũa pouca de goma, & se def. *Lubert.* fizer nelle huma pequena de alquitira , de modo que fique para se poder seringar, he muyto bom , & desfazer no leite hũ pequeno de colirio brãco de Raziz sem opio, & seringar com elle he muyto bom.

Ou seringar com babassas de zaragatoa , ou de pivedes de marmelos , & ambos tirados em agoa de cevada , & to- *Omsnes.* mar hũa parte destas babassas, & duas de leite , com que se seringarão.

Ou seringar com agoa que sair das claras dos ovos muyto batidas, hũa parte desta agoa, & duas de leite.

E se com isto se não moderar, & for por diante a dor, poderão misturar algum licor dos de cima , convem a saber , colirio branco de Razis com opio.

Ou seringar com cozimento de dormideiras brancas hũa onça , & duas de leite, ou com o leite das dormideiras feito em agoa rosada hũa parte, & do nosso duas.

Neste tempo se meterem aquellas partes neste cozimento, he muyto proveitoso, s. tomarão malvas, violas, & cabeças de dormideiras, tudo cozido em sufficiente quantidade de agoa, que fique bastante para o banho, o qual será morno , & depois de limpas aquellas partes as untarão com unguento rosado , & unguento refrigerante partes iguaes ; & isto se fará por algumas vezes. Tambem se poderão untar os rins com isto ; porque costuma a fazer muyto proveito. Estes são os remedios acima apontados , com que se costuma a proceder no ardor , & dor que vem cõ as ditas Gonorreas, sem que com elles detenhamos a tal purgação.

Porém se esta purgação continuar por muyto tempo, *Falmar.*

& o doente se molestar de andar com ella, & nos parecer, que se tem dado bastante satisfação ao todo, poderemos usar para extinguir de todo o que se segue.

Parco.

Mercur.

Tomaráo meia onça de trementina fina, & lavada na agoa de malvas, depois de limpa a desfarão em caldo de galinha, & a tomarão pela manhã morna, & se de hũa vez não bastar, a darão mais duas, ou tres menhans interpoladamente.

Ou tomarão hũa onça de trementina lavada, & misturada cô açúcar, feita em bocados a daremos pela manhã em jejum, & poderá beber sobre ella hum pouco de sorro, ou agoa de malvas.

Ou tomarão duas oitavas de trementina lavada, & desfeita em hum pouco de oleo de amendoas doces, & misturar-lhe hũa gema de ovo, com humas colheres de caldo de galinha a tomarão.

Omnis.

Ou tomarão trementina duas oitavas, & misturada cô dez oitavas de polpa de canafistula tirada da cana, com açúcar fino farão bocados finos, que tomarão pela manhã, bebendo em cima sorro, & agoa de malvas, he bom remedio.

E se continuando isto por alguns dias não tirarmos o proveito que pretendemos, que he a tal extensão da dita Gonorrea, em tal caso faremos o que se segue.

R. Trementina fina lavada duas oitavas, desfeita em oleo de amendoas doces, & de ruibarbo fino huma oitava, xarope violado quente quanto baste para se poder levar para baixo.

Ou fazer bocados disto acima, com açúcar, tomados pelas menhans, & beber em cima hum pouco de sorro.

Advertindo, que qualquer remedio, que levar trementina, o não demos no principio, porque darão com humor naquellas partes, & faremos mais dano, que proveito.

Porém

Porém por remate desta cura notaremos, que a Gonorrea com os remedios ditos se não extingue, ou que a extinguirão ante tempo, em tal caso convem purgar, & enxarpar o tal doente, & curar-se, como curamos os que tem boubas, com suores de salsa, ou de pao, ou com unturas, & isto se fará conforme parecer ao Cirurgiaõ, q̃ curar o tal doente, tomando primeiro não só indicação do humor, que peccar, & da mã calidade, mas tambem das forças do doente, & com isto permitindoos se livrarà de tal dano.

No tempo que formos fazendo os remedios apontados, para se extinguir a Gonorrea, convem seringar com lavatorios dessêcativos, para que as corrupçoens, & chagas, se as ouver, se dessequem, & se cicatrizem, por onde se o não fizerem, se vem a fazer hũa, ou muytas carnosidades, pela via da ourina, que molesta muyto.

E declaro, que tenho feito outra, com que vão os lugares dos Authores de que tiramos isto, com suas authoridades, que me procuraõ, que convem para provar nosso intento, aonde vai esta materia com mais algumas curiosidades, as quaes se forem bem recebidas o estimarei, & se roins, aceitarei toda a emenda, que nisto os curiosos, & letrados mederem; advertindo, que isto foi sómente para os praticantes do Hospital saberem o como se haõ de aver nisto mediante a Divina Magestade.

LAUS DEO.



INDEX DESTE LIVRO.

A

A Bertura que se faz pela natureza se he melhor que a q se faz por arte. 66	Anatomia para q serve. 13
Absefso, he o q Guido chama exitura, que he apostema cõ materia para abrir. 45	Anatomia dos membros simples, & compostos. 14
Absterger, quer dizer, alimpar dessecando. 261	Anatomia da cabeça, & do rosto, & boca. 21
Accidêre, he húa cousa, q se-gue a enfermidade, assi como a sôbra segue o corpo. 9	Anatomia do pescoço, espaldas, & braços. 29
Acrimonia, quer dizer agudeza. 262	Anatomia do peito. 31
Agoa de leão franco. 8	Anatomia do ventre, & das ancas, & pernas. 33
Agoa luminosa. 8	Anazarca, he inchação de todo o corpo. 119
Agoa forte. 92	Analogia que he. 76
Agoa salgada. 84	Antrax. 76
Agoa não cõvê nas feridas dos nervos. 168	Antidotario, quer dizer hũ livro q cõtê algũas mezinhas aprovadas por algũ autor. 55
Agoa do pao da China nas feridas do peito. 212	Aneurisma. 106
Alexiframaco, medicamêto, he mezinha cõtra peçonha 73	Aposima para os hydropicos 133
Alteração, he mudãça de húa calidade em outra, como he de quête em frio, & de frio em quente, & de seco em humido, & de humido em seco. 195	Aposima para curar doentes de boubas sem suar. 256
Amigdalas, he detrásdalígoa	Apoplexia. 176
Agoa nas ilhargas. 24	Apostema de agoa na cabeça dos meninos. 128
Ameixas de sene para purgar. 245	Apostema no lagrimal. 104.
	Apostema ventoso. 124.
	Apostema acofo. 126
	Apostema na virilha, a q chamaõ mula, se lhe convem sangria. 67
	Apostema de quantas maneiras se diz quente. 69
	Apo-

Deſte livro.

Apoſtema tem quatro tēpos, & de quantas maneiras ſe termina, & que quer dizer tempo.	52	Bubão he apoſtema na virilha.	48
Apoſtema critico.	50	Betume para o fluxo de ſanguē.	153
Apoſtema ſe o pòde aver em todas as partes de noſſo corpo.	43	Bregma, he o lugar aonde ſe ajúta a comiſtura coronal, & a ſagital, como diz Mú-dino.	
Apoſtema porque ſe chama enfermidade ſimples, & compoſta, & que cauſas té, & differenças.	45		
Apoſtema com materia feita ſe ſe ha de furar logo, & ſe he licito abrir em verde, & ſe he melhor madurar-ſe, ou reſolverſe.	63	C	
Arrepiamento que he.	181	C abeça té dez partes.	27
Arrebeçar nas feridas da cabeça que ſe atalhe.	181	Caligem nos olhos, he hũa nuvem delgada, q̄ faz a viſta eſcura, ou ferrugē, ou eſcuridaõ.	268
Arrobe de amoras.	5	Cacochymia, he enchimento de maos humores, q̄ peccão em calidade, & podridaõ.	228
Arteria venal.	32	Calidades nas mezinhas, taõ quatro.	
Aſpera arteria.	30	Calor natural, & não natural.	
Aſcitis he hydropeſia.	130	Campaigna.	78
Atadura ſe faz de tres maneiras	158	Ca-na do boſe.	32
		Cancro.	145
B		Carne he mēbro ſimples.	16
B Aço.	37	Carbunculo.	76
Bexiga do fel, & bexiga da ourina.	37	Carminitiva mezinha, he a q̄ gaſta ventofidades.	124
Bexiga ferida he mortal.	17	Cartilagem.	21
Bofes de que ſervem.	31	Caſcas de cidra, he cótra peçonha.	81
Bolſa dos teſticulos ſe chama ſcroton, ou ſcheon.	38	Caſco ſe ſe pòde quebrar fó-ra da pancada.	173

Taboada

Causa primitiva, antecedente, & conjunta.	47	Chaga quete, ou resfriada, ou humida, ou seca, ou có dor, ou com apostema, ou com carne sobeja, ou có varizes, ou com osso corrupto, ou có propriedade oculta.	229
Cauſtico para o noli me tangere.	243	Chaga no olho.	100
Cataplasma.	157	Chaga do pé faz apostema na virilha, & a da mão no sobaco.	67
Cerebro, & cerebello.	24	Chumbo he resolutivo.	60
Cerebro se pôde apost.	43	Craneo tem sete ossos.	22
Cirurgia, que he, & quantas partes tem.	1	Crisis, que he.	51
Cirurgiaõ para ser perfeito que ha de ter	12	D	
Comifura, que he, & quantas faõ.	23	D Efensivo de bolo armenico.	4
Comoção do cerebro.	172	Dentes.	27
Cobrelo.	60	Deulhe no goto.	30
Contusaõ da cabeça dos meninos có sumerfaõ.	192	Diafragma.	33
Colera.	118	Digestivo nas feridas da cabeça, de trementina, & de gema de ovo.	189
Congestaõ.	47	Disploa, he a segunda taboa no casco espongiõsa.	197
Continuo, & contiguo.	41	Dor que he, & porque he chaga de atracção.	67
Corpo humano, que he.	14	Dura mater podre.	202
Coda, que he.	19	Dissolver, he desfatar, desfazer.	
Coração.	32	E	
Couro he temperado, & he de duas materias.	16	E Dema.	120
Cuticula.	16	E Empiematice.	106
Coufas naturaes, & não naturaes, & contra natureza.	9	Ecuymozis.	178
Cura paleativa.	12	Emplastos de botica de que usa	
Custura se faz de tres maneiras.	156		
Chaga çuja, & podre.	234		
Chaga virulenta, & corroiva.	232		

Deste livro.

usa o Cirurgiaõ.	6	quando nelle se acha ma- teria aparelhada para se a- brir, & he o mesmo que abselo.	43
Emplastos de romans, & de arnegloza.	77		
Emplasto de pero, & de mio- lo de paõ.	98		
Emplasto de acipreste.	108		
Emplasto de ninho de ando- rinha	91		
Emplasto de estercos de ca- bras.	126. & 132		
Emplasto de ouregãos.	129		
Emplasto de malvas nas feri- das da cabeça.	200		
Emplasto para confortar o estamago para que não ar- rebece.	218		
Emolientes, & maturativos em que differem.	61		
Epitima para o coração	80		
Epiglotis, ou larinx, ou coo- portorio.	29		
Erisipéla.	114		
Escotomia.	176		
Esfacel.	85		
Estitico, he dessecar.			
Escroton, a bolça do testicu- los.	38		
Espasmo nas feridas, como se ha de prohibir, & curar.	169		
Espinal medula.	19		
Esponja, he resolutiva.	240		
Esquinancia.	89		
Estamago.	35		
Existuro, se diz o apofstema			
		F	
		F Auces.	28
		F Ferida junto da juntura he perigosa.	19
		Ferida porq se diz simples, & composta, & porque se diz grande.	149
		Ferida de espingarda.	152
		Feridas de nervos.	159
		Feridas de cabeça por muy- tas partes, pòde apofstemar.	180
		Feridas de cabeça com to- das as differenças, & duvi- das, & pronosticos	171
		Figado.	35
		Fistula.	230
		Fim da Cirurgia.	3
		Fontes, como se fazem.	103
		Formica miliar.	117
		Furela o osso debaixo da garganta.	30
		Fleimão.	68
		Flores cordeaes.	257
		Fluxo de sangue da arteria.	110
		Frio, que he:	181
		Fungos na ferida da cabeça, he carne espongiosa na fractura.	298

Taboada

G		ter ferida.	
G Angrena.	28	Letargo, he somno profundo,	
G Garganta.	28	& pezado.	182
Gordura.	16	Legrar a cabeça, & não em	
Graos das mezinhas são qua-		Lua chea.	189
tro.	260	Ligamentos.	19
H		Lingoa.	27
H Ernia, & suas especies.		M	
	134	M A compleição, & má	
Herpes.	117	composição, & má	
Heterogenio.	150	união.	41
Hydropesia.	129	Madre.	38
Hydrocefalos, he apostema		Madurar o apostema, he me-	
de agoa na cabeça dos me-		lhor, que resolver.	61
nicos.	128	Materia feita do apostema	
I		como se conhece, & porq̃	
I Ntensão curativa, que he,		quãdo se faz a materia, ha	
& donde se toma.	10	febre, & frios.	62
Intenção curativa nos apo-		Materia nos paniculos do	
stemas, de que se toma.	54	cerebro.	180
Intenção primeira, & segun-		Materia do peito, pòde pur-	
da nas feridas.	150	gar por camara, & ourina.	206
Interfeminio, que he.	40	E nas feridas do vètre.	217
Instrumentos da Cirurgia.	2	Maturação, que he, & quaes	
L		são as mezinhas maturati-	
L Agarto, & musculo he o		vas.	60
mesmo.	14	Maturativos às vezes são re-	
Larinx, ou epiglottis, cooper-		solutivos.	80
torium, ou lingoa fistula		Maturativos, & emolientes,	
na garganta.	29	em que differem.	60
Leite de mulher na dura ma-		Maturativo no fleimaõ.	74
		Maturativo no edema.	122
		Mão ferida, como se hà de	
		situar.	

Deste livro.

tuar.	165
Mediafino.	32
Medidas da botica escritas por breves.	12
Melancolia.	141
Membro podre como se ha de cortar.	85
Membros no corpo humano para que são feitos, & hũs são simples, outros compostos.	14
Mezinha diuretica té virtude de abrir.	225
Mezinhas dos nervos quaes haõ de ser.	168
Meri he izofago.	29
Mirac, que he.	33
Misenterico he, as veas miseraiças.	35
Mulher com a regra não fará a ferida.	186
Mulher ferida na cabeça, não dá de mamar.	186
Mundificar, he alimpar cozendo.	226
Mundificativo de aypo.	233
Múndificativo de nervos.	168
Mundificativo de pões de Joãoannes, cõ unguento brãco.	232
Musculo que he, & quantos são em todo o corpo.	184

N

Ariz.	27
Natureza.	13
Natureza de's simples.	60
Narcoticas mezinhas, são frias, & secas no quarto grau, & estupefactivas, que adormecẽ o membro.	88
Nervos opticos.	25
Nervos, quaes servem ao sentido, & quaes ao movimẽto.	19
Nervos que movem os braços pelo hombro, nascem do pesçoço.	31
Nervos que movem as pernas, nascem junto aõs rins.	39
Nervos reversivos, ou recurrentes.	25
Nervo he frio, & seco.	19
Nervo não se ha de cozer.	55
Nervos, que nascem dos miolos, são sete.	25
Noli me tangere.	43

O Ras de Cirurgiam quaes são, & o que ha de considerar nas obras que fizer.

Oleo ofancino.	189
Oleo em nervo descoberto não convem.	163

Oleo

Taboada.

Oleo sabino.	162	& espasmo na contraria.
Oleo de aparicio em feridas	179	
de nervos.	165	Paroxifmo, que he.
Oleos de q̃o Cirurgiaõ usa.	7	Parotida, he apostema de traz
Omento he o zibro.	33	da orelha.
Omento nas feridas do ven-		Panos da mulher não são bõs
tre fãido para fóra, como		na ferida.
8 se ha de curar.	220	Papas preservativas.
Optalmia.	95	Pão da China.
Orelhas.	27	Pão das Antilhas.
Orgão que quer dizer.	17	Pasta de chumbo azougada.
Os da boca caidos.	28	Perineo.
Oscheon, he a bolça dos te-		Pericardeo.
msticulos.	38	Pericraneo.
Oso corrupto na chaga.	231	Periodo.
Oso q̃ pica duramater.	189	Perioste.
Oso da ponte.	228	Porpucio.
Oso sacro.	38	Pezos da botica por breves.
Oso hyoyte.	28	Pia mater.
Oso bazilar.	23	Pontos como se dão, & qua-
Oso he membrõ simples, &		do se cortam.
quantos ossos ha no corpo		Polca aquofada.
humano.	20	Porro sarcoides nos ossos, em
Ossos não soldaõ.	150	quantos dias se faz.
Oxicrato.	55 & 73	Põs de encourar.
Oxitodino.	127	Põs de encarnar.
Ovo que virõ de tem.	186	Põs de çapo para o noli me
Par de Cirurgia.		tangere.
Par de		Põs de estancar sangue.
Par de		Põs de andorinha para a es-
Par de		quinancia.
Par de		Põs de Joannes, & outros
Par de		põs

Destelvro.

pos de q̄ usa o Cirurgiaõ.	Rete mirabilẽ.	24
Pleura.	Reumã.	46
Pletora, he enchimento, & carga de humores.	Rigor, que he.	180
Primeira, & segunda intecãõ na cura das feridas.	Rins.	37
Puntura de nervo.	S.	
Putrefacção, he corrupção do proprio, & natural calor do membro.	S. Alã parrilha como se há de tomar.	248
Purgas nas hernias, não convem.	Sangue que he, & quantos apofemas se fazem de sangue, & como se faz o sangue não natural.	68
Purgas nas feridas da cabeça.	Sangue na primeira cura não se ha de espantar.	
	Sangue de pombõ na dura mater. 64. E na optalmia dentro no olho.	97
	Sanies.	226
	Sedehõ.	202
	Septo transverso.	33
	Sifac, que he o peritonco na barriga.	33
	Sinal que he, & quantas maneiras ha de sinaes.	50
	Sinco raizes quaes são.	216
	Sentido do cheirar.	25
	Sincope.	176
	Sobacos são emuntorios do coração.	30
	Sordes.	226
	Sujeito da Cirurgia.	1
	Substancia do membro.	17
	Sumerção no casco dos meninos.	192
	Scyffo.	140
	Tal.	

QUantas coufas concorrem, & fazem a cura de qualquer enfermidade. 13

R

R Anula. 93

Rabadilhas. 38

Repercussivos, & indefensivos em que differem. 59

Repercussivos, hã de ser frios em acto, & potencia. 59

Repercussivo, q̄ he, & quaes são, aonde convem. 58

Resoluçãõ que he, & quaes são os resolutivos. 58

Taboada.

T Alparia, porq̃ não mata como as feridas feitas na cabeça. 182	V ea cava. 36
T esticulos. 38	V eas emulgentes. 36
T erapeutica, quer dizer me- dicina. 1	V erga. 38
T empo nõ apõstema, q̃ quer dizer. 52	V ertigo que he. 176
T impanitis, he a hidropesia do vento. 130	V entosidades de que se fazê vos. 170
T unicas dos olhos, quantas são. 26	V inagre nas feridas de ner- vos. 170
T utano do espinhaço. 19	V inho estitico. 8
T raca arteria. 29	V irtudes em cada membro, são quatro. 17
T ragadeiro. 29	V irus, ou virulencia. 123
T remor. 181	V itrea, he a terceira taboa do casco. 22
T rementina nas feridas de nervos. 164	V omito para o atalhar. 18
T res cousas concõrrê na cura de qualquer êfermidade. 13	V irilhas são emuntorios dos membros naturaes. 39
T ripas. 34	U nguentos dos que usa o Cirurgião. 3
T rociscos de minio, & tro- ciscos de razis. 16	U nhas. 21
V Agado, he vertigo. 176	U mores naturaes, & não na- turaes. 48
V asos espermaticos. 38	U mores dos olhos são tres. 6
V ea arterial. 20	
V eas leonicas. 28	X
V eas organicas. 30	X arope rosado, violado, & de avenca. 4
V eas do braço, & maõ. 31	X arope acetoso, para fazer as papas das quatro farinhas, como se faz. 224
V eas miseraicas. 35	Z
V ea porta. 35	Z irbo, q̃ he. 33. E como se ha de curar, sendo fo- ra por alguma ferida. 220

S.A
33402



Soli Deo honor, & gloria.

